OBRAS

DE

M. A. ALVARES DE AZEVEDO

TOMO SEGUNDO

PROSA

OBRAS

DE

MANOEL ANTONIO

ALVARES DE AZEVEDO

PRECEDIDAS

DE UM DISCURSO BIOGRAPHICO

E ACOMPANHADAS DE NOTAS

PELO Sr Dr JACY MONTEIRO

SEGUNDA EDIÇÃO

ACCRESCENTADA COM AS OBRAS INEDITAS,
E UM APPENDICE CONTENDO DISCURSOS, POESIAS E ARTIGOS FEITOS A OCCASIÃO
DA MORTE DO AUTOR.

TOMO SEGUNDO

PROSA

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER
RUA DO OUVIDOR, 69
PARIS, GARNIER IRMÃOS, EDITORES, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6

1862

DISCURSO

RECITADO NO DIA 11 DE AGOSTO DE 1849
NA SESSÃO ACADEMICA
COMMEMORADORA DO ANNIVERSARIO DA CREAÇÃO
DOS CURSOS JURIDICOS NO BRASIL.

Enfant des mers, ne vois-tu rien là-bas?
BOUCHARD.

Senhores! — Quando lá na mãi-patria das civilisações modernas, a progenie dos Hélenos se acercava dos estadios olympicos a glorificar o anniversario da instituição do semideos dos mythos heroicos da Grecia, — era nesse dia revivedor das santas recordações do passado, que, entre a mudez das multidões absortas, com a fronte erguida, ensombrada de louros e o olhar soberbo de ufanias, os bardos do Povo travavão das lyras, e com a luz da inspiração ião acordar dentre seus sudarios de

marmore as gerações heroicas sumidas na negridão das éras perdidas. Se era porém sublime o assumpto das inspirações lyricas nos amphitheatros de Olympia, se essas curtas Iliadas, altivas como o adejo das aguias brancas no céo azul da Thessalia, férvidas como as pugnas convulsas dos gigantes da crença pagã nos cantos theogonicos de Hesiodo, se esses arroubos de espiritos de lava nem havia idea-los mais transbordados de enlevos, não menos nobre, senhores, é a tarefa dos oradores do Corpo Academico.

Sem remontarmo-nos ás nevoas dubias de tempos fabulosos, sem irmo-nos a ceifar palmas de gloria nos feitos de um passado remoto, nas éras contemporaneas sobrão-nos victorias por lembrar nesse dia. Temo-los tambem nossos combates giganteos, nossas pelejas immensas; mas o que lá era a força, aqui é a intelligencia — o que lá era o braço, aqui é a cabeça.

Mas, senhores, se tamanha existe a paridade na magnitude dos assumptos, a antithese é completa entre aquelles *poetas sovranos*, no dizer de Dante, cysnes-reis de delirantes harmonias, que accesos de inspiração absorvião no turbilhão de suas dulias as almas heroicas das pasmas turbas da Grecia, — e esse, senhores, que succumbido á grandeza de um empenho que de tanto lhe sobreleva os meios, e com o intimo reconhecimento de sua fraqueza para erguer-se á sublimidade de tão alta missão, vem pedir-vos deferencia e desculpas para o acanhado desempenho de sua incumbencia.

Senhores! Fôra um bello ponto de vista encarar as Academias com a sua missão politica; mostrar-vos a influencia universitaria exercida no progresso e na civilisação. Mas eu não virei hoje memorar entre os fastos academicos esse impulso da vanguarda dos seculos — turma brilhante de jovens, representantes do porvir. Digão-vos outros os annaes das sociedades secretas de Illuminados que fizerão a Revolução franceza, das associações germanicas dos Cavalleiros Negros, dos Mantos vermelhos, dos Charlottenburgo e da Banda preta, cujas idéas de centralisação hoje repercutem entre os applausos populares pelas velhas cidades feudaes da mystica Teutonia; — dessas corporações de estudantes que erguêrão nas ruas e praças de Pariz o brado republicano que hoje ahi revôa troante e abalador pela Europa inteira — ou, emfim, dessas sessões de Carbonarios, protesto vehemente da velha terra, onde descorrêrão as tragedias do Povo-Rei, contra o dominio prepotente da aguia bicephala da Austria — mal resfriada cinza no solo das Nações italianas — sociedades que contárão em si tantas celebridades litterarias, tantos martyres que forão a ter o seu Golgotha pela liberdade nos carceres negros do *Spielberg*.

Não! Fulgurosas embora essas paginas da *Wilkna-Saga* da pleiada do porvir, não vo-las trarei em diante: os laureis bellicos tem muita orvalhada de sangue, marêa-lhes muito o lustre o bafo dos soluços da agonia no campo vermelho das lides, e o perfume que tem impregnou-se do fumo suffocador dos trons da guerra.

Venho fallar-vos de uma missão tão nobre, é verdade, porém mais pura de sangue. Apontar-vos-hei as phalanges academicas na vanguarda sim — que ali sempre foi-lhes posto de honra — mas na vanguarda do progresso litterario. De relance mostrar-vos-hei o que fomos e o que somos; e desse nosso passado, e desse nosso presente procurarei deduzir-vos o futuro.

Eventos ha que não só contém uma época, não só nos dizem — pela deducção synthetica dos effeitos pelas causas — o que foi e o que é, mas até nos descortinão em diante os factos vindouros. O grão que começa a rebentar do seu involucro na humidez da terra, diz mais que a existencia passada de uma planta, e a existencia actual de uma semente. — E' a vegetação nova que se prepara — é o futuro, senhores.

Quando, depois que essa *alluvião de homens*, que se chamou a invasão dos Barbaros, passou arremessada no despear de sua corrida assoladora, como um tufão, sobre o Pantheon de marmore de Roma, a decahida; quando após do côro blasphemo das lubricas saturnaes desses espurios e degenerados netos dos severos republicanos — desses que ahi despirão engeitada a cota de malhas dos tempos epicos pela tunica sybarita das orgias — cerrou-se a grande tragedia romana com os hymnos barbaros do triumpho dessas guerreiras tiuphadias da Cimbria e da Mongolia, e os membrudos homens dos desertos enterrárão os contos das lanças sangrentas de seus estandartes selvagens na fronte rochea do Capitolio pagão,

e a noite trevosa dessas éras de barbaria descahio cerrada e negra com seu véo de brumas abafadoras, — não ha hi quem o deslembre — forão então as ordens religiosas que resguardárão da trovejada e escura ventania de ignorancia que ahi bramia fóra, á sombra das muralhas claustraes, os tremulos clarões da civilisação moribunda.

Já antes que no seculo XIII fosse estatuida a Universidade de Pariz, florescião na Italia as Escolas de Salerno e Pavia, na França as de Pariz e Montpellier, na Inglaterra a de Oxford, creada pelo heróe dos tempos cavalleirosos e palladinos da Gran-Bretanha — Alfredo Magno. A transformação das Escolas em Universidades, a instituição dos titulos academicos, a concessão de privilegios e regalias, o estabelecimento de uma jurisdicção independente para os frequentadores dos cursos universitarios, forão factos que tiverão dous effeitos : o primeiro, mostrar o alcance intellectual dos fundadores de semelhantes instituições; o segundo, abrir a estreia do progresso á juventude esperançosa das Academias.

Dahi, senhores, data nossa historia — e desde ahi as corporações academicas enrelevárão-se sobranceiras e poderosas. Homens do Povo, os mancebos das Universidades nunca renegárão as idéas do Povo ; membros da verdadeira aristocracia — a da Sciencia, máo grado seu, teve a nobreza feudal de hombrear com elles. Foi então essa instituição o reconhecimento dos direitos populares representados pelo saber. O chefe da Philosophia eclec-

tica na França, o Sr. Cousin, nos seus quadros historicos da philosophia seguio o desenvolvimento escolastico, embaraçado embora por argumentações dos realistas e nominalistas, sempre futeis e algumas vezes sanguinosas.

Cento e oito annos depois que a França abrio o XII Seculo com a creação da Universidade de Pariz, um Rei Portuguez creava a de Coimbra.

Portugal, esse torrão pequeno embora, mas onde cada braça de terra assignalára um feito de heroismo, onde cada palmo fôra regado de sangue brioso de esforçados lidadores — desde esse Viriato, o barbaro, que como o Crotonense, sustentára com seus pulsos o edificio esboroado das liberdades Lusitanas, até esses invenciveis cavalleiros christãos cuja historia é uma folha deslumbradora da epopéa do passado — a patria de tantos homens sabidos nas sciencias Romanas e Arabias, reconheceu a necessidade de uma Universidade, a necessidade vital de transformar-se, de Nação affeita e invencivel em usos da guerra, em uma Nação civilisada.

O que foi a Universidade de Coimbra, sabeis-lo vós todos. Nomes ha, e não poucos — de homens que ahi fartárão sêdes de sciencia, que hoje são Europeos.

A influencia da Universidade fez até sentir-se na poesia. É essa a época da renascença litteraria ahi. — Notai, senhores : Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha, e emfim Camões, são posteriores á erecção dessa Universidade. E vós todos sabeis quem foi Sá de Miranda, o philosopho poeta : e Ferreira, esse poeta que nos legou

uma unica tragedia, mas bella como as creações Gregas e Romanas, e sellada do cunho do genio como os sonhos ardentes de Shakspeare, foi um poeta como tinha de o ser o tragico Inglez — e que, de tamanho, não foi comprehendido por seu tempo. Esse rebate contra o triangulo suffocador das unidades classicas, essa obra onde resumbra a futura poesia, livre de pêas, do romantismo, adornada com *as flôres perfumosas das capellas das cabeças douradas das nymphas*, pranteada com as *lagrimas dos Amores* — onde depois do drama dos malfadados amores do Infante e da bella Dama Ignez, vem o côro tragico, resaibo desses poemas sublimes que Sophocles e Euripides dialogárão nos theatros gigantescos de Athenas — esse brado, mal ouvido, embora, mal succedido vôo de Ave rok-ermada, não ha escarnecer delle. Como Chateaubriand dizia do genio de Straford « Não imitemos Cham o anathema, não riamos ao toparmos nú e dormido á sombra da Arca, encalhada nas serras da Armenia, o unico e solitario nauta do abysmo. Respeitemos esse navegante diluviano que refez a creação após do esgotamento das catadupas do céo; pios filhos abençoados de nosso pai, cubramo-lo pudicamente com o nosso manto. »

E Bernardes, senhores, — o cysne do Lima, como o chamárão contemporaneos e successores? E Caminha, esse mancebo que ahi appareceu brilhante e rico das galas horacianas e de uma alma pensativa, em meio desse seculo de 1500, tão cheio de glorias de todo o genero

para as velhas quinas sagradas em Ourique, Salado e Aljubarrota — desse seculo da litteratura classica portugueza, das grandes descobertas maritimas e das grandes navegações de Cabral e Bartholomeu Dias? Ahi, senhores, foi bella a figura do poeta que vinha a vibrar sua lyra classica nos serros melancolicos de Cintra, onde emmudecêra velada com o crepe da magoa, engrinaldada de capellas de saudades mirradas, com as cordas rotas, a tiorba romantica de Bernardim Ribeiro.

E Camões, senhores? O Homero da verdejante Iberia, ora heróe, ora cantor de heroismos — Camões, sem essa torrente de luzes que ahi manava alterosa dos montes de Coimbra, ver-lhe-hieis tão altivo esse monumento, sublime como o Adamastor de seus cantos que evoçára com o talisman da poesia ás briosas façanhas portuguezas? — essa cathedral de architecturas mixtas, ora regular e severa como os templos corinthios, ora gothica, enredada de relevos e confusa como os carvalhaes Druidicos, ora emfim mourisca e oriental como esses dourados climas de além-mar onde fôra-se elle inspirar, e que elle assim erguia para encerrar a arca sacrosanta das grandezas lusas; admira-la-hieis tão grandiosa se lhe não houvesse acrisolado o genio o saber das grandes producções antigas, e essa creação de D. Diniz, o rei trovador de Portugal, que assim abrira o ingresso ao templo das letras, sentado nas ribas do Mondego, á mocidade portugueza?

Vistes pois o crepusculo nascente das Universidades. — Fôra longo acompanhar época por época o desenvol-

vimento academico : por isso, senhores, passarei a esboçar-vos o estado actual dessa instituição.

O seculo passado fôra a sagração da soberania popular; o seculo actual foi o reconhecimento de outra soberania ainda mais bella, porque, emanada daquella, desenvolvêra-se aos resplendores da Sciencia — a soberania das intelligencias.

E que maior triumpho querião os Academicos — essa corporação donde nas éras mortas havião sahido os maiores poetas e mais sabios politicos — do que vêr como representantes da litteratura contemporanea na Inglaterra Walter Scott e Byron; Gœthe, Uhland e Œhlenschlæger na Allemanha, Lamennais na França, Garrett e Herculano em Portugal; como representantes das idéas politicas Guizot e Thiers na França, Peel na Inglaterra, Martinez de la Rosa na Hespanha, Gioberti e Rossi na Italia, e tantos outros que fôra longo nomear, todos erguidos dos bancos universitarios?

O que dissemos do desenvolvimento escolastico nas Universidades de além-mar, applica-se inteiramente a nós, pois ainda após do dia 11 de Agosto de 1827, éra das Academias Juridicas Brasileiras, temos sido reflexos das praticas e usanças européas. Litteratura, sciencias, artes, tudo isso aprendemos lá. As letras nacionaes ainda não se enriquecêrão de um livro que não fosse bebido no outro hemispherio.

Nisso, comtudo, não póde cifrar-se-nos o porvir. Os filhos desta nossa America onde os rios são oceanos, as

montanhas gigantes de rocha que vão perder-se, com seu manto de florestas e catadupas e corôa trovejada, nas nuvens, e os páramos extensões immensas lastradas da mais luxuriante vegetação, a perder-se a vista nelles; não nascêrão para ficar immoveis ante o assombro dessa natureza sublime.

Na chronica do desenvolvimento humanitario sobresahem dous periodos que merecem nota especial. O primeiro é esse facto que se manifesta em todas as Nações novas, quando, na expressão de Victor Hugo, as familias se fazem povos. E' o estado de preparação. Nos tempos primitivos das Nações a maxima vital dellas é o isolamento. E' a Judéa cerrada d'entre suas muralhas de montanhas, a Grecia e o Imperio Romano que limitão o seu commercio ás colonias. Nos tempos da idade media são as Nações feitura do amalgama da grande invasão, que se encastellão e concentrão até poderem adquirir a unidade interior. Desde porém que esse facto se manifesta, desde que as idéas por sua essencia attractiva tendem a transbordar-se umas nas outras, ahi se apresenta o facto da guerra. Este é o segundo periodo historico de que vos fallei. E' essa quadra epica dos athletas que vem pleitear o futuro, essa phase bellica representada nas éras antigas por Homero e Herodoto, o historiador-poeta; na idade media por Ossian o Caledonio, e os *lieds* dos Scaldas runicos do Norte, colligidos nos Eddas Escandinavos — a epopéa dos Nibelungen, com seus diluvios de sangue da exterminada raça gigantéa de Ymer, pela raça de Odin,

e suas Walkyrias desgrenhadas, desvairando vôos sobre o campo do combate, seus Elfos e Koboldos e suas fadas rainhas das nevoas escuras do céo boreal — esses outros tantos poemas cyclicos dos minnesingers allemães da collecção do XIV Seculo, de Rogerio Manesse — os Romanceros hespanhóes onde sobresahe como um relevo romano o vulto soberbo de Cid o batalhador — e as trovas soltas dos menestreis e jogretes Provençaes, cantadas ora nos solares feudaes, ora nas choças dos valles nas folgas dos homens da gleba.

E' um facto philosophico-historico a tendencia á unidade das Nações, senão levada até á realisação dos brilhantes sonhos de St.-Pierre, Rousseau e Kant, por ventura ao principio de Guizot da sociedade intellectual dos povos e do cosmopolitismo scientifico.

A esse maximo alvo é que tem tendido todas as grandes evoluções sociaes : indirectamente quando ellas tem tido por fim a unidade das raças, como essa grande commoção de 89 que, do mosaico de povos tão diversos por legislações e costumes que se chamava o Reino de França e Navarra, fez uma verdadeira Nação — uma — se assim me é dado exprimir; directamente quando tendêrão á communicação dos povos, e á unidade n'uma grande idéa. As cruzadas e as guerras de Napoleão trouxerão esse resultado, como as guerras macedonias e romanas, e o cataclysma da invasão barbara o havião trazido em menor escala nas idades antigas. — E eis ahi mais um desenvolvimento da theoria que vos esbocei dos dous

periodos da historia da civilisação — tempos de preparação e tempos de fusão.

A humanidade não morre, as gerações se succedem herdadas das riquezas do passado. — A civilisação européa é hoje o eclectismo (perdoe-se a expressão) de todas as antigas, desde a egypcia desenvolvida na grega e acrisolada na romana, e da romana fundida nas crendas hordas pagãs do Norte e dos Agarenos Mosselemanos que ahi se erguêrão dos desertos da Asia e Africa, como os areaes de sua patria ás lufadas do semun.

A Historia ahi está para prova-lo; não houve sequer um facto de progresso e civilisação que não viesse da fusão das raças nas Nações, e das Nações em novas organisações politicas.

A Historia philosophica de um Povo — di-lo-hei portanto, alargando uma idéa de Martius — é o estudo das acções e das reacções das raças entre si, tendentes para o grande fim unitario, desenvolvidas ou tolhidas pelas circumstancias de tempo e lugar. A Historia das Nações é o estudo do embate e da fusão das civilisações parciaes entre si na cruzada do progresso.

Nesse grande desenvolvimento do espirito humano, é aos homens da Sciencia que pertence a direcção das turbas. Poetas com Orpheo e Amphion, os *fidders* runicos dos povos Escandinavos, e os rigidos bardos das raças Celticas — legisladores com Cecrops e Zoroastro — a elles compete o desenvolvimento dos Povos. Romeiros scientificos como Pythagoras e Solon, a elles cabem os

recontarão que por lá virão e aprendèrão, no lar estrangeiro.

Embora uma utopia, é uma sublime idéa essa de um publicista contemporaneo — do papel do Continente Americano na direcção da civilisação das idades por vir. A convergencia de todas as intelligencias, o enfeixamento de todas as forças, a liga de todas as raças, desde a creatura enfezada do Kamtschatka até o Berebere tisnado dos queimores dos sóes do Sahara, desde o Jáo das Ilhas do Pacifico até o Bretão sombrio da Albion dos mares do Norte, deveria por certo produzir uma nova raça mais forte, uma civilisação mais bella, uma litteratura mais rica.

Não nos inebriando comtudo com essas illusões poeticas do Sr. Elias Regnault, seguindo a idéa do captivo de Santa Helena, temos de fé que a America tem uma grande missão de regeneração — e ahi, senhores, a pensarmos como Ferdinand Denis, não será á terra de Santa Cruz que deve caber a menor gloria, nessa resolução do grande problema humanitario.

E ahi, como sempre — quando os échos brazileiros restrugirem abalados pelas hosannas das Nações, quando os Povos se corôarem dos immorredores louros do triumpho — ahi, como sempre, caber-vos-ha a vanguarda, a vós Academicos, a vós representantes das sciencias do passado e das glorias vindouras, a vós hoste das almenaras do progresso — o accordar as multidões ao purpurar-se no Oriente o sol do futuro.

O profundo ledor das velas chronicas da França, Augustin Thierry, esse martyr da Sciencia, que o deixára cégo e prostrado, dizia ha quinze annos : « Ha uma cousa que vale mais que os gozos materiaes, mais que a fortuna, mais que a saude mesma — o sacrificio á Sciencia. »

E o caminho para esse pavez enlourado de regedor de turbas, de guiador por entre desertos — como o Moysés do Povo Hebreu — das Nações que tambem peregrinão sua romagem para o Canaan do progresso — é a Sciencia. E o que ha hi mais bello que o amor litterario? Vestindo embora o manto andrajoso de mendigo, esse velho cantor da sublime epopéa dos tempos antigos, não achais-lo grandioso ainda assim, com sua lyra no hombro, a longa e rugosa fronte aurirubra das tintas deslumbradoras dos crepusculos orientaes, immovel e sublime como o Jupiter tonante de seu poema? — E Ossian, o bardo-rei de Morven — cégo tambem, cégo como Homero, e como depois tinha de sê-lo o tenebroso Poeta do Paraizo Perdido — despertando nos saguões mudos dos desertos paços reaes de Selma, pelo rugir do embate das armaduras ferreas de encontro ás muralhas, ás bafagens do vento da noite — e despendurando a harpa do muro, a cantar — solitario ancião com as cans derramadas em ondas marmoreas sobre a trave della — os canticos de guerra dos homens do passado, entre as trevas espessas da alta noite; ou nos serros geosos de Inisfáil aos albôres nevoentos dos sombrios luares de inverno, e os olhos cégos erguidos sob o triplice anadema da fronte

sobranceira — de rei, poeta e ancião — e como a perguntar ás nuvens phantasticas do céo ensombrado, encastelladas nas alturas, historias dos Clans de Inistora, Erim e Tura, e dos valentes pares de Fingal e Oscar, ahi dormidos em torno, de somno de palpebras plumbeas sob o hervaçal deserto e frio das urzes da montanha? — Dizei-me: nunca imaginastes Petrarcha com sua grinalda de eloendros e mimosos myrtos da Italia, pallido vate embevecido em sonhos de Laura — flôr aberta nas leivas da serra, e voltando o calix branco ao céo a enamorar-lhe lá uma estrellinha? — E Camões, o extremado guerreiro-trovador dos brios portuguezes, e transumpto do heroismo das assombradoras e altivas lendas do passado de uma nação valente, que n'um poema ia legar-lhes os cultos do universo, a essas almas de Romanos da terra Elysa; nunca o imaginastes na sua caverna de Macáo arrebatado de enthusiasmo patrio, ou enternecido e saudoso de amores que além do mar lhe ficárão? — E dizei-me, Senhores, entre essa tanta magoa e padecimento, a esses homens que, na phrase de Lerminier, *erão Deos pelo genio*, não lhes acreditais vós venturas?

Que importa esse peregrinar do desterrado Ghibelino de Florença, o sombrio Alighieri, que da terra patria, além do coração afogado de saudades, só levava a espada com que comprára glorias em Campoldino, e a penna com que encetára o seu poema tenebroso? — Que importão o hospital do vate dos Lusiadas, o suicidio de Chatterton, o cadafalso de André Chenier? Que importa que

os louros do Capitolio só pousassem na fronte gelida e hirta do morto poeta de Leonora, o sonhador da grande epopéa christã, travada á sombra dos palmares santos da Palestina? Que importa, se mais bella a apothéose da gloria se lhes erguia, radiante e louçã como a Venus do paganismo das escumas argenteas do Oceano? Que prova a ingratidão dos seculos para com essas grandes imaginações — tamanhas que desentendidas foi-lhes sina passar entre as multidões — contra a sublimidade do sacrificio á sciencia? Lembrai-vos, Senhores, dos versos do fatidico evocador das scenas pavorosas dos frescos da Sixtina, dos paineis gigantes do juizo derradeiro :

> Pur foss'io tal. . . . .
> Per l'aspro esilio sua con sua virtute
> Darei al mondo, il più felice stato.

E o que ha hi de mais sublime do que essa agonia de poeta que póde dizer com Beethoven : — « Não é verdade, Hummel, que eu era um genio? »

Perdoai-me, Senhores, se calei-vos as emoções que me desperta o dia das grandes reminiscencias, a verdadeira éra da nossa Nacionalidade. Perdoai se achei mais digno de vós recordar-vos o brilhantismo do passado e as esperanças do porvir — lembrar-vos a grandeza de vossa missão civilisadora.

Bem haja áquelles de vós que tão bem a comprehendem; a esses que ahi por nossa terra vão acordando o amor litterario; a essa mocidade que, seguindo o impulso

de um livro fadado a fazer época em nossa historia litteraria, porque foi um livro creador — Os Primeiros Cantos, do Sr. Gonçalves Dias — que veio regenerar-nos a rica poesia nacional de Bazilio da Gama e Durão, assignalada por essa melancolica Nenia de um genio brasileiro [1] que ha dez annos sentou-se aqui nos bancos academicos — bem haja a essa mocidade que nos tem dado as suas inspirações de poeta, que ahi se ensaia na intimidade das Sociedades Litterarias para os debates da tribuna, e apoderando-se da grande alavanca da imprensa, começa a abrir as portas do Theatro Brasileiro aos talentos nacionaes. Bem haja ao Sr. Dr. Magalhães, o fundador do nosso Theatro; ao Sr. Dr. Macedo, o autor desse *Cégo* tão poetico e bello; ao Sr. Penna — mancebo tão rico de esperanças e genio que lá se foi morrer na terra estrangeira, o terem tão bem comprehendido a sua missão — e emfim, Senhores, louvores áquelle que ha um anno levou á scena um facto Colonial Paulista, e áquelle que, ideador de um sonho ainda mais bello, dos mal-queridos affectos de um poeta, senta-se hoje junto comnosco nos bancos da Academia.

Grande foi-nos sempre a missão. — E nós houveramos renegar de todo um passado de ufanias, de um porvir inteiro de victoriadas glorias; engeitar o mar azul acceso dos lumes alvorecidos da esperança, pelo pantano, dormido e tabescente do marasmo e do indifferentismo?

[1] Á morte do Dr. Francisco Bernardino Ribeiro — pelo Dr. Firmino R. da Silva

A regeneração litteraria de nossa terra deve sahir do meio de nós. Phalange do progresso, não ha ficarmos mmoveis. Como ao Ahasvero da tradição, uma voz nos brada sempre : — Caminha !

O genio é esse soffrego corsel dos stepps do Mar Negro onde estorcia-se a transudar agonias cruentas o heróe do poema de Byron — *Away ! away !* Avante ! avante ! — Eis o brado das gerações inteiras.

E, pois, coragem ! Ardua embora a provança — a tarefa é sublimada !

ALFREDO DE MUSSET

JACQUES ROLLA

I

O POEMA

O genio é como o Jano Latino : tem duas faces. No Homero daquella Grecia inda vibrante das tradições selvaticas dos autochtones, dos mythos romanços dos Pelasgios, que a colonisação egypciaca viera nublar do seu mysticismo, ha a Iliada, e entre o canto de guerra e a Batrachomyomachia, entre a tragedia com seu entrecho epico e a comedia em embryão com sua satyra aristophanica — a fundir-se a meio n'uma e n'outra, a abraçar uniformados n'um monumento só os dous typos, a Odysséa.

Gœthe é assim — como aquellas medalhas de Pompeia a soterrada. N'um dos versos é o sorrir juvenil que se apura nos sonhos, que se embebéra de esperanças, sempre fresco de uma gotta de lagrima doce, ou de orvalho, como as folhagens do rosasólis, são as frontes que se embebem no liquido de ambar que gottêa de amiculos de anjo; é Faust que hesita ante o leito de Margarida, ao arregaçar do cortinado, ao sentir seus sonhos de moço que lhe vaguêão no delirio. A outra face é a amarellidez atrabiliaria da testa que entontece ás febres do descrido; é Oreste que blasfema no seu ourar que queima; é Henrique Faust entre os hymnos da Pascoa erguendo a taça negra do suicidio.

Em Byron ha Childe Harold e Don Juan; Lara, Conrado, são os vislumbres do soffredor erradio. Childe Harold, naquelle molde perfumado do antigo de Beattie e Spencer, é o fel da blasphemia, tressuando da esponja prenhe — é a vida que se estórce como a serpe na vasca moribunda — é o sangue que rebenta mais vivo — o pulso tufoso que bate mais a tropel, como nos peitos do cavallo estafado do deserto — o coração que afana ao derramar das vêas. Don Juan é a satyra hervada de todo o veneno do iambo; mas o estylo ferreo do poeta não se repassa apenas de gottas negras : ha nelle, pelo cauterio da ironia sardonica, um porejar vermelho que alembra as garras da aguia dos Alpes, ou do condor selvagem desses Andes a que o roçar das nuvens trovejadas brunio os negrumes. Don Juan não é um livro de epigrammas como

os de Horacio o parasita imperial, e Boileau o abbade. Não; aquellas folhas com todo o seu rir, com todo o seu desvario, e aquelle tontear ebrio que azumbra ás vezes o poeta; aquella sêde intensa de emoções que anceiava o *gin* plebeo, como o marinheiro as vertigens da crapula da taverna, e os naufragos macilentos do Don Juan, a agua da chuva e o alimento — a vida — na sofreguidão que os saciava de sêde nas vêas rotas com os dentes: todo aquelle esgár revela magòas — e fundas como o oceano. — É a fachada de um dos panoramas do coração de Jorge Gordon — é o frontispicio do livro da *Idade de Bronze*, da *Maldição de Minerva*, do *Avatar Irlandez*, da *Metamorphose do disforme*, do livro onde o ardor de moço improvisára-lhe como prefacio o iambo dos *Bardos Inglezes e Criticos Escossezes*. Em antithese á magoa escura do *Giaour*, á dôr estuante que lhe offega na *Prophecia do Dante*, no *Sonho*, e no canto das *Trevas*, e naquelles mysteriosos dialogos do *Cain*, onde Meyerbeer parece que foi beber o sombrio das fallas de Bertram e Roberto o Normando, vem a saciedade a rir dos sonhos, o delirar de alma deslavada de crenças, por um sangue embotádo no gelo de um viver gasto; Don Juan é o rir frenctico — mas daquella alegria mephistophélica que vai árida no arrepio dos labios.

Tom Mòor, como o chamava a intimidade de Byron, tambem é assim: o suavissimo scismador de Lallah Rook a Oriental, dos Amores dos anjos, das Melodias Irlandezas, foi o Lucilio da Inglaterra. A par da assonia terna

de suas dulias — só o fel de suas ironias politicas, o açoute de suas cartas satyricas, onde elle alteou-se ao ápice do genero, além ainda de todas as aspirações fogosas da Nemesis de Barthelemy, e das satyras de Augusto Barbier.

Musset é tambem assim.

Alfredo de Musset é uma dessas almas de poeta, que se baptisárão no scepticismo das ondas turvas de Byron. Não é um plagiario comtudo, não é um árido imitador. — Mal fôra dizer de algum de seus poemas : eis uma cópia. O que ha é uma harpa acordada aos sons rugidores de um concerto da noite; um cerebro que se esbraseou a sonhos de outro cerebro. *Namouna*, *Mardoche*, são inspirações de *Beppo* e *Don Juan*. No licôr com que Musset purpurisa sua taça, sente-se o resaibo dos vinhos queimadores de Lord Byron, a opála doirada do Johannisberg e o fogo do *gin*, como os perfumes das rosas no falerno romano. A *taça e os labios* é a visão de Manfredo, o fel de Arnold o corcovado é uma nuvem daquelles ideaes, que voltêa nevoenta pelo sonho a Frank o Tyroliano. Zampieri descrido, o Dalti da Porcia, Rolla — eis o sombroso pallôr de Lara. É uma idéa funda, como que um liquido negro que se lhe injectou pelas arterias — uma vida febril de alheia seiva que se lhe denuncía nas tintas.

Em meio ás creações todas que se atropellão, fascinantes no centelhar prismeo, da litteratura franceza moderna, Rolla sobresahe como um tropheo, como a sombra mais

sublime de Byron. Ainda entre a magia grandiosa de Victor Hugo, é elle um dos primores da poesia intima á feição dos soliloquios de Shakspeare, da melodia selvagem das paixões naquella testa negra de Othello, a refrescar-se nas brizas das lagunas, das febres do ciume: um typo de belleza entre aquella tendencia á exageração e a uma originalidade lavrada de arabescos, abysmada em seu deleite de negridões; porque elle soube, sem despir sua personalidade litteraria, inda retemperar seu genio nas phantasias allemãs de Hoffmann, e na assonia de Lamartine — como o Hernani de Hugo, no enrijar de seu gladio de bandido nas torrentes das montanhas.

E por isso ha em Musset o brilhantismo dos Contos do Allemão, o peso da febre no desanimo descrido do Dr. Faust, o desespero suarento do Giaour, e o cadente e puro — aquillo que o Sr. Lopes de Mendonça chama Lamartiniano — dos versos que se estillão, como serpêão lagrimas de perfume dos cabellos da Odalisca á sesta — adormida de afan no banho morno de porphydo, como se altêão as gottas de essencia de rosa entre ondas de vapor pelo ambar do *narghilê* da Sultana.

II

ROLLA

Dos libertinos da cidade, aonde
Vai mais vendida a perdição, mais tôrpe

— Da mais velha no vicio e mais fecunda —
Quero dizer Pariz, o mais devásso
Foi Jacques Rolla. — Nas tavernas nunca
Ao baço lume dos lampeões da orgia
Mais indocil mancebo se encostára
Á meza quente, ou n'um rolar de dados...

Eis ahi o retrato de Rolla. O poeta caracterisou nelle o homem que se afunda naquella saciedade que resiccava o Childe — um ser ao molde do Faust curvado de Gœthe, ou, mais ainda, do Faust libertino de Marlowe o Inglez. Shakspeare no caracter de Falstaff desenhou o fidalgo dissoluto, inda vertiginoso da ultima crápula; mas no tragico Inglez — Sir John — *o cavalleiro da noite e o amante da lua*, como elle se diz na sua dicção picaresca — é uma satyra : a depravação da nobreza, ri della o poeta dos dramas historicos da Inglaterra, nos epigrammas do valido truão do Principe de Galles. Ri della no escarneo, como aquelles versos de um velho poeta portuguez, na falla valente e bella dos tempos antigos :

Oh! pois sangue! já foi rubro, purpureo,
Fosse embora real; hoje em almagra
Baixa e villan com vicios deslavada
Aguarella será de fidalguia,
Ou sangueira hedionda, avillanada
Dos cães do matadouro pasto e treina.

Em Rolla ha mais alguma cousa : pelo embaciado da lanterna transverbéra-se ainda a chamma d'alma a Jacques, como d'entre a prostituição da *Fernanda* de A. Dumas o

aromado daquella alcova branca, reservada ás purezas do verdadeiro amor : Rolla é um caracter de poeta — um Faust cujo Mephistopheles é o lenocinio da perdição — um semblante onde nos labios, entre o dithyrambo ebrioso, susurra a medo a canção infantil do primeiro amor — uma daquellas feições cujas realidades talvez forão Werner, Marlowe ou Bocage.

Não é elle que mareia o norte de seu viver — rojão-no a eito paixões. Do enturvar dos vinhos ás fôfas sêdas sob o laquear dourado da moça que resomna em voluptuosa nuez — das tavolas onde scintillão e rodão as pilhas de metal — da vida insana com todas as seducções de licôres, gozos, e bellezas núas, como as esvairava o cerebro do Latréaumont de Eug. Sue — dahi ao dormir affrontoso— do rubor do fogo dos vinhos á pallidez languinhenta do libertino : eis seu resvalar de vida.

É o saibo longinquo do absinthio de Byron nas estancias ardentes do seu poema. Quem não lembra aquelles versos do seu *Wandering outlaw* que assim começão? —

Nessa ilha de Albion houve um mancebo
Que nunca amára da virtude o trilho;
Porém na perdição gastava os dias
Cansando entre alarido á noite os somnos :
Ai! na verdade que era um ser perdido,
Chagado ao crime em jubilos malditos!
Pouco da vida lhe acordava um riso
Excepto amantes, e carnaes orgias
De todo o grão — altivos bebedores!

Era nobre Childe Harold. Donde o nome

E a longa estirpe, não me cabe a lenda;
Disse-os a fama por ventura outr'ora —
Foi-lhes gloria talvez em outros dias;
Mas deslustra um brasão infamia eterna
Valente embora em perpassados tempos;
Nem os roubos da heráldica aos sepulchros,
Da prosa as flôres, falsos méis das rhymas
Podem manchas doirar, sagrar um crime.

E a historia mesma daquelle suicida, que inspirou ao romancista de Esmeralda a Cigana o X° canto do Crepúsculo :

Nem vinte annos havia — e desflorára
Tudo que amar, polluir, romper é dado;
Tudo empanára com as mãos sem brio.
Macilenta a volupia ao rastro erguida,
Ia por elle, do bordél impuro,
Quando a sombra nos muros lhe corria.
A seiba, dia e noite, em orgias fôra,
Qual cêra ardente no queimar dos cirios;
Caçando o estío — o inverno recurvava
Sobre Gluck ou Mozart no braço a face:
Nem mergulhava nunca a fronte em ondas,
Que Homero o Grego e Shakspeare derramão.
Em nada cria, nem jámais sonhava :
Ia-lhe tédio á cabeceira morna!
Sempre zombando e árido — infecundo,
Latia a encolce de façanhas nobres,
Comprava amor — e Deos vendido houvera!
A terra, o céu azul, o mar e estrellas,
Ventos a que alma sempre vélas incha,
Nada lhe á sombra susurrava ao seio,
E nem os campos, nem a mãi queria!
Ebrio emfim — enervado — em ócio frouxo
— Sem ódio! sem amor! miseria!... e sempre

Inda n'um sol sem no *ámanhã* ter crença,
Uma noite que deu com arma infausta,
Lançou a vida ao céo — como um conviva
Ao tecto dos salões da taça o fundo!

Um dia, após tres annos de lascivia, beijos e volupia e copos afogueados do esmalte dos vinhos hespanhóes, um dia ergueu-se Rolla de seu tóro de devassidão — pobre — o patrimonio esbanjado. O sobejo de moedas empregou-o na extrema noite da orgia extrema. Comprou por todo um porvir de vida umas horas de deleite com uma mulher. A noite lhe seria n'uma loucura; a agonia no sorver ao seio dessa, de gozos barregã caprichosa que se chama a vida — como o infante que morre ao peito da pobre mãi — a ultima lascivia, a ultima gotta do philtro de mel do favo a meio corrupto que se chama a ventura. Depois, quando o dia alvorecesse...

III

MARION

Marion, a mulher da ultima noite de Rolla, não a imagineis a Messalina impudica — os labios salpicados do rir altivo da cortezã; não é a fórma da Romana morena, palpitante nas saturnaes de Horacio o poeta, torcendo-se nas suas ancias, na pallidez de morte que desmaia o gozo, com seus cabéllos desatados, seus olhos em fogo, e os

seios nús, convulsa como os agonisantes do Christianismo, a cujo nutar de agonia ella tripudiára na febre dos applausos e da pocema tigrina da plebe. Não cerreis tambem os olhos, como ante a visão asquerosa e anáthema dos escarneos de George Crabbe; do Minotauro de Barbier, e dos passeios em Londres de Flora Tristan. Musset não a vio, como por ventura em alguma noite hibernal, o andador nocturno :

Das ruas ao lampeão, curvada á sombra,
Livida como a luz da baça flamma,
Na cadav'rosa tez da infamia o sello,
Manchada e velha a tunica já rota,
E, nú ao frio, o seio amarellento,
Um forçado sorrir nos labios seccos,
Do infame lupanar no sólho infame
Desgrenhada mulher, com pés no lodo :
A torpe barregã que as noites vende...
. . . .
. . . .

Não : a alma do poeta é como o sol, — nem ha fisga de tumulo, ou grade negra de calabouço onde não corra a luz n'uma restia, uma esperança no oiro dessa luz. — Essa moça, despio-a o poeta do roupão infame, banhou-lhe a cabeça de perfumes, accendeu-lhe as faces de rosas, abrio-lhe os labios n'um sorrir infantil, como uma magnolia ao luar; acordou-lhe a medo um daquelles halitos, mornos como os sonhos de que falla Hoffmann o Allemão « que são como a escuma das aguas, e passão e se esvaecem como ella. » É uma capella de noiva desfo-

lhada em noite amaldiçoada na enxerga do vicio — pobre creatura, em cujos olhos diaphanos Klopstock entrevíra Eloah, e que o amor de Satan, estendeu em calafrio tremuloso no espojadouro da mancebía mais negra...

Em peregrina estatua, ou chão de neve,
Do cortinado os véos ondêa a lampada
Esse azul que desmaia e treme as sombras?
Mas desaira o pallor a fronte ao marmor:
A neve é menos branca — á flôr dos sonhos
E' infante que dorme. Em labio aberto
Resomna a furto languido suspiro,
Mais frouxo o respirar, que o d'algas verdes,
Quando á tarde no mar o vento errante
Pender sentindo os perfumados vôos
Ao beijo em fogo das amantes flôres,
Bebe nos braços nús á junca as pérolas!

É criança que dorme em véos macios
De quinze annos de infante — quasi moça!
Inda em fresco botão é rosa abrindo!
O loiro Cherubim que alma lhe vela
Hesita em crê-la irmã, e amante crê-la:
Longo, á solta, o cabello a cobre inteira:
A cruz do seu collar nas mãos lhe pousa,
Como pelo trahir que orou a infante
E ha de rezar ao de manhã erguer-se!
Dorme! olhai-a! que fronte erguida e branca!
Sempre, qual puro leite em onda limpida,
Sobre a lindeza o céo pudôr chovêra!
No seio a nivea mão, dormida núa,
Ai! que bella que a noite fá-la ainda!
Que molles claridões a ondar-lhe em torno!
Qual se, máo grado, espirito da noite

Lhe sentira a maciez das fórmas tenras
Sob o manto brunal estremecer-lhe!

Calados passos no sacrario ao monge,
Menos sanctos pavores sobresaltão,
Virgem, que o leve som de teus suspiros!
Vêde ess'alcova! de laranja as flôres,
Livros, o bastidor, o buxo bento
Pendido em lagrimas na cruz antiga;
De Margarida a roca, em paraiso
Tão casto e melancolico, ah! que visos
Não indagão ahi? Somno de infancia,
Que puro que tu és! Céo a belleza
Defesa te não deu? E amor da virgem
Piedade não é, como o do empyreo,
Que a roçar-lhe ao sopé, no ar que espira,
Sente-se o agitar de argenteas azas
A anjo cioso que lhe vela os sonhos?

Para romancear os matizes do poetar orvalhoso de Musset forão de mister magias daquelles versos da *Sésta* de Garrett. O mimo da pintura de Marion adormecida e núa, o colorido daquellas tintas vaporosas, como as ennevôa a melodía de Moore e Samuel Rogers, como as scismára Jocelyn á vista de Laurence, naquelle desmaio que nos contornos mentidos do menino louro revelou-lhe os esmeros da virgem; — tudo aquillo ao sombreado azulado dos véos do leito, certo que é o desvélo da imaginação a mais suave: é a nudez setinosa de uma fórma infantil que se branquêa no vago das côres das Madonas Romanas.

O verso trina-lhe argentino e melodioso: fôra-nos de=

lirio crer espelha-lo no opáco de uma traducção nossa. O mais que póde fazer o traductor, é dar inteiro o metal: o artistico do florilegio, o suavissimo dos arabescos, o iriante das trasflores de Cellini, fundem-se, disformão-se no cadinho ingrato. Na poesia, como na prosa de Lamartine e V. Hugo, de Mendes Leal e Alexandre Herculano, o rhythmo embala, o som é uma sensação que inebria, como os sonhos das noites vaporentas, nos devaneios do poeta. Ha hi ás vezes uma palavra suave, que evoca por si uma illusão como o condão do Manfred — no iris das torrentes dos Alpes — a Fada das montanhas, em todo seu deslumbre e belleza de espirito. Parece que ao deslisar fluente de um verso, ao cahir de uma cesura, o sentir se assemelha ao inanido escorrer de arroio limpido em leito de nenuphares curvos, ou ao tombar das gottas de chuva, de um salgueiro desgrenhado, na face azul da lagôa. É essa uma doçura que só tem comparação com tudo que ha mais vaporoso, mais frouxo, em um suspiro por labios de mulher bella, em um perfume por cabellos humidos.

Ha quem não conceba a harmonia do som; quem adormecêra ás melodias languidas de Bellini; quem descrêra do susurro das virações do crepusculo naquelle mar de ondas doiradas, que se chama o alaúde de poeta; para quem a *musica espirando das faces* da Noiva de Abydos, e as phrases peregrinas e aerias do Raphael de Lamartine, a mollidão do Soneto em seu embalar nas nevoas macias da rhyma, é objecto de um riso estupido. Pobre

gente! « não tem musica na alma » como Byron o disse — não comprehendem essa intimidade da musica e da pintura, de que falla Mme de Stael, e achão absurdo para traduzir o incerto do sentimento, ou o vago das fórmas, buscar o fluctuar vaporoso das expressões! É lastima que até Gustavo Planche satyrise as Orientaes do poeta das Folhas do Outomno, pelo seu titulo mais bello — o culto dos sons.

E comtudo é assim; mas que importa? A brisa balancêa em véo de aromas as trepadeiras da selva; a lagôa deserta arqueja ás noites de lua seu collo de topazio — moreno como o da Americana do ermo — sob as tranças boiantes de verdura e flôres... O Indio a perpessa com o cervo sangrento e quente ainda no hombro; um dia talvez ahi esticou á sombra a pelle mosqueada do tigre, pendurou por algum luar sem nuvens, entre chuva de flôres cheirosas, o berço do filho. E passa entre tamanho luxo de balsamos e viçar, que nem o sente... Mas um dia, quando por ventura a sombra de um René estrangeiro ahi vier, talvez lhe durmão as saudades das suas nevoas de além-mar; talvez alembre sob este céo mais ardente e bello as ondas do Meschacêbê, o ambar das flôres selvagens da America do Norte, e aquella alvura de Atalá adormecida, na jangada que deslisa pelas aguas tranquillas, como um cysne morto pelos rios do Norte. O homem das florestas preferirá o cepo de mato, de ouro massiço, a faca brunida cravejada de diamantes brutos, aos enredos subtís e florescentes de perolas e rendas aerias das

taças do Florentino, a joia de esmero pela qual Diana de Poitiers trocára seu beijo mais tremulo, e Francisco 1° o diamante mais puro de seu diadema.

O rhythmo, releve-se-nos a digressão, — é o tom fugitivo do bandolim da Grenadina; a resonancia melancolica da *guzla* do Klephta montanhez; o escorrer dos borrifos da chuva da noite pela melena lustrosa dos coqueiros, onde o sol nascente iría mil côres; o fluctuoso dos rios das nossas varzeas, com suas ilhas de verdura, suas garças brancas debruçadas no espelho das aguas, suas largas flôres aquaticas abrindo os seios de setim. E, quando o ciciar do som peregrino vai de mistura com a escarlata de uns labios, passa-lhe á onda como que um tremor voluptuoso de roupagens de donzella, e como o cahir na molle purpura de flôres esfolhadas, a nuez lasciva da Diana, qual a sonhou o paganismo, inda orvalhosa das bagas de aljofar das ondas do lago...

E agora, ainda algumas linhas — sobre o estylo do poema e em geral sobre o do poeta. Em balde o dito do captivo de *Santa Helena* — que o estylo não é o homem, e que o autor de Paulo e Virginia fôra um homem de caracter indigno — em balde : cremos no apophthegma de Buffon, e quando quizermos estudar um poeta, ir-lhe-hemos ao estylo.

Ahi é que sobretudo resumbra no autor dos Contos de Hespanha e Italia a poesia byronica. É aquella força de dicção, livre e chã, sem cahir no ridiculo pelo uso do exprimir popular; que nelle se embebe de mais tempera,

e mais viva palpita no deslise do canto de amor á satyra odienta — da gloria do epinicio ao escarneo e á chança — do rir ébrio ás lagrimas. Quanto ao metro, elle soube conter no alexandrino o espirito lavoso do hendecasyllabo do *Don Juan;* abraçar o fervor do *Childe* com a harmonia da escola de Lamartine : e nisso vem a pello recordar que foi-lhe maior fortuna em amoldar-se á fórma de expressão Ingleza, do que fôra ao poeta das Meditações, que no seu ultimo canto do peregrinar de Childe Harold, não soube attingir nenhum daquelles rasgos da poesia do Lord; e só mostrou o que ia de mar longo entre a imaginação feminil e suave do amante de Graziella — aquella cabeça mimosa e feminil de cabellos castanhos, que sonhava Laurence — e a fronte olympica, pallida de febre e insomnia, e amorenada pelos mormaços do Mediterraneo, que sonhava Lara e Werner, Gulnare e Zuleika.

Quanto áquelle transbordar de um verso em outro, o truncar do sentido pela quéda do metro — áquillo emfim que os Francezes chamão *enjambement* — é elle de muito uso no poetar de Musset. Todos ahi o sabem, Sainte-Beuve julga essa pratica um dos mais bellos ademans da poesia romantica, desde André Chenier : parece que ella revela muita riqueza de idéas, e que esse tresvasar denota a amphora cheia de licôr, a plethora do sangue nas arterias. Em nossa litteratura antiga, quando ella se alusiava de brilhantismo em Camões e Ferreira, vemos-lhe o abundar; á medida porém que se dissipava

a poesia original — a poesia pessoal, como a chama o Sr. Magnin, e que Jouffroy quer por unica e verdadeira — quando a imitação latina escorregou gélida como uma serpente no lyrismo degenerado, então, a modo que á proporção decrescente de poesia e idéas, o verso se entumescia em seu vacuo, como um somnolento que se espreguiça. Fez-se inutil aquelle transbordamento que assemelha os versos 2° e 3° canto de Don Juan a um molde estatuario, cujo metal doirado tressua. Comtudo classificariamos o abuso desse atavio nas regras limitadoras do *quidlibet audendi* Horaciano. Quando a liberdade poetica bastardêa em licença e desregramento, somos daquelles que a reprovão, e preferem Byron por mais perfeito em algumas paginas do Childe que n'outras de Don Juan, Beppo e da Visão do Juizo; que o saborêão mais nas estancias Spencerianas do seu heróe peregrino, do que na soltura e córte dos versos, e ás vezes e strophes cuja ligação se intíma e solda tanto com as immediatas que nem ha sentir a cadencia do metro, o quêbro das cesuras, o écho das rhymas, e a separação das estancias. Por isso em Musset preferimos seu poetar de Rolla, onde menos abunda isso, ao desalinho de Mardoche, e ainda a ese ultimo as sextilhas, não tantas vezes truncadas, de Namouna.

Quanto á linguagem, dissemo-lo, ageita-se á feição do seu modelo ; Rolla amanta-se como o Cavalleiro do mar. Não se enubla nas melodías confusas da escola franceza, reflexo macío das harmonias do *Lakismo* de Wordsworth

— bellas, mas a que se pudéra applicar as palavras da rainha Agandecca de Jorge Sand ao pallido Aldo o bardo « poeta, és bello como a lua á meia noite, e monotono como ella. » Nem tambem offusca na sobejidão de brilho, como o pompear das *Orientaes;* ou na riqueza luxuriosa de imagens como o poema — por ventura de mais imaginação que tenhamos lido — o Ahasvero de Quinet. Evitou tambem um grande defeito do seculo — o archaismo. Certo que é lei o fluxo e refluxo das linguas, e que, na expressão de Victor Hugo, quando ellas se fixão morrem; e que o poeta deve remoçar as velhas expressões de outr'ora, e enriquecer a litteratura contemporanea com os thesouros do passado, aviva-la com aquillo que Sainte-Beuve chama — um perfume de antiguidade. Entre nós, por exemplo, que tão opulento havemos o idioma patrio, são irrecusaveis meritos aquelles que retemperão as idéas de hoje no fogo das expressões dos mestres da lingua : por isso os escriptos dos Srs. Alexandre Herculano e Garrett, A. F. de Castilho e Mendes Leal (quando esses dous ultimos não resvalão nos trocadilhos do seiscentismo), além de seu quilate litterario, tem esse valor. Mas desde que o excesso vem, teremos de repugna-lo, e nos lamentar do sacrificio das idéas e da poesia, a um lavor pelo exprimir, bello sim, mas morto, da lingua antiga; desse abandono da laurea de bardo pela gloria de antiquario, pela imitação dos poemas de Chatterton, e da seita erudita de W. Scott. É isso desconhecer a missão de aperfeiçoamento da lingua. A combinação

dos elementos da dicção moderna com os da envelhecida, póde ser um progresso; a imitação servil do estylo dos primeiros seculos é um regresso. Portanto só como exercicios eruditos de antiquaria poderemos olhar o estylo das *Memorias* de P. L. Courrier, das *Cem Novellas* de Balzac, das poesias da pseudo-Clotilde de Surville; e em nossa litteratura, o do *Rausso por homizio* do Sr. Rebello da Silva, talvez o do *D. Sebastião o Encoberto* do Sr. Abranches, o de alguns soláos do Sr. Serpa Pimentel e A. P. da Cunha, e o das *Sextilhas de Frei Antão* do nosso mais mavioso poeta Brasileiro, o Sr. A. G. Dias.

IV

AO PÉ DO LEITO.

Vimos pois a fórma infantil da adormecida. Junto do leito véla uma mulher. Inquieta de anciedade, tresvaria os olhares do relogio ao lar que crepita. Ás vezes escuta á porta, debruça a cabeça no balaustre da janella. — Será sua mãi?

Quem espera tão tarde? Quem (se é ella)
Faz-lhe que entr'abra desde pouco a porta
E á janella o balcão? Seu pai aguarda?
Ai! — Maria, teu pai morreu de ha muito!
E esses frascos por quem? por quem as luzes
E quem esperão pois?

Quem fôr — que importa?
Dorme! dorme! não és amante delle:
Sonhos te embalão, mais que o dia puros,
Muito infantis por segredar-te amores!

Que manto aquelle que a mulher enxuga?
Lodos o enlaivão e gottêa chuvas :
É manto de criança — é teu, Maria.
Tens humido o cabello, as mãos na face
Tens-las mais rubras á friez do vento.
Onde ias pois dessa tormenta á noite?
Ah! certo mãi que essa mulher não foi-te!

Silencio! — alguem fallou — desconhecidas
A porta abrírão : semi-nuas outras,
Solta a madeixa, tacteando os muros,
O escuro corredor suadas passão;
Uma lampada treme : fins de orgia,
A extremo fluctuar de clarão morno,
Reslumbrão fundo na afastada alcova...
Resoão copos na toalha rubra;
A porta se-fechou a hediondos risos...

Maria, foi visão? Não crês-lo? Um sonho
De negra insania que ferio-me os olhos?
Tudo é calmo a dormir — a mãi te vela,
E perfume de flôres, limpido oleo,
Que te banha as madeixas — rosa casta
Que te annuvía as fontes, vem do sangue
Que flúe do coração...

Silencio! batem!
Nas lageas negras vem sonóros passos;
Tremente luz se achega e sombras duas :
És tu, livido Rolla?

E ante o vulto macilento do perdido, a destacar-se em

sombra, no fundo azul dos véos de leito, como Mephistopheles á porta de Margarida; ante o libertino pallido e meio ébrio de sua ultima ceia, com os braços no peito, a contemplar aquella pureza do somno da moça, aquelle divino da mulher inda em botão mal aberto, que vai ser delle — tão pura, tão mimosa, que, assim como o poeta dos Girondinos chamou Carlota Corday o anjo do assassinato, pudéra-se a chamar o anjo da prostituição — parece que á medida que a nuvem negra do pensamentear se obumbra pesada na fronte de Rolla, o vibrar da melodía desmaia, e lugubres acordão as fibras funereas do alaúde. — Se pudessemos escolher entre o sentimento balsamico de todas as paginas do poema, talvez nossa predilecção fosse por essas :

Deixar o globo, Faust! não o scismáras
Da noite na agonia, em que máo anjo
No afogueado manto, como sombra,
Pelo ether te levou, suspenso, ás plantas?
Não o bradáras derradeiro anáthema?
E quando aos hymnos santos palpitavas,
Não a embatêras na ultima blasphemia
Sexagenaria a fronte aos velhos muros?
Sim! tremeu-te o veneno aos rôxos labios,
Morte, que ia comtigo ás obras turvas,
Tinha-se ao lado teu baixado ao fundo
Da longa espira do suicidio longo :
Arido e velho o coração te eivára
Como a lapa no inverno, gasta ao frio;
Era a hora vinda, atheu de barbas brancas,
Desarraigado o tronco da sciencia!
Anjo de morte com pavor te olhára

Rebentar inda e a Satan vendê-la,
Baga de sangue ao descarnado braço!
Oh! por que mares, que sombrias grutas,
Por que olivaes, onde aloes, que dunas,
Que neve pura da mòntanha ás grimpas —
Bafeja d'alva tão suave a brisa,
E o vento d'Este á primavera em prantos,
Como esse que roçou-te as cans á fronte
Quando o céo deu-te o rehaver da vida
De quinze annos de infante em manto virgem?
— Quinze annos, ó Romeu! salões de rosa
De Julieta em botão? Ai! primaveras,
Que amar era viver! e o vento d'alva,
Na escada molle, da manhãa aos trinos,
Os beijos embalava, e adeos infindo!
Quinze annos! luz que á arvore da vida,
No morno oásis do deserto olente,
Banha aureos pomos de ambrosia, myrrha:
E para apuros do ar, como a palmeira
O defumado véo esfralda apenas,
E o Oriente ás virações... Romêo! quinze annos.
Idade em que a mulher, da vida ás alvas
Das mãos dinas sorrio, singela e branca
Tão de primores linda, que Deos fê-la
Das phalanges do empyreo eterna idade!

Ai! o lyrio do Eden, porque murcha-lo
Em descuido infantil, bella Eva e loira?
Trahio tudo, e perdê-lo era-te a sina,
Fizeste um Deos mortal, e mais o amaste!
Dessem-te em volta ao Céo, que inda o perdêras
Sabes que além te adora peito d'homem,
E inda sonháras te exilar com elle
Por morrer-lhe no peito e consola-lo!

Rolla fitava no volver tristonho
Maria bella a dormir no longo leito:

Não sei que horribil, que ideiar satanico,
Lhe fez invito estremecer nos ossos...
— Era cara Marion. Por essa noite
As moedas extremas esgotára :
Sabem-no amigos seus. No ingresso ainda
Que ninguem vivo o encontrára ao dia,
Tres annos de mancebo — os tres mais bellos!
Tres annos de embriaguez, volupia, enleio!
Ião-se envaporar quel frouxo sonho,
Ou perdido trinar de ave que passa.
Noite negra de morte — a derradeira,
Quando revôa a prece ao moribundo,
Quando o labio vai mudo, e o condemnado
Tão junto jaz de Deos, que elle perdôa —
Vinha espaça-la com mulher d'infamia;
Elle! homem — e christão — e filho d'homem!
E elle, a mulher — ser misero — hervazinha,
A criança dormita, ao espera-lo,
A' bocca do ataúde. . . . .

Oh! cháos eterno! prostituir a infancia!
Melhor não fôra em thalamo indefeso
Ferir-lhe o corpo no segar da fouce,
Tomar o collo niveo e desnoca-lo?
Masc'ra de viva cal com ferreo guante
Que um rio lhe fazer, limpido á tona
Que as flôres mira e peregrina estrella,
E em veneno infernal polluir seu alveo?
Que bella ainda! Que thesouro, oh! vida!
Que primeiro beijar-lhe amor sonhava!
Doces fructos que déra á flôr abrindo,
A lindeza do Céo! Que chamma pura,
Aquella santa alampada se erguêra!

Ah! barregã sem brio és tu — pobreza!
Que déste ao leito impuro a nivea infante
Que ás aras de Diana a Grecia déra!

Olha : orou ao dormir ella hoje á noite;
Orou... E quem, meu Deos! És tu que á vida
De joelhos é mister ore e conjure,
Tu que em susurros no soprar do vento
Em meio ao soluçar d'amarga insomnia
Foste-lhe á mãi ciciar por noite bella :
— Da filha meiga é branca a flôr de virgem :
Vende-la pois do libertino aos labios. —
Para ir-se á orgia tu lavaste-a mesmo,
Qual lavão mortos que se dão ás tumbas ;
Tu que á noite, aos relampagos, no manto
Quando entrou a coidada lhe sorrias!

Ah! quem soubera a que fadarios — ella,
Se houvesse pão, quiçá vivido houvera?
De ser impuro nem a fronte é essa.
Nada torpe abrolhava a fresca aurora,
Aos quinze annos, no somno dos sentidos!
Pobre moça! seu nome era Maria,
Não ainda Marion. Foi a miseria
— Não de ouro o cubiçar — que degradou-a.
Qual a vêdes — no opprobrio desse leito,
No hediondo lupanar — á mãi entrega,
Voltando á casa, o que dahi foi ganho!
Oh! não choreis-la, não, mulheres nobres!
Vós que alegres viveis no horror profundo,
Do que rico não é, nem ri comvosco!
Não lamenteis-la, mãis! que a porta, á noite,
Aferrolhais das filhas, e um amante
Entre sedas velais, de esposo em leito!

Doira-se-vos amor, poesia e vida;
Fallais nelles sequer — e não sois publicas.
Jámais sentiste-o vós — da Fome o espectro
Cantando erguer-vos os lençóes ao tóro —
Livido o beiço a perpassar nos labios,
Por un pouco de pão pedir um beijo!

É verdade, meu tempo, que isso d'hoje
Sempre, sempre se ha visto? ó rio trépido
Levas ao mar cadaveres hediondos
Em silencio boiando: — e a velha terra
Que a humanidade vê viver, mirar-se
Em torno ao sol gyrando a orbita sua
Ao seu Pai immortal, nem se apressára
Por mais perto o roçar, queixar-se a elle?

E pois ergue-te ahi — que assim é fado!
Vem, seios nús, ó cortezãa formosa:
Rebrilha o vinho e ferve, e a fresca á noite
Te brisa ao leito os véos no alegre espelho;
Noite bella vai essa — e eu paguei-t'a!
Pavor menos sentio na Cêa o Christo,
Do que eu no coração de gozo effluvios!
Eia! e viva o amor que o vinho enturva!
Queimem-te os beijos do Xerez no aroma!
Deos de vertigens, dos festins ruidosos
Ao anjo do prazer me leve em braços!
Eia! cantemos Baccho, amor, loucuras!
Brinde ao tempo que passa! á morte! á vida!
Olvidar e beber! á liberdade!
Cantemos o oiro, a noite... a vinha, as bellas!

V

ULTIMAS HORAS.

Dormes quêdo, Voltaire? e o negro riso
Vaguêa-te inda aos descarnados labios?
Era teu seculo joven para lêr-te...
Deve o nosso aprazer-te! — os teus nascêrão!

Sobre nós se esboroou o templo immâne
Que solapavas noite e dia lobrego.
De oitenta annos de amor aos fins, a morte
Deve aguardar-te em impaciente anhelo;
Deveis querer-vos d'infernaes extremos!
E nunca o deixas, thalamo de nupcias
Onde osculais-vos, do sepulchro aos vermes,
Para ir-te a sós vagar, pallida a fronte,
Em ruinoso solar ou ermo claustro?
E que murmurão no silencio os muros
E o agoureiro altar em seu deserto?
Que te susurra da Cruz o Christo livido?
Desangra ainda, quando ao descravá-lo,
No tremulo arvoredo, qual flòr murcha,
Tornas espectro sacudi-lo á noite?
Cumprida a crês, tua missão — e ao termo
Como o Eterno te orgulhas á obra altiva?
De um hospede ao festim pois te convido.
Ergue-te um pouco — ceia além desvaira,
Onde ao *Commendador* [1] entrada é franca.

Vês esses moços que ao beijar suspirão?
Ao enlaçar dos braços nús, disséras
A dupla vida, um corpo só vivido!
E o soluço se esváe, se afoga a queixa
Polo insensato convulsar dos labios.
Espasma o gozo a lhes libar na fronte!
Moços e lindos são — e só a ouvi-los,
Tentório d'oiro o Céo baixar devêra!
Olha! não amão! nem amárão nunca!

E aquella fronte de cantor sob sua uncção de poesia, no crestado daquella viuvez de fé, revivéce um accôrdo

[1] O *Convidado de Pedra* do theatro Hespanhol, onde Molière buscou o seu *Festin de Pierre*.

crente como lingua de chamma que inda tremeleia em acervo calcinado de cinzas. — Elle invoca a fé acendrada do monachismo claustral.

Donde as houverão tão donosas fallas
Que a volupia sómente, ao pranto em meio,
Murmuria e derrama? Objecto estranho
De supplicio e prazeres — ara mystica
Onde a blasphemia ao supplicar medêa!
Onde o echo — mulher! ondear se aviva
Nessas vozes sem nome, que um delirio
Apenas são e de ha cinco mil annos
Inda pendurão-se a amorosos labios?

Profanação! e sem amor dous anjos!
Dous aureos corações que as tribus santas
Ao ver-lhes o primor a Deos erguêrão!
Sem amor! Pranto! e a noite que murmura
E a viração que freme e a terra inteira
Que descóra ao prazer e bebe gozos!
E essencias a esfumar, frascos no sólho,
Beijos sem fim, e inda talvez, miseria!
Mais um perdido que blaspheme ao dia...
Oh! nem amor! e em tudo espectro delle!

Vês tu, velho Arouet, o homem vivido
Que de osculos febris lavra este seio
Ha de amanhã dormir em tumba estreita.
Lançar-lhe-has por ventura olhar de inveja?
Sê quêdo — elle te leu — nada lhe déra
Nem consolos, nem lumes de esperança;
Se tornar-se o descrer sciencia um dia
De Jacques fallaráõ... sem profana-lo,
A' noite, ao fosso teu, rastea-lo pódes...

VI

MADRUGADA.

Quando madrugou, Rolla acorda. — Aquella ante-manhã que se avermelha nas nuvens sangrentas, ao murmurio de uma velha cantiga, á vista de Marion dormida de fadiga, a cabeça macilenta e desgrenhada do moço se lhe azumbra nas mãos. Aquelle hymno:

> Vós que no além voais, ó andorinhas,
> Ai! dizei-me — porque vou morrer?

aquelle canto se embalsama todo de belleza. É o desejo da vida que brota na canção do amanhecer, quando o marasmo silencía e serena aquella fresco da terra — é o palpite porventura de alguma esperança, que acorda com as flôres que se desdobrão humidas, com o gorgeio de primavera das cotovias, com o effluvioso dos ventos frescos de vida da manhã. É o seio que se abre, e no esmarrido de sua sequidão quer inda fecundar-se no ambiente d'ether mais puro d'alva — o florão dourado da palmeira que estala ás antheras e polvilha o seu pollen aos ventos do deserto. Aquella aspiração, aquelle desejo de vida, como o agitar do feto no seio da mulher, como o soerguer do afogado que se acima á flôr do mar, não é o sobresalto do susto, o pavor da morte, do nada para

aquelle em cujo céo foi-se nublada a estrellinha da esperança; é um como rever de gota adamantina que pende do calcareo das estalactites da caverna — é um soidoso que se desperta pela vida mal vivida, pela vida tanto... e ai! tão linda por viver. É quando a fatalidade, implacavel como o coração de Fredegunda Macbeth, gargalha de irrisão entre o desespero insensato do rei Lear, a brisa romantica embebida nas canções de Ophelia e nos sonhos de Romeo. É quasi o sentimento que João de Lemos descreve ao condemnado naquelle alongar de uns olhares de saudades pela terra tão florejante, pela vida tão matizada vista do umbral da morte.

> E porque pois amar . . . .
> . . . .
> . . . .
> Que estranho accordo ou invisiveis cantos
> — Que a morte era ao sopé — vibrar-lhe vinhão?

Porque? Não sentis o peso daquella palavra que dobra a fronte de Jacques? Quando o céo se azula e a vida se arreia ufana aos deslumbres da manhã, não sentis-la mais doorenta aquella febre que não crê, que não póde, que não quer crêr, porque a crença na hora do suicidio lhe fôra ainda mais amarga que o descrer? Não imaginais a dôr do Tantalo sem amor, sedento delle, que alli esperece-lhe á sêde, sem já querer crêr-lhe — e a dôr desse Ixion que sente a nuvem correr-lhe pelo peito; balsamica no seu mentir fugitivo, como o halito da Deosa? E não o crêdes mui queimador aquelle ferrete que

Margarida lêra á fronte de Mephistopheles — não poder amar!?

> E ora que o homem esvasiára o copo,
> E ao bordel vinha, em horas derradeiras,
> Por um leito de morte — onde a blasphémia
> Lhe fosse na agonia — e era-lhe findo
> Tudo ahi no viver, e a noite eterna
> Lhe espera aos dias a ultima scentelha,
> Ao moribundo — amor fallar quem cusa?
> . . . .

Toda aquella hora de pezadumes, no triste silenciar de um homem — as plantas, os restos de uma orgia e o porejar, por umas faces lividas, das bagas frias de um suor de morte — ao leito o setinoso de uma fórma feminil que molle fluctúa... sob o azul dos cortinados — todo aquelle agonizar do suicidio vagaroso d'alma que preludía ao cadaver, Alfredo de Musset comprehendeu-o — e inteira aquella poesia vem reflectida de um livor merencorio, de uma mágoa fatal, como o lôbrego do ultimo estertor de um passamento de malfadado que se esvae no escumar sanguineo da ultima blasphemia.

O suicida se deita lento e lento ao lado da moça. Marion suspira e acorda, e debruçada no leito conta-lhe um sonho :

> — Sonhei, disse ella, uma visão sombria
> Ahi no leito meu (velar pensava):
> Era esta sala um cemiterio negro;
> Entre cyprestes e mirrados ossos

Sentão nas neves um caixão tres homens
Para hi no chão murmuriar-lhe a prece;
Após abrio-se o féretro — avistei-vós.
Ondas de sangue negro em face branca!
Ergueste-vos por vir até meu leito,
Tomastes-me da mão e me dissestes
« Porque dormes ahi? Meu leito é esse... »
Então olhei — n'um tumulo acordára...

Bofé! sorrio-lhe Jacques — verdadeiro
Senão bello sequer te foi o sonho;
Nem mister ámanhã dormir te fôra
Por semelhante ver — que cedo eu morro.

Maria rindo se mirou no espelho;
Mas tão pallido Rolla ahi sentira
Que emmudeceu mais descorada ainda,
E disse-lhe a tremer — que tendes hoje?
— Que tenho? disse, não o sabes, anjo,
Que empobreci desde hontem? Por dizer-te
Na verdade um adeos só vim a ver-te.
O mundo o sabe, e é mister que eu morra.
— Jogastes pois! — Oh! não! estou perdido!

— Pobre! disse Maria — e como estatua
No chão pregava os desviados olhos.
Ai! pobre! pobre! e não vos resta ao menos
Um amigo? um irmão? ninguem na vida?
No suicidio pensar... Porque morrerdes?

Ella voltou-se do seu leito ás bordas.
Jámais seu doce olhar fôra tão doce...
Nos labios fluctuavão-lhe perguntas;
Não ousou de as fazer; e foi deitá-la
A face sobre a delle e deu-lhe um beijo.
— Tenho uma cousa a vos pedir comtudo
(Murmurou ella enfim): oiro não tenho

E logo que m'o dão minha mãi o toma ;
Mas tenho aureo collar : quereis vendê-lo?
Tomareis o preciso e ireis jogá-lo...
Rolla mirou-a n'um sorrir leviano :
Negro frasco emborcou — bebeu-o mudo
— Pendeu sobre ella — no collar beijou-a. .
Quando Marion ergueu pesada a fronte
Tinha apenas ao collo um morto frio
— No casto beijo a alma lhe partira
E um instante sequer amárão ambos!

VII

Oh! acordar como Julieta com seu Romeo pallido no seio! Tê-lo por ventura presentido n'um sonho a debruçar a cabeça romantica sobre seus labios, sobre seus beijos, sobre seu seio de anjo, e acordar com ella — n'um tumulo em vez de um leito — com as roupas longas e brancas da noiva da morte em lugar da sua corôa nupcial de amante de Romeo! Tê-lo ouvido gemer á noite, pousar os labios desmaiados sobre sua fronte... e depois aperta-lo embalde nos braços, procurar-lhe insana pelos labios o ultimo calor da vida, ou um saibo de veneno para ceia! — Pobre moça! amou um instante como Julieta : e não tivera a conversa ao luar no jardim de Capuleto, não bebêra a melodia das fallas do Italiano, o susurro daquelle quebro amoroso em labios de um anjo; nem a longa despedida, no ultimo abraço que nem hou-

vera força para solta-lo! — pensar que não erão as cotovias, mas o rouxinol do valle que gorgeiava nas romeiras, que o reverbéro de luz nas brancas nuvens do Oriente e ao apagar das estrellas não representava o dia — esquecer com elle, com as mãos do moço nas suas, que o albor da manhãa não era o reflexo da testa de Cynthia, e aquelles trinos erão da Calhandra! e depois n'um beijo, n'outro e em muitos ainda, cada cual o ultimo, e cada um pouco para abrevar a saudade!... sentir que essa vida é uma flôr, que o amor é seu perfume, que é um dormir em collo de cherubim, e que amor é seu sonho — e desejar morrer! Talvez Marion o sentisse... e o poeta da miserrima talvez inebriou-se naquelle vapor de rosas, talvez a sonhou de joelhos como a Virgem de Verona no sonho de Shakspeare— e se elle parou ahi, se nem traduzio alguma daquellas idéas do anjo com um cadaver no seio, da coitadinha mimosa com o amante frio no ultimo beijo, foi que elle pensou talvez que depois do poeta inglez a sombra da Italiana era inimitavel — que nós podemos chorar nossas lagrimas insanas ante Rafael o pintor, desmaiado de gozos e frio da morte no ultimo abraço e no ultimo beijo voluptuoso da Fornarina; mas que o não puderamos pintar.

Quanto á parte moral no poema, ella ahi se vê — na morte de Jaques Rolla. Como Villemain o disse a proposito de Richardson, a moral na poesia « não é só a sciencia dos deveres, é tambem o estudo dos caracteres; não é só a predica dos preceitos de virtude, é tambem a

observação do coração humano. » A ulcera do vicio aberta com toda a sua torpeza medonha — eis um quadro tão moral, como o fôra um conselho. E note-se ahi, o poeta de Rolla não ergueu em systema a historia de seu heróe; se elle ahi falla do libertino, se elle acorda alguma poesia nelle, não é nunca aquella á *Don Juan*. E se, como Victor Hugo, elle não apresentou entre o dissoluto da perdição delirante o vozeio rouquenho e o dobre lugubre da morte no fundo da sala do festim blasphemo, — ao menos depois da noite do cêvo, do instincto animal, a rosa pura do amor, depois da febre a morte — *this ever in drink and to-morrow in death*, como o dissera um poema de Chatterton.

VIII

SYNTHESE

Rolla finda, como a Deidamia de Frank na *Taça e os labios*, no primeiro beijo puro de amor. O ultimo alento de vida se lhe vapora, como a Joanna nos braços de D. Paez. Foi n'um beijo como o do Cavalleiro Negro ao desmaio de Hermengarda — um daquelles beijos « primeiros e ultimos, na expressão de Alexandre Herculano, purificados pelo halito da morte que se approxima, innocente e santo como o de dous Cherubins ao dizer-lhes o Creador : existí! »

No cantor dos *Contos de Hespanha e Italia*[1], no incredulo do frontispicio sublime de Rolla, a morte vem sempre de envolta no voluptuoso de um beijo, como ao suicida oriental no vapor ebriativo do opio. O crime ahi se apura na morte ao crysol do amor. É que o amor não é, como o ria a bocca satanica do *Iago* do tragico inglez, um fervor lubrico do sangue — é a fé — a fé é a religião — a religião é o céo, como o diria a Mystica do monachismo dos tempos em que se cria.

Depois daquellas deshoras negras em que o poeta sombrio se compara a Fra Jacopone o Italiano, a Lasaro o cadaver infecto de quatro dias, a quem só bastára uma palavra santa, — depois de muito esperar insano, do tontear confuso e vertiginoso por trevas, ás vezes resalta uma luz de esperança, algum raio de lua pela rotura da

[1] Releve-nos o leitor aqui uma reminiscencia — aquelle bello trecho do amante de Leonora — a morte de Gildipe e Eduardo. Só a poesia de Bocage, quando elle se banhava nas ternuras languidas das harmonias perdidas da poesia, traduzíra o bello das duas estancias do Tasso. Por ventura será agradavel, depois de cerrar o livro á morte daquelle que, na expressão Shakespeariana — engeitára como o Hebro a perola que o fizera o mais rico da tribu, — embalsamar-se nos effluvios de melancolia do amante de Leonora d'Este :

> Qual olmo a que a vinosa, a fertil planta
> Com abraço tenaz se enreda, e casa,
> Se ferro o parte, ou raio o desarreiga,
> Leva comsigo á terra a socia vide :
> Elle o verde atavio lhe des folha,
> Elle mesmo lhe pisa as gratas uvas,
> E como que lhe dóe mais que seu fado,
> O fim da amiga que lhe morre ao lado, etc.

(O mais vide pag. 268, 3° vol. Bocage)

caverna da maldição, alguma figura branca de poesia incarnada em Beatriz ou Virgilio o divino, para guiá-lo nas trevas das florestas da terra. Como no Decameron de Boccacio em meio á licença immoral da côrte devassa de Joanna de Napoles — a Maria Stuart da Italia, como a chama Villemain — entre os contos de Fiametta e Filocopo, vem horrivel, como um pesadelo do drama pallido da peste, a historia romantica de Gryselidis.

No scepticismo do *Candido* Voltairiano, depois do ultimo soluço ha o abafamento bochornal do nada, a treva *do não-ser*. No descrer de Musset (como ainda ás vezes no de Byron), ao desfreio daquelle poetar que soube transpôr os limiares do prostibulo sem o sarcasmo cynico dos labios amargos de George Crabbe, e, como o Jocelyn de Lamartine, teve ainda lagrimas pela visão da mulher perdida, não reçuma quasi a furto a nuvem das esperanças? uma como fé que adeja, de que o leito tumular é tambem um leito de amor, como o fingíra a tradição de Heloisa e Abailard, e de que o baptismo do amor na pia do passamento lava e apaga muito? entre aquelle ventar de passamento, uma doçura, como em meio ao monótono das canções funebres do Cafre junto ao cadaver do irmão — do escravo — a lagrima que recorda a esperança daquelle amor tamanho que lhe prendêra o sentir de Africano por aquelle que é morto?

O heróe do poema é um suicida; no gozo devasso afoga-se elle como uma ave do céo cahida no mar. E comtudo Rolla é bello — bello ainda dormindo na crassidão

do alcouce, sentado na borda do leito venal, inda morto de scepticismo e saciedade sob sua grinalda da cêa erapulosa.

No materialismo bruto não póde haver poesia — é como o ferro em brasa, em vão derramem-se-lhe orvalhos de aromas, o calor os expelle. O materialismo é de essencia prosaico. É por isso que o romance de Louvet e os livros de perdição immunda de Pigault-Lebrun o republicano — despidos de toda idéa que tenha um rasto de luz do cêo — nem ha lê-los.

Se Jacques é bello — e mesmo Marion — é que em meio áquellas trévas ha uma restia de sol, ha um effluvio de poesia que se refracta e iría pela sombra, como a scentelha fugitiva do facho que sacode no escuro das cavernas batendo na faceta do crystal da estalactite. Não ha ahi o poema do materialismo impuro a revolver-se como um verme em lodaçal. Não; é antes uma luta entre o corpo e a alma — entre a morte e a vida, — entre o céo e a terra — entre as melodias de Ariel e o fel do Caliban perdido nos sonhos das noites de verão de Shakspeare, — entre a negridão da noite e a luz dourada da lampada mal guardada ao róseo dos dedos transparentes da virgem que passa pelas ousías do claustro a deshoras — é o pleito, agro e renhido sim, das aspirações ao céo.

A morte do mancebo inda no seu rir de labios queimados e sem crença adoça-se com o raio de fé que lhe passou na morte — no beijo do suicidio — naquella ul-

tima idéa em sua melodia que trina intima, doce e triste a um tempo, como era candida e bella a virgem romana derramando o ciborio lacrymario, em perolas de pranto, no tumulo do amante guerreiro.

IX

DA DESCRENÇA EM BYRON, SHELLEY, VOLTAIRE, MUSSET.

Essa luta da crença e do marasmo assignala-se muito em Byron. No escurecer de seus sonhos, no scepticismo do imaginador de Lara, ha ainda, como no passado do hetman da Ukrania, a relembrança dos amores de Theresa e de Mazeppa o loiro; a ironia do poeta de Don Juan se delí á nenia de Haidéa morta no delirio. Haidéa a linda, cuja vida teve tres phases como o existir ephemero daquellas rosas chinezas que tem tres dias de vida, tres dias em que se lhes mudão as côres, e depois pendem-se murchas...

Mais um exemplo sobre Byron : — Cansado o bandido do mar, ao libame de uns labios que se abrem, por elle hesita na descrença — o peito do corsario sobresaltou-se n'um palpite ao canto de Medora, á lagrima da moça que o espera, ao canto saudoso e triste, á devoção céga de Gulnare, escrava — amante — tudo, tudo por elle e só por elle.

Entretanto... é mais atroz o scepticismo de Arouet de Voltaire quando elle se desnuda no inteiro desfear de seu descarnado, nas horas mais negras em que aquelle imaginar de vampyro debruçava-se de uma fronte linda e santa de donzella. Byron ao menos fôra o cantor das glorias : bardo sublime elle se curvára ante a estatua do homem-seculo, e estremecêra no chão de Waterloo!

A differença é que Byron inda no satanico do seu rir de escarneo era menos infernal que Voltaire. Byron — aquelle que toda imaginação de moço idealisou por ventura uma noite, adormecido á sombra dos marmores rôtos da Athenas antiga, que fôra amar em seu sepulchro de profanada, a donzella vestal do paganismo, a Grecia bella como elle a sonhava no passar da sombra do corsel do Giaour, — Byron, sob seu manto negro de Don Juan, guardava no peito uma chaga dorída e funda. O homem que ia se embeber de poesia nas mesmas montanhas onde a poesia grega impregnára suas lendas immorredouras, nos theatros onde a tragedia antiga recordára as tradições do Edda homerico, ao pé das estatuas lividas do paganismo embebidas ainda do sangue das hecatombas de outr'ora —, com seu talisman de poeta, sua busina de Oberon, pelas longas noites de febre as evocava, ao vento do passado impregnado ainda do calor do incendio e do halito da matança, por afogar naquelle effluvio um mysterio afanoso...

Fôra elle uma criança, cuja infancia decorrêra solitaria

nas sombrias abobadas de abbadia Anglo-Saxona, onde nos muros pendia inda sanguenta a espada de Guilherme Byron o duellista, batendo aos ventos da noite, de encontro aos lorigões de seus avós Normandos; no castello ruinoso onde a taça de João Byron, seu pai, talvez descansava nos morriões, inda sanguentos da batalha de Bosworth, de alguns de seus avós irmãos de armas de Eduardo I e do conde de Richmond.

No parallelismo historico dos factos e dos homens certo o nome de Byron traz uma grande recordação — a revolução franceza. A infancia do herdeiro dos cavalleiros normandos se embalava no estrondear de um cataclysma. O sanguinolento drama de mil annos de peleja debatida peito a peito da tradição guerreira com suas roupas de ouro e brocado sobre o peito nú e suarento do plebêo, se afundára no mar de sangue da vingança. E um seculo inteiro de espectadores presenciou ao clarão dos incendios, n'um chão ensopado do sangue do baptismo da liberdade recem-nada, a scena das hecatombas... os afôgos de Nantes por Carrier o sanguinario — a descôr da cabeça angelica e suavissima de Lamballe borrifada de lodo e sangue — aquella cabeça de Maria Antonieta, embranquecida n'uma noite de agonia — e a loura e divina Carlota Corday, o anjo do assassinato, na expressão de Lamartine, corando ainda apóz de decepada, ao esbofetear da mão vermelha do victimario plebêo!... Byron como Lucano acordára á vida entre o alarido da guerra civil...

Jouffroy disse n'um livro : « A poesia canta os sentimentos da época sobre o bello e o verdadeiro; exprime o pensar confuso das massas, de um modo mais vivo... A natureza da poesia a sujeita á lei da transmutação á medida que varião os sentimentos das turbas — aliás cessára ella de ser verdadeira. » E elle tem razão até ahi. Cada seculo, na expressão de Magnin, tem de buscar nova lingua e novos symbolos, novas formulas. A missão dos poetas é a poesia de um seculo, e assim adoptamos os mesmos principios de Jouffroy, não concordando porém com elle quando diz que « um poeta não póde sentir o que foi sentimento de outras épocas; se o exprime, é uma copia de expressão, e é classico; o que elle produz não é poesia, é imitação de uma poesia, e não mais. Eis porque a mythologia é mais poetica, e o christianismo deixou de sê-lo... »

Não iremos como o Sr. Magnin indagar se no paganismo que ideou Psyché, ou na crença que ergueu os monasterios da idade media, ainda a poesia acha alento. Cremos que sim — e conciliamos essa crença com a idéa capital do Sr. Jouffroy « que os verdadeiros poetas tresladão o sentimento de sua época, » dizendo que o sentimento não é só o presente e a imaginação das multidões oscilla entre o crepusculo do passado e a aurora do futuro — que em seu coração tambem ha a lembrança e a saudade, e o presentimento emfim do porvir.

A época que produzio Byron e Werner se treslada em muita fronte de poeta de então. E em toda essa littera-

tura transverbera no seu ennoitado, no incerto de suas tendencias, uma daquellas horas solemnes de transformação da vida social. A Europa, no seu chão ainda quente do sangue das revoluções, sentia mil visões surgirem como os phantasmas nos espelhos das feiticeiras de Macbeth. Era uma época de turvação, onde idéas, theorias, aspirações, tudo ondulava-se e embatia-se, quando, na expressão de Danton, o bronze da estatua fervia no molde, e mal áquelle que lhe fosse ao pé. Aquelle turbilhão doudejava; naquellas ondas do Maelstron revolucionario o cadaver de Mirabeau embatia-se na cabeça melancolica e romantica, vertiginosa e sanguenta de Chénier o poeta, os labios de Robespierre na fronte de Maria Antonieta — e a vertigem obscurecia aquelles que se lhe debruçavão no abysmo. As imaginações doudejavão-se, e o supplicio era como o dos trédos da idade media, atados pelos cabellos á cauda dos poldros bravíos, no invio das serranías espinhosas e broncas. Era uma hallucinação — a vertigem mais brumosa — um brilhar mais fervido naquella chuva de sangue que repassava os cerebros; e poucos, bem poucos! resistírão á provação.

Os poemas de Byron são o espelho daquella época toda. Quando uma philosophia inteira estabelecia o axioma do scepticismo, e quando a populaça dormia esquecida de Deos sobre os tumulos vasios de seus reis; quando a cruz se estalára no frontespicio das cathedraes, e a fronte lívida e eburnea dos crucifixos se despedaçára nas lageas do templo profanado — não era de espanto

que a poesia viesse entoar o cantico dos funeraes da crença no cadaver da religião.

E por isso, assim como a Iliada é o transumpto das eras da Grecia heroica, o Childe, com toda a amargura fria da desesperança, é o typo do seculo XVIII, que morreu debruçando-se, n'uma ultima blasphemia, sobre o berço do seculo novo, e inoculando-lhe no beijo da agonia a lepra de um scepticismo que, como o pomo da sciencia, tem a seiva vivaz e longa, que não ha desarrciga-la do peito.

Byron comtudo não era só a cria de Voltaire — nelle havia outra cousa. O moço estudante de Eton fôra o amante de Maria Chaworth — por ventura daquelle amor que é um na vida — que ama-lo é viver, e perdê-lo morrer — e que, perguntar a um homem quanta vez o estremeceu, fôra, na phrase de Antony, perguntar ao cadaver quantas viveu. O casamento do lord com miss Millbank, a separação mysteriosa que se lhe seguio — e depois aquella vida estuante que lhe foi na Italia a eiva interna de dôr que o fazia rir do escarneo da vingança — e depois entre todo aquelle viver longo, em que ás vezes ao pesadelo afanoso da embriaguez, as noites do Lovelace poeta tinhão ainda um sonho por aquelle ideal que elle buscava entre todas, apertando-as como seu Hespanhol leviano uma a uma as pobres abandonadas no seu peito de marmore... nos labios do Don Juan vagueavão murmurios, e a harmonia susurrava por aquella visão que elle buscára em Chaworth, em tantos olhos lim-

pidos, e tantos seios puros e labios em fogo, desde os anjos louros do norte ás fadas morenas do Tejo, do Manzanares, as madonas do sul da Italia, e as virgens formosas douradas á vida aos sóes do Oriente, a quem elle dissera :

> E comtudo o estragar louco dos annos,
> Esse volver monotono de gozo,
> Amores varios, lisonjeiros versos,
> Essas amantes sem se ser ditoso,
> Tudo mudára se tu fosses minha,
> E o meu das orgias pallido semblante
> Se animaria pela paz domestica,
> Não por fogo de febre delirante [1] !

Byron — o peregrino ente — revelou em Manfredo e Arnold, em Alp e Selim-o-bastardo, a farpa de um pungir muito intimo. Quando a ancia remordia, então a exasperação — quando a fibra silenciava e o uivar tigrino da dôr que extenúa se enlanguecia nas harmonias fugitivas do passado, os sonhos, as crenças volvião.

Shelley é a descrença, mas denuada e macilenta — fria como um tumulo. É o sceptico apertando com os braços no peito vasio a corôa secca das esperanças descridas. Naquella fronte, a quem a trinta annos grisalhárão-se os cabellos, naquelle peito condemnado á consumpção e á tisica, nos olhos accesos de um lume estranho, na feição cadaverosa daquelle rosto não havia

[1] Traducção do Sr. Dr. F. Octaviano.

só gravado o desnervar de um organismo insanavel; naquella pallidez havia mais : era uma febre que tinha chegado no seu esgar á calmaria que preludia no seu abafamento ás tormentas do coração.

Uma tarde — era em Napoles — o sol ardia, o céo scintillava nas aguas brilhantes e a tarde desdobrava suas purpuras transparentes nas ilhas azues e ao longe nos cabeços alvejantes das serranías.

Ventos, aves, aguas, fundião-se no murmurio longinquo daquella Parthenope voluptuosa, a quem refluem as idéas como o sangue ao coração[1] — e ao longe as aguas douradàs embalavão as grinaldas verdejantes das flôres purpureas do mar. Então o poeta sentira o cancro de seu desespero mais manso ao effluvio dessas virações, ao fresco dessas ondas, e elle podia ahi dormir — como uma criança cansada — e chorar sem amargo a vida. Comtudo o coração de Shelley se enrijára daquelle engelhar precoz que róe como um verme, e desvive nas veias com a *seiba de morte* do Hamlet e a vitalidade do veneno de Byron. Shelley que revelára, nas notas descridas do seu brilhante poema — a Rainha Mab, o atheismo mais frio, não podia reviver á crença : e quando a sua febre esfriou, como elle o pedíra n'um dos seus cantos, no ar quente da Italia, e seu ultimo murmurio perdeu-se no arfar monotono do mar, depois que Byron e Trelawney, nas praias

[1] Lêr duas de suas poesias mais bellas : *Uma tarde em Napoles*, — *A Napoles durante sua revolução*.

do mediterraneo azul, ao sol puro, ao perfume das flôres e dos laranjaes, sepultárão-no em leito de arêa, a mão do peregrino estranho pudéra gravar-lhe sobre a lagea o epitaphio de Werner, o Allemão que soffrêra e muito com a Magdalena, e como ella merecia perdões.

Shelley era ainda mais sceptico que seu amigo. Esse dormíra alguma vez ao menos ao peito de uma mulher bella, como o era a condessa Guiccioli, a febre fastienta que lhe ia nos labios, como o corsario a cabeça pallida e queimada aos soes do mediterraneo nas fórmas voluptuosas e nuas, na vertigem dos beijos de Medora. Quem sabe se algum dia na vida não entrevio elle a mulher de cabellos negros, do largo collo tremulo, desatando com seus dedos de neve as sedas de sua tunica, porque elle ahi repousàsse a fronte, e bebesse no sangue muita vida por vivê-la no voluptuoso de um espasmo, por morrê-la na loucura de um beijo de fogo!... Mas a visão não se despio de sua nevoa. De mais, aquella compleição fraca e febril lhe accendia desejos ardentes, e elle volveu-se muito nas noites solitarias pedindo ás brisas susurrantes do passado um perfume... Só o vendaval que passa nas ondas das turbas lhe respondêra... e esse era frio como a nevoa, convulsivo como o escarneo!

Voltaire tinha o fel de nascença. Era um cancro innato com que abrolhára á vida. Victor Hugo disse : « O rir de Byron não é o de Voltaire : Don Juan não é contrapeso de Candido : Voltaire não soffréra. » Não iremos porém tão longe. Não chamamos só soffrimento aquelle que

vem do externo. Aquelle rir de Arouet exacerbado de ironias treslada uma tortura, e cremos-las tambem, as magoas insanas e solitarias que se gerão espontaneas no atro-bilioso de uma compleição, no queimador de um imaginar injectado daquelle veneno que parece herança dos annos velhos da vida.

A descrença de Musset é mais suave, mais aeria, de uma melodia que canta intimamente. É que o moço autor das *Confissões de um filho do seculo* sonhou mais que soffreu; teve mais agonias no cerebro que no coração; mais insomnias de febre ás visões do cavalleiro Lara e da cabeça linda e desgrenhada do Giaour, que á realidade. Foi ao amanhecer de um sonho assombrado pelos cantos de Don Juan, que elle acordou incredulo. A differença de Byron a Musset, nesse ponto de vista, é que Byron procurou no poeta de Joanna d'Arc um sarcasmo que se aunasse com o delle, uma alma doída como a sua. Musset com o cerebro inda quente das inspirações do bardo inglez, buscou no excitado dos seus sonhos, na sua imaginação de poeta as apparições que lhe assomárão luctuosas e sangrentas.

Comtudo, como o dissemos antes, de Musset a Byron a relação não é um plagio, uma cópia. É por ventura uma inspiração. A influencia do nobre descendente dos Northmans do duque Guilherme, no sonhador de Porcia e Frank, é como a daquelles sons que se gravão, ainda apezar da vontade, na memoria, e acordão ahi melodias secretas como o vento da noite nas folhas da floresta. É

a theoria de Platão, uma idéa que desperta, uma idéa que descobre um relevo áquella folha metallica encoberta de cera, do simile do innatismo academico.

1850.

JORGE SAND

ALDO O RIMADOR

I

Jorge Sand — a loura — com seu viver desvairoso, aquelle poetar negro a ir ter na descrença, na desillusão das abusões mais doces, ao zombar de tudo quanto ahi ha mais santo, até do casamento, de tudo quanto ha ahi mais consagrado pelo longo correr da humanidade, as formulas da propriedade, naquella sua theoria ardente balanceada entre o socialismo e o communismo, entre Platão e Fourier, assombrada daquelle S. Simonismo que delirára tanto á França inteira as cabeças mais ricas de poesia, desde Lerminier o neophito e o renegado até Pierre Leroux o anti-eclectico, Felix Pyat o dramaturgo,

Eug. Sue o romancista dos *Mysterios do povo*... A fé que aquella mulher que n'um dia splenetico pisou as sedas com que o homem decorou a fraqueza feminil, talvez como o paganismo de flôres as suas hecatombas, merece attenção daquelle, embora humilde espectador da riqueza do crepusculo brilhante de poesia acordado no bello periodo de glorias litterarias e liberalismo revolucionario, que tão bem o Sr. Capefigue caracterisou na sua Historia da Restauração, ido de Carlos X que enfraquecia e ameaçára cahir ao futuro das barricadas de 1830 até Luiz Philippe o rei-cidadão, a quem chamárão o Napoleão da paz, e a França chamou tambem trahidor de um futuro onde o rei só ia ser o garante da liberdade republicana, e que, dizião-no ao menos, e o povo assim o cria, elle jurára aos emissarios de Julho.

Sand, a duellista, a romancista fogosa que percorrêra a sós as ruinas dessa Italia, onde Byron fizera estacar Childe Harold sobre a cinza de tantas glorias, inda sonoras como aquelles rochedos que assombrão o viajor, ás margens do Orenóco, onde o frio da noite coando nas camadas inda quentes do dia, acorda melodias estranhas, como o vento do deserto ao raiar do sol nos labios do Memnon Egypciaco — Sand a peregrina que se apossára tanto de seu caracter viril, que nem ha (senão ás vezes, na febre de seus delirios feminis, no seu sentimentalismo apurado) clarear-lhe ao fundo a idéa da mulher — Sand, passada apenas do seu papel de Byron para o leito de amante daquelle cuja voz prophetica corrêra susurrosa

de augurios como um vendaval pelo ameaçar ruinoso do Christianismo que parecia desboroar-se, o poeta das *Palavras de um Crente* —, é certo um dos bellos themas da civilisação, talvez do estudo da febre progressista e dissoluta que lavra por essa França além-mar.

Bofé, que fôra bello estudar-lhe um a um os elementos philosopho-litterarios, ir buscar-lhe as inspirações na vida aventureira, no enthusiasmo excitado ás insomnias do poeta-rei, desse lord Byron, cujo ardente scepticismo calára no seculo como as lymphas calcáreas a reverem, suadas pelas estalactites gigantescas das grutas dos Andes, naquelles lagos negros onde o som da lagrima da abobada rebôa como um tombar grão a grão das arêas da ampulheta da eternidade. Áquelle que foi buscar nos elementos dos poemas de Musset a origem no Childe (que, se sobrarem-lhe horas irá indagá-los em alguns laureados da litteratura modernissima) não será inutil estudo a relembrança do poeta inglez nas harmonias selvagens de madame Dudevant.

Comtudo Sand não está tanto para Byron como Musset. Se lhe falta aquella melodia Lamartiniana, ha nella mais fogo, e aquella idéa funda que fazia dizer a Alphonse Karr na sua sêde de *originalidade :* « É preciosa cousa a individualidade. Fôra melhor nada ser e ser *si proprio*, que resumbrar a caricatura, ou a prova pallida de um grande homem : fôra desperança parecer com Voltaire, Napoleão ou Byron. »

Lavater, no retrato de Henrique Fuessil o pintor, tal-

vez entrevio J. Sand; por ventura não foi uma illusão dessa mulher o ver naquellas paginas o seu retrato. Lede *Lelia*, *Consuelo*, *Jacques*, *o Secretario intimo;* repassai vossa imaginação de algumas daquellas phantasias que lhe inspirárão o *Orco;* vêde após o retrato della; comparai-lhe as faces cheias, onde a côr se perde na pallidez branca, ao perfil emmagrecido do pintor Allemão — pensareis que J. Sand não se enganou com sua imagem. Vêde :

« A curva do perfil..... indica um caracter energico e sem peias.— A fronte, por seus contornos e postura vai melhor ao poeta que ao pensador — ha hi mais força que doçura, mais fogos de imaginação que o sangue frio da razão. O nariz semelha séde de um espirito audaz. A bocca promette um espirito de applicação e precisão : e comtudo custa-lhe o dar a derradeira mão á obra. A grande vivacidade leva-lhe de vencida sobre a attenção e exactidão de que o doou natura, e que se lhe vê inda nas partes de suas obras. As vezes mesmo se lhe topão lugares de um acabado de lavor, que singularmente lhe contrasta com o deleixo do todo. . . . .

. . . .

É-lhe mister commoção porque o arroubem... sua imaginação visa sempre ao sublime, e se embebe nos prodigios... É de ver-lhe nas figuras capitaes de seus paineis uma qual tensão, que na verdade não é vulgar, mas que elle alça frequente até a exagerar, inda a mal da razão. Ninguem amára com mais terneza : o sentir do amor se lhe pinta no olhar; mas a fórma e o systema ossoso do rosto assellão nelle pendor ás scenas terriveis, e aos actos de poder e energia que ellas exigem. — A natureza fê-lo para poeta, pintor ou orador..... »

Eis o que basta. Juntai-lhe toda a influencia do genio de Shakspeare e o da realidade de Lara, o mysticismo que o levava ao genio de Listz, Weber e Meyerbeer, aos estudos de analyse profunda de Lavater, aquelle caracter singular repassado inda em seu scepticismo de visões, de crenças no mesmerismo, do somnambulismo magnetico ao ponto em que Cagliostro talvez o cria o desregrado daquelle viver passado entre o ebrioso do latakia, nos cachimbos turcos, as inspirações da musica de Listz, aquella fronte calva e bella de Everard surcada das incisões perpendiculares que Lavater só leu nas altas capacidades, e o amor de Lamennais — e após as longas noites a só (bemvindos sonhos onde corrião bemvindas as sombras de Raphael e Tebaldeo os lindos) — o passado do *valle negro* — *os salgueiraes do rio* — as leituras ebriosas de Corinna, Atala, Millevoye e a Iliada — aquellas tantas mulheres de seus romances onde ella incarnou, na sua poesia italiana, sua alma de Arabe : ligai tudo isso n'uma idéa, n'uma individualidade — tereis J. Sand.

II

A *Revista de Edimburgo* anathematisou J. Sand. Pobre Revista de Edimburgo ! depois de Byron — como o Vaticano após Luthero — teus raios que são? Ali já não

é o romance que o jornal ataca; a critica vai além — a vida, a honra da pobre mulher é rojada ao leito de lama que o successor de Jeffrey lhe cavára com as mãos. Sand é ahi uma perdida; só lhe faltou a palavra Shakspeariana — o cynismo de Othello abafando Desdemona — chama-la *a whore...*

O Sr. Nisard convenceu-se mais do seu ministerio. Se a critica se ala nobre é quando homens daquelles a tratão, quando nas mãos de Sainte-Beuve, Th. Gautier, Chateaubriand, V. Hugo é ella o treslado de idéas philosophicas, e não a diatribe a rasgar com mãos impias o véo de vestal das creações da poesia. Embalde a resposta do romancista a Nisard, a expressão delle é verdadeira: a synthese dos livros da autora de *Valentin* e *Leonia* é o *egoismo dos sentidos*, a metaphysica da materia; o amante é o rei nos livros della, o marido se azumbra, sublimado apenas quando se sacrifica, como Jacques, aos prazeres de sua mulher com seu amante, e seja-nos licito aqui estender mais uma idéa do Sr. E. de Girardin no seu livro de Estudos Dramaticos — aquelle Jacques que veio dar o quarto desenlace ao romance dos amores cubiçosos de um estranho pela mulher casada (após Rousseau que o findára com a morte de Julia de Woldemar, Gœthe com o suicidio de Werther, Dumas com o assassinato de Adèle e a devoção de Antony o bastardo) com a morte voluntaria do marido. Ahi nesses volumes o casamento é um escarneo. Que importa *Simon* finde por um casamento *nem mais nem menos que um conto*

de Perrault ou de Mme d'Aulnoy, como o diz espirituosamente Mme Dudevant, e no *André* o pleito não vá mais pelo amor conjugal que pelo adultero? que importa? já não é bastante ir contra o casamento, igualar-lhe o sacrosanto com o amor adultero?

Não sou comtudo daquelles que se arripião com a desenvoltura de Sand —, Tartufo que suma virtuosamente a face nas mãos ante os thesouros da belleza. A poesia é a belleza : desde que o poeta se não enxurde no lodo da obscenidade, desde que o assumpto se lhe não desflóre em mãos torpes, seja embora a sua inspiração essa *metaphysica da materia* que mana de Don Juan e Lelia — que importa?

III

Aldo é um livrinho de poucas paginas. Para nós comtudo é — senão o primor de Sand — ao menos um prisma onde se lhe iríão os raios mais bellos da luz de seu genio.

Aldo é como Chatterton — um poeta que se acabrunha na miseria. Até ahi a idéa de Sand se funde na de Alfredo de Vigny; comtudo, na justa entre o melodioso cantor de Elòa, o suavissimo traductor do Othello (que na sua sobejidão de doçura resfriou porventura a belleza selvagem da creação, senão a mais sublime de Shakspeare

— talvez lhe anteponhamos a tragedia dos amores de Hamlet o sombrio e Ophelia a ensandecida, — ao menos a que mais influencia teve na litteratura do seculo XIX pelo acordar da theoria dos contrastes que o Sr. V. Hugo creu adivinhar entre Branca e Triboulet, Quasimodo e Esmeralda, Lucrecia Borgia a dissoluta e Lucrecia Borgia a mãi, — depois que Hoffmann a relembrára entre o anão de seus contos e a Bohemia linda[1]); como diziamos, na lide entre Vigny, melodioso ainda no sombrio e fatal de seu ideal de Chatterton, e Sand ardente, a esta devia caber o laurel. O Chatterton que teve quarenta representações seguidas apezar de seu nenhum interesse *dramatico*, aquelle primor do conde Vigny, bello no seu lugubre lyrismo ao genero dos cantos dialogados de Job, precioso como a Ode do poeta que morre no hymno de Gilbert — é comtudo uma sombra ante a riqueza de imaginativa da creação do Aldo.

O prefacio do Chatterton é tão bello quasi como o drama; o do Aldo entrevê-se na VIII das *Cartas de um Viajante* e na carta seguinte a Malgache. A idéa é a mesma — é o poeta que se debate na luta de Jacob com o anjo nas trevas. A alma zumbio áquelle enlace ferreo, e a arca estalou ao gladiador. Se no beijo de morte de suas illusões ella regelou-se como aquella mulher pallida que esmorece e se engelha de lividez de morte nos braços

[1] Questões ahi vão e muitas. Quanto á imitação pallida de Vigny, áquillo que Victor Hugo — de certo por complacencia — chamou *o Othello em toda a sua nudez africana*, em outro artigo fallaremos della.

do espectro no painel de Grienwald em Berne — eis-ahi o suicidio. *Despair and die* — eis a divisa do conde de Vigny : essa a lenda que se pudéra gravar aos dialogos do *Rimador*.

O enredo é um poeta de 18 annos que soffre ; — uma atmosphera que o abafa ; — uma mulher que ama sem saber, talvez sem querê-lo ; — um marido brutal que se tornou duro como os engenhos de suas machinas a vapor ; — um quaker que leva consolações a Chatterton ; — a Ketty Bell que mitiga a dureza d'alma de John Bell, e que abençôa sobre o cadaver de um moço e de uma pobre mulher, amante e pura a um tempo, as nupcias do céo.

IV

É simplissimo o enredo. — Inda mais simples se abstrahirmos delle o fabricante brutal que só entra para soltar o impeto de sua alma bronzeada, e serve de contraste ao suave da idéa de Ketty, molhando de lagrimas em segredo as faces de seus filhos. O primeiro acto é uma simples exposição — Ketty que chora junto ao santo Quaker — John Bell em furor que augmenta o trabalho, como se augmenta o fogo nas fornalhas de um vapor, sem lembrar-se que póde o engenho estourar — o homem de dinheiro que no seu orgulho inglez lá naquella

constituição anachronica equilibra á aristocracia e reune-se com ella para esmagar aquelle povo que o orgulho daquella nação aristocrata maldisse na palavra *mob* — e lamenta na ferida do braço de um operario o damno que o entalamento causou á machina.

Após do fabricante barbaro, é o marido brutal e grosseiro — o relevo está completo. De mais, é um quadro só, é uma medalha sem verso.

Depois é Chatterton. — Pallido, abatido, submisso ante os olhares da mulher que ama, ardente e enthusiasta ao cantar de seus poemas de Harold, á ironia que lhe remorde nos labios. A scena entre o Quaker e o moço é bella.

O segundo acto é o bafo da turba que dóe ao poeta.— É o hosanna do ebrio, louco Lord Talbot, e o sarcasmo do poeta. Depois é ainda a scena de amor, ainda as aspirações por aquella moça pallida

Pobre lyrio açoutado pelo vento!

e a febre que volta, e o delirio, a loucura, a risada estridula do doudo entre as lagrimas quentes. O dialogo que fecha o acto é soberbo. — E quando o Quaker falla no suicidio que Chatterton intenta :

KETTY BELL.

..... Oh! não quero que morra! Que fez elle? que quer? Um homem tão moço! que alma celeste! a bondade dos anjos! a candura tão infantil! uma alma tão clara de purezas cahir assim no crime dos crimes, naquelle que Deos hesitára per-

doar! Não, elle não se matará! Que lhe falta? Dinheiro? Pois bem, eu tê-lo-hei — acha-lo-hemos algures! Tomai, tomai, eis joias que nunca ousei trazer — tomai-as, vendei-as. Matar-se! ali! diante de meus filhos!...

. . . .

Quando todo aquelle amor de mulher rola até a idéa do sacrificio da honra pela vida delle, dizei : não é sublime aquella alma de anjo, que desceria do céo por aquelle pallido moço? — não vos alembrais ante ella do mysticismo da Eloa sacrificando-se por Satan o perdido — como Klopstock a entrevio, como Vigny joven sonhou no seu poema?

O acto 3° é o primor da peça — É na alcova de Chatterton « sombria, estreita, pobre, sem fogo — a enxerga miseravel e o leito em desordem. »

O monologo é rico — desse acto —; traduzirei duas amostras dos dous monologos de Chatterton. Á primeira representação dessa peça, na *Revista dos Dous Mundos* sahio um bello artigo que lhe analysa o enredo e o desenvolvimento. Para o mais lá reenviamos ; — toda a vez que o leitor passar os olhos por aquelle tombo de bellos escriptos, certo lucrará.

SCENA I

CHATTERTON.

Certo ella me não ama... e eu? nem quero mais pensa-lo. Tenho as mãos em gelo, e a cabeça me queima. — Eis-me só em frente do meu trabalho. Não se trata de sorrir e parecer

bom! saudar e apertar mãos alheias — toda essa comedia representei: começo outra a sós comigo. Preciso agora que minha vontade seja valente assaz, porque me empolgue a alma, e a leve do cadaver resurgido de meus heróes evocados, ao phantasma daquelles que invento! E ante Chatterton doentio, ante Chatterton que tem frio e fome, minha vontade assente um outro Chatterton a esmero ornado pelo prazer do publico, e que esse descreva o outro; o trovador pelo mendigo. Eis duas poesias possiveis, nem mais longe que isso! Acordar-lhes sorriso ou piedade — fazer brincar miseraveis bonecos, ou sê-lo mesmo, e fazer trafico desse arremêdo! Abrir o coração por expô-lo á venda n'um balcão! Se avermelhão chagas, melhor! mais lhe sobe o preço: quanto mais mutilado, mais lhe pagão!

(Ergue-se.)

Ergue-te, creatura de Deos feita á sua imagem! e admira-te ainda nessa condição!

(Ri e assenta-se. Um velho relogio sôa meia hora.)

Não! não!

A hora adverte: senta-te, trabalha, desgraçado!

Perdes o tempo imaginando; não ha scisma por idear senão que és um pobre. — Ouves-lo bem? um pobre!

Cada minuto de recolhimento é um roubo que faço, é um minuto esteril.— Que importa a idéa, grande Deos! o que val é a palavra. Ha tal palavra que póde subir até um shilling: o pensamento não corre na praça.

Oh! além! além! desanimo gelado, eu t'o peço.

Desdem de mim proprio, não me acimes á perdição! Volta-te, volta-te! pois agora meu nome, minha alcova — tudo é sabido; e se amanhãa esse livro não fôr comprado, estarei perdido — perdido! — e sem esperança! Preso, julgado, condemnado, e lançado na masmorra!

Degradação! vergonhoso trabalho!

(Escreve.)

E' certo que essa moça nunca me amará. — E não posso eu deixar de pensar nisso?

(Longo silencio.)

Pouco orgulho tenho em lembra-la ainda.— Mas, digão-me: de que terei orgulho? Não tenho lugar nenhum em classe alguma. — E' certo que a soberba nativa é que me aviventa. Ella me brada sempre aos ouvidos que não dobre nem tenha visos desgraçados.— E para que se finge a ventura quando ella é morta? Creio que para mulheres. Representamos todos ante ellas.— Pobres creaturas! Sonhão-te um solio, ó publicidade! vil publicidade! tu o pelourinho onde o profano que passa nos esbofetêa! — As mulheres amão aquelle que se não curva ante ninguem. E, pelo céo! tem razão! — Ao menos aquella que tem olhos sobre mim me não verá abaixar a cabeça. — Oh! se ella me amára.....

(Entrega-se a longo scismar — de que sáe violento.)

Escreve pois, desgraçado, acorda tua vontade! — Porque fraquêa-te? Não havê-lo podido arrojar ainda, esse espirito rebelde que ella esporêa e que estaca? Humilhação nova para mim! Té aqui eu a vira despear-se ante o Senhor; até hoje era-lhe mister o bridão, esta noite é o acicate. — Ah! ah! immortal! Ah! ah! o duro senhor do corpo! Espirito soberbo, engéla-te por ventura esse miseravel nevoeiro que penetra no quarto destruido? basta-te, orgulhoso, um pouco de vapor frio para vencer-te? —

(Lança sobre os hombros a coberta do leito.)

Que espessa nevoa! Estende-se fóra de minha janella como uma cortina branca — ou um sudario. — Pendia assim da janella de meu pai na noite de sua morte!

(O relogio dá tres quartos.)

Ainda! e o tempo corre! e nada escripto!

(Lê.)

Harold! Harold!... ó Christo! Harold!... o duque Guilherme... E que me importa esse Harold, eu vo-lo pergunto? Nem posso entender como escrevi isto!

(Rompe o manuscripto ao fallar. — Descahe no delirio.)

Fingi-me catholico : menti. Se eu fosse catholico, eu me fizera monge e cartuxo. Um cartuxo tem por leito um ataúde, mas ahi ao menos dorme. Todos os homens tem um leito onde durmão — eu tenho um onde trabalho por dinheiro.

(Leva a mão á cabeça.)

Onde vou? onde vou? A palavra leva de rojo a idéa á força... O' céo! a loucura não lavra assim? Eis com que assustar os mais valentes... Eia! calma-te...— Eu relia isto... sim... Este poema não é bello de certo... Escripto muito a correr... escripto para viver!... oh! supplicio! A batalha de Hastings! os velhos Saxões!... os jovens Normandos!... Interessei-me eu nisso? não. Porque pois fallei-o? Quando tanto havia a dizer sobre o que vejo!

(Ergue-se e passêa a passos largos.)

Ir acordar cinzas frias, quando tudo treme e soffre ao pé de mim! quando a Virtude chama a si em soccorro, e esperéce ás lagrimas; quando o pallido trabalho paga-se a desdem : quando a Esperança perdeu sua ancora, a Fé seu calix, a Caridade seus pobres filhos; quando a lei é athéa e corrupta como a manceba; quando a terra grita e pede justiça ao poeta contra aquelles que a escavão por ouro, e dizem-lhe que ella póde viver sem o céo!

E eu! eu que o sinto, não responderei? Sim, pelo céo? responderei! Zurzirei com o latego os máos e os hypocritas! Rasgarei o véo a Jeremiah, Miles e Warton.

Ah! miseravel! Mas... é a satyra! tornas-te máo!

(Chora com désanimo.)

Escreve antes sobre essa bruma que ahi te estaca á janella como á de teu pai.

(Pára. Toma uma caixa de rapé na mesa.)

Ei-lo, meu pai! — Eis-vos! Bom e velho marinheiro! Livre capitão de alto-bordo, dormieis á noite vós! e de dia pelejaveis! — não ereis um Pariá intelligente como vosso pobre filho se fez. Vêdes? vêdes esse papel branco? Se não estiver cheio amanhãa, irei preso, meu pai; e não tenho na cabeça uma palavra para ennegrecê-lo, porque tenho fome! —Vendi, para comer, o diamante que estava aqui, sobre essa caixa, como uma estrella em vossa fronte bella. E agora não o tenho mais — e tenho fome. E tenho tambem vosso orgulho, meu pai, que faz que não confesso a mingua. Mas vós que ereis velho, e sabieis que é mister dinheiro para viver, e que não o tinheis para herdar-m'o, para que me creastes?

(Atira a caixa. — Vai-lhe após, ajoelha-se e chora.)

Ah! perdão! perdão, meu pai! meu velho pai de cabellos brancos! Tantas vezes me beijastes sobre vossos joelhos! Foi minha culpa; mas eu vo-lo asseguro, meu nome não irá á prisão! Eu vo-lo juro, meu velho pai! Eia! eia! aqui está opio! Se tenho fome de mais... não comerei, beberei.

(Arrasa-se em lagrimas sobre a caixa do retrato.)

Alguem sóbe pesadamente minha escada de páo. Escondamos esse thesôuro.

(Esconde o opio.)

E porque? Então não sou livre? mais livre que nunca? — Catão não escondeu a espada. Fica-te como és, Romano, e olha de frente.

(Põe o opio sobre a mesa.)

O 2º monologo é o canto do suicida — sombrío vai o accento nos labios do moço. São dezoito annos — é uma aurora da vida que se mergulha — uma lua de ouro que por ventura ergueu-se bella, mas que a sombra da tempestade veio obumbrar...

...... Salve! Primeira hora de repouso que provei na vida! Ultima da minha vida, aurora do dia eterno! salve! — Adeos humilhações, odios, trabalhos degradantes, incertezas, angustias, miserias, torturas do coração — adeos! Se soubessem! se soubessem a felicidade que tenho, não duvidarião muito...

A ultima scena, como toda a peça, não tem nenhum interesse dramatico. Ha comtudo ahi aquelle pairar de uma nuvem que se ensombra e ennegrece pouco e pouco e baixa mais medonha — como na tragedia grega. — Não é o lyrismo brilhante ao geito do scintilhar da poesia de Victor Hugo, aquelle fervor que lhe corre nos dialogos, não — é a agonia do suicida que o opio repassa — é ainda a melodia.

V

ALDO.

O que no drama de Vigny fôrão quellas scenas 3ª do 2º; 4ª, 5ª, 6ª do 3º acto para Chatterton — aquelle con-

tacto do mundo que lhe electrisa um escarneo — é o preludio da phantasia de Sand. Tickle o anão é o symbolo epigrammatico do mundo — aquelle *Demos* caricáto que Parrhasio o Grego expuzéra como um sarcasmo, talvez como uma vingança, ao povo de sua patria.

A scena 2ª é o monologo de Aldo. — É a sensibilidade de Vigny a fundir-se no gosto de sensações fortes, daquella que bebêra em Lara e Corsario as brilhantes idéas. Se não fosse tão longa, eu aqui traduziria toda essa scena de solidão. Darei ahi algumas idéas que mais sobresahem — ...

Tenho n'alma só a dôr; é preciso que dê pastío ás minhas dôres... Rir-te-has talvez! Se o alaúde molhado e solto por minhas lagrimas dér o som mais fraco, dirás que todas as minhas cordas desafinão, que não sinto o meu mal!... Quando eu sinto a fome devorar-me as entranhas! a fome — a tortura dos lobos!...

. . . .

Aquelle que nasceu filho de rei, histrião ou algoz, é força que siga a vocação hereditaria?...

. . . .

Vinde, eia, corvos avidos de meu sangue! abutres carniceiros! Eis Aldo que fallece de afan, de tedio, de miseria e opprobrio. Vinde cavar-lhe as visceras, e saber o que ha de soffrer n'um homem — vou ensinar-vo-lo, porque jante amanhãa... oh miseria — antes, infamia!

(Senta-se diante da mesa — prosegue.)

. . . .

Aqui estão estancias á minha amante... Vendi por tres guinéos um romance sobre a rainha Titania; isto vale mais, e

publico nem o verá... Mas posso vendê-lo por tres guinéos! O duque de York prometteu-me sua cadêa de ouro se eu lhe fizesse versos para a amante... Sim — Lady Mathilde é morena, esbelta : esses versos pudérão ter sido feitos para ella; tem dezoito annos — a idade de Jane — Jane! vou vender teu retrato escripto por mim, trahir-te os mysterios da belleza, revelados a mim só, confiados á minha lealdade, a meu respeito; vou contar as volupias com que me embriagaste, vender a bella roupagem de amor e poesia que te fizera, para que vão cobrir seios de um'outra. Esses elogios á santa pureza de tua alma subiráõ como vã fumaça sobre o altar de deosa estranha : e essa mulher a quem terei dado teu rubor de faces, a alvura de tuas mãos, vão idolo que eu adornára com teus cabellos castanhos, e o diadema de ouro cinzelado por meu genio, — essa mulher, que lerá sem pejo a seus amantes, a suas confidentes as estancias escriptas para ti, é uma mulher sem brio, a femea de um cortezão, o que se chama *uma cortezã!* Não, não te venderei as joias, e os enfeites, oh minha Jane! Singela moça que me amáras por meu amor, e nem sabes o que é um poeta. Não te orgulhaste de meus louvores, não entendeste meus versos : pois bem! guarda-los-hei! — Um dia talvez... no céo — fallarás a lingua dos deoses — e me responderás, pobre Jane!...

Que tenho? Nada fiz, e desfalleço! meus olhos, tenho-os turvos... Choraria? a barba está humida... Sim, ha lagrimas nas estancias a Jane... Chorei inda agora pensando nella — nem o percebêra. Ah! choraste, pobre cobarde? amollecido em contar a tua dôr quando podias escrevê-la, e comprar o pão de tua mãi — eis-te exhausto como a lampada á manhãa, pallido como a lua ao seu poente. . . . .

. . . .

Frio maldito! Céo de gelo!... Se eu pudesse escrever alguma cousa! Algum bom remoque ao inverno e aos friorentos. (A voz

lhe enfraquece.) Uma satyra sobre os narizes vermelhos... (Pausa.) Um epigramma sobre o nariz do arcebispo sempre rôxo após da ceia... (Pausa.) Uma canção, isto me acordará; se eu puder rir, eis-me salvo... Ah! o maldito manto de gelo que a meia noite me gruda nos hombros! Rimemos... encantador vento de Dezembro, que me assopras nas fontes, inspira-me...

Monsenhor de Cantuaria...
(Pausa.)
E vermelho apoz do vinho...

Vermelho não me agrada...

Sempre bello...
É sublime após do vinho...
(Dorme e falla dormindo com voz confusa.)
Monsenhor de Cantuaria...

O moço adormece. Meg (a velha) nas trévas entra no quarto tiritando, a meio envolta nas cobertas do leito, e arrasta-se ao longo dos muros, tacteando. A scena entre a velha surda e Aldo adormecido e fallando é muito original—lembra aquelle genio sublime de Shakspeare que lhe inspirára a noite horrivel de somnambulismo de lady Macbeth.

Aquella velha mulher no escuro, tremendo de frio, pendendo as faces resequidas sob as melenas brancas a se lhe espalharem no collo assuéto e mirrado, batendo as gengivas rôxas e desdentadas, aquelle olhar turvo, os pés nús e frios, a fraqueza que se lhe apossa d'alma, sen-

bom! saudar e apertar mãos alheias — toda essa comedia representei: começo outra a sós comigo. Preciso agora que minha vontade seja valente assaz, porque me empolgue a alma, e a leve do cadaver resurgido de meus heróes evocados, ao phantasma daquelles que invento! E ante Chatterton doentio, ante Chatterton que tem frio e fome, minha vontade assente um outro Chatterton a esmero ornado pelo prazer do publico, e que esse descreva o outro; o trovador pelo mendigo. Eis duas poesias possiveis, nem mais longe que isso! Acordar-lhes sorriso ou piedade — fazer brincar miseraveis bonecos, ou sê-lo mesmo, e fazer trafico desse arremêdo! Abrir o coração por expô-lo á venda n'um balcão! Se avermelhão chagas, melhor! mais lhe sobe o preço: quanto mais mutilado, mais lhe pagão!

(Ergue-se.)

Ergue-te, creatura de Deos feita á sua imagem! e admira-te ainda nessa condição!

(Ri e assenta-se. Um velho relogio sôa meia hora.)

Não! não!

A hora adverte: senta-te, trabalha, desgraçado!

Perdes o tempo imaginando; não ha scisma por idear senão que és um pobre. — Ouves-lo bem? um pobre!

Cada minuto de recolhimento é um roubo que faço, é um minuto esteril.— Que importa a idéa, grande Deos! o que val é a palavra. Ha tal palavra que póde subir até um shilling: o pensamento não corre na praça.

Oh! além! além! desanimo gelado, eu t'o peço.

Desdem de mim proprio, não me acimes á perdição! Volta-te, volta-te! pois agora meu nome, minha alcova — tudo é sabido; e se amanhãa esse livro não fôr comprado, estarei perdido — perdido! — e sem esperança! Preso, julgado, condemnado, e lançado na masmorra!

Degradação! vergonhoso trabalho!

(Escreve.)

E' certo que essa moça nunca me amará. — E não posso eu deixar de pensar nisso?

(Longo silencio.)

Pouco orgulho tenho em lembra-la ainda.— Mas, digão-me: de que terei orgulho? Não tenho lugar nenhum em classe alguma. — E' certo que a soberba nativa é que me aviventa. Ella me brada sempre aos ouvidos que não dobre nem tenha visos desgraçados.— E para que se finge a ventura quando ella é morta? Creio que para mulheres. Representamos todos ante ellas.— Pobres creaturas! Sonhão-te um solio, ó publicidade! vil publicidade! tu o pelourinho onde o profano que passa nos esbofetêa! — As mulheres amão aquelle que se não curva ante ninguem. E, pelo céo! tem razão! — Ao menos aquella que tem olhos sobre mim me não verá abaixar a cabeça. — Oh! se ella me amára.....

(Entrega-se a longo scismar — de que sáe violento.)

Escreve pois, desgraçado, acorda tua vontade! — Porque fraquêa-te? Não havê-lo podido arrojar ainda, esse espirito rebelde que ella esporêa e que estaca? Humilhação nova para mim! Té aqui eu a vira despear-se ante o Senhor; até hoje era-lhe mister o bridão, esta noite é o acicate. — Ah! ah! immortal! Ah! ah! o duro senhor do corpo! Espirito soberbo, engéla-te por ventura esse miseravel nevoeiro que penetra no quarto destruido? basta-te, orgulhoso, um pouco de vapor frio para vencer-te? —

(Lança sobre os hombros a coberta do leito.)

Que espessa nevoa! Estende-se fóra de minha janella como uma cortina branca — ou um sudario. — Pendia assim da janella de meu pai na noite de sua morte!

(O relogio dá tres quartos.)

bom! saudar e apertar mãos alheias — toda essa comedia representei: começo outra a sós comigo. Preciso agora que minha vontade seja valente assaz, porque me empolgue a alma, e a leve do cadaver resurgido de meus heróes evocados, ao phantasma daquelles que invento! E ante Chatterton doentio, ante Chatterton que tem frio e fome, minha vontade assente um outro Chatterton a esmero ornado pelo prazer do publico, e que esse descreva o outro; o trovador pelo mendigo. Eis duas poesias possiveis, nem mais longe que isso! Acordar-lhes sorriso ou piedade — fazer brincar miseraveis bonecos, ou sê-lo mesmo, e fazer trafico desse arremêdo! Abrir o coração por expô-lo á venda n'um balcão! Se avermelhão chagas, melhor! mais lhe sobe o preço: quanto mais mutilado, mais lhe pagão!

(Ergue-se.)

Ergue-te, creatura de Deos feita á sua imagem! e admira-te ainda nessa condição!

(Ri e assenta-se. Um velho relogio sôa meia hora.)

Não! não!

A hora adverte: senta-te, trabalha, desgraçado!

Perdes o tempo imaginando; não ha scisma por idear senão que és um pobre. — Ouves-lo bem? um pobre!

Cada minuto de recolhimento é um roubo que faço, é um minuto esteril.— Que importa a idéa, grande Deos! o que val é a palavra. Ha tal palavra que póde subir até um shilling: o pensamento não corre na praça.

Oh! além! além! desanimo gelado, eu t'o peço.

Desdem de mim proprio, não me acimes á perdição! Volta-te, volta-te! pois agora meu nome, minha alcova — tudo é sabido; e se amanhãa esse livro não fôr comprado, estarei perdido — perdido! — e sem esperança! Preso, julgado, condemnado, e lançado na masmorra!

Assaz tardei, meu Deos! ha muito que balanceio á bocca do sorvedouro sem fundo da eternidade! Porque tremi? tremi! Foi pavor que te deteve, Aldo?... Não, o dever. E comtudo, agora ainda porque oravas áquella donzella porque te conservasse a vida, dando-te a sua? Nada devias a ninguem, e querias viver! cobarde criança! pedias o amor com lagrimas! Pediaslo a uma camponeza imbecil, quando é n'um mundo desconhecido que deves busca-lo! Quem te sustem? a duvida? e não mais vale a duvida que o desespero? Lá emcima a incerteza, aqui a realidade. A escolha póde ser duvidosa? Vai pois, Aldo! desce aessas vagas profundezas, ou remonta a esses espaços inapprehensiveis. Deos te proteja, se lhe vales a pena; dê-te ao nada, se tua alma é um sopro do nada!....

Adeos, leito onde tão mal dormi! Adeos, mesa dura e fria onde concebi versos ardentes! adeos, fronte livida de minha mãi, onde tantas vezes investiguei com ancia os estragos do soffrimento e as ultimas lutas da vida prestes a apagar-se! Adeos, esperanças de gloria! adeos, esperanças de amor que me mentieis! rebento as malhas da rede onde tão longo me foi o captiveiro ridiculo! Vou alevantar-me a vossos olhos, quebrar um jugo que me envermelhece de pejo... Adeos!...

Dizei-me, vós que vistes passar ante vós n'alguma noite de febre aquellas visões de Agandecca na barca magica, e a fronte pallida e bella do mancebo sobre o peito da rainha — e aquelle afastar de uma gondola pelas aguas — e aquella solidão de um cadaver insepulto no chão do quarto deserto; vós que talvez então lembrastes as phantasias de Shakspeare no conto da «Noite de inverno» e no sonho da «Noite de Verão», aquelles risos de Titania a fada e a voz de Oberon e as melodias

de Ariel : — não é sublime aquella creação dos amores do poeta e da soberana, aquelle amor languido do mancebo e aquelle sentimento da mysteriosa rainha?

Ah! o amor do poeta é o perfume das rosas humidas da vallada, é o sanctuario mysterioso onde a lampada santa não descora nas sombras do nicho. — « O amor é nelles o principio da vida; empallidecem, soffrem, morrem, se vão ferir-lhes a sensitiva da ternura delicada e tímida. — Uma palavra, um olhar — e o seio lhes bate de gozo. Que importa que a lyra do amante só tenha uma corda e um som, e o pobre poeta seja bello e monotono como a lua da meia noite? »

ALDO.

A lua é melancolica : facil vos é cerrar as janellas e accender os lustres quando sua claridão macilenta vos importuna. Porque ir sonhar pelas veigas á noite? Ficai no baile : a bruma e o raio frio das estrellas não vos irão entristecer nos salões delirantes de rumor e luz.

AGANDECCA.

. . . .

Ficai-vos pois com vosso genio, meu caro poeta. As estrellas se ateião no céo : brisa da noite vagueia mansa por entre flôres : sonhai, cantai, suspirai. A fachada do meu palacio se illumina, e o som dos instrumentos preludia o banquete nocturno. Vou brindar-vos entre meus convivas com a taça de ouro, e fallar de vós a homens que vos admirão. Permanecei aqui, debruçai-vos sobre esse balaustre, e conversai com as sylphides — se não me acharem indigna de uma lembrança, fallai-lhes de

mim...... Mas que!... Beijastes tristemente a minha mão, e rolou sobre ella uma lagrima... Vinde — que vos beije essa fronte bella : — seccai as lagrimas e tornai cêdo a mim.

Chatterton morria ao desespero; — aquelle ar mephytico da velha Inglaterra, aquelle organismo desvernado pela febre mais ardente de dezoito annos de mancebo, todos aquelles ardores de um peito envelhentado á erosão da molestia sombria que á fome e á miseria descóra pelas faces a ethiguidade que preludia a morte .... — Quando Aldo por aquella fria noite de inverno curvava a sua cabeça no abysmo do suicidio, e ia reviver de sua febre no mergulhar dos cabellos naquellas ondas negras, a idéa de morte que lhe vagava pela fronte era uma idéa de desesperança como a de Chatterton; porém quando elle só, nos terraços do palacio da rainha se prepara á morte, quando elle titubêa entre sua sêde de sonhos e seu tedio de vida, em meio áquellas sombras vem ainda o hymno da saudade.

E comtudo eu tomára meu partido pela ultima vez! Venturas que eu não achára nem no ouro, nem nas glorias, busquei-as no coração de uma mulher e esperei. — Aquella, disse eu, veio tomar-me pela mão, da ribanceira do rio onde eu ia morrer; levou-me em seu magico batél, deu comigo no mundo de prestigios que deslumbrou-me, enganou-me — mas ao menos ella revelou-me alguma cousa de verdadeiro e bello, o seu proprio coração. Se os inanidos phantasmas de meu sonho

breve esvaecêrão-se, é que ella era uma fada, e seu condão sabia evocar mentiras e maravilhas... E ao cabo da viagem acha-la-hei a verdade após sua nuvem de fogo — belleza núa que indaguei sublime, que adorei atravéz de todas as falsías da vida e cujo raio esclarecia o trilho em meio dos recifes onde os outros estalavão o crystal puro de sua virtude. Fantasmas que nos illudís, sombras celestes que seguimos nas nuvens, que nos fazeis correr após vós sem olhar onde assentamos os pés, — porque revestir fórmas sensiveis, disfarçar-vos em mulheres? Chamai-vos a verdade, a belleza, a poesia, — e não Jane, Agandecca, o amor.

E apôs o enthusiasmo o somno marasmado do sarcasmo que delira — se entremeia a todo aquelle queimôr de um coração que espalha em versos candentes aos threnos do anjo melodioso das inspirações — afoga tudo que nos banha os olhos em lagrimas, tudo que nos perfuma de harmonia com os orvalhos das azas tremulas, tudo aquillo emfim que faz que « a poesia não é o mero empyrismo de ajuntar palavras. »

ALDO.

. . . .

Morre pois, cobarde! É tempo de acabar com isso. Assaz corcoveaste aos acicates da necessidade : os flancos te sangrárão — e nem um passo além!... Ai de mim! ai de mim! Morrer, é horrivel! Se fosse só desangrar, desfallecer, tombar — mas não é isto! Se fosse levar a cabeça ao machado, penar a tortura, emparedar-se vivo no frio do tumulo!... Mas é peior ainda, é renegar das esperanças, renegar do amor, pronunciar a sentença do nada sobre todos aquelles sonhos ebrios que nos

illudião! renunciar aos raros instantes de voluptuosidade que fazião presentir a ventura e erão-na quiçá!

E na verdade um dia, uma hora da vida, não é bastante, não é de sobra? Agandecca! Tu me disseste palavras que valião um anno de glorias, tu me déste transportes que valião mais que um seculo de descanso. Essa noite, amanhãa tu me darias um beijo que apagaria todas as torturas da minha vida e fizera de mim o rei da terra e do céo. . . . . . .

. . . .

Lua... brisa da noite... Cala-te, poeta; és um louco. — Quem te vale um adeos? Quem te dará uma saudade?

A ultima scena é a passagem de mysterio, é a nevoa que abraça nos seus seios o arcano do drama. É o Dr. Acroceronius que passa pelos pomares de palacio : a noite deslisava bella, e da montanha de Lego ia o ancião contemplar o eclypse da lua. O astrologo e o poeta caminhão juntos pela senda da vallada; ha um iman de attracção que enlaça a sciencia e a poesia. A poesia é a analyse – a sciencia é a synthese; a poesia o prisma — a sciencia a belleza núa. A poesia e a sciencia abraçadas são a vida e a luz — a taça bella onde o vinho do saber se aroma dos méis do sentimento...

Talvez a critica achasse que morder no desenlace daquella idéa; talvez que um riso lhe viesse ao desvairado daquella imaginação terminando seu mystico drama como Alexandre Dumas tinha de findar o conde de Monte-Christo — por um mysterio... Aldo o bardo perdendo-se

na sombra do arvoredo na conversa do velho ledor de vaticinios pelas deshoras da noite no livro das estrellas, é como aquella figura pallida de Edmundo Dantes o amante, o prisioneiro de If que rompêra sua mortalha pela solidão do mar alto — o conde de Monte-Christo vingativo adormecendo no collo de Haydéa Grega como o corsario com aquella têz pallida ás suas idéas sanguentas, requeimada aos sóes do mar da Grecia — nas fórmas voluptuosas e núas, na vertigem dos beijos de Medora ardente.

5 de maio de 1850.

CARTA

SERVINDO DE

PROLOGO AO DISCURSO RECITADO NA SOCIEDADE

ENSAIO PHILOSOPHICO

MEU PAI E AMIGO

S. Paulo, 3 de julho de 1850.

. . . .

A proposito do manuscripto do discurso, duas palavras :

Não é intenção nenhuma politica a minha nelle. — Este discurso não é mais que o desenvolvimento da idéa esboçada no do dia 11 de Agosto. Fallei ahi na missão das academias — fallo neste da influencia politica dessa missão. Até ahi não mais do que uma deducção de idéas. Quanto ao que fallei sobre instrucção publica, sobre o

deleixo dos governos de todos os credos no Brasil, bem se vê que nisso não ha idéa nenhuma de liberalismo exagerado, e muito menos de republicanismo. As minhas idéas sobre politica resumem-se em querer menos palavras e mais convicções — menos alarido de liberalismo e mais instituições assclladas delle. Não digo se a Constituição é boa ou má — ninguem até hoje póde dar opinião definitiva sobre isso : a Constituição tem sido atirada por todos, e em todos os tempos, para todos os lados, desde que não tem servido de instrumento para os partidos — e isso não foi só feito pela lei de 3 de Dezembro. O que lamento é que a Constituição garanta instrucção primaria, e que ella não se dê — que ella garanta Universidades, e que ninguem cure de realisar a maxima fundamental. Creio portanto que não ha esperar a realisação daquillo que sonhou o imperial constituinte e que não pôde objectivar — o esparzimento de luz scientifica pelas massas, o que as fizesse erguer como as estatuas de argila de Prometheu — da parte ao menos dos governos : e por isso o unico elemento donde eu posso esperar alguma cousa a esse respeito são as academias. — Theoria é essa que, repito, nada tem de revulsiva.

. . . .

DISCURSO

PRONUNCIADO

NA SESSÃO DA INSTALLAÇÃO DA SOCIEDADE ACADEMICA

ENSAIO PHILOSOPHICO

EM 9 DE MAIO DE 1850

Senhores.

É por ventura uma ousadia temeraria a daquelle que se levanta de sua obscuridade, para vir fallar entre vós — em merito o derradeiro de vós todos; a daquelle que se desroupa dos andrajos de sua pobrêza litteraria, por tomar a tunica sublime do missionario do progresso: é talvez insania, quando Deos lhe não assellára, pela febre das noites de insomnia, a aristocracia soberba do genio.

Porém, senhores, quando uma nação nova se parte entre o resonar das modorras ultimas sob um despotismo que, assim como a arvore da mancenilha, ulcerou de le-

pra a quantos lhe dormírão á sombra — e os primeiros bafejos do vento reçumado de esperanças, como o perfume, que expirava ás luas da America dos cabellos humidos da Atala do deserto; — agora, senhores, que o ultimo pesadelo do scepticismo de um seculo, que Byron traduzira na Odysséa do Childe Harold, se desfaz no viver novo de uma nação, que talvez ahi se levanta com a fronte borrifada de crenças; agora que a mocidade cheia de aspirações se identifica nas idéas de porvir litterario : perdão áquelle que vem com a cabeça descoberta, em sua nuez ingloria, apontar-vos o que por certo já devassáreis a olhares longos. Perdão pois á insania do pastor errante, que ao despertar nas quebras das serranías, galgou o topo dos Andes, por alembrar aos condores — que o sol já avermelha de coraes as faces da noite, e as aves acordão no susurro das folhas, que as florestas tremem, os frescos do orvalho se desnevoão, e os ventos nos mares, e o oceano nas cavernas resoão os hosannas da antemanhãa.

Quando a antiguidade macilenta se recovava no seu tumulo, e a fronte escalvada e velha se lhe resiccava na solidão como o craneo perdido do Beduino aos ardores do areal, e as ossadas gigantéas lhe estalavão ao passar entre nitridos o cavallo sanguento de Attila o selvagem — na agonia da Roma prostituta dos Cesares, quando aquella anciã civilisação tressuava de afan, e escaldava na febre da insania, como o velho rei Shakspeariano, apertando a seu peito myrrado o cadaver de Cordelia; por aquelle chão quente de mortualha e aberto de sepulchros

passou um acto de um grande drama. Em meio ao retumbar de um echo — fatal e terrivel, como o dos cabeços folhudos das serras da Phocida debruçados ao passar da tempestade — agoureiro e lugubre como a voz que bradava nas trevas pelos mares da Sicilia « os deoses morrêrão! »; ao erguer-se brilhante de luzes, como a noiva das nupcias eternas de Deos, a madrugada de Bethlem a perfumosa, sobre os cumes desertos da Roma do paganismo — a Niobe das nações, na dicção Byronica; naquelles combros de ruina, surgio uma turba de homens novos.

Era uma raça de frontes abaçanadas e de olhares onde o fogo da inspiração lampejava como as nuvens pelo cinabrio dos céos do Oriente. — Era a raça daquelles que seguirão o Homem-Deos do deserto ao Calvario; que baptisárão as fontes na chuva de sangue, e na agua suarenta, escoada de um cadaver pelo cedro de uma cruz; que se chrysmárão nas lagrimas de Magdalena do remorso, e herdárão-se do Christo na pallidez das faces e na lava de eloquencia dos labios.

Ahi, senhores, eu vos mostrarei um grande exemplo para afoutar-vos. Poucos desherdados de patria, de quem a plebe romana ria como a insensatos, e a cujas agonias jubilára, debruçada nas arêas santas do Colyseo — poucos vierão : e breve aquelles que perpassavão curvos o muro da cidade imperial — sacudindo-lhe á porta o pó das sandalias, como o dissera o preceito de Deos — breve erguêrão as frontes sublimes das grimpas das sete colli-

nas. As pantheras da Nubia e os leões treinados em cèvo feroz ao dolamber, ás ruinas destorroadas de Carthago, os ultimos saibos de sangueira nas lageas rotas e lavradas do incendio — tinhão rolado no arrepio de seus urros, no afan dos somnos da saciedade, sobre as ossadas, a muitos dos que orárão outr'ora, lado a lado, com os homens das catacumbas sobre os sepulchros dos martyres. Mas o salpicar do pó funerario tinha sido orvalho áquella palmeira altiva do Christianismo, que, bem como o freixo Ygdrasil da crença do norte, tendia a ligar céo á terra. Rompei a mortalha negra ao passado, esbatei no rosto áquelle cadaver o clarão do lampadario da sciencia : e elle evocado — como os mortos aos sortilegios agourentos da feiticeira lívida de Lucano, o Homero miltonico do morticinio liberticida de Pharsalia — vos contará muitas de suas lendas memorandas. E por todo aquelle relembrar, vê-las-heis sempre laureadas e deslumbrantes de gloria — as sociedades de homens unidos peito a peito n'uma sêde de amor aos pés de Deos.

Vêde. A humanidade ergueu muita vez de sobrancaria a fronte remoçada ás caudaes de luz, manadas dos cenaculos. Dessas turbas de irmãos que se vão ás montanhas — como os discipulos, na escuridão das ladeiras inda vermelhas do Golgotha — passar as noites medonhas de barbaria aguardando as alvas das civilisações futuras; dessas communidades de mancebos resvala sempre muita luz de esperança, muita aureola de claridão. Dahi se erguem muitas frontes pallidas, onde fundo borbulha o

genio, abatidas como ao peso de nuvens ardentes, offuscadas como ás evocações phantasticas das agoniadas iniciações do apostolado; e que inda febrís daquellas deshoras em que as visões correm—descabelladas e sanguentas, como as rondas lividas de Holbein — sonhão, e crião as revoluções de 1789 e 1830.

O carro do progresso porque rode ha mister do impulso daquella onda perfumosa que se acorda iriante aos sonhos do poeta, ás lucubrações da philosophia. A aridez dos estudos historicos se apura no balsamico das inspirações que vem impregnar de perfume aquellas tradições. O direito, a philosophia, tudo se abrilhanta nesse prisma de ideas. É Lerminier — Lerminier aos vinte annos — arrebatando nas torrentes de seu enthusiasmo a mocidade franceza de então, onde a philosophia do seculo XIX e a poesia liberal contemporanea, no parecer de Capefigue, produzírão a insurgencia de idéas que fez a quéda da restauração bourboniana, como a philosophia e litteratura do seculo XVIII fizerão a da França monarchica por direito divino.

É quando todo o nosso paiz vacilla entre fórmas governativas, como o Tobias Biblico, nas noites de sua cegueira; quando as tendencias populares entrevêm a mentira no que existe, e temem a falsía no que póde vir — entre o vacuo de utopias que falsárão e do empyrismo que renega de todos os principios de sciencia; — quando, nação nova e sem experiencia do passado, acordada ao sol das idéas livres, sem as iniciações seculares,

como o Adão Biblico no Eden, deslumbrada ainda ao lampejar das revoluções de além-mar, perplexa entre as aspirações reversivas de uma febre de licença, e as tendencias selvagens de uma parte da nação inda bruta, ao bramir suffocado do povo que se dóe da mordaça que o açaima e engeita o reléo do absolutismo, tendendo á objectivação dos principios livres, a patria desacoroçòa e abate no peito a fronte suarenta, como o sublime *Miserrimus* do poeta contemporaneo : é agora, senhores, que o defeito não está só nas fórmas, quando a imprensa tambem despio seu manto auri-azúl de rainha, enlaivou-se de torpeza no lupanar da calumnia, e enfurdou-se no lodo até os joelhos — que nem pudéra dobra-los por orar a Deos que a lave dessa perdição, e no exprimir do poeta dos Suspiros e Saudades — *tudo está profanado;* é agora que todos aquelles onde arde chamma de talento, e amor patrio, devem reunir-se, e de todas as reuniões, das vozes populares das praças publicas, do gremio das academias, de todas as associações, quer políticas quer litterarias, deve correr grande luz sobre o problema, deve talvez ainda provir a solução delle — inda mais directa que da parte dos parlamentos, porque a chaga do povo é funda; a lei só olha a superficie, e só a luz da religião e da sciencia pode-se baixar, como o mergulhador do Oriente, ao fundo daquelles mares.

Senhores. Não é a vossa uma missão politica — directamente ao menos. Mas o que é a philosophia senão a luz, a luz que como o olhar de Deos se abre sobre o

mundo inteiro? o que é a luz senão o progresso? o que é progresso scientifico sem progresso politico, o que é a causa sem o effeito? e que é o progresso senão o sanear da grande febre que afana a humanidade?

A obra pois, senhores! Seja nossa lide fervorosa : nossa associação um sanctuario, e nós sacerdotes das idéas santas : entre os filhos das academias sejamos o que tem de ser entre o povo as secções academicas, — aquelles que tranem os oceanos da sciencia, á frente das gerações errantes senão pelo titulo do saber profundo, ao menos das encendradas aspirações do patriotismo.

E, senhores, como eu já vo-lo disse, a palma e a capella com que vos heis de victoriar — são a philosophia e a poesia.

A philosophia e a poesia — eis-ahi os dous grandes caminhos das nações — as grandes bóssas onde se lê o progresso ao craneo popular. Aquelle todo de idéas multiplices, varias em sua unidade, *unas* em sua variedade, onde as tendencias das multidões se misturão; aquelle todo do pensar e sentir, do coração e da cabeça das nações, estudai-o com todas as suas relações de causa e effeito, se fôrdes philosopho, codificai-o n'um systema, ou n'um poema se fôrdes genio : e tereis a philosophia ou a poesia de um seculo. — Eis porque as escolas se succedem e aperfeiçoão. Quando uma organisação social descahe, é sobre as ruinas della que se alevanta a outra; quando um povo passa, é sobre seus tumulos que se celebrão os banquetes da geração nova. Por isso vêde

ainda as escolas philosophicas e sua influencia nos governos — aquelle todo do influxo mutuo das leis e costumes que, depois de Montesquieu e Bentham, Matter foi estudar no seu bello livro : as tradições e as crenças definhão e cahem : poucas aquellas são que como as rosas do Oriente revivem e remoção depois da segunda murchez. A causa de tão rara ser a originalidade nos poetas e nos philosophos é que os poetas, daquelles ao molde homerico e dantesco, são os que no olhar de agonia abrangem o todo e são os prophetas das grandes convulsões : e para esses é mister um novo cataclysma, uma nova organisação humanitaria para que surja a épopéa original. Olhai : na antiguidade grega ha Homero, no oriente a biblia, nos fastos cesareos Lucano, nos grandes tempos da idade media Dante e Shakspeare — Dante que abre a nova éra do sul, Shakspeare a do norte — e além delles, como uma nuvem, a creação de João Milton correndo com sua sombra mystica entre a comedia de além-tumulo do Alighieri, e o panorama confuso da do histrião de Isabel — entre Deos e o homem, como o Naflegar funebre da theogonia escandinava; nos tempos modernos Gœthe e Byron — Gœthe o poeta das tendencias idealistas, Byron o transumpto da leiva sem fé do seculo XIX.

Comparai a philosophia dos tempos e os poetas : sonhai o labyrintho tenebroso da philosophia Hindustanica de Vyasa, Capila e Gantana, onde por ventura Pythagoras bebêra as theorias da metempsycose, Socrates

e Platão seu idealismo; entrevêde-a no mysterio das pagodas e varellas, com seu Sanskrito esquecido pelo povo, e seus Brahmanes silenciosos; lêde o *Mahabharata* : acordai Catão o suicida, e erguei a purpura humida ao leito sanguento de Lucano o poeta : lembrai as praticas taciturnas do puritanismo, seus templos sem estatuas, onde apparecia na sombra a fronte de Cromwell, e folheai o Paraiso perdido : embebei-vos no transcendentalismo allemão — Kant, Fichte, Abicht, no idealismo mais puro e vaporoso, reduzindo o pantheismo de Spinosa e a visão em Deos de Mallebranche ao egotismo de Fichte e Hegel, e passai as longas noites de vigilia com a Messiada de Klopstock, o Faust de Gœthe, e as creações negras de Johann Paulus Richter. Agora mesmo vêde a civilisação franceza, onde se confundem e embatem tantos elementos acamados na alluvião de tão longos seculos; o vario daquella ordem de cousas cuja philosophia é o eclectismo — e vêde a litteratura dahi. Chateaubriand, Lamartine, V. Hugo, Quinet, — quereis beber-lhes na origem das inspirações? Voltai-vos para o Oriente como o homem do deserto para a cidade do propheta; voltai-vos para o norte, como as brumas do inverno, quando o vento lá as apinha : no morno das virações do Levante, nos bafos de harmonia lugubre, nas abobadas das cathedraes escuras, ali, como nas vozes da philosophia contemporanea, sentireis o saibo das torrentes onde se abrevára o passado. Os pequenos poetas, como as escolas philosophicas, que vivêrão de alheia seiba, são excrescencias que o futuro engeita

— myriadas liliputianas que a sciencia sacode de seu manto leonico de Alcida. Na sciencia philosophica são as escolas filiadas, como o neo-platonicismo de Alexandria, das theorias de Platão — aquella turba de homens arrebanhados sob a bandeira da descrença Voltairiana; na poesia são os diakenastas, rhapsodas, os homeridas que rastejão ao solio dos poemas monumentaes, como os cyclicos gregos e romanos junto a Homero; quiçá Macpherson junto a Ossian o Ersa; o que Ducis quiz ser de Shakspeare, como toda aquella escola ingleza que se fechára em James Shirley e Joanna Baillie; o que Gabriel Pereira de Castro, Mousinho de Quevedo, e Menezes forão para com os *Lusiadas*.

Essas duas gemeas da civilisação, das quaes vos fallei, eis-ahi o que um dia, quando a sciencia vindoura debruçar-se no cemiterio do que hoje é vida, ella evocará do hervaçal de nossas campas, e virá indagar na poeira dos nossos craneos.

Sem uma philosophia, sem uma poesia nacional, como quereis uma nação? A copia livida do que vai pelo mar além poderá ser o sangue de uma nação? O parasitismo scientifico poderá ser condição de vida para a intelligencia de um povo?

E quando os governos se descuidão; quando a instrucção publica é mais irrisão e escarneo, que a realisação do preceito da lei; quando não ha pêas que se evitem á popularisação do saber, quando se escassêa a instrucção primaria para as classes baixas, nega-se protecção e me-

lhoramento para os collegios publicos, e não se quer dar caça aos obstaculos pecuniarios que vedão a porta das academias ás classes pobres — illudindo assim o principio constitucional, as garantias de instrucção feita ao povo; quando emfim, depois de vinte annos de existencia livre, os governos não quizerão ainda realisar a promessa do lábaro das nossas liberdades, que nos garante Universidades — tímidos talvez, como os olhos quebrados do doentio, que se dissipe a nuvem de ignorancia, que é a parceira do despotismo; agora, senhores, vem muito a pello esse compromisso pela realisação de uma idéa de amor philosophico e avançada luminosa, com aquella espada valente do espirito, de que fallava João Huss o reformador. Os palpites de brasileirismo no coração dos nossos governos póde ser que acordem á voz da mocidade, ao reclamo de toda uma geração nova, que se vá dos pés do altar das letras a perguntar-lhes ao leito do adormecimento : « o que é de tanta jura de patriotismo leal, de liberalismo profundo, e o que fez tanta gente de todas as crenças politicas, em tamanho tempo de governança? »

As sociedades em nosso paiz tem maninho o chão para vingarem. Ha sempre ahi um miasma que as enfesa e desmedra ao desbotoar — um verme que se lhes medêa ás flôres e as fana com a baba torpe. Temo-las visto ahi bastantes nuvens de esperança cahirem ao rir pasmado da estupides marasmada : temo-las visto, ora segregadas por desavenças, ora seguirem um vegetar dormente, um

somno cataleptico que mais por ventura lhes desmente, do que lhes attesta a vida. Sociedades e sociedades, temolas visto murcharem; como os oasis do deserto ás ventanias do ermo : o tufão rasgou aquellas nuvens harmoniosas de aves de arribação, que ião-se ao tepido dos verões, fugidas aos vapores hibernaes.

Mas que importa, senhores? Após que longo suemos no revezo do lavor, que importa um dia nossa união se rompa, se tivermos legado aos tempos, ás academias, á patria, um nome brilhante — ephemero embora, como o de tantas outras glorias, sumidas, com seus louros e sua estrella de luz na fronte, no frio do sepulchro? Que importa pois que a sciencia, na phrase do orador da Convenção, seja como Saturno e devore seus filhos? como aquelle idolo Jaghernaut que jámais resvala mais sublime como nas hecatombas de sangue?

E um dia, quando vós vos tiverdes empolgado de todos os meios de cumprir o thema social; quando a fraternidade nos tiver unificado com as outras academias — brasileiras e americanas; quando a imprensa levar ao povo nossas idéas de regeneração— então, senhores, não será um grande dia?

Não é essa esperança bella assaz para que nos arroube e nos devaneie anhellos de porvir tão fulguroso? O baptismo de luz a uma nação, essa agua santa que tem de lava-la da elephantiasis negra, que tem de ir erguer ao Lasaro da parabola, dos porticos dos festins delirantes onde o rico estadêa, fazer-lhe esquecer o envesgar de

invejas pelo raléo da orgia, e vesti-lo de fulgores; a fé que lhes pudéramos dar n'uma grande instituição, transumpto de quanto ahi se encarna sublime nas imaginações juvenis e applicação de tudo que palpita de necessidade no povo; o apuramento de uma nação, desafeita de sua dependencia de idéas, livre em seu ando philosophico; a sagração de um complexo de crenças e aspirações que forme a nossa philosophia brasileira do seculo XIX — bella de todo o fogo de enthusiasmo, de todo o resumbrar de heroismo do passado — clareado ao reverberar longinquo das esperanças do futuro — não a *sciencia fragmentaria* e parasita do passado, pallida copia do que foi, como o entendeu o eclectismo de Cousin, mas sim a synthese de un povo, como a querem Pedro Leroux e Gioberti em seus principios philosophicos, lampadario acceso depois da longa lucubração daquelle embate dos influxos reciprocos dos costumes e leis, das acções de desenvolvimento ou murchez dos climas, como o disse Bentham, da antropologia, como o estudou Courtet de L'Isle : dizei-m'o, não era uma grinalda civica digna de sacrificios?

E quando um dia, senhores, nosso corpo adormecer no nada, e os homens da terra esquecerem aquillo que foi nossa intelligencia, restará de nós, pelo mar túrbido das peregrinações do progresso, a trilha assignalada pelo rasto de ardentias, que deixa a náo sumida no horizonte dos mares, pelas noites dos tropicos!

ORAÇÃO FUNEBRE

RECITADA

NA OCCASIÃO DE DAR-SE Á SEPULTURA O CORPO

DE

FELICIANO COELHO DUARTE

> How cracks in noble heart: Good night!...
> And flights of angels sing thee to thy rest! —
> SHAKSPEARE, *Hamlet*.

É uma hora solemne aquella em que a morte se estampa n'uma fronte macilenta; quando o athleta indo no começo do estadio se entende no pó; quando o templo ainda resôa dos echos suffocados da musica dos mortos, o incenso ondula pelas naves escuras, os cirios derramão nas frontes seu clarão amarellento — e poucos amigos se debrução á becca de um tumulo cheio.

Não é preciso que eu venha escrever sobre esse tu-

mulo um nome — que eu vos acorde reminiscencias do passado — que eu vos diga que essa fronte fria é a de um nosso irmão de letras, que aquelle peito pulsou fervente no enthusiasmo santo do poeta, e aquella cabeça sublime sonhava no porvir os louros da gloria, que não as flôres murchas e cheias de cinza da capella do finado.

Porque morreu? — Perguntai ás aves de arribação porque as leva de vencida o tufão da tempestade! ás estrellas porque desmaião e mergulhão nas ondas! a Chatterton e Jacopo Ortiz, porque uma hora de febre esqueceu-os de uma existencia!

E sua existencia se fadava brilhante! As glorias da tribuna, os triumphos do genio — e talvez que outras palpitações mais ardentes, o amor — tudo isso era o seu futuro, azul e puro como os sonhos de vinte annos! E tudo isso murchou ao sopro do nada! E o vento da morte ao correr pela selva sagrada mirrou o cedro mais soberbo!

Porque morreu? — É um mysterio sombrio e profundo, que ficou entre o homem e Deos na vida, e foi consummar-se no leito de agonia, no mysterio ainda mais escuro do *ser* e do *não ser!*

Porque morreu! — Respeito ao cadaver, senhores! As grandes vidas como essa o foi, não morrem das doenças miseraveis, legados ulcerosos que a humanidade herda a seus filhos, como um escravo! Quando as harpas santas rompem suas cordas, é que o vento de Deos roçou terrivel por ellas!

Dorme pois, creatura sublime! Era outra de certo a « boa noite! » que eu quizera saudar-te! Dorme en paz! e os anjos te allumiem nos teus sonhos, como as estrellas do céo as noites escuras da terra! E a ti, que sentias como poeta, a quem talvez o genio matou n'um beijo de fogo, a quem Deos daria na existencia a corôa mystica dos amores, a gloria suas visões, as noites seus perfumes, as luas suas lampadas de ouro — Boa noite!

S. Paulo, 22 de setembro de 1850.

À MORTE

DE

FELICIANO COELHO DUARTE[1]

> E ainda um beijo nessa argila pallida,
> Meu pobre coração!
>
> BYRON, *Caim*.

Apagou-se uma das lampadas do sacrario: o ciborio das nossas dôres recebeu mais uma lagrima.

Mais uma corôa funebre em nosso passado; mais um homem assombrado de esperanças e glorias, que foi dormir no escuro do fosso, como a fronte salpicada da cal do enterro!

Nas praias do rio negro da morte aportou mais um

[1] Artigo publicado na revista academica de San Paulo, *Ensaios litterarios*, 1850.

cadaver esverdeado do passamento : e o crepusculo das agonias escureceu em sua nevoa a historia de um joven sublime!

Nós todos que o amavamos, que o respeitavamos, nós o chorámos; derramámos sobre o corpo frio das nossas illusões desfeitas uma lagrima, lançámos no thuribulo do templo mais um grão de incenso.

E hoje que os ministros da religião bradárão já suas orações, que as vozes funerarias do orgão já se unirão a nossos soluços, e o tumulo ao cadaver hoje que nós, como os christãos das catacumbas subterraneas de Roma, enterrámos o nosso irmão e ajoelhámo-nos sobre a taboa de seu fosso; hoje que os deveres de amigo se cumprírão dolorosamente — a *Elle* ainda uma lembrança.

E quando, bem como Lasaro já podre no sepulchro, só a voz de Deos o poderia acordar — a *Elle* ainda uma pagina funeraria no livro do jornalismo academico.

Seu nome — todos o sabem — todos o chorão : a voz de uma corporação inteira o bradou em seu sentimento como Rachel a inconsolavel; e os estranhos mesmo sagrão um punhado de flôres á saudade do nosso irmão.

Ás onze horas e cincoenta e sete minutos da noite do dia 21 de Setembro, Feliciano Coelho Duarte, estudante do 5º anno, natural de Barbacena, em Minas, exhalou o ultimo suspiro!

Na noite do dia 22 as longas alas de seu enterro entrárão na cidade : o corpo academico fôra unanime; as pessoas mais gradas da cidade acompanhavão o sahi-

mento : erão mais de quinhentas as tochas que esclarecêrão o caminho do finado.

Quando as musicas e as encommendações suffocárãose no silencio, varios amigos fôrão dizer-lhe junto da eça o adeus de suas dôres. . . . .

No dia 28 houve o officio do setimo dia feito a expensas do corpo academico : a ceremonia foi solemne, a assistencia numerosa. As paredes estavão cobertas de negro : os véos do templo descêrão sobre os altares. Erguia-se uma eça de base quadrada que tomava quasi todo o espaço da largueza do templo. Nas oito columnas que a sustentavão estavão impressos em setim negro oito epitaphios. — O merito dessas quadras vinha da circumstancia : não é pois por sua valia que as damos a lume; é meramente porque foi-nos isso pedido, de certo como mais uma oblação ao finado.

As quadras erão estas :

Do lado do altar-mór havia tres, uma em cada columna, a saber :

I

Si no passado errei, si te esquecia,
Si a blasphemia correu nos labios frios,
Perdão, Senhor meu Deos! que a febre insana
A minha alma perdeu nos desvarios!

II

Despi como o propheta o manto escuro,
Lavei na campa da existencia o erro

Eis-me puro, Senhor! banhade a fronte
Nas aguas santas e lustraes do enterro!

III

Da vida as illusões, da fronte as rosas,
Anjo de morte me esfolhou no leito:
Erão sonhos — não mais: irei agora
Aos ventos do mysterio abrir meu peito!

Do lado da entrada havia outras tres, erão:

IV

Não me chorem, irmãos! si meu cadaver
Manchou-se em podridão e sanie impura,
Minha alma se acordou: com azas brancas
Foi ao seio de Deos dormir mais pura!

V

O meu lodo lavei no rio santo,
E fui sorrir de Deos ao morno dia;
Miserrimos! o sol de além dos tumulos
Não é do morto a lampada sombria!

VI

Porque na fronte os louros do poeta
E da louca ambição febrís venturas?
Como a onda na praia, o sonho estala,
E mirrão-se os laureis nas sepulturas!

As das outras columnas, erão:

VII

Na insomnia do existir pollue-se a crença
Das orgias no correr se afoga a vida!

Antes o amor de Deos em taças d'ouro,
No baptismo da morte a fronte erguida!

VIII

Dos brilhos da manhã eu me orvalhára,
Do valle escuro perfumado lyrio:
A larva me seccou, eivou-me o seio:
Murchei na terra, fui abrir no empyreo!

POR OCCASIÃO DA MORTE

DE

JOÃO BAPTISTA DA SILVA PEREIRA

ESTUDIANTE DO QUINTO ANNO

EM S. PAULO, NO DIA 15 DE SETEMBRO DE 1851

To be, or not to be : that is the question.
SHAKESPEARE, *Hamlet.*

Navegantes miserrimos pelo oceano da morte, a náo que conduz as nossas esperanças para o Oriente do futuro tem uma sina terrivel! Cada anno uma victima se perde nas ondas, e a sorte escolhe sorrindo os melhores d'entre nós! Há um anno que aqui viemos, os mesmos de hoje, acompanhar um cadaver, e murmurar um adéos á mais bella das esperanças academicas. Parece que uma sina mysteriosa nos trouxe hoje para as reminiscencias amargas de uma noite fatal! É mais uma das flôres da

corôa de mocidade que se desfolha ao vento do sepulchro! Ainda uma fronte que se dourava ao sol do futuro, como o alto das serranías ao fogo do crepusculo! É uma aurora sem dia que perdeu-se na noite de uma tempestade de inverno!

Nessa fronte — deserta agora — palpitava o talento, e nesses olhos ora vidrados e sem luz se transverberava uma alma ardente, esperançosa e dotada dessa força de vontade que póde realisar as concepções mais sublimes.

Dorme, dorme pois, ó filho da dôr, embalado pela morte! Não era o somno que sonhavas... Não : a noite do mysterio é fria e longa. . e o leito é deserto... Mas além — nesse mundo que o manto de Deos torna impenetravel a nossos olhos, levanta-se mais bello o sol sem nuvens da eternidade...

Descansa, peregrino! — Caminhaste longas e medrosas noites pela tréva cerrada da vida; manchaste teus pés no lodo de uma civilisação descrida, e teu manto de romeiro no pó das sendas—Descansa! Avistaste venturoso nos desertos a eterna e sempre bella Jerusalem, a cidade mystica de Deos, que appareceu radiante e mysteriosa nas visões evangelicas do ultimo propheta!...

E tua alma ainda juvenil subio até ao seio de Deos nas azas da morte, como o orvalho da terra se alevanta ao céo n'um raio de sol!...

ESTUDOS LITTERARIOS

LITTERATURA E CIVILISAÇÃO

EM PORTUGAL

PROLOGO

I

A litteratura, quer a entendão como Bonald, quer não: ou encarem-na como o traslado, ou como o effeito ou a causa de usanças e vezos, dos misteres historicos dos pôvos — tendencias physicas e aspirações empyricas do espirito: é innegavel que ha ahi, entre ella e esse pano-

rama de factos uma connexão muito vizinha, um grande élo de união.

E assim vêde :

II

LITTERATURAS DO NORTE.

As litteraturas do norte, onde as brumas das noites de invernada se alongão no ascumar como as sombras dos heróes dos tempos idos; onde a cerração pende suas roupas brancas nas ramagens desnuadas e negras, como sombras melancolicas, á maneira dos lemures do gentilismo romano; resentem-se do clima nevado, e desse imaginar nevoento das frontes cahidas na spleenetica monotonia daquelles invernos.

E por isso, se accordos gaelicos vem prenhes do embeber de melancolias nas harpas desse além, nos fragmentos tradicionaes dos poemas de Ossian e nos Eddas Islandezes, ha sempre que ver nesses cantos talvez a belleza dos cysnes nos lagos bravios de Inisfail e dos bandos alvos de grous e cegonhas nas atalaias dos torreões ruinosos dos thanes da montanha — ha uma melodia, sim, mas é uma pureza de murmurios bellos, monotona como as brumas e as chuvas de Escossia.

Comtudo, esse caracter não é o unico daquelle valente poetar. Os cantos do norte sob a sua crusta de fana-

tismo barbaro, sobresahem por dous grandes pontos — o primeiro é a theogonia — o segundo o grandioso senho guerreiro dos povos infantes.

A mythologia cosmogonica do norte certo não cede em riquezas de imaginação, em lavores labyrinthicos, em suas florestas gothico-architectonicas. É um grande painel onde sobresahem á frente a trindade de Idin, Thor e Freyr, e nas campinas pedrentas, branqueadas de granizo, a vacca Adumbla delambendo as rochas molhadas desperta com o calor de seus labros nos dous dias genitaes Bor, o primeiro homem, cujos tres filhos Odin, Vili e Vê perdem-se na caça das montanhas com as mãos ainda tintas do sangue de Ymer.

E além o freixo Igdrasil banhado pelas caudaes do Nornor, estende sua tribachia raiz, ao Nifleheim do anão Nidhæugg, á cisterna de Mimer e ao paiz de Azen: e á sombra delle Urd, Verandi e Skuld, o passado, o presente e o porvir, as tres Nornas, como as Parcas pagãs fiando a vida do homem.

E o Walhalla se atavia edenico com seus 432 mil Einherias (os campeões de Vigrid) com as taças cheias do leite de Heidrun, derramado pelas guerreiras Walkyrias, de ardentes olhos azues, e os cabellos de ouro nas armaduras espelhantes; o Walhalla tão claro quanto o Nifleheim é tenebroso, tão limpido com seus arroios vidrentos, como o inferno feio com suas nove torrentes lodosas.

E lá no fundo o Naflegar funebre, com os gigantescos

remadores do Hrymen, adormecidos á guarda do acordar do corno de Gallar nos labios sonoros de Heimdall, quando Surtur o negro, com sua tunica de chammas, lançar-se á frente dos filhos de Muspelheim, pela ponte vacillante do Boefrust, e a pugna titanica bracear no erythema de sangue, quando o mundo findar-se nesses afogos rubros, como nos vaticinios do Apocalypse, do Zend Avesta e dos Vedahs Indios[1].

A historia das tribus aventureiras do norte, desses destemidos pescadores de phocas e caçadores de ursos brancos, que com Erico-o-Ruivo passárão-se á America do Norte, á Terra Nova, á bahia de Hudson de hoje, em seculos remotos de Colombo; é uma chronica de gigantes que a Wilkina-Saga — o livro das tradições Islandezas — conserva; é, como todos arrebóes de um povo selvagem e forte, uma Iliada ou um Nibelungen.

> Escandinava ilha que se arrêa
> Das victorias que Italia não lhe nega [2].

Relêde Ossian o gaelico, os Scaldas runicos da Thule e da Gothia de Strabo, conservados por Saxonio o grammatico e Olaus Wormsio; descei mesmo por esse Chersoneso cimbrico, que é hoje o Jutland, embrenhai-vos pelo florestal dos Ingoevonos, Istoevonos e Burgundios Germanios, roçai mesmo os duans dos *bardits* Celti-Gallos

[1] Entre outros, lêde Marmier, *Cartas e Cantos do Norte*; e Ampère, *Estudos sobre as mythologias escandinavas*.
[2] *Lusiadas* 3, 10.

— a poesia ahi resente-se toda de uma poesia só : o genio dos bardos, e a historia provavel dessas raças ensopa-se em tres origens — a friez congelada do polo, as crenças arraigadas de Odin ou Wodden, e os recontos das façanhas, que não ha delaida-las, dos autochtones primévos do Norte.

III

ARABES.

Mudai as relações de paiz, e a litteratura muda. Correi esse panorama do Oriente com seu céo de crepusculos rubros, seus rosaes perdidos no collear das valladas, seus minaretes doirados e luzentes ao sol como um elmo de emir, suas cidades estendidas como uma alcatifa de Bagdad, suas casarias sem janellas exteriores, suas albuferas estreitas e tortuosas, seus serralhos arquejantes de dansas, onde o lenço branco do Pachá preguiçoso nomeia a favorita — e lá, ao longo, o deserto com seu oceano de areias onde o sol se derrama a prumo nos meios dias calmosos, com seus oasis perdidos, agitando seus leques de palmares, e as tendas alvadías onde relincha o murzelo do deserto com o dorso espumeo de suor, das correrias do Beduino vagabundo. Vêde-o bem, perdei os olhos por esse mar de fogo, ante esses dias sem viração, imaginai-o com o céo rubro-negro do semun turbilhoando pelos

combros, ideai-lhe as noites de lua, as noites escuras onde os pyrilampos fervem enleiados no ar, como no poema do Sr. Abranches[1] — e lêde os poemas dos improvisadores errantes dessa Arabia, cujo sol offusca, cujo calor requeima, cujo kamsin se ensopa dos uivos do leão nos seus pampeiros negros — lêde o Antar e as balladas, os Contos á Mil e uma noites, as *perolas soltas*, essas mimosas sentenças do amor, como as multicores missangas da pulseira de uma Arabe.

Ahi não mais o echo obscuro da cosmogonia escandinava alula no som terrivel que rebôa pelas cavernas de gelo e as solfateras de Islandia, como nos cantos homericos do Edda, com seu mundo de sombras, onde o rubor das auroras boreaes avermelha sanguento o azular das montanhas de gelo e resalta em chuvas do meio globo deslumbrante do horizonte pelas aguas immoveis e petrificadas, e entre o nevoeiro esverdêa-se o Linkstranden, a praia dos cadaveres, mansão onde vagueião macilentos os homens de perdição á sombra do dragão Nidhœugg, carregado de mortos, resurgidos na tragedia gigantesca de Œhlenschlæger, grandiosa como o Promethéu em torno aos córos gemebundos da ventania pelas folhas e dos mares nas rochas, como ideou-o Euripides o Grego — sombria como as grutas fatidicas de Fingal e Caffa, onde a vaga estala na escuridão pelos basaltos roidos da caverna... — de largos torques épicos, resoada da voz sonorosa

[1] D. Sebastião o Encoberto, 1º canto.

dos descantes primitivos, no Chanameh de Ferdoucy o Persa (o recontador dos feitos mythicos da raça antiga de Mahmud, o ingrato que o perseguia), nos Hiados, e na magna epopéa hindustanica...

Não! ahi a poesia scintilla como um areal palhetado de fogo iriante, como a miragem enlevada do deserto e a sombra phantastica dos cavalleiros com seus longos albernozes soltos ao vento nas eguas desabridas, aos raios do sol horizontal que se abysma n'um mar de fogo... A imaginação ahi é ardente como o sol e como os mares, que rebentão mugidores nas cordoalhas areentas das costas do deserto — brilhando no seu verberar prismeo de cores fugidías, como um sonho de Almogauze.

O koran de Mohammed o propheta, o almoschak [1] do Islamita, com suas imagens accesas de Asiano, com sua exageração calorosa, não é só a Biblia daquellas tribus Ismaelitas : é o poema de Yatrib, das raças erradias de Agar, é um canto soberbo, nesse insomniar de um fogoso sentir, de uma criação lavosa, de uma idéa oscillante entre o fatalismo e a volupia oriental. Para servirmo-nos da expressão de uma das mais habeis pennas da *Quarterly Review*, classificando uma outra cria mais gigantesca do genio — é um canto de Empedóclo de Lucrecio ou uma narrativa de Homero.

[1] Livro querido.

IV

INDIA.

Passai além. Deixai esse Levante ardente de luz e imaginação — morno ainda de reminiscencias de tantas glorias mortas; onde Balbek amontôa no deserto sua gigantesca ossada marmorea, e o peregrino, nas paradas da caravana, se estende em poial de columnas quebradas de alabastro, e nas estatuas debruçadas no pó da Palmyra onde a mente sublime de Volney o atheu acordou-se no canto da desesperança, e o Genio das ruinas, como Satan na montanha, desenrolou-lhe ante os olhos o painel da tentação, e bradou frio como um vento de cemiterio, e como o rir do sceptico — ao sacerdote da descrença : *nada! nada!*

Oh! passemos como o vendaval por cima de tudo isto, pelos combros vermelhos de ruinas dos abatidos terreões, das esboroadas muralhas orgulhosas da Persepolis do Iran banhada de naphta, Babylonia-a-centápila onde o sangue das batalhas fervia perfumoso ainda dos nardos assyrios do banquete, Ninive com seu manto de musgo e lichen e sua corôa de heras, Bactras a resupina adormecida em sepulchro de pedra na sua montanha da Media... Além! Além!

Vêdes-la essa terra da India? Com suas florestas colos-

saes onde se perdem os bandos de elephantes; suas marés rugidoras; seus rios caudaes onde boião com as fauces pandas os aligatores; suas donzellas brunaes do queimar do sol, meigas com os grandes olhos de gazella; suas disformes *pagodas* altanando-se negras e mysteriosas em ritos barbaros; seus idolos talhados em monolitos de montanhas graniticas; e entre isso tudo, o carro monstruoso e pesado de Jaghernaut, esmagando sob as rodas largas os fakirs crentes, e as crias rachyticas que as mãis da India lanção á morte em sua hallucinada crença?

Vêdes-la a terra selvatica onde o estertor da marejada sôa a perder-se no estridulo farfalhar das juncas, no estalar das folhadas dos talipats e das palmas, e nos rugidos do tigre negro?

Vêdes-la com seus Brahmanes altivos, seus guerreiros fatalistas, suas sutties malabares passando do leito da viuvez onde a esteira esfriou ao cadaver, ás chammas da fogueira; e seus poleás denegridos na fronte com a elephantiasis da maldição?

As letras indias são das mais faustosas minas exploradas a meio, que ainda houve : e o minéreo dessa crypta não tem que invejar em cópia ás eras primeiras de nenhum povo. A companhia das Indias, por suas relações commerciaes com os descendentes degenerados da raça Brahmane tem facilitado muito a ruptura dessa veia de luz á erudição européa. A missão puramente monetaria e industrial revestio-se ahi do manto sagrado da missão

litteraria. É que tudo tende á sciencia como os vapores ao sol; o homem material é o instrumento do *eu* moral, e o estudo onde se afunda o psychólogo; e é tudo assim : da pedra que rola, a theoria de Newton da gravitação.

O bispo Heber seguio ahi os rastos das velhas missões do catholicismo. A religião não é só um bebedouro de santidade. Deos é a luz, e a religião deve ser tambem a cisterna de luz. Foi o bispo anglicano quem primeiro apontou á Europa essas calcas de religiões idas e os vestigios de uma civilisação inteira, por onde havião perpassado tantos seculos de indifferença, á sombra dos delúbros desertos, os nababos engolfados na molleza de suas fortunas.

Foi só então que forasteiros europeus fôrão-se a essa terra transfretana pedir, como Pythagoras, seus dogmas, revelar á philosophia do eclectismo moderno a theogonia polythéa, as theorias psycho-ontologicas de Capila, Vyasa e Gantana, donde havião nascido porventura o metempsycosismo egypciaco de Pythagoras, o idealismo de Socrates e Platão e o peripateticismo do Stagyrita; á philologia o Sanskrito, base certa dos dialectos hindustanicos, e segundo presumpções muito provaveis da sciencia, origem do Persa, do Grego, do Etrusco e do idioma guttural

[1] Esta ultima opinião que bebemos nos trabalhos de um orientalista inglez, vimo-la abraçada por um homem, cuja memoria nos é muito saudosa, pela perda de um laborioso erudito, de um sabio linguista — o finado barão de Planitz.

das raças teutonicas[1]; á litteratura riquezas de poemas, desde Mahabharata, parte do qual (o Baghavat-Gita) os dous Schlegel, Wilkins e o barão de Humboldt traduzírão, no assombro de um dizer que nem á Iliada ou Lusiadas havia o hombrear com elle.

— É uma litteratura toda nova; nova e singular como esse clima; ardente ás vezes como esse céo do estio, sombrio outras como as crenças Brahmanes. Não é mais o Parnaso bífido, o Helicon verdecente, nem as praias sinuosas das Cycladas com seus plátanos e olivaes; é o Himalaya, o symbolo de uma poesia immensa. É um encimar de pincaros alterosos, onde a respiração se afoga, onde o olhar se escurenta de vertigens, e os ouvidos susurrão como a echos da orchestra satanica da tormenta...

É um mundo novo, a que um novo Colombo ia romper o véo dos seculos — o novo panorama de uma creação incognita como as abobadas subterraneas dos monumentos tumulares da India, com seus renques de mumias mirradas e millenarias, hieroglyphos, e seus deoses barbaros na garupa dos esphinges-colossos. Era uma nova solfa de claves todas ainda não ouvidas, desde as ternuras trementes do Karparou, do Eremita de Kandu, e do Ramayana, e a pallidez de Dasaratha ao pé da agonia de Yadnatta, até o lamentar da mãi do triste, gemebunda, lançada sobre o corpo inanido do filho. Ora é o sarcasmo hervado de fel de Puschkara, ante esse jogo que devora a fortuna do irmão Nala o principe, e o viver por

desvios ao desabrigo das florestas do desgraçado, como Damaianta, sua extrema esperança -- luar de amor prateando-se em sua alma, *loto de calix azul dormido no boiar em lymphas de um lago* (como diz o poema Indico); ora, a voz sublime do Deos Krischna ao guerreiro Arjuna, como as fallas dos Deoses de Homero aos heróes de Ilion, retrôa pelo acampamento onde os elephantes repousão sobre carcassas de cadaveres, e a tribu dos Pandous se apresta á lide fratricida nos páramos da patria, e o hymno de Iayadeva trescala-se perfumoso como a primavera nas trepadeiras em flôr do Bakul, o impregnar de almiscre dos pétalos negros do Tamala, o aroma ebrioso de Mallika, e o cheiroso das tranças balsamicas do Amra que se banhão soltas nas ondas azues do Yamouna[1].

O canto ás vezes ensombra-se lugubre, como nos sonhos de Milton, e na expressão de Ugo Foscolo, como o escuro da floresta Dantesca; e ao atravessar essas trevas das cryptas, o arrepio filtra nas medullas como ao susurrar prophetico dos carvalhaes de Dodona, e á ronquidão cavernosa dos echos entrecortados das serras alpestres da Thessalia.

O mysticismo da poesia Indica é tudo isso, porque o genio traz sempre um signal que se reconhece em toda a parte — uma auréola na fronte que brilha sob todos os firmamentos — uma senha e um toque Iramita que

[1] Vide a traducção latina de . JONES.

se traduz em todas as linguas. Mas ha no caracter briarêo dessas epopéas hindustanicas uns traços mais fundos, mais titanicos, como as figuras relevadas nos granitos da Asia, e esses partos informes da esculptura indico-egypciaca; uma irregularidade selvagem, mas grandiosa, monstruosa como os Behemots dos pousios, mas sublime, que sobreleva tudo como as pyramides de Cheops os templos do paganismo Heleno-Romano, e o nublado das cabeças do Himalaya, onde a vista tremúla, e os ouvidos se azoinão á vertigem, as collinas dos Alpes.

Fomos talvez longos. Desvairámos-nos pela theogonologia boreal, pelo dedálico do labyrintho de colossos do Mahabharata. O leitor no-lo perdòe. Deixaremos breve este assumpto, para lançarmo-nos n'um outro mais palpitante; e em seguida á prova do nosso aphorismo — da intima ligação das litteraturas e das civilisações, da poesia e do sentir e correr dos povos, aphorismo que temos muito de fé, porque para nós a litteratura é a civilisação, e a poesia o sentir e o crer das nações — desrolarmos com seu fausto e suas decadencias alguns periodos da litteratura portugueza.

PORTUGAL

DUAS PALAVRAS

Quando estatuímos ao encetar deste opusculo que a litteratura de um povo era influida, como um liquido n'outro, em sua civilisação, fui-nos alvo ao perpassar daquelle exordio irmo-nos a uma tendencia nossa, alentada fundamente de ha muito. Quizemos tresmalhar uma olhada azinha sobre o espirito dessas nossas letras patrias, tão aluziadas dos clarões dos céos hespanhóes, e samblar em moldura engrinaldada esses visos de umas letras tão ricas, dessa praia tão derramada de perolas e coraes pelas marés que ahi havião passado no seu fluxo, das civilisações punicas, greco-romanas, gothicas e arabicas; essas sementeiras de poesia para a qual concorrêrão : — quatro vezes o Oriente e a Africa, nas navegações phenicias e colonias carthaginenses, na invasão mourisca de 712, e no roçar da civilisação peregrinante da raça hebraica [1]; — duas vezes a grega, no commercio

[1] Não pareça uma theoria aerea, essa que ahi trago da influencia judaica na Hespanha. Leião-se os trabalhos de J. P. Ribeiro sobre litteratura moderna dos judeus hespanhóes, e ver-se-ha o alto gráo de illustração dos rabbis. Provado esse primeiro ponto não ha duvidar do resto. A intelligencia é como o oleo, sobrenada a tudo.

da magna Grecia das costas da Sicilia e na conquista romana (civilisação mais rude e bellica, é facto, mas sempre dourada das luzes de Athenas); — e até barbaria das raças das hordas da *grande invasão* que assignala o anoitecer da antiguidade e a madrugada nevoenta da idade media.

Eis pois nosso fim : mostrar, da variedade de fontes, a riqueza de imaginação hespanhola, esse metal corynthio fervido no magno cadinho de uma nação meridiana. Desse variegado de materias deve nascer a originalidade, o caracter ás vezes exagerado de uma litteratura erguida, como estatua de liga mais pura, de robustez mais provada.

Vamos ordenar algumas ideas por esse ambiente de crenças, reminiscencias e aspirações que basêa o genio hespanhol; erguer das orlas, pela synthese dos eventos, o talar que se tresdobra pelo vario dessas letras; erguêlo como (n'um dizer oriental) o oceano quando ao arregaçar do seu lençol verdemar deleixa á vista os vislumbres de cupolas da antiga cidade de Mahabalipur, e ella se ergue com suas pagodas de pedra negra e seus palacios ermos, soterrados na areia...

I

HISPANIA.

Por essas terras iberas onde a Betica pompeava unas suas campanhas verdejantes ao collear das aguas do Belon e do Chrysæus; e onde, ao norte, as velhas montanhas alpestres da Tarraconense se perdião nas gargantas do Pirœnei; as raças romanas havião sentido nesse sólo quente o despertar-lhe ao sopé de muitas tradições ahi calcadas como cothurno eneo em chão de pedra.

Erão as rochas negras a prumo de Calpe e Abyla que ahi assestára, columnas a todo o porvir, margem a margem do « *fretum Gaditanum* » a mão do Alcida com a inscripção funda *non plus ultra* : e pelos longes dessa Peninsula, na ria do Tagus, uma aldêa, dita pelas tribus do Endovellico, criada por esse Grego vagabundo que um mendigo de Smyrna erguêra em pedestal immorredouro, laureado de glorias pelas révoras de todo um viver humanitario. Era a Betica, onde a imaginação dos Carthaginezes realisava seus sonhos anhelantes de Tyrios, entrevistas pela adustão das sestas africanas — a Betica, aonde todas as scismas tendião deleitosas como o heliotrópio ao sol, e labios de homem á taça de gozos de uns labios de mulher suave — a Betica, por cujas balsas varavão olôres ambrosíos, e o soldado perdido sentia o amornar de halitos embalsamados das nymphas.

E ao norte estendião-se as grimpas de brava serrania, desde o *Mare internum* até ao *Mare magnum Atlanticum*, onde os barcos peregrinos do aventureiro forão buscar entre seus gelos a Thule mysteriosa desse nevoento *Mare Germanicum* que banhava o longo das costas calcareas da *Britania* de Julio Cesar, do norte da Gallia, desse costeal escandinavo da *Gothia* e do *Chersoneso Cimbrico* em cujas abras se escondião os veleiros hiates dos piratas northmans e dinamarquezes, e as enseadas dessa indomavel cordoalha dos Pictos e Escotos, os terriveis invasores da Britania, que a fizerão no optar de duas escravidões preferir a Saxona; — lá essa Caledonia, onde nas brumas arcticas as ventanias das Orcadas rugião como ululadas de afogo nos basaltos gigantêos e fatidicos da escura caverna de Fingal.

Não nos cabe o historiar factos da Peninsula, nem despertar alentos dessas idades antigas. Lenda de brios e afanosas valentias, sabem-no todos, foi-lhes sempre a sua. Os homens das montanhas iberas, onde o estrangeiro, ao embrenhar-se a medo, no mugir das torrentes, no ramalhar dos arvoredos diluvianos, aos ventos do inverno, ouvia accordos dos mil vozeios terrificos da Thessalia de Eschylo — esse concerto dolorido de ancias e gemidos das florestas do Cremis, das valladas do clivoso do Éta, dos picos vertiginosos e rôtos a pino das cordilheiras Cambuciras[1], e dos pantanaes do Sperchio, no as-

[1] Victor Hugo, *les Burgraves*, préface.

sombro escabroso invio de um mundo estranho aos homens da Italia, perdidos por uma natureza de alluviões cataclysticas aberta em despenhadeiros surdos, ao pendor dos cumes concavos e nús dos montes agourentos. . .

. . . .

Quando depois que as armas do Aragonense filho de Joanna a louca e Isabel a castelhana, corrêrão desde o cimo das Alpuxarras, pelo longor das planicies sevilhanas, como montanhas de gelo despegadas das cumíadas alpinas, a raça agarena e as koranitas hordas de Berebéres e Almogaures passárão fugitivas, como sombra, a Mourama, donde o appello vingativo do conde Julião (o pobre vassallo, o pobre pai, cujas brancas de velho se enlodárão da affronta de D. Cava Florinda, pelo amor voluptuoso do desthrònador de Vitiza), a voz do governador de Septum os despertára de seus sonhos de Hespanholas, pelas veigas onde ao azular das aguas do Betis entre as aldêas turdetanas, se relevára no verdegai dos vergeis de Corduba, a voluptuaria Corduba donde contos lascivos ião embeber nas auras do além da Betica as visões arabescas da Mauritania tingitana, pelo afan das noites quentes das paragens do deserto... então quando, repetimos, a raça islamita abandonou em meio o seu vislumbre de festas luxuriosas, seus romaes floreados, seus alhambras de rendas marmoreas; nesse mixto da civilisação romano-gothica das gentes barbaras de Sertorio e Viriato, e da provincia carthagineza, onde as muralhas de Sagunto e Carthago a nova se tinhão abalado ás gritas bellicas dos

republicanos de Bruto, precipitou-se, como o ouro na infusão do chlorureto de platina, a civilisação arabe.

E ahi, nesse amalgama que abrilhantára a nudeza nos tempos de guerra com o esmalte dos arabescos poeticos dos fugitivos mohamedanos; a velha Hispania-romana, embora o genro de Affonso de Castella, o francez conde Henrique installasse pelas praias Atlanticas no seu reino de Porto-Calle, ás dos lidadores de Ourique, dos vassallos nobres e dos ecclesiasticos de Lamego, uma outra Hispania independente e livre, — embora! — sempre houve um nome, uma unidade que resumio aquellas duas nações, inda mesmo quando depois que uma invasão conquistadora, e após da tyrannia dos Philippes os echos da terra portugueza relembrárão os antigos sons das tubas de Aljubarrota, e a nação independente de Affonso Henriques acclamou D. João IV: embalde o ciume que arreigou fundos em ambos esses povos odios mutuos, — applicando um dito do Sr. Garrett: « Os Portuguezes ficaráõ sendo sempre hespanhóes — Castelhanos nunca. »

O romancero do Cid — essa tróva de jograes que derão á Provença os *lais de amor*, e o romance da rosa (de Meung) — e os Cancioneiros de Rezende e D. Diniz, são n'uma lingua irmãa toda: ou antes a lingua é a mesma. E ainda muito depois a litteratura portugueza córava-se de escrever no dialecto porventura mais barbaro dos Hispanico-Lusos, mas inçado talvez das linguas estrangeiras, de vestigios Arabes deixados pela invasão, de mixtos francezes trazidos pelos cavalleiros de D. Henrique: e

Montemór escrevia em castelhano a sua *Diana*, Bernardes, Sá de Miranda, Camões, mesmo Camões, trovárão muitas de suas inspirações na lingua da mãi-patria.

Da epopéa de Camões, perdôe-se-nos o erro, se é que o ha em dizê-lo, é que data a inteira separação de litteraturas, e em Portugal o timbre de apurado estudo, e a preferencia das fallas nacionaes.

As linguas separão-se de então, e as litteraturas tambem; pois, quando a nosso muito humilde parecer, sem lingua á parte não ha litteratura á parte. E (releve-se-nos dizê-lo em digressão) achamo-la por isso, senão ridicula, de mesquinha pequenez, essa lembrança do Sr. Santiago Nunes Ribeiro, já d'antes apresentada pelo collector das preciosidades poeticas do primeiro Parnaso Brasileiro[1].

D'outra feita alongar-nos-hemos mais a lazer por essa questão, e essa polemica secundaria que alguns poetas, e mais modernamente o Sr. Gonçalves Dias, parecem ter indigitado : saber, que a nossa litteratura deve ser aquillo que elle intitulou nas suas collecções poeticas — poesias americanas. — Não negamos a nacionalidade desse genero. Crie o poeta poemas indicos como o Thalaba de Southey; reluza-se o bardo dos perfumes Asiaticos, como nas Orientáes Victor Hugo, na Noiva de Abydos, Byron, no Lallah-Rook, Thomas Moore; devaneie romances á européa ou á china, que por isso não perderáõ sua nacionalidade litteraria os seus poemas. Nem trazemos a

[1] Conego Januario da Cunha Barbosa.

pleito o merito dessas obras. Em outra parte enlear-nos-hemos talvez nessa questão.

E demais, ignoro eu que lucro houvera — se ganha a demanda — em não querermos derramar nossa mão cheia de joiàs nesse cofre mais abundante da litteratura patria; por causa de Durão, não podermos chamar Camões nosso; por causa, por causa de quem?... (de Alvarenga?) nos resignarmos a dizer estrangeiro o livro de sonetos de Bocage!

A litteratura, cremo-la nós um resultado das relações de um povo — é um effeito cuja causa são os sentimentos cordiaes, muitas vezes geraes, de ordinario muito peculiares, e algumas vezes até excentricos á vista das outras, como em relação á poesia européa os poemas Chins, á vista dos dramas Schillerianos as tragedias indias. As linguas, eis-ahi tambem o resultado das relações; e mais frisante é o exemplo dos dous reinos da Peninsula Iberica, a esse respeito, que começárão ambos com a mesma lingua, e cujos idiomas se mudárão, e tornárão-se diversos em virtude da variedade de accidentes de civilisação. As linguas são um dos meios, por ventura a bitóla mais exacta para conhecer-se a oscillação do progresso, e o caminhar das civilisações. Não nos demoraremos nesse thema — nem cansar-nos-hemos n'um *esgrimir no ar*, como diz Fr. Luiz de Souza, a querermos demonstrar o que é claro.

Dahi vê-se : os vezos e usanças da colonia do Brasil erão os mesmos dos Portuguezes : a lingua foi sempre a

mesma. Os poetas, cuja nascença tanto honra ao Brasil, alçárão seus vôos d'aguia na mãi patria. Com pouca excepção, todos os nossos patricios que se havião erguido poetas, tinhão-se ido inspirar em *terra portugueza*, na leitura dos velhos livros, e nas grandezas da mãi patria. José Bazilio e Durão não forão tão poetas brasileiros como se pensa. Os heróes do Uruguay e do Caramurú erão portuguezes. Não ha nada nesses homens que resumbre brasileirismo; nem sequer um brado de homem livre da colonia; nada — até ao canto de enthusiasta da mocidade ardente de Antonio Pereira de Souza Caldas — até as gritas livres da insurreição do Tira-dentes, esse preludio sublime de uma orchestra de clamores de guerra ao brilhar das palmas da independencia, procellaria que ahi vinha desgarrada ante o bafo da tormenta. E comtudo o poeta representante dessa época, Gonzaga, apezar de todos os lavores do « Parnaso » e do « Plutarco » do Dr. Pereira da Silva, não está muito claramente provado que fosse Brasileiro. Eis portanto : os usos erão os mesmos. Os homens de áquem-mar sentião como os colonisadores. Fernandes Vieira e Amador Bueno erão a cópia bella dos guerreiros das Indias.

— Voltando agora ao thema do capitulo.

As litteraturas portugueza e hespanhola, ao separarem-se as linguas, ficárão formando duas. Mas assim mesmo é tanta a similitude do parecer, tanta a fusão dos senhos poeticos, são tão reflexivos n'uma e n'outra os toques da cavalleirosa desfreima, os sentimentos altivos

dos peninsulanos, desses Cids tão robustos como a loríga, desde os plumões da cervilheira até as grevas onde resôa o argentino tinir dos acicates; que, se fosse possivel passar por esse tropeço do vário das linguas, pudéramos dizer que essas duas erão uma só litteratura.

Se houve nações onde o brio do campeador se justára com os ademães do trovador, e onde o soldado ao depôr da armadura, ao desembraçar do broquel, soubesse o dedilhar de lyra afinada por anjos, e a ambrosia das musas se lhe inhalasse dos labios, onde o cenaculo dos bardos fosse ás vezes a tenda do legionario, onde que não em crias da Hespanha reluzírão mais fontes de poeta sob o elmo das lides? Olhai — Alonzo de Ercilla escrevia a « Araucana » ás praias do Oceano, na barraca do soldado, e no sopé das Cordilheiras onde a ave-rei dos céos da America, o Condor dos Andes, enverga seu adejo pelas grutas negras de nuvens da serrania[1]. Camões, o denodado pelejador de Ceuta, o desterrado guerreiro das Indias, cantou os « Lusiadas » na India, em Macáo, em toda a parte onde o vento nas palmeiras da Asia lhe fallava das glorias do passado. Corte-Real foi o poeta de Diu e do naufragio de Sepulveda. Garcilasso, o neto dos Incas, como disse W. Schlegel, escrevia suas canções de amor sobre essas ruinas de Carthago, o mausoléo de passadas ruinas, onde Caio Mario soberbo e Romano se assentára sublime no seu vagabundo passar de desterrado. Cervan-

[1] Mme DE STAEL, *l'Allemagne*.

tes pelejára em Lepanto, na grande victoria de D. João d'Austria o bastardo. Calderon, D. Pedro de Calderon — o poeta, o soldado e o nobre — pelejára na Flandres e na Italia. Lope de Vega fòra um d'entre as myriadas de guerreiros que se passárão na *armada invencivel*, ido com o ferro em punho á Albion de Shakspeare travar-se gladio a gladio com os jográes da velha Inglaterra, como — segundo a expressão de Ampère — os menestréis Northmans do barão de Guilherme o conquistador com os bardos ruivos de Harold o Saxão.

Quando os habitos guerreiros dessas duas nações acabárão, a poesia descahio. É que os Homeros são os cantores que forão embalados ás tubas da guerra, e essa geração que em Portugal era a diakenasta dos Lusiadas, e na Hespanha a do Cid, era uma tribu de Homéridas.

Quando as monarchias da Peninsula descahírão das éras de glorias, a litteratura passou dos epinicios do victoriado hosannah ao seiscentismo de Gongora, Marini e Dorat, que até, no dizer de Benary, tivera sua época nas letras sanskritas, assignalada no poema *Nalodaya*. E emquanto a litteratura castelhana se perdia nos trocadilhos e no gongorismo, o monumento das letras portuguezas era a *Phenix renascida*, typo dos desvarios de mentes caducas. — A *Phenix* é um objecto digno de estudo: é um padrão do estado vergonhoso de esfalfamento e laxidão, do afan de um dormir de escrava, dessa pobre Lusitania que a derrota de Alcacer-Quibir e os manejos do jesuitismo entregárão sem laurea e corôa aos sôrvos sedentos

de vida, que lhe bebia no romper das veias o vampyro Castelhano.

Voltemos atrás ainda. Quando Portugal retumbava na sua éra mais epica ás victorias dos Adefonsiades, e varria como uma catadupa ao britar de suas garras de leão as myriadas Mouriscas das terras dadas ao conde Henrique, — a contemporanea Castella ufanava-se aos cantos triumphaes da Christandade livre. Quando os successores de Colombo, Fernando Cortez e Pizarro, lastravão as pegadas sanguentas de suas grevas pelas praias Americanas, ao devassar com seu pugillo de bandidos as florestas, ao bater dos acicates de ouro no collo azumbrado dos Incas, e Las Casas catechisava os selvagens, —Pedr'Alves Cabral erguia em Porto Seguro o padrão portuguez; Martim Affonso e Pero Lopez de Souza roteavão as costas da terra de Santa Cruz; Nobrega e Anchieta, dous jesuitas, fundavão a Capitania de S. Vicente.

A sina das duas nações, ou antes a historia dos povos, é a mesma : e para evitar o transbordar de uma na outra, um Papa alinhava no globo a raia limitrophe dos dous povos no novo mundo. Navegações, conquistas — tudo ia-lhes de par : vêdes os Portuguezes na Africa? — lá estão tambem os Hespanhóes. Instincto guerreiro, mesmo bulhar de sangue irmão, aspiração rival de competencias gloriosas, ou instincto de equilibrio politico, o que sobresahe nisto tudo é o esmalte aventuroso daquelles corações.

Longo fomos : não duvidamos que demais, para um

preambulo. Mais algumas palavras e findamos o capitulo.

A litteratura moderna portugueza de hoje tem tido seu aluziar, seus reslumbres do mesmo genio, e nisso tem acompanhado a hespanhola. Pelos poetas que levárão arma ao hombro na guerra da carta em Portugal, a Hespanha tem os constitucionaes — Larra, Espronceda e Zorrilla.

Comtudo, nem sempre a poesia peninsular ergueu-se á sombra dos velhos cantos guerreiros; quasi sempre ella renega do passado romantico de Camões e Bernardim, pelo chrysocál da escola de V. Hugo. O timbre, ás vezes a exageração de lavôr e louçanias nas fórmas, o quebro harmonioso do molde, o requinte da idéa facetada como um diamante, esmerada como um Arabesco da renascença Florentina, eis-ahi quanto ao metro, quanto ao trabalho artistico — e por isso o Sr. João de Lemos é para nós o representante da litteratura portugueza depois do Sr. Garrett. Quanto á philosophia da poesia, é ás vezes o egotismo ensombrado de Byron, o rir sardonico do poeta inglez; mas a ironia vem adonisada de flôres; o sarcasmo lavrado a primor resôa melodioso — como.... os « Ciumes do Bardo » do Sr. Castilho.... apezar ainda de todas as juras de proselytismo de uma fórma mais severa que a de Echo e Narciso. No theatro — é o mesmo ademan dos Srs. Mendes Leal, Abranches, Pereira da Cunha. É o lyrismo do cantor das « Orientaes », dourando ás vezes o gosto antigo das peripecias e enredos de Calderon e Vega,

revivido por Corneille, e acordado de seu segundo somno pela imaginação hespanhola de V. Hugo. De ordinario muito florilegio, muito lavradas as trasflôres, muito esmalte, as expressões passadas ao chrysol, os sons filtrados pela doçaina de um sentimentalismo ás vezes falso : mas quanto ao fundo.... Levantai a purpura dos discursos de Cicero, disse-o Lamartine no *Rafael*, sentireis ainda as lagrimas romanas no seu ciborio lacrymario — levantai essa nuvem de rosas, que vêdes ahi?...

É uma cousa que no meu muito humilde juizo de mesquinho leitor, eu lamento muito a essa escola em cujo frontal dourárão o nome de Shakspeare, como um symbolo de independencia, a esses mancebos que não quizerão ser classicos com Euripides e Sophocles para sê-lo com Hugo e Dumas. A sua sentença está no mestre da escola, a imitação mata o genio, a copia destróe o lampejo de originalidade, seja de um classico, seja de um romantico. Os chefes de systema litterario são mais por admirar e estudar que por copiar. Gœthe lamentava-se dos seus imitadores; criticava acerbo o sentimentalismo falso que seu Werther fizera brotar nos romances, e o desregrado do drama que seu desordenado, mas bello, Gœtz de Berlichingen fizera bemquerer. Châteaubriand queixava-se do bronco de expressão, do exagerado de idéas, que sua reacção romantica accordára nas escolas do bello horrivel que excedêrão todo o medonho da ronda de horrores e lascivias de Lewis e das mortualhas dramaticas de Mathurin. É que os discipulos na fascinação da apotheose que

erguem ao genio, no tresladar, no arremedo de suas bellezas, imitão-lhe tambem, e mais que o resto, os defeitos, porque foi no embelleza-los, em escondê-los sob flôres, que os mestres envidárão suas forças.

Na escola dramatica portugueza só ha daquella seita Shakspeariana que se fechou em James Shirley e Joanna Baillie o nome do filho do carniceiro de Strafford[1]. — As vezes o desregrado dessa brilhante pleiade—defeitos, mas nunca, nunca as bellezas que assombrão no Bretão. Perdôem-no os fanaticos do seiscentismo do Sr. Mendes Leal, do lyrismo de D. Sisnando, desse Sr. Freire de Serpa que — moço — quiz seguir o V. Hugo das Balatas (a quem rastejára nos Soláos, onde trovára suas scismas mais bellas, ao tom das *Vozes intimas*, e dos *Cantos do Crepusculo*, e que o Sr. Lopes de Mendonça só pudéra chamar *lamartiniano* pela monotona belleza do *infanção das trovas*) no solho dubio do palco, e tão máo exito houve; da pobreza de execução do Fronteiro d'Africa desse — certo — dos maiores poetas contemporaneos do Sul da Europa, o Sr. Alexandre Herculano; da affectação em geral de toda essa mocidade que desgarrou-se da simpleza de dizer do Sr. Almeida Garrett, e foi-se á scena fallar ás turbas uma lingua que não era a della, a lingua bella sim, mas morta, do quinhentismo : e, como Chatterton, sacrificou por ventura o scintillar das idéas pela hirteza de um fallar elaborado, e em lugar de inspirações de poesia, preferio

Shakspeare. Vide Chateaubriand, *Études et Littérature anglaises*.

mostrar a sua gymnastica de jogral, e veio dar-nos prelecções de antiquaria no impulso de exageração da seita erudita de sir Walter Scott, o bardo que ao depois (ao poetar de Byron) foi « *o Ariosto da Inglaterra, como Ariosto fôra o Walter Scott da Italia.* »

O que eu disse dos dramas do Sr. Mendes Leal, não exclue gabos de trechos verdadeiramente dramaticos, essencialmente muito poeticos; em maior gráo nos Dous Renegados, a obra primeira, por ventura a obra prima pelo passar do chrysol do poeta do Camões e de Fr. Luiz de Souza. Mas o que é de lamentar ao melodioso *lamartiniano* das meditações, da *Sonhei-a*, das indianas, da *Rosa branca*, e tanta poesia linda, é a pobreza de enredo, a monotonia das suas heroinas; é sempre a mesma belleza :

O rosto um jaspe frio, um gelo immovel
Em que vida não ha;
E em formosura a triste inda primava,
Ermo lyrio abatido,
Estatua qu'rida d'esculptor poeta,
Cherubim perdido,
Sonho d'alma em noite melancolica
Visão da madrugada,
Sem luz, sem côr, vestida de vapores,
De nevoas corôada [1].

São sempre as virgens alvas como passão ás vezes nos romances de Scott, e nos sonhos de Burns, o mancebo

[1] Rosa branca.

enleado nas visões dos Brownies e Skelpies da crença montanheza, o cantor viuvo da *Highland Mary*.... Sempre as donzellas tristes como lyrios pendentes ao peso da chuva, como as sonha Lamartine e Alfredo de Vigny : Yolantha, Isabel, a Pobre das ruinas, e a amante do homem da Mascara Negra, que ahi passa cantando no barco, com uma musica que resôa ao peito como o vibrar do corno de caça de D. Ruy Gomes no Hernani de Hugo! Ellas são todas bellas, sim, mas bellas de uma belleza monotypa; porem esse resaibo da pobre amante louca da « Rosa Branca, » do « Sonho da vida, » a sombra suavissima e candida que lhe trava de todas as creações, torna-se monotona, porque o som mais doce, a sensação mais suave, se não mudar-se della, arrefece e tornase insipida.

Talvez haja bem em não reprehender o leitor aquelle critico que alembra a justiça da *Revista de Edimburgo*, quando ella mostrava a pobreza do poeta de *Nossa Senhora de Paris*, aquelle que fôra buscar seu typo de Esmeralda na *Mignon* de *Wilhem Meister*, e (como di-lo Capefigue [1]) seu contraste da Cigana donosa e do anão Quasimodo em uma das phantasias de Hoffmann... Victor Hugo, em cujos dramas o desenlace era quasi sempre o lagedo da calçada. Era Triboulet estalando sua cabeça inundada do chumbo fundido da loucura; Didier lamentando que a pobre mulher que o acolhêra orphão, nas

[1] *Galerie des contemporains illustres*, art. VICTOR HUGO.

ruas, lhe não houvesse quebrado o craneo ainda molle nas pedras da rua; Marion Delorme, febril de desespero, atirando-se em desmaio, n'um anhelo suicida, nas lageas do pateo de uma prisão; erão emfim Claudio Frollo e Habibrah o Cabra, embatendo-se nas rochas do precipicio, pendendo pelas mãos sanguentas das urzes que lhe rebentão nos dedos, e uivando sua vasca de morte do escuro do despenhadeiro; como aquelle, cahindo espedaçado do alto do campanario de Nossa Senhora ao grito de triumpho e de vingança do aborto-vivo... A *Revista de Edimburgo* tinha razão; como tivera ao notar que a mola mais forte do enredo dos dramas de Dumas era essa janella por onde Arthur levava o Dr. Muller vendado ao quarto de Angela, no leito de dôres de mãi; que servia a Antony o bastardo para penetrar na camara de Adèle a adultera, na estalagem; que mostrava Saint-Mégrin buscando a entrevista de amor, e topando a traição vingativa; e Ricardo d'Arlington arremessando sua mulher....

Eis-ahi quanto ao Sr. Mendes Leal.

Quanto ao Sr. Alexandre Herculano, o romancista de Eurico, do Monge de Cister, d'Arrhas por fôro de Hespanha, etc., de tantos romances primazes; o poeta da Harpa do Crente, o historiador das velhas chronicas portuguezas, se não lhe cabem os laureis scenicos, muitos e muitos lhe sobrão na fronte de poeta e pensador para que se lhe sentisse falta daquelles.

Quanto ao Sr. Almeida Garrett, o que José Agostinho de Macedo sonhára debalde, alcançou-o o herdeiro das

glorias de Philinto, o laureado da realeza poetica pela mocidade portugueza. No drama, no poema, nas poesias fugitivas, isso que os Inglezes chamão *poetry of the heart*, o eloquente orador, o publicista de tão bem escriptos *pamphlets*, o Sr. Garrett não foi só o homem-rei dos poetas portuguezes, foi tambem o socio das glorias delles, aquelle que do alto de seu solio deu a mão aos talentos juvenís, e do meio das plateias ergueu o laurel das esperanças. Como os grandes poetas de todas as eras, grande poeta de varios estros, fez diversas escolas. — Do *Camões* nasceu o *D. Sebastião o Encoberto* do Sr. Abranches. Da *D. Branca*, da *Adozinda*, e dos outros rimances populares que elle revestio de sua gala, os *Soláos* do Sr. Freire de Serpa (a quem déramos tambem outra origem de inspiração nas Balatas de V. Hugo), o *Romanceiro*, do Sr. Pizarro M. Sarmento, os *Soláos* do Sr. A. P. da Cunha, e talvez mesmo a *Noite do Castello* do Sr. A. F. de Castilho, esse veneravel ancião, cégo como Ossian, Homero e Milton, ás vezes grandioso no elevar de pensamentos alterosos, como uma sombra de Byron.

Eis-ahi porque o Sr. J. B. de A. Garrett não é só o primeiro poeta portuguez do seculo, o digno par do erudito Sr. Alexandre Herculano, mas tambem (segundo o autor contemporaneo dos *Ensaios de Critica*) é uma litteratura.

II

LUSOS E PORTUGUEZES.

O Edda das proezas Elysias não é só os Lusiadas. Cada lauda dos fastos dos páramos e serranias de áquem do Aqueda e do Guadiana, dos campos baptisados no sangue infiel dos homens da contracosta, é um canto de Iliada architectonica, como os Nibelungen e o Antar Oriental, corado de sacrosantas reminiscencias, Biblia de velhas tradições portuguezas, como o Edda Islando-Scandinavo; ou o Chanameh Persa, a epopéa mythica do Oriental, onde elle entrelaçára, como um baixo relevo de Pompeia, os feitos dos homens antigos no seu véo de mysticas tradições; ou por ventura os threnos dos bardos cymbricos nos dolmens druidicos de Hirmensul; corôa gigantesca entresachada de flôres poeticas, que enlourão victorias, e onde desapertão enliçadas rosas rúbidas e violetas de amethysta de langues aromas em seus halitos mimosos, dessa grinalda das molles canções, que se chama o amor...

Se não nos fosse ella tão de fé, a lenda das valentias lusas, dessas grandes almas de campeadores latejando seus pulsados palpites no mal contido das armaduras, polo crer da lei santa, homens de alma embebida de fé e braços ferreos que ahi vierão porfiar pleitos nas pugnas

athleticas, braço a braço, arca por arca, de Coimbra, Leiria, Santarém, Ourique, Radavam; se não a houvessemos tão de crença historial, arreigada em interiores d'alma, como o leite da meninice, em seios de nossas mãis, descendidas desses ufanos senhores solariegos, certo mais a lia briosa delles que a lenda romana, julgáramos dizer a idéia de Niebuhr. Crêramo-los esses accordos de um passado de assombros, imaginarios enlevos agigantados de um Homero das selvas do Endovellico, nome perdido no resvalle dos seculos, e jazido ignoto, amortalhado em crasta rasa e lisa de olvido, como o Teutão que abrio com o cantico de Siegfried a evocação dos Nibelungen.

Os Sagas das révoras faustosas, os memoradores da herdança de um passado tamanho, — Fernão Lopez, Eannes de Zurara, Barros, Couto, Camões — serião então os Oedas e homeridas de um imaginar colossal, de uma creação soberbosa, como os cychios gregos do anciāo das sete cidades, e na Allemanha, entre tantos, Wolfram d'Eschenbach e Henrique de Ofterdingen, o trovador antigo, cuja sombra poetica relebrou no poema de Novalis o suave scismador que finou-se como Ophelia, no dizer do poeta de Henri Blaze, á margem do rio da morte, no desfolho de sua pallida flôr de sensações... autores ambos do *Heldenbuch*, depois da monumentosa epopéa semibarbara das raças gothicas. Se a grandeza dos factos pudesse dar razão á duvida philosopho-historial delles, muito além da crença se perderião dos Romanos as façanhas desses homens que tiverão : pelo canto de Ro-

mulo, o hymno de Affonso Henriques na sagração de rei pelos homens de ferro do páramo ensanguentado de Ourique, — pelo de Numa, a chronica de D. Diniz o legislador, o poeta e o rei-lavrador, — por Lucrecia, a Osmia da antiga Lusitania, — pelo canto dos Tarquinios, o clarim guerreiro atroando os echos de Aljubarrota. Tiverão-no elles tambem nos seus annaes os feitos populares, e os brios dos vassalos — as tendencias livres da plebe; e a grandeza dos Regulos e Decios na devoção cavalleira de Egas Muniz e Martim de Freitas. A cythara de Camões que ahi nos trouxe o derradeiro echo dos recontos de um passado monumental, não céde á lyra ferrea do Capitolio [1].

E entre o estrondear dos peitoraes de aço milanez, ao sobranceiro florear dos lábaros semi-rotos das quinas Adefonsiadas, ao ranger dos gladios lascados, á queda dos frankisks gothicos suados de sangue, entre o tropear dos murzellos ardegos das turmas cavalleiras, aos brados de Allah-Akbar cortados em meio de gargantas infieis pela folha das adargas trifidas nas carnes levedadas, no reverso da medalha de pelejas, dessas corôas borrifadas de sangue, na expressão do padre Vieira, o esmalte da victoria, e dessas nutadas convulsões de passamento, da grande facha do Pantheon guerreiro, ha episodios sublimes e lacrimosos como o naufragio de Sepulveda, a morte de Maria Telles, a quem, no dizer poetado de João de

[1] Lêde Edgar Quinet, *Epicos latinos*.

Lemos « tão sem ventura a mão do esposo ceifa a rosa da vida no descuido da noite, » e a lenda de ternezas de um Iffante e uma dama.

Quem não sabe da má ventura de D. Ignez? quem não repassou de orvalhos de lagrimas esse goivo secco de saudades, na pagina melancolica dos *Lusiadas?* quem não o chorou mais do peito ainda evocado na scena pelo condão de um genio, n'uma tragedia á Eschylo, quasi classica nas fórmas soberbas, mas não tão classica que o fervor do engenho se gelasse nellas? A torrente se escorre entre suas ribas de marmore, como o bronze pelo molde, bella sempre, ainda no tresvasar da fervura quando ella se lhe atufa despeada... essa tragedia tão bella, tão prateada de tristuras, que não ha mal o dizer-lhe como o côro della ao ver desfeita em lagrimas a Dona dos sonhos de D. Pedro :

Quem póde ver-te
Que não chore e se abrande?

E tu, Byron, tu o artista das grandes glorias, o cultor de todas as aras enlauradas de heroismo, idolatra pantheista de todas as façanhas, oh! porque acordares na tua solfa de menestrel a fibra rispida da ironia á velha nação das victorias?

Oh! sim! porque esse sarcasmo que o teu Childe cuspia á cidade dos grandes triumphos, á Ahsbonnah Mourisca

dos indomados brios, á Lisboa grandiosa dos memorosos barões?

Porque na ruina da Roma do Occidente não accordar antes echos da Cintra do pobre guerreiro Viso-Rei, mirrado sob sua corôa de louros, e Bimnardel o mal amado, n'um desses cantos ás Niobes-nações que sonhaste no sarcophago da Cidade-rainha?

Poeta! e esqueceras que nação sobre cujo tumulo pisavas tinha por Edda o livro de Luiz de Camões, menestrel como o Tasso, guerreiro como Godofredo, amante como Petrarca, vagabundo como Dante, sublime e laureado das palmas da guerra como tinhas de sê-lo?

E ignoravas, vagabundo romeiro do scepticismo, que a nação de que rias, real entre as demais, tinha mais Homeros que a Europa toda — mais campeões estatelados com as mãos mirradas nos guantes de aço, no peito murcho e calado, e as sapatas de ferro unidas no marmor de seus leitos de pedra — mais lidadores de temperas indomaveis, cujo eito de façanhas de um só fôra almenara em atalaia de gloria para uma nação inteira, do que essa tua velha Inglaterra de Boadicéa, Arthus, Guilherme o barão Northman, e Harold o morto no campo de batalha com a fronte descôroada?

E entre essa tanta infamia de uma nação cadaver e prostrada — na poema de um capitolio de glorias — tu, que eras poeta como o espirito do passado, que eras bello como o Euphorion ultimo do Faust [1], não sentiste o pulsar

[1] Gœthe, *Faust*, IIª parte, acto 3º.

alto e ardente de muitas fibras em peitos filhos de céos bellos, tão vivos de republicanismo, e acordados dos brados de gloria dos homens livres, inda echoantes pelas montanhas e valles d'áquem o Aquèda e Guadiana, poetas que votárão suas frontes de mancebo á cinza da magoa, é suas harpas inteiras aos hymnos das glorias idas, aos threnos de maldições, ás orgias seculares e á vilta do nome portuguez?...

PHASE HEROICA

A grande era portugueza, ha ahi dous grandes vultos de poeta que a representão — Ferreira e Camões.

I

FERREIRA.

A Castro de Ferreira foi, depois da Zenobia (de um autor Italiano), a primeira obra tragica, assellada de genio, verberada dos lances do classismo hellenico, e da simpleza homerica e pureza de fórmas dos archetypos

sublimes dos Gregos. A arte dramatica portugueza nunca mais ergueu-se tão alto. O informe de creação dos autos extravagantes de Gil Vicente o truão, as comedias de Sá de Miranda, e os enredos facetos do Judeo Antonio José da Silva, o volumoso theatro de Figueiredo (em tempos mais modernos), o repertorio plagiario de melodramas de Antonio Xavier; nada disso vai a par, em merito litterario, do grande monumento de D. Ignez, que o Dominicano gallego Bermudes na sua *Nise lacrymosa*, verso por verso ás vezes, tão indignamente plagiou. As imitações de Lamotte e João Baptista Gomes estão para o original como Ducis para Shakspeare.

João Baptista Gomes errára ao fazer a sua empolada imitação. O que era mister ao velho rune da Castro, não era um homem como o pautador das inspirações gotteadas das rugidoras selvas druidicas do Inglez; era por ventura antes um Alfredo de Vigny que ahi cerceasse alguma antigualha, desses desvarios da mente que os contemporaneos da creação de Hamleto e Othello applaudião, e hoje desdizem com a scena moderna; ou algum moço de talento á Sainte-Beuve que avivasse com um perfume de poesia moderna, que dourasse com perfeição artistica aquelle velho monumento, velho sim, mas inda sublime, como todos os alentos do genio no turbilhão de uma geração nova, que rola em movimento de porvir, e búlha como o metal na estatua.

Quanto á fórma, achamo-la tão pura, apezar ainda da violação do preceito Aristotelico da unidade do lugar,

que crêramos sacrilegio o pôr-lhe mão, como ao desgrenhado romantico que se erguesse a desfazer a grandeza symetrica de fórmas, o epico do fundo, da Athalia biblica de João Racine, por ventura o mais bello triumpho theatral da arte franceza.

A tarefa por fazer na Castro não é uma obra gigantesca, mas é um esmero trabalhoso. Fòra um limar de versos, um lavrar a esmeril de algumas arestas opacas daquella pedra, um apuro a timbre daquella poesia ás vezes dura e tosca, selvagem muitas vezes como Shakspeare, sublimes como elle; coadunar á grandeza Euripidica das imagens o fluente e onomatopaico do verso dramatico. Seria um trabalho minucioso, mas de bem colhida palma o de erguer em força, sem comtudo exagera-lo no adonisar da poesia elmanista[1], o endecasyllabo ás vezes prosaico, elevar a solfa das notas porque o canto tenha um harpejo digno delle. Para os brados da guerra ha o rugir sonoro da lyra de Tyndaro o Atheneo; para o epinicio da gloria, o clangor da tuba Calliopéa e o vibrar da harpa de Ossian; quando o peito se dobra no desalento e a vida se esmaece intima, os lamentos de David o rei, e Jeremias o propheta; e quando a alma se filtra do orvalho do amor, a cythara de Anacreonte, e as lyras de Ovidio e Dircêo.

Quanto a elogios, não se me creia por ditos — é ler

[1] Entre a poesia elmanista e Bocage, farei a descriminação do Sr Garrett.

esse bello canto da amante de Pedro ás moças de Coimbra com que se abre o enredo:

Colhei, colhei alegres,
Donzellas minhas, mil cheirosas flôres,
Tecei frescas capellas
De lyrios e de rosas: corôai todas
As douradas cabeças;
Espirem suaves cheiros

. . . .

Soem doces tangeres, doces cantos
Honrai o claro dia
Meu dia tão ditoso! A minha gloria
Com brandas lyras, com suaves vozes.

E naquelle dialogo que se lhe segue,

AMA.

Nas palavras prazer, agua nos olhos
Quem te faz juntamente leda e triste?

CASTRO.

Triste não póde estar quem vês alegre.

AMA.

Mistura ás vezes a fortuna tudo.

CASTRO.

Riso, prazer, brandura n'alma tenho.

AMA.

Lagrimas sinaes são de má fortuna.

CASTRO.

Tambem da boa fortuna companheiras.

AMA.

Á dòr são naturaes.

CASTRO.

E ao prazer doces, etc.

E quando ella reconta sua historia á ama, quando repete com o prazer infantil de namorada as lembranças de seu amor, então o poeta ás vezes assoma melodioso como um suspiro de donzella...

Ama, na viva flòr da minha idade
(Ou fosse fado seu ou 'strella minha)
Co' os olhos lhe accendi no peito fogo,
Fogo que sempre ardeu e inda arde agora
Na primeira viveza inteiro e puro.

Como é bella a descripção da tristeza do infante contada por labios daquella que o enlouquecia : as ancias, os suspiros, os gemidos, e o coar de doce veneno que lavra por elle, ditos com uma singeleza de mulher e de moça, com essa ingenuidade que só os mestres d'arte comprehendem em sua sublimidade, que o vulgo ás vezes desama na conversa de Julieta e Romeo luar, e que o amante sem querê-lo repete! — Como são bellas as doces lembranças vivas daquella, cujo seio batia com o do principe! Quando ella conta o que a dissera ao real amante

Co' as lagrimas nos olhos, rosto branco,
A lingua quasi muda, em choro solta...

receios de dobrez daquelle por quem ella morre, e que morre por ella, e

> Elle então lançando os braços
> Estreitamente em mim, mudado todo,
> Em vão trabalha de encobrir a magoa
> Do seu temor e lagrimas...

Não é verdade que isso é bello? muito bello, ao geito dos Gregos, e á maneira de Shakspeare—porque a belleza é bella de um fulgor irmão, de uma sensação que se acorda e vibra de um mesmo tremuloso palpitar?

E não é bello o monologo de D. Pedro, começado por uma prece a Deos, e tornado em esperanças de amor, no crente ver de um porvir floreante? E depois o dialogo do amor ardente do mancebo, e da severa sisudez do secretario, o fogo das fallas do amante, e o peso dos conselhos do velho, e ao cabo desse acto aquelles córos tão mimosos que começão

> Quando amor nasceu
> Nasceu ao mundo vida,
> Claros raios ao sol, luz ás estrellas, etc.

Dizei-me, não sentistes ao ler aquelle 1° acto o que se sente ante uma estatua antiga, um primor typico da arte — não sentistes o que se sente ante a lindeza?

Que profunda philosophia não resumbra naquelles versos do monologo d'el-rei D. Affonso IV :

> Oh! sceptro rico, a quem te não conhece

> Como és fermoso e bello! e quem soubesse
> Bem quão differente és do que promettes,
> Neste chão que te achasse, quereria
> Pisar-te antes co os pés, que levantar-te, etc.

Que verdade chã que transluz no dito dos conselheiros, quando o rei lamenta o seu fardo real e o mentido *resplandor daquelle ouro que nos engana*, e só promette perigos,

> Gloriosos perigos e trabalhos,
> Oh! bemaventurados! pois te sobem
> Da corôa da terra a que nos céos
> Mais rica, mais gloriosa te darão.

O dialogo do rei e dos conselheiros — do soberano que ainda é pai e homem, e dos vassallos severos que, na sua fé de Portuguezes, preferem a paz do reino a uma vida de moça; a hesitação do guerreiro de Salado, os aphorismos da politica severa de Coelho e Pacheco; a logica do coração do pai de D. Pedro, e a logica da politica dos ministros: eishai um debate forte — uma scena travada, onde o interesse arfa de ancia. O poeta comprehendeu o que iria dentro a um peito de homem, na luta de pai e rei — Gloria ou magoa! ao rei. Rebuçado embora do manto de Bruto, o velho monarcha afoga suas lagrimas, e, a fronte baixa, murmura a sentença de morte...

E o côro, ahi vem que lamenta no seu pressentir de luto o desenlace sanguento do drama...

O acto 3º começa com o monologo da Castro que acorda do afan de uma noite anhelante, que... escutai-a :

> Nunca mais tarde pera mim que agora
> Amanheceu. Ó sol claro e fermoso,
> Como alegras os olhos que esta noite
> Cuidárão não te ver : ó noite triste !
> Ó noite escura ! quão comprida foste !
> Como cansaste est'alma em sombras vãs !
> Em medos me trouxeste taes que cria
> Que ali se acabava o meu amor,
> E ali a saudade da minh'alma.
> Que me ficava cá...

quando a ama lhe pergunta :

> Que choros e que gritos, senhora, erão
> Os que ouvi esta noite ?

e a donzella[1] lhe conta o sonho que a *assombrara de medos*,

> Cansada de cuidar na saudade
> Que sempre leva e deixa aqui o Iffante,
> Adormeci tão triste, que a tristeza
> Me fez tornar o somno mais pesado
> Do que nunca me lembra que tivesse, etc.

É a scena pela qual Baptista Gomes começou sua « Nova Castro » :

> Sombra implacavel, pavoroso espectro,
> Não me persigas mais ! Constança, eu morro !

[1] « Tal está morta a pallida donzella. » CAMÕES.

Esse acto é tambem lustroso daquellas perólas de amor que o poeta espalhou da sua coròa esfolhada. Quando a ama descreve o Mondego que lhe corre aos pés, Coimbra a bella, que lhe sorri de louçã :

Olha as aguas do rio como correm

. . . .

Esses campos fermosos que parecem
Debaixo deste céo dourado e bello;
Quem os verá que logo não se alegre?
Ouve a musica doce com que sempre
Te vem a receber os passarinhos
Por cima dessas arvores fermosas...

e quando depois o côro entra sombrio como um presagio, como é bella a passagem de um céo bello ás nuvens que se levantão, da descripção do sitio dos amores á scena triste!

CÒRO.

Tristes novas, crueis,
Novas mortaes te trago, Dona Ignez.
Ah! coitada de ti! ah! triste, triste!
Que não mereces tú a cruel morte
Que assi te vem buscar.

AMA.

Que dizes? falla.

CÒRO.

Não posso. Chóro [2].

Não é verdade que essa resposta do côro é triste e linda em sua tristeza?

CASTRO.

De que choras?

CÔRO.

Vejo
Esse rosto, esses olhos, essa...

CASTRO.

Triste
De mim! triste! que mal? que mal tamanho
É esse que me trazes?

CÔRO.

É tua morte.

CASTRO.

É morto o meu senhor? o meu Iffante?

CÔRO.

Ambos morrereis cêdo.

CASTRO.

Ó novas tristes!
Matão-me o meu amor? porque m'o matão?

CÔRO.

Porque te matarão: por ti só vive,
Por ti morrerá logo. . . . . .
. . . .

A scena toda vai bella, a imaginação arde ao sentir dos corseis que já nitrem ao longe, á poeira que se alevanta nas estradas da gente armada que ahi vem afogar no seio da moça, em sangue, a vingança real...

AMA.

Cumprirão-se teus sonhos.

CASTRO.

Sonhos tristes!
Sonhos crueis! porque tam verdadeiros
Me quizestes sayr? . . . . . .

Leia-se esse monologo, afflicto como o esvurmar das lagrimas sangrentas de Œdipo cégo, como o de Hecuba, a quem se arranção os filhos, cujo sangue querido vê derramar-se dos eio de Polyxena no sepulchro de Achilles, como essas mil magoas grandiosas, verdadeiras ainda assim, da esthetica grega... como a ancia de Marion Delorme, e o esvaliar de loucura de Triboulet, em Victor Hugo...

Ha de ver-se dahi que a poesia de Ferreira era bella ao transluzir dos seus brolamentos a eurythmia antiga, como o senho firme das velhas feituras classicas; mas não hirta como as estatuas do classismo francez do seculo XVIII, dos começos do seculo XIX, onde, a exceptuar algumas creações de Voltaire, só se vêm da Grecia, as fórmas de Sophocles e Seneca — as tres unidades : que não comprehendião no bello senão o molde, e por isso ficárão mudas como o marmor que rasgárão, porque só aos homens-Promethéos, que tem no Olympo da fronte o fogo de vida do genio, cabe dizer como Christo a Lasaro, á materia sem alma — ερωγε ou *surge!* e elles, coitados! erão Ixions loucos, cujos braços abertos só abraçárão nuvens...

A falla da Castro ao rei no acto 4° é mais bella que a que Luiz de Camões presta á donzella. Como notou-o o

critico francez, se era possivel que a dama portugueza soubesse da historia pagã, não era natural que uma mulher aos pés de um homem que vem mata-la, essa mãi que se ajoelha em lagrimas, com os filhos no collo, precisasse de imagens para commover um velho. Andromaca aos pés de Pyrrho, Ignez de Castro aos pés do rei, eis dous typos de mãi e ambos sublimes : mas ahi o que os faz tão bellos é o palpitar dos seios maternos que estremecem, a voz das entranhas que soluça nos labios. O pai fraqueou. D. Affonso perdoou Ignez. Mas os conselheiros não lhe perdoão. A luta recomeça mais travada, a scena aperta-se mais, o pai se afoga sob a purpura do rei...

REI.

Não vejo culpa que mereça pena.

PACHECO.

Inda hoje a viste, quem t'a esconde agora?

REI.

Mais quero perdoar, que ser injusto.

COELHO.

Injusto é quem perdôa a pena justa.

REI.

Peque antes nesse extremo que em crueza.

COELHO.

Não se consente o rei peccar em nada.

REI.

Sou homem.

COELHO.

Porém rei.

REI.

O rei perdôa.

PACHECO.

Nem sempre perdoar é piedade.

. . . .

. . . .

. . . .

REI.

Eu não mando, nem vedo. Deos o julgue, etc.

A luta que houve entre o pai e os vassallos enliça-se entre o rei e o côro:

CÔRO.

. . . . Ah! quanto podem
Palavras e razões em peito brando!
Eu vejo teu espirito combatido
De mil ondas, ó rei. Bom é teu zelo!
O conselho leal: cruel a obra.

REI.

Por crueza julgais o que é justiça?

CÔRO.

Crueza a chamará tod' outra idade...
Deos te julgue. Eu não ouço. Porém temo.

REI.

Que temes?

CÔRO.

Este sangue que ao céo brada...

Não culpamos a ti : nem desculpamos
As descortezes mãos de teus ministros
. . . .
. . . . Oh! nunca visto
Mais innocente sangue! . . . .
. . . . Ouves os brados
Da innocente moça? ouves os choros
Dos innocentes filhos? triste Iffante,
Ali passão tu'alma teus vassallos,
De teu sangue os crueis tingem seus ferros.

REI.

Affronta-se minh'alma. Ó quem pudéra
Desfazer o que hei feito! . . . . .
. . . .

A peça devia acabar com as lamentações do Côro, ao cerrar-se entre lagrimas o acto da morte da Castro. O 5º acto tem duas scenas. — A 1ª são as saudades do desterrado D. Pedro, a elegia de seus amores que longe lhe ficárão; a 2ª é a nova da morte da amada trazida por um messageiro.

A furia do Iffante, as imprecações de vingança, esse exhalar de uma dôr profunda é sublime. Compare-se com o Romeo de Shakspeare, Act. V. Sc. 1ª — *Well, Juliet, I will lie with thee to night.* — Calma e o sangue frio do suicidio — e Act. V. Sc. 3ª — *A paixão melancolica*, etc.

A peça é classica nas fórmas, é luzida das inspirações ardentes do céo hespanhol e apezar da unidade de lugar ser violada ahi no 5º acto, um Grego não renegára della

se lh'a coubesse em sua litteratura. Ferreira é o mais antigo dramaturgo[1] do romantismo; é o que Gœthe foi na Iphigenia em Tauride — o eclectico dos dous systemas, do grandioso marmoreo de fórmas de um, do luxo de vida de outro theatro.

Para nós, Ferreira (como Gœthe na creação de Iphigenia) é o modelo que apontariamos á mocidade. Ali ha todo o brilhante fascinador do romantismo, e o puro da severidade architectonica do classismo.

II

CAMOES.

Longe, por essas nuvens de um passado, corrido das longas sombras da cruz, sob sua laurea, ao avultar da fronte assombrada, não lêdes ahi, n'um sobrecenho triumphal, o accesso d'alma guerreira, que trasluz-lhe sob o aço do morrião, n'um olhar meridional?

Não na vêdes lá, por essa terra das Indias, onde polas veias, ás calmas do meio dia, no tropel febril, borbotôa o sangue mais vivo, onde o poléa vagabundo enlanguece pelas sestas suffocantes; não na vêdes lá essa altivez de homem de guerra, com o peito mal contido sob as esca-

[1] Talvez se note que eu confundo e dou por synonimos — tragedia e drama. — Não sei donde lhes venha a desvairança etymologica. Os Gregos chamavão indifferentemente as obras theatraes — τραγοεδια e δραμμα.

mas da couraça, e a idéa erradía a esvaliar-se-lhe incerta, ao rodar de lagrima furtiva, imaginando na vida — ao acordar de uma idéa — sonho de guerra ou amor?

E sabeis-lhe o nome, o fado, as glorias?

Sabeis-lhe o nome ao homem abatido sob seus laureis de poeta na fronte escaldada, como imagem do Ghibelino, no romar peregrinante, ou alma de Tasso absorta, entre Leonora e Armida, n'um desvarío divino?

Sabeis-lhe o fado ao cavalleiro campeador, com a cabeça curva, a testa pallida, e pelo olhar soberboso a lagrima primeira?

Sabeis-lhe as glorias ao homem a sorrir em suas abusões, ao ondear da roupagem de um sonho a perpassar-lhe ao pé?....

Quem era? Era Camões.

Esse donzel que o Sol Hispanico enrubecido ainda dos reflexos do Oriente Portuguez fadára o Homero dos Lusiadas. Era o menestrel, cuja mão tremula erguêra talvez o sudario de Natercia a ver-lhe a face branca; o moço apaixonado que a revia ainda ao acordar em suas canções, do seu tumulo real, fria de alabastro como na Galatéa surgida de sua tibieza

> . . . . a pallida donzella
> Seccas da face as rosas e perdida
> Co'a branca e viva côr a doce vida.

Eis-ahi quem era Camões : era o amador saudoso de Catharina de Athayde, o soldado de Ceuta, que n'um senão

de face, ao salvar de seu pai, um pelouro assignára valente; o desterrado da India barbara, o scismador da caverna de Macáo, o naufrago que ao salvar-se a nado erguia na dextra o padrão glorifico de seu poema. Em tudo e sempre foi um reflexo de glorias, foi um cavalleiro a quem fadas segredárão uma corôa por desfolhar aos pés da patria, e nos joelhos d'*Ella* — foi uma alma epica que em seu presentir de poeta vira em seu livro uma dessas glorias cosmopolitas com que todos os povos, todas as gerações se laurêão. É que entre o seu pantheon gigantesco de semideoses — (e ahi desculpemos ao poeta a polymythia confusa dos mythos pagãos e do Christianismo: como poetar feitos herculeos sem uma intervenção de deoses guerreiros? O Christianismo, cujo lábaro é a paz, cujo gladio é a palavra, não pudéra de per si inspirá-lo. O Olympo Grego, o Céo de Odin, alguns livros do Velho Testamento, são epicos no sentido verdadeiro e bellico da palavra: os Evangelhos não. O Tasso para fazer uma epopéa precisou de um outro céo no seu Céo dos Paladins da Jerusalem: as fadas e os feiticeiros o supprírão no colorir daquellas éras brilhantes de uma crença fanatica e fundida ainda nas tradições guerreiras dos barbaros) — como diziamos, é que entre o seu pantheon gigantesco de semi-deoses na sua grita valente de guerras, ao brilho multicôr dos broqueis deslumbrantes de trasflôres, de divisas de guerra e mottes de amor, elle era lyrico como Pindaro — epico como Virgilio — rosado em tantos episodios, onde a volupia tressúa-se como nos paineis de

Ticiano, de erotismo anacreontico, como o Decameron de Boccacio, o episodio de Armida de Torquato Tasso, e os enleios das fadas de Ariosto, — e palpitante de heroismo, offegante de sentir tragico e fundo, sua fronte se obumbrava de glorias quando com a mão pallida erguia as lousas da velha historia portugueza...

A imaginação era grande ahi : o Adamastor se erguia do seu travo de magoa, como um phantasma vingativo, n'uma prosopopéa colossal mais soberba que a do Encélado de Claudiano.

PHASE NEGRA

Eis até hi a face brilhante no sol, o relampago centenario do planeta portuguez. Lêde Ferreira e Camões, e senti-la-heis como sente-se a lava quente aos pés — essa raça de valentias herdadas com os brazões lavados em sangue.

A phase das vergonhas portuguezas, o clivoso do descaimento da nação de Castro o Viso-Rei, a vilta desse povo de Romanos, geração abastardada de aguias, condiz ás palavras irosas do velho Frederico Barba-rôxa, resurgido

de sua caverna de Malpas, aos burgravos espurios e desditosos do passado de seus avós :

> . . . . Vos pères
> Hardis parmi les forts, grands parmi les meilleurs,
> Étaient des conquérants, vous êtes des voleurs [1].

Não queremos dizer tanto de Portugal. Talvez todo o valor dos Portuguezes não estivesse nos bandidos das montanhas e nos assassinos da noite, nos salteadores das estradas, e nos apunhaladores das ruas....

A phase dos brios, representão-na pois Ferreira e Camões : a do marasmo ha um vulto que bem lhe vai a par, uma physionomia que basta a pintá-lo.

Olhai no passado — nesse passado que foi o presente de nossos pais mancebos, de nossos avós já homens feitos — não vêdes pelo tremedal das ruas da Lisboa immunda do seculo XVIII [2], um homem que cambaleia e tropeça, roto e desabotoado a encostar-se pelas esquinas, tacteando as paredes no andar vertiginoso? Lançai um olhar por essa janella a meio cerrada. . . . . .
Não vêdes ali na sombra do lupanar o semblante espavorido, o olhar incerto, e uns cabellos louros espalhados pela fronte alta, na mão ainda o copo vermelho, nos joelhos a mulher perdida, como o esboço sublime de Holbein, o libertino pintor Allemão, á margem do *Elogio da loucura* de Erasmo, na bibliotheca de Bâle?

[1] Victor Hugo, *les Burgraves*, IIe partie, scène vi.
[2] Vide o *Tableau de Lisbonne*, de um viajante francez anonymo.

Conheceis aquelle homem?

É um typo poetico como Byron, cynico e devasso como D. Cesar de Basan, sombrio como o Dante, amoroso como Ovidio, insano como Werner!

É o rei da litteratura Portugueza de então — Manoel Maria Barbosa du Bocage.

BOCAGE

I

O seculo XVIII agonisava livido nas suas extremas saturnaes, e o seculo XIX despontava, entre as desesperanças materialistas da philosophia Franceza daquella época, como a definio Lamartine, toda mathematica, e o idealismo de Kant e Fichte, entre Voltaire que se gelava frio de morte — inda nos labios o amarello sorrir do incredulo, Byron o poeta rei que adormecia nas orgias febris, nos sonhos tenebrosos do Corsario e Lara, como Spinello o pintor, delirante de suas visões sublimes. E em meio daquella grande levadia da maré das civilisações européas, quando todo aquelle mundo de além-mar, no dizer Biblico, vacillava como um ebrio, Zaccharias Werner nas noites de perdição se estendia pelo chão das tavernas da velha Allemanda, e profanava na embriaguez a sua larga

CASTRO.

Sonhos tristes!
Sonhos crueis! porque tam verdadeiros
Me quizestes sayr? . . . . . .

Leia-se esse monologo, afflicto como o esvurmar das lagrimas sangrentas de Œdipo cégo, como o de Hecuba, a quem se arranção os filhos, cujo sangue querido vê derramar-se dos eio de Polyxena no sepulchro de Achilles, como essas mil magoas grandiosas, verdadeiras ainda assim, da esthetica grega... como a ancia de Marion Delorme, e o esvaliar de loucura de Triboulet, em Victor Hugo...

Ha de ver-se dahi que a poesia de Ferreira era bella ao transluzir dos seus brolamentos a eurythmia antiga, como o senho firme das velhas feituras classicas; mas não hirta como as estatuas do classismo francez do seculo XVIII, dos começos do seculo XIX, onde, a exceptuar algumas creações de Voltaire, só se vêm da Grecia, as fórmas de Sophocles e Seneca — as tres unidades: que não comprehendião no bello senão o molde, e por isso ficárão mudas como o marmor que rasgárão, porque só aos homens-Promethéos, que tem no Olympo da fronte o fogo de vida do genio, cabe dizer como Christo a Lasaro, á materia sem alma — ερωγε ou *surge!* e elles, coitados! erão Ixions loucos, cujos braços abertos só abraçárão nuvens...

A falla da Castro ao rei no acto 4º é mais bella que a que Luiz de Camões presta á donzella. Como notou-o o

ley... Quando o poeta dos lupanares, o improvisador soberbo das praças ergueu seu brado de atheu á

Pavorosa illusão da Eternidade,

é que as noites lhe ião bem negras á ancia do coração que o vinho e os beijos seccos da perdição não lhe podião calar.

E comtudo, se a educação se lhe orientára diversa; em vez do borbulhar nas arterias, de um sangue de Ibero, do fervor de um coração de Portuguez — crestado e cinéreo ao louquejar das lupercaes... se as brisas nevoentas do Norte lhe houvessem influido a irritabilidade nervosa, a melancolia hypochondriaca e spleenética, a insania tocada de superstição, o hysterismo das terras nevoentas, esse homem houvera sido Chatterton, Byron ou Werner...

Bocage e Chatterton se assemelhão. Ambos sós — sós! — no mundo. Ambos com cerebro sublimado ao fogo da poesia, e sem uma auréola de luz ante a qual as nações dobrassem as frontes como ante um sol, — ambos soffrendo da dôr do coração.

De Chatterton a Bocage vai talvez um passo. Mas entre ambos ha um abysmo. Entre o cantor das glorias cavalleiras do XV seculo, das Iliadas Anglo-Normandas do pseudonymo Thomas Rowley, o poeta da luta de Hastings entre *Wyllyam* o duque e *Kinge Harolde — fayre England curse and pryde* [1], e o mancebo Portuguez ante o qual

[1] Canto II.

Filinto Elysio desatára das fontes sua corôa de poeta-rei, ha a crença: um cria; ao outro, o materialismo, como o espinhal da Parábola santa, afogára todas as sementeiras d'alma. Chatterton se refugiára nas lendas de fé, revivia banhado de ondas catholicas do crer do monge Saxão, Chatterton cria. Bocage era da escola de Volney e dos Encyclopedistas, que em Portugal tinha por Evangelho a *Voz da Razão* de José Anastacio da Cunha. Era — quem sabe? — atheu com Shelley...

O louro suicida de 18 annos, na sua febre de poeta, tinha visões do espiritualismo juvenil. — Erão Elinoura [1], Oella [2], que lhe repassavão alvissimas, Elstrida e Sabrina [3] sacudindo seus cabellos gottejantes nas faces de afogada, a esperança que lhe vinha nos sonhos segredar amores pela fronte pallida do abatido. Bocage... aquella alma era negra como as cavernas escuras onde o mar rebenta com um murmurio lugubre. — Lá dentro a treva, o gemer de alguma dôr funda, que se afoga e gela...

De Bocage a Byron — das orgias brutaes do soldado vagabundo das tascas de Lisboa, aos banquetes deslumbradores, ás noites turbulentas do lord em Veneza; — de Manoel Maria o miseravel, que dava ao povo como os Homeros antigos suas inspirações de poeta, ao D. Juan altivo que vendia o 2º canto do Childe Harold a duas libras es-

[1] *Elinoura e Juga,* poema.
[2] *Oella,* tragedia epica.
[3] *Metamorph.*

terlinas o verso, vai a soberba dynastica, o orgulho ferido daquelle espirito que soffrêra — e muito — e ia afogar-se no vapor dos vinhos Hespanhóes para *esquecer!* Não o amaldiçôem! esquecer! eis o somno de Byron.

Bocage como Werner era levado por um organismo excitado ás impressões vivas. Sua alma leprada de materialismo, matizada ainda de frescuras de poesia — na lucta do corpo e da alma, da eiva da materialidade e da seiba de vida do espirito — precisava de um pousío ás agitações que a enfebrecião. A Byron erão dôres do passado que pedião o vinho real do Rheno e o *gin*, como o doente pede opio. A Bocage era por ventura a turvação daquelle espirito, o atropellado daquellas veias que lhe passavão pesadas no craneo, era sobretudo a sensualidade que tendia a adormecer a alma.

De Werner a Manoel Maria vai menos : o adormido de embriaguez em sonhos negros debaixo das mesas carunchosas da estalagem allemãa, e esse louro Portuguez estatelado á modorra na taverna, á luz fumacenta e amortecida da candéa, parecem-se muito. São duas feições louras, com olhos córados do azul dos céos do Norte : ambos escurecidos do vaporar de suas tripodes pythonicas : ambos razões debeis, arrebatados como a Lenora a galope.

A differença de um a outro desses ebrios, é que no seu oscillar entre o mysticismo allemão, o scepticismo e o fanatismo, as idéas de Werner não se assemelhavão, senão na incerteza, á philosophia titubeante nas tênebras do

não-crer, como alma que desespera, e banha a cabeça reproba nas ondas negras da sensualidade brutal, no lenocinio lutulento das paixões na existencia do homem que tem medo de crer.

II

« Matárão-te, Bocage, mas matárão-te um homem! » disse o Sr. Lopes de Mendonça.

Que foi um suicidio a morte de Bocage cremo-lo nós — suicidio d'alma e de corpo — pois quando aquelle cadaver esfriou, já a alma lhe estacára morta. Cremos sim que Bocage morresse de dôr, talvez de loucura como Gilbert — de miseria como Malfilatre — de orgulho como Chatterton. Mas o que o matou não foi (pensamo-lo), como o quer o Redactor da « Revolução de setembro, » o afogar de suas idéas politicas, « sua agonia de Encélado sob o Etna do regimem absolutista. » — Não o cremos : o que o matou, como a Marlowe o dramaturgo, foi a orgia, ou antes um veneno de lembranças, *seiba de morte* como disse o Hamleto, que lhe calcinava as veias. Era aquella cabeça que se lhe enturvava no ar mephitico de uma civilisação bastarda, e acima de tudo isso o brado de voz sobrehumana que assomava ao libertino a clamar-lhe *anathema, anathema sobre ti!* como a maldição do mo-

ribundo pai de Kuntz ao parricida no drama terrivel de Werner[1].

III

Se a gloria consiste no apontar do dedo por um povo a um homem, como Horacio disse :

> Digito monstrari, et dicitur : hic est!

Essa gloria que acompanhou como sombra a Werner, quando rebuçado no desalinho dos seus andrajos, ainda maculados do vinho das saturnaes da vespera, com sua physionomia de energumeno, seu amaneirado de homem nutrido de depravação, com essa philosophia titubante e seu systema — se a gloria é esta, ninguem mais que Bocage ganhou-a.

Dos salões frios da nobreza portugueza ás reuniões dos botequins e bilhares onde a populaça estremecia de riso ás insulsas facecias truanescas de José Daniel, havia um nome que realçava além de tudo, o nome de um poeta, ante o qual á geração presente ninguem sobresahia : uma fronte á Camões — um estro valente e regio naquelle craneo do homem perdido, que dominava todas as idéas.

[1] Intitulado : 24 *de Fevereiro.*

E quando no theatro, sobre um mar de homens, se erguia a fronte pallida de Manoel Maria, avultando sob seus derrancados cabellos louros, no solto das vestimentas, e sua imaginação ardente lhe voava nos adejos igneos do improviso, a vida daquelle povo todo, das platéas mudas e anhelantes, dos camarotes apinhados, todo aquelle turbilhão de almas pendia da torrente dos labios do vate, e a voz delle se afogava no phrenesí dos applausos, como a do hymno do vento na ancia das ondas.

Bocage era o verdadeiro rei daquellas intelligencias todas — rei solitario e soberbo como o sol, tendo como elle uma missão creadora e sublime — a do genio.

IV

Porém Bocage não é sempre o engenho dormido na perdição, o cysne com as azas abertas cahido no pantanal, o soldado libertino, ebrio no bordel. Ás vezes, quando a fronte lhe latejava mais fresca ás virações da primavera, quando o coração lhe batia mais macio, e uns olhos puros de mulher se miravão na lagôa azul da scisma do cantor, então a corda argentina da candidez virginal lhe revivia n'alma, como lagrimas crystallinas de perfume, os sonetos tão bellos que nem sonhos de Petrarca á bella Italiana, lhe gottejavão dos labios como á chuva dos rosáes em flôr. E quando elle se esmaecia no sonhar, e as visões puris-

simas vinhão a sorrir-lhe á miseria, elle cantava a — nenia da Ignez de D. Pedro — a amizade, perola tão alva ensartada a esse collar venenoso da vida : e, lembrando-se da pobre mãi, elle escrevia, em tributo a esses corações de pomba, que chorão sem consolo como a Rachel Judia, *quia non sunt*, e no seu desespero invocão :

> Não roce os labios meus, nem mais um riso,
> Meu triste coração ralai saudades...

no canto Lamartiniano em que sua alma se lhe pendia e desfolhava-se como um salgueiro banhado de chuva, a vento despiedoso, se lhe estremecia mais candida do amor de mãi, aquella elegia suavissima, tão pura em sua melancolia, tão bella em suas lagrimas, da *saudade materna.*

Ah! pobre poeta! Talvez elle de suas lagrimas perfumadas regava a capella murcha de esperanças, e o fanado das fimbrias alvacentas de anjos que lhe passavão nas sombras!

Pobre poeta! Como Werner, ao acordar do seu pesadelo, elle achou ainda um canto n'alma, de accento vaporoso, como voz do somnambulismo. Venturoso só ahi, tinha a ventura de chorar. E que seria do homem sem chorar? Não é verdade, Eurico[1], que seria do homem sem as lagrimas?

[1] Alex. Herculano, Monasticon, I.

Para completar o parallelo entre Werner e Bocage eu toquei nessa fibra do amor do filho para a mãi.

Werner foi o *Swedenborg dramatico* (como o chama um escriptor inglez de nota), o nebuloso creador dos *Filhos do Valle*, da *Cruz do Baltico*, o evocador do phantasma soberbo « monge brutal das tavernas da Allemanha » como chama Lherminier a Luthero, de *Attila* o barbaro, *Cunegunda*, e daquelle sanguento e fatal drama do 24 *de Fevereiro*, data que se lhe assignalára duas vezes terrivel ao coração : — Werner pois, o sombrio mystico, foi aquelle coração que teve por canto cygneo a tragedia lugubre e lacrymosa, embebida do seu hysterismo dorido e sensibilidade convulsiva, da *Mãi dos Macchabeos*, dedicada á sua mãi, o livro, em cujo frontispicio elle escrevêra « Minha mãi! os prazeres do amor, e as rosas da vida — tudo — tudo murchou-me sobre teu tumulo! »

Para mostrar a face bella do coração de Bocage, o oleo de pureza que lhe sobrenadava ainda á lampada turva de féz, basta o ler do seu canto da saudade materna. Onde Werner se transluz mais, já não lembrando a *Mãi dos Macchabeos*, é naquella carta sinistra e merencoria escripta pelo poeta de Kœnigsberg a Hitzig, o seu amigo :

« Deos quebrou-me o coração com seu malho de bronze : minha mãi morreu-me no dia 24 de Fevereiro, anniversario do dia em que meu amigo Minsch expirou. Como minha poesia, e meus *filhos da Vallada*, em que eu

cria tanta gloria, me tocárão de indizivel magoa, quando depois desse golpe eu quiz tomar a communhão dos christãos! Minha Mâi! Que poesia que valha essa d'alma que lhe fez padecer sem queixar-se, sete annos de martyrio e agonia? Que soffrimentos igualão os que eu senti? E como pesão-me duros sobre a alma os erros da minha mocidade! Quanto não déra pelo rehaver minha mãi, e resgatar minhas faltas! Meu coração cheio de lagrimas tenta embalde alliviar-se; os mortos não acordão, os erros não se délem; o passado é eterno e irreparavel. Deos e nossa mãi, eis o que devêra occupar-nos antes de tudo: o resto é mesquinho e secundario — e absorveu-me tanto! »

Não o pensais? — essa carta é sublime.

Werner soffrêra muito. Aquella carta é o dizer de uma existencia atribulada. A agonia da indigencia, a loucura da desgraça, echoárão muito nas cavernas daquelle peito d'homem. O amor por aquella pobre mãi foi a aspersão lustral que lhe apurou toda aquella opulencia d'alma cahida na depravação.

Se Bocage houvesse tido um amigo, se elle houvesse crido uma vez, entre suas agonias intimas, n'um arcabouço d'homem, talvez escrevesse uma carta como aquella. Não o fez, porque elle vio que aquelle mundo não era digno de beber-lhe os segredos fundos — havião rir-lhe do desespero....

V

Manoel Maria era rico de sentimentos generosos, mas o thesouro de perfumes lançado naquella amphora eivada, perdeu-se pelas fendas. Byron achou uma mulher que o amasse com um amor de escrava e de idolatra, como elle sonhára Gulnare e Myrrha a Jonica. A condessa Guiccioli talvez o arrancou do seu suicidio de scepticismo, e por isso Byron não findou talvez a loucura de uma de suas noites da orgia ao sibilar de uma bala. Manfredo não rolou pelos despenhadeiros do Jungfrau, porque a mão do caçador da montanha o susteve.... Bocage não teve ninguem — ninguem! Delle — delle mais que de Lord Byron pudéra dizer a voz de magoa « *And none did love him.* »

Foi bem infeliz! esse fadado louco que não póde adormecer as suas magoas, que não na bruteza da embriaguez! essa cabeça insana, ebria de um idear vagabundo, em cuja cruz tumular a mão do forasteiro pudéra cavar o epitaphio de Werner — aquelle esmolar ao viajante de uma oração de caridade pelo triste « que como Maria Magdalena amára muito, e a cujos errores cabião perdões »; — o pobre Werner que após o doudo vagar pela Europa, chorou nos tumulos de S. Pedro e S. Paulo em Roma, e errou contricto nos marmores do Vaticano, na

magestade das pompas catholicas dobrou-se á benção do pontifice, e fez-se ordenar sacerdote pelo principe Dalberg, — Werner o enthusiasta, que ante o brilhantismo romano-catholico sentio as nevoas do seu mysticismo quietista esvaecerem-se, e entre as turbas de ouvintes fez ouvir a vos de sua prédica eloquente em Vienna, na Styria, na Carinthia, e em Veneza.

O Sr. Lopes de Mendonça bem o disse — a Bocage faltou a inspiração de uma litteratura contemporanea valente.

Dessem a esse Portuguez a copia de instrucção que mana caudal na Allemanha; embalassem-no aos *lieders* da superstição teutonica; dessem um ar em que voasse a aguia da imaginação fervorosa de Bocage; apontassem-lhe o quadro sublime para que o Correggio exclamasse : *anch'io son pittore* — e Bocage fôra Werner.

Esse toque que separa os dous vultos, essas duas creações de poeta tão attractivas, tão tendentes uma para a outra, o mar de Behring que ahi se estende entre esse Ahasvero e essa Herodia — lêde a primeira pagina do nosso livro, vê-lo-heis — é que Werner era Allemão e Bocage Portuguez.

VI

Findemos aqui. Longa já foi-nos a obra. Tocáramos muito no parecer dos dous caracteres, e quizemos es-

boça-lo. Fomos prolixos talvez : mas a visão desses dous homens enlevou-nos. Sympathia ou compaixão — amor ou lagrimas — merecem-no e muito.

Findemos pois; mas antes de dar de mão à este assumpto, uma ultima nota.

A morte de Bocage foi sim um suicidio. Bocage morreu como Marlowe, dissemo-lo. Mas já o que o matou não foi só a orgia, essa imaginação despeada á brida longa, o levar de um desviver de perdição, oscillado entre a taça regurgitada de vinho e o leito da barregan. A culpa foi tambem, como vimos, do ar que elle então respirava.

Bocage não é um caracter esteril — por unico — no historiar da litteratura portugueza. Naquelle homem traduz-se uma éra inteira. É o espelho onde passa com sua fluctuação de luz e sombra no rôxo crepuscular de uma nação a hora turva em que tudo se agita lugubremente, como por um enterro ou um nascer doloroso — quando, como disse o poeta das *Vozes intimas* nos *Cantos do crepusculo*,

. . . .
Lividos suores todas frontes banhão
Quando nos céos — nos corações dos homens
D'envolta á luz a treva se derrama!

Portugal se mergulhára no crepusculo. A geração infantil de então ao vestir a toga viril, em sua mente de mancebo acreditava-o uma aurora. Embalde as esperanças! O guerreiro do Ypiranga sellando com seu punho

de valente a carta das liberdades lusas, foi-lhe o ultimo clarão do arreból.

A noite portugueza, como as de verão, talvez não seja longa. Fação-na um serão de luar os trovadores de Coimbra. — Sim — Mas, o que não poderáõ fazer é adiantar o dia.

ESTUDOS DRAMATICOS

PUFF

Criei para mim algumas idéas theoricas sobre o drama. Algum dia, se houver tempo e vagar, talvez as escreva e dê a lume.

O meu prototypo seria alguma cousa entre o theatro inglez, o theatro hespanhol e o theatro grego — a força das paixões ardentes de Shakspeare, de Marlowe e Otway, a imaginação de Calderon de la Barca e Lope de Vega, e a simplicidade de Eschylo e Euripides — alguma cousa como Gœthe sonhou, e cujos elementos eu iria estudar n'uma parte dos dramas delle — em Gœtz de Berlichingen, Clavijo, Egmont, no episodio da Margarida de Faust — e a outra na simplicidade attica de sua Iphigenia.

Estuda-lo-hia talvez em Schiller, nos dous dramas do Wallenstein, nos Salteadores, no D. Carlos : estuda-lo-hia ainda na Noiva de Messina com seus córos, com sua tendencia á regularidade.

É um typo talvez novo, que não se parece com o mysticismo do theatro de Werner, ou as tragedias theogonicas de Œhlenschlæger, e ainda menos com o de Kotzebüe ou o de Victor Hugo e Dumas.

Não se pareceria com o de Ducis, nem com aquella traducção bastarda, verdadeira castração do Othello de Shakspeare feita pelo poeta sublime do Chatterton, o conde Vigny. — Quando não se tem alma adejante para emparelhar com o genio vagabundo do autor de Hamleto, haja ao menos modestia bastante para não querer emenda-lo. Por isso o Othello de Vigny.é morto. Era uma obra de talento, mas devia ser um rasgo de genio.

Emenda-lo! pobres pygmeos que querem limar as monstruosidades do Colosso! Raça de Liliput que quereria aperfeiçoar os membros do gigante — disforme para elles — de Gulliver!

E digão-me : que é o disforme? ha ahi um anão ou um gigante? Não é assim que eu o entendo. Haveria enredo, mas não a complicação exagerada da comedia hespanhola. Haveria paixões, porque o peito da tragedia deve bater, deve sentir-se ardente, — mas não requintaria o horrivel, e não faria um drama daquelles que parecem feitos para reanimar corações-cadaveres, como a pilha galvanica as fibras nervosas do morto!

Não; o que eu penso é diverso. É uma grande idéa que talvez nunca realise. É difficil encerrar a torrente de fogo dos anjos decahidos de Milton ou o pantano de sangue e lagrimas do Alighieri dentro do pentametro de marmore da tragedia antiga. Contão que a primeira idéa de Milton foi fazer do Paraiso Perdido uma tragedia — um mysterio — não sei o que : não o pôde; o assumpto transbordava, crescia : a torrente se tornava n'um oceano. É difficil marcar o lugar onde pára o homem e começa o animal, onde cessa a alma e começa o instincto — onde a paixão se torna ferocidade. É difficil marcar onde deve parar o galope do sangue nas arterias, e a violencia da dôr no craneo. Comtudo deve haver e o ha — um limite ás expansões do actor para que não haja exageração, nem degenere n'um papel de féra o papel de homem. O *Pobre Idiota* tem esse defeito entre mil outros. A scena do subterraneo é interessante, mas é de um interesse semelhante áquelle que excitava o *Jocko* ou o homem dos mattos, aquelle macaco representado por Marcetti — que fazia chorar a platéa.

O *Pobre Idiota* representa o idiotismo do homem cahido na animalidade. O actor fez o papel que devia — não exagerou — representou a féra na sua furia, uma féra, onde por um enxerto caprichoso do imitador de Hauser havia — um amor poetico por uma flôr — e uma estampa!

A vida e só a vida! mas a vida tumultuosa, fervida, anhelante, ás vezes sanguenta — eis o drama. Se eu escrevesse, se minha penna se desvairasse na paixão, eu a

deixaria correr assim. Iago enganaria o Mouro, trahiria Cassio, perderia Desdemona e desfructaria a bolsa de Rodrigo. Cassio seria apunhalado na scena. Othello suffocaria sua Veneziana com o travesseiro, esconde-la-hia com o cortinado quando entrasse Emilia : chamaria sua esposa — *a whore,* — e gabar-se-hia de seu feito. O *honest, most honest* Iago viria ver a sua victima, Emilia soluçando a mostraria ao demonio : o Africano delirante, doudo de amor, doudo de a ter morto, morreria beijando os labios pallidos da Veneziana. Hamleto no cemiterio conversaria com os coveiros, ergueria do chão a caveira de Yorick o truão; Ophelia corôada de flôres cantaria insana as balatas obscenas do povo; Laertes apertaria nos braços o cadaver da pobre louca. Orlando no *What you will* penduraria suas rimas de Rosalinda nos arvoredos dos Cevennes. Isto seria tudo assim.

Se eu imaginasse o Othello, seria com todo seu esgar, seu desvario selvagem, com aquella fórma irregular que revela a paixão do sangue. É que as nodoas de sangue quando cahem no chão não tem fórma geometrica. As agonias da paixão, do desespero e do ciume ardente quando côão n'um sangue tropical não se derretem em alexandrinos, não se modulão nas fallas banaes dessa poesia de convenção que se chama — conveniencias dramaticas.

Mas se eu imaginasse primeiro a minha idéa, se a não escrevesse como um somnambulo, ou como fallava a Pythonissa convulsa agitando-se na tripode, se pudesse,

antes de fazer meu quadro, traçar as linhas no painel, fa-lo-hia regular como um templo grego ou como a Athalia archétypa de Racine.

São duas palavras estas; mas estas duas palavras tem um fim : é declarar que o meu typo, a minha theoria, a minha utopia dramatica, não é esse drama que ahi vai. Esse é apenas como tudo que até hoje tenho espoçado, como um romance que escrevi n'uma noite de insomnia, como um poema que scismei n'uma semana de febre — uma aberração dos principios de sciencia, uma excepção ás minhas regras mais intimas e systematicas. Esse drama é apenas uma inspiração confusa — rapida — que realisei á pressa como um pintor febril e tremulo.

Vago como uma aspiração espontanea, incerto como um sonho; como isso o dou, tenhão-no por isso.

Quanto ao nome, chamem-no drama, comedia, dialogismo; não importa. Não o fiz para o theatro : é um filho pallido dessas phantasias que se apoderão do craneo e inspirão a Tempestade a Shakspeare, Beppo e o IX Canto de D. Juan a Byron; que fazem escrever Annunziata, e o Conto de Antonia a quem é Hoffmann, ou Fantasio ao poeta de Namouna.

MACARIO

PRIMEIRO EPISODIO

N'uma estalagem de estrada.

MACARIO, fallando para fóra.

Olá, mulher da venda! Ponhão-me na sala uma garrafa de vinho. Fação a cama, e mandem-me ceia : palavra de honra que estou com fome! Dêm alguma ponta de charuto ao burro que está suado como um frade bebado! Sobretudo não esqueção o vinho!

UMA VOZ.

Ha aguardente unicamente, mas boa.

MACARIO.

Aguardente! Pensas que sou algum jornaleiro?... Andar seis leguas e sentir-se com a goela secca! oh! mulher maldita! aposto que tambem não tens agua?

A MULHER.

E pura, senhor! Corre ali embaixo uma fonte que é limpa como o vidro e fria como uma noite de geada. (Sahe.)

MACARIO.

Eis-ahi o resultado das viagens. Um burro frouxo, uma garrafa vasia. (Tira uma garrafa do bolso.) Cognac! És um bello companheiro de viagem. És silencioso como um vigario em caminho, mas no silencio que inspiras, como nas noites de luar, ergue-se ás vezes um canto mysterioso que enleva! Cognac! Não te ama quem não te entende! Não te amão essas boccas feminís acostumadas ao mel enjoado da vida, que não anceião prazeres desconhecidos, sensações mais fortes! E eis-te ahi vasia, minha garrafa! Vasia como mulher bella que morreu! Hei de fazer-te uma nenia.

E não ter nem um gole de vinho! Quando não ha o amor, ha o vinho; quando não ha o vinho ha o fumo; e quando não ha amor, nem vinho, nem fumo, ha o spleen. O spleen encarnado na sua fórma mais lugubre, naquella velha taverneira repassada de aguardente que tresanda!

Entra a mulher com uma bandeja.

A MULHER.

Eis-aqui a ceia.

MACARIO.

Ceia! que diabo de comida verde é essa? Será algum feixe de capim? Leva para o burro.

A MULHER.

São couves...

MACARIO.

Leva para o burro.

A MULHER.

É fritado em toucinho...

MACARIO.

Leva para o burro com todos os diabos!

Atira-lhe o prato na cabeça. A mulher sahe. Macario come.

UM DESCONHECIDO, entrando.

Boa noite, companheiro.

MACARIO, comendo.

Boa noite..

O DESCONHECIDO.

Tendes bom appetite!...

MACARIO.

Entendo-vos. Quereis comer? sentai-vos. Quereis conversar? Esperai um pouco.

O DESCONHECIDO.

Esperarei. Senta-se.

MACARIO, comendo.

Parece-me que não é a primeira vez que vos encontro. Quando a noite cahia, ao subir da garganta da serra...

O DESCONHECIDO.

Um vulto com um ponche vermelho e preto roçou a bota por vossa perna...

MACARIO.

Tal e qual — por signal que era fria como o focinho de um cão.

O DESCONHECIDO.

Era eu.

MACARIO.

Ha um lugar em que estende-se um valle cheio de grama. Á direita corre uma torrente que corta a estrada pela frente... Ha uma ladeira mal calçada que se perde pelo matto...

O DESCONHECIDO.

Ahi encontrei-vos outra vez... A proposito, não bebeis?

MACARIO.

Pois não sabeis? Essa maldita mulher só tem aguardente; e eu que sou capaz de amar a mulher do povo como a filha da aristocracia, não posso beber o vinho do sertanejo...

O DESCONHECIDO. (Tira uma garrafa do bolso e derrama vinho no copo de Macario.)

Ah!

MACARIO.

Vinho! (Bebe.) Á fé que é vinho de Madeira! A vossa saude, cavalleiro!

O DESCONHECIDO.

A vossa. (Tocão os copos.)

MACARIO.

Tendes as mãos tão frias!

O DESCONHECIDO.

É da chuva. (Sacode o ponche.) Vêde : estou molhado até os ossos!

MACARIO.

Agora acabei : conversemos...

O DESCONHECIDO.

Vistes-me duas vezes. Eu vos vi ainda outra vez. Era na serra, no alto da serra. A tarde cahia, os vapores azulados do horizonte se escurecião. Um vento frio sacudia as folhas da montanha. E vós contemplaveis a tarde que cahia. Além, nesse horizonte, o mar como uma linha azul orlada de escuma e de areia — e no valle, como bando de gaivotas brancas sentadas n'um paúl, a cidade que a algumas horas tinheis deixado. Dahi vossos olhares se recolhião aos arvoredos que vos rodeavão, ao precipicio cheio das flôres azuladas e vermelhas das trepadeiras, ás torrentes que mugião no fundo do abysmo, e defronte vieis aquella cachoeira immensa que espedaça suas aguas amarelladas, n'uma chuva de escuma, nos rochedos negros do seu leito. E olhaveis tudo isso com um ar perfeitamente romantico. Sois poeta?

MACARIO.

Enganais-vos. Minha mula estava cansada. Sentei-me ali para descansa-la. Esperei que o fresco da neblina a

reforçasse. Nesse tempo divertia-me em atirar pedras no despenhadeiro e contar os saltos que davão.

O DESCONHECIDO.

É um divertimento agradavel.

MACARIO.

Nem mais nem menos que cuspir n'um poço, matar moscas, ou olhar para a fumaca de um cachimbo... A minha mala... (Chega á janella.) O' mulher da casa! olá! ó de casa!

UMA VOZ, de fóra.

Senhor!

MACARIO.

Desate a mala de meu burro e tragão-m'a aqui...

A VOZ.

O burro?

MACARIO.

A mala, burro!

A VOZ.

A mala com o burro?

MACARIO.

Amarra a malla nas tuas costas e amarra o burro na cerca.

A VOZ.

O senhor é o moço que chegou primeiro?

MACARIO.

Sim. Mas vai ver o burro.

A VOZ.

Um moço que parece estudante?

MACARIO.

Sim. Mas anda com a malla.

A VOZ.

Mas como hei-de ir buscar a malla? Quer que vá a pé?

MACARIO.

Esse diabo é doudo! Vai a pé, ou monta n'uma vassoura como tua mãi!

A VOZ.

Descanse, moço. O burro ha de apparecer. Quando madrugar iremos procurar.

OUTRA VOZ.

Havia de ir pelo caminho de Nhô Quito. Eu conheço o burro...

MACARIO.

E minha malla?

A VOZ.

Não vê? Está chovendo a potes!...

MACARIO. (Fecha á janella.)

Malditos! (Atira com uma cadeira no chão.)

O DESCONHECIDO.

Que tendes, companheiro?

MACARIO.

Não vêdes? O burro fugio...

O DESCONHECIDO.

Não será quebrando cadeiras que o chamareis...

MACARIO.

Porém a raiva...

O DESCONHECIDO.

Bebei mais um copo de Madeira. (Bebem.) Levais de certo alguma preciosidade na malla? (Sorri-se.)

MACARIO.

Sim...

O DESCONHECIDO.

Dinheiro?

MACARIO.

Não, mas...

O DESCONHECIDO.

A collecção completa de vossas cartas de namoro, algum poema em borrão, alguma carta de recommendação?

MACARIO.

Nem isso, nem aquillo... Levo...

O DESCONHECIDO.

A malla não pareceu-me muito cheia. Senti alguma cousa sacolejar dentro. Alguma garrafa de vinho?

MACARIO.

Não! não! mil vezes não! Não concebeis, uma perda immensa, irreparavel... era o meu cachimbo...

O DESCONHECIDO.

Fumais?

MACARIO.

Perguntai de que serve o tinteiro sem tinta, a viola sem cordas, o copo sem vinho, a noite sem mulher — não me pergunteis se fumo!

O DESCONHECIDO. (Dá-lhe um cachimbo.)

Eis-ahi um cachimbo primoroso. É de pura escuma de mar. O tubo é de páo de cereja. O bocal é de ambar.

MACARIO.

Bofé! Uma Sultana o fumaria! E fumo?

O DESCONHECIDO.

É uma invenção nova. Dispensa-o. Acendei-o na véla. (Macario acende.)

MACARIO.

E vós?

O DESCONHECIDO.

Não vos importeis comigo. (Tira outro cachimbo e fuma.)

MACARIO.

Sois um perfeito companheiro de viagem. Vosso nome?

O DESCONHECIDO.

Perguntei-vos o vosso?

MACARIO.

O caso é que é preciso que eu pergunte primeiro. Pois eu sou um estudante. Vadio ou estudioso, talentoso ou estupido, pouco importa. Duas palavras só : amo o fumo e odeio o Direito Romano. Amo as mulheres e odeio o romantismo.

O DESCONHECIDO.

Tocai! Sois um digno rapaz. (Apertão a mão.)

MACARIO.

Gosto mais de uma garrafa de vinho que de um poema; mais de um beijo que do soneto mais harmonioso. Quanto ao canto dos passarinhos, ao luar somnolento, ás noites limpidas, acho isso summamente insipido. Os passarinhos sabem só uma cantiga. O luar é sempre o mesmo. Esse mundo é monotono a fazer morrer de somno.

O DESCONHECIDO.

E a poesia?

MACARIO.

Emquanto era a moeda de ouro que corria só pela mão do rico, ia muito bem. Hoje trocou-se em moeda de

cobre; não ha mendigo, nem caixeiro de taverna que não tenha esse vintem azinhavrado. Entendeis-me?

O DESCONHECIDO.

Entendo. A poesia, de popular tornou-se vulgar e commum. Antigamente fazião-na para o povo : hoje o povo faz-la... para ninguem...

MACARIO, bebe.

Eu vos dizia pois... Onde tinhamos ficado?

O DESCONHECIDO.

Não sei. Parece-me que fallavamos sobre o Papa.

MACARIO.

Não sei : creio que o vosso vinho subio-me á cabeça. Puah! vosso cachimbo tem sarro que tresanda!

O DESCONHECIDO.

Sois triste, moço... Palavra, que eu desejaria ver uma poesia vossa.

MACARIO.

Porque?

O DESCONHECIDO.

Porque havia ser alegre como Arlequim assistindo a seu enterro...

MACARIO.

Poesias a que?

O DESCONHECIDO.

Á luz, ao céo, ao mar...

MACARIO.

Primeiramente — o mar é uma cousa soberanamente insipida... O enjôo é tudo quanto ha mais prosaico. Sou daquelles de quem falla o corsario de Byron « *whose soul would sicken over the heaving wave.* »

O DESCONHECIDO.

E enjoais a bordo?

MACARIO.

É a unica semelhança que tenho com D. Juan.

O DESCONHECIDO.

Modestia!

MACARIO.

Pergunta á taverneira se apertei-lhe o cotovelo, pisquei-lhe o olho, ou puz-lhe a mão nas têtas...

O DESCONHECIDO.

Um dragão!

MACARIO.

Uma mulher! Todas ellas são assim. As que não são assim por fóra o são por dentro. Algumas em falta de cabellos na cabeça os tem no coração. As mulheres são como as espadas, ás vezes a bainha é de ouro e de esmalte, e a folha é ferrugenta.

O DESCONHECIDO.

Fallas como um descrido, como um saciado! E comtudo ainda tens os beiços de criança! Quantos seios de

mulher beijaste além do seio de tua ama de leite? Quantos labios além dos de tua irmãa?

MACARIO.

A vagabunda que dorme nas ruas, a mulher que se vende corpo e alma, porque sua alma é tão desbotada como seu corpo, te digão minhas noites. Talvez muita virgem tenha suspirado por mim! Talvez agora mesmo alguma donzella se ajoelhe na cama e reze por mim!

O DESCONHECIDO.

Na verdade és bello. Que idade tens?

MACARIO.

Vinte annos. Mas meu peito tem batido nesses vinte annos tantas vezes como o de um outro homem em quarenta.

O DESCONHECIDO.

E amaste muito?

MACARIO.

Sim e não. Sempre e nunca.

O DESCONHECIDO.

Falla claro.

MACARIO.

Mais claro que o dia. Se chamas o amor a troca de duas temperaturas, o aperto de dous sexos, a convulsão de dous peitos que arquejão, o beijo de duas boccas que tremem; de duas vidas que se fundem... tenho amado

muito e sempre!... Se chamas o amor o sentimento casto e puro que faz scismar o pensativo, que faz chorar o amante na relva onde passou a belleza, que adevinha o perfume della na brisa, que pergunta ás aves, á manhãa, á noite, ás harmonias da musica, que melodia é mais doce que sua voz; e ao seu coração, que formosura mais divina que a della, — eu nunca amei. Ainda não achei uma mulher assim. Entre um charuto e uma chavena de café lembro-me ás vezes de alguma fórma divina, morena, branca, loura, de cabellos castanhos ou negros. Tenho-as visto que fazem empallidecer — e meu peito parece suffocar-se... meus labios se gelão, minha mão se esfria... Parece-me então que, se aquella mulher que me faz estremecer assim, soltasse sua roupa de velludo e me deixasse pôr os labios sobre seu seio um momento, eu morreria n'um desmaio de prazer! Mas depois desta vem outra — outra — e o amor se desfaz n'uma saudade que se desfaz no esquecimento. Como eu te disse, nunca amei.

O DESCONHECIDO.

Ter vinte annos e nunca ter amado! E para quando esperas o amor?

MACARIO.

Não sei. Talvez eu ame quando estiver impotente!

O DESCONHECIDO.

E o que exigirias para a mulher de teus amores?

MACARIO.

Pouca cousa. Belleza, virgindade, innocencia, amor...

O DESCONHECIDO, ironico.

Mais nada?

MACARIO.

Notai que por belleza indico um corpo bem feito, arredondado, setinoso, uma pelle macia e rosada, um cabello de seda-frouxa, e uns pés mimosos...

O DESCONHECIDO.

Quanto á virgindade?

MACARIO.

Eu a quereria virgem n'alma como no corpo. Quereria que ella nunca tivesse sentido a menor emoção por ninguem. Nem por um primo, nem por um irmão... Que Deos a tivesse creado adormecida n'alma até ver-me, como aquellas princezas encantadas dos contos — que uma fada adormecêra por cem annos. Quereria que um anjo a cobrisse sempre com seu véo, e a banhasse todas as noites do seu oleo divino para guarda-la santa! Quereria que ella viesse criança transformar-se em mulher nos meus beijos.

O DESCONHECIDO.

Muito bem, mancebo! E esperas essa mulher?

MACARIO.

Quem sabe!

O DESCONHECIDO.

E é no lôdo da prostituição que has de encontra-la?

MACARIO.

Talvez! É no lôdo do oceano que se encontrão as perolas...

O DESCONHECIDO.

Em máo lugar procuras a virgindade! É mais facil achar uma perola na casa de um joalheiro que no meio das areias do fundo do mar.

MACARIO.

Quem sabe!...

O DESCONHECIDO.

Duvidas pois?

MACARIO.

Duvido sempre. Descreio ás vezes. Parece-me que este mundo é um logro. O amor, a gloria, a virgindade, tudo é uma illusão.

O DESCONHECIDO.

Tens razão : a virgindade é uma illusão! Qual é mais virgem, aquella que é desflorada dormindo, ou a freira que ardente de lagrimas e desejos se revolve no seu catre rompendo com as mãos sua roupa de morte, lendo algum romance impuro?

MACARIO.

Tens razão : a virgindade d'alma póde existir n'uma prostitua, e não existir n'uma virgem de corpo. — Ha flôres sem perfume, e perfume sem flôres. Mas eu não

sou como os outros. Acho que uma taça vasia pouco vale, mas não beberia o melhor vinho n'uma chicara de barro.

O DESCONHECIDO.

E comtudo bebes o amor nos labios de argila da mulher corrupta!

MACARIO.

O amor? Quem te disse que era o amor? É uma fome impura que se sacía. O corpo faminto é como o conde Ugolino na sua torre — morderia até n'um cadaver.

O DESCONHECIDO.

Tua comparação é exacta. A meretriz é um cadaver.

MACARIO.

Vale-nos ao menos que sobre seu peito não se morre de frio!

O DESCONHECIDO.

Admira-me uma cousa. Tens vinte annos: deverias ser puro como um anjo, e és devasso como um conego!

MACARIO.

Não é que eu não voltasse meus sonhos para o céo. A cisterna tambem abre seus labios para Deos, e pede-lhe uma agua pura — e o mais das vezes só tem lôdo. Palavra de honra, que ás vezes quero fazer me frade.

O DESCONHECIDO.

Frade! Para que?

MACARIO.

É uma loucura. Enche esse copo. (Bebe.) Pela Virgem Maria! Tenho somno. Vou dormir.

O DESCONHECIDO.

E eu tambem. Boa noite.

MACARIO.

Ainda uma vez, antes de dormir, o teu nome?

O DESCONHECIDO.

Insistes nisso?

MACARIO.

De todo o meu coração. Sou filho de mulher.

O DESCONHECIDO.

Aperta minha mão. Quero ver se tremes nesse aperto ouvindo meu nome.

MACARIO.

Juro-te que não, ainda que fosses...

O DESCONHECIDO.

Aperta minha mão. Até sempre: na vida e na morte!

MACARIO.

Até sempre, na vida e na morte!

O DESCONHECIDO.

E o teu nome?

MACARIO.

Macario. Se não fosse engeitado, dir-te-hia o nome de

meu pai e o de minha mãi. Era de certo alguma libertina. Meu pai, pelo que penso, era padre ou fidalgo.

O DESCONHECIDO.

Eu sou o diabo. Boa noite, Macario.

MACARIO.

Boa noite, Satan. (Deita-se. O desconhecido sahe.) O diabo! uma boa fortuna! Ha dez annos que eu ando para encontrar esse patife! Desta vez agarrei-o pela cauda! A maior desgraça deste mundo é ser Fausto sem Mephistopheles... Olá, Satan!

SATAN.

Macario...

MACARIO.

Quando partimos?

SATAN.

Tens somno?

MACARIO.

Não.

SATAN.

Então já.

MACARIO.

E o meu burro?

SATAN.

Irás na minha garupa.

N'um caminho.

SATAN montado n'um burro preto; MACARIO na garupa.

MACARIO.

Pára um pouco teu burro.

SATAN.

Não queres chegar?

MACARIO.

E que elle tem um trote inglez de desesperar os intestinos.

SATAN.

E comtudo este burro descende em linha recta do burro em que fez a sua entrada em Jerusalem o filho do velho carpinteiro José. Vês pois que é fidalgo como um cavallo arabe.

MACARIO.

Tudo isso não prova que elle não trota damnadamente. Falta-nos muito para chegar?

SATAN.

Não. Daqui a cinco minutos podemos estar á vista da cidade. Has de vê-la desenhando no céo suas torres escuras e seus casebros tão pretos de noite como de dia : illuminada, mas sombria como uma eça de enterro.

MACARIO.

Tenho ancia de lá chegar. É bonita?

SATAN, boceja.

Ah! é divertida.

MACARIO.

Por acaso tambem ha mulheres ali?

SATAN.

Mulheres, padres, soldados e estudantes. As mulheres são mulheres, os padres são soldados, e os soldados são padres, os estudantes são estudantes : para fallar mais claro, as mulheres são lascivas, os padres dissolutos, os soldados ebrios, os estudantes vadios. Isto salvo honrosas excepções, por exemplo, de amanhã em diante, tu.

MACARIO.

Esta cidade deveria ter o teu nome.

SATAN.

Tem o de um santo : é quasi o mesmo. Não é o habito que faz o monge. Demais, essa terra é devassa como uma cidade, insipida como uma villa, e pobre como uma aldêa. Se não estás reduzido a dar-te ao pagode, a suicidar-te de spleen, ou a allumiar-te a rôlo, não entres lá. É a monotonia do tedio. Até as calçadas!

MACARIO.

Que tem?

SATAN.

São intransitaveis. Parecem encastoadas as taes pedras. As calçadas do inferno são mil vezes melhores. Mas o peior da historia é que as beatas e os conegos cada vez que sahem, a cada topada, blasphemão tanto com o rosario na mão que já estou enjoado. Admiras-te? porque abres essa bocca espantada? Antigamente o diabo corria atrás dos homens, hoje são elles que rezão pelo diabo. Acredita que faço-te um favor muito grande em preferir-te á moça de um frade que me trocaria pelo seu Menino Jesus, e a um cento de padres que darião a alma, que já não tem, por uma candidatura.

MACARIO.

Mas, como dizias, as mulheres....

SATAN.

Debaixo do panno luzidio da mantilha, entre a renda do véo, com suas faces côr de rosa, olhos e cabellos pretos (e que olhos e que longos cabellos!) são bonitas. Demais, são beatas como uma bisavó, e sabem a arte moderna de entremeiar uma Ave-Maria com um namôro; e soltando uma conta do rosario lançar uma olhadella.

MACARIO.

Oh! a mantilha assetinada! os olhares de Andalusa! e a tez fresca como uma rosa! os olhos negros, muito negros, entre o véo de seda dos cilios. Aperta-las ao seio com seus ais, seus suspiros, suas orações entrecortadas

de soluços! Beijar-lhes o seio palpitante e a cruz que se agita no seu collo! Apertar-lhes a cintura, e suffocar-lhes nos labios uma oração! Deve ser delicioso!

SATAN.

Tá! tá! tá! — Que ladainha! parece que já estás enamorado, meu Dom Quixote, antes de ver as Dulcinéas!

MACARIO.

Que boa terra! É o Paraiso de Mafoma!

SATAN.

Mas as moças poucas vezes tem bons dentes. A cidade collocada na montanha, envolta de varzeas relvosas tem ladeiras ingremes e ruas pessimas. É raro o minuto em que não se esbarra a gente com um burro ou com um padre. Um medico que ali viveu e morreu deixou escripto n'uma obra inedita, que para sua desgraça o mundo não ha de ler, que a virgindade era uma illusão. E comtudo não ha em parte alguma mulheres que tenhão sido mais vezes virgens que ali.

MACARIO.

Tem-se-me contado muito bonitas historias. Dizem na minha terra que ahi á noite as moças procurão os mancebos, que lhes batem á porta, e na rua os puxão pelo capote. Deve ser delicioso! Quanto a mim, quadra-me essa vida excellentemente; nem mais nem menos que um Sultão escolherei entre essas bellezas vagabundas a mais bella. Applicarei comtudo o eclectismo ao amor. Hoje

uma, amanhãa outra : experimentarei todas as taças. A mais doce embriaguez é a que resulta da mistura dos vinhos.

SATAN.

A unica que tu ganharás será nojenta. Aquellas mulheres são repulsivas. O rosto é macio, os olhos languidos, o seio morno.... Mas o corpo é immundo. Tem uma lepra que occultão n'um sorriso. Bofarinheiras de infamia dão em troco do gozo o veneno da syphilis. Antes amar uma lazarenta!

MACARIO.

És o diabo em pessoa. Para ti nada ha bom. Pelo que vejo, na creação só ha uma perfeição, a tua. Tudo o mais nada vale para ti. Substancia da soberba, ris de tudo o mais embuçado no teu desdem. Ha uma tradição, que quando Deos fez o homem, veio Satan; achou a creatura adormecida, apalpou-lhe o corpo : achou-o perfeito, e deitou ahi as paixões.

SATAN.

Essa historia é uma mentira. O que Satan pôz ahi foi o orgulho. E o que são vossas virtudes humanas senão a encarnação do orgulho?

MACARIO.

Oh! Ali vejo luzes ao longe. Uma montanha occulta no horizonte. Disséreis um pantano escuro cheio de fogos errantes. Porque paras o teu animal?

SATAN.

Tenho uma casa aqui na entrada da cidade. Entrando á direita, defronte do cemiterio. Sturm, meu pagem, lá está preparando a ceia. Levanta-te sobre meus hombros : não vês naquelle palacio uma luz correr uma por uma as janellas? Sentírão a minha chegada.

MACARIO.

Que ruinas são estas? É uma igreja esquecida? A lua se levanta ao longe nas montanhas. Sua luz horizontal banha o valle, e branqueia os pardieiros escuros do convento. Não mora ali ninguem? Eu tinha desejo de correr aquella solidão.

SATAN.

É uma propensão singular a do homem pelas ruinas. Devia ser um frade bem sombrio, ebrio de sua crença profunda, o Jesuita que ahi lançou nas montanhas a semente dessa cidade. Seria o acaso quem lhe pôz no caminho, á entrada mesmo, um cemiterio á esquerda e umas ruinas á direita?

MACARIO.

Se quizesses, Satan, podiamos descer pelo despenhadeiro, e ir ter lá embaixo, emquanto Sturm prepara a ceia.

SATAN.

Não, Macario. Minha barriga está secca como a de um eremita : deves tambem ter fome. Molhar os pés no

orvalho não deve ser bom para quem vem de viagem. Vamos ceiar. Daqui a pouco o luar estará claro e poderemos vir.

MACARIO.

Fiat voluntas tua.

SATAN.

Amen!

Ao luar.

Junto de uma janella está uma mesa.

SATAN.

Então, não bebes, Macario? Que tens, que estás pensativo e sombrio? Olha, desgraçado, é verdadeiro vinho do Rheno que desdenhas!

MACARIO.

E tu és mesmo Satan?

SATAN.

É nisso que pensavas? És uma criança. De certo que querias ver-me nú e ebrio como Caliban, envolto no tradicional cheiro de enxofre! Sangue de Baccho! Sou o diabo em pessoa! Nem mais nem menos : porque tenha

luvas de pellica, e ande de calças á ingleza, e tenha os olhos tão azues como uma Allemãa! Queres que t'o jure pela Virgem Maria?

MACARIO, bebe.

Este vinho é bom. Quando se tem tres garrafas de Johannisberg na cabeça, sente-se a gente capaz de escrever um poema. O poeta arabe bem o disse — o vinho faz do poeta um principe, e do principe um poeta. Sabes quem inventou o vinho?

SATAN.

É uma bella cousa o vapor de um charuto! E demais, o que é tudo no mundo senão vapor? A adoração é incenso e o incenso o que é? O amor é o vapor do coração que embebeda os sentidos. Tu o sabes — a gloria é fumaça.

MACARIO.

Sim. É bello fumar! O fumo, o vinho e as mulheres! Sabes... ha occasião em que me dão venetas de viver no Oriente.

SATAN.

Sim... o Oriente! mas que achas de tão bello naquelles homens que fumão sem fallar, que amão sem suspirar? É pelo fumo? Fuma aqui... vê, o luar está bello : as nuvens do céo parecem a fumaça do cachimbo do Omnipotente que resfolga dormindo. Pelas mulheres? Faze-te vigario de freguezia...

MACARIO.

É uma cousa singular esta vida. Sabes que ás vezes eu quereria ser uma daquellas estrellas para ver de camarote essa Comedia que se chama o Universo? essa Comedia onde tudo que ha mais estupido é o homem que se crê um espertalhão? Vês aquelle boi que rumina ali deitado somnolento na relva? Talvez seja um philosopho profundo que se rí de nós. A philosophia humana é uma vaidade. Eis-ahi, nós vivemos lado a lado, o homem dorme noite a noite com uma mulher : bebe, come, ama com ella, conhece todos os signaes de seu corpo, todos os contornos de suas fórmas, sabe todos os ais que ella murmura nas agonias do amor, todos os sonhos de pureza que ella sonha de noite, e todas as palavras obscenas que lhe escapão de dia... Pois bem — a esse homem que deitou-se mancebo com essa mulher ainda virgem, que a vio em todas as phases, em todos os seus crepusculos, e acordou um dia com ella ambos velhos e impotentes, a esse homem, perguntai-lhe o que é essa mulher, elle não saberá dizê-lo! Ter volvido e revolvido um livro a ponto de manchar-lhe e romper-lhe as folhas, e não entendê-lo! Eis o que é a philosophia do homem! Ha cinco mil annos que elle se abysma em si, e pergunta-se quem é, donde veio, onde vai, e o que tem mais juizo é aquelle que moribundo crê que ignora!

SATAN.

Eis o que é profundamente verdade! Perguntai ao li-

bertino que venceu o orgulho de cem virgens, e que passou outras tantas noites no leito de cem devassas, perguntai a D. Juan, a Hamlet ou ao Faust o que é a mulher, e nenhum o saberá dizer. E isso que te digo não é romantismo. Amanhãa n'uma taverna poderás achar Romeo com a criada da estalagem, verás D. Juan com Julietas, Hamlet ou Faust sob a casaca de um dandy. É que esses typos são velhos e eternos como o sol. E a humanidade que os estuda desde os primeiros tempos ainda não entende esses miseros, cuja desgraça é não entender : e o sabio que os vê a seu lado deixa esse estudo para pensar nas estrellas : o medico que talvez foi moço de coração e amou e creu, e desesperou e descreu, ri-se das doenças da alma, e só vê a nostalgia na ruptura de um vaso, o amor concentrado quando se materialisa n'uma phthysica. Se Antony ainda vive e deu-se á medicina é capaz de receitar uma dóse de jalapa para uma dôr intima, um cauterio para uma dôr de coração!

MACARIO.

Fallas como um livro, como dizem as velhas. Só Deos ou tu sabes se o Ramé ou D. Cesar de Basan, Santa Theresa ou Marion Delorme, o sabio ou o ignorante, Creso ou Iro, Gœthe ou o mendigo ebrio que canta, entendêrão a vida. Quem sabe onde está a verdade? nos sonhos do poeta, nas visões do monge, nas canções obscenas do marinheiro, na cabeça do doudo, na pallidez do cadaver, ou no vinho ardente da orgia? Quem sabe?

SATAN.

És triste como um sino que dobra. Não fallemos nisto. Falla-me antes na belleza de alguma virgem núa, na languidez de uns olhos negros, na convulsão que te abala n'alguma hora de deleite. A minha guitarra está ali : queres que te cante alguma modinha? Pela lua! estás distrahido como um fumador de opio!

MACARIO.

No que penso? Has de rir se contar-t'o. É uma historia fatal.

SATAN.

Deixa-me accender outro charuto.. Muito bem. Conta agora. É algum romance?

MACARIO.

Não : lembrei-me agora de uma mulher [1]. Uma noite encontrei na rua uma vagabunda. A noite era escura. Eu ia pelas ruas á toa... Segui-a. Ella levou-me á sua casa. Era um casebre. A cama era um catre : havia um colxão emcima, mas tão velho, tão batido, que parecia estar desfeito ao peso dos que ahi havião-se revolvido. Deitei-me com ella. Estive algumas horas. Essa mulher não era bella : era magra e livida. Essa alcôva era immunda. Eu estava ahi frio : o contacto daquelle corpo amollecido não me excitava sensações; e comtudo eu mentia á minha

[1] Historico.

alma, dando-lhe beijos. Eu sahi dali. No outro dia de manhãa voltei. A casa estava fechada. Bati, Não me respondêrão. Entrei : — uma mulher velha sahio-me ao encontro. Perguntei-lhe pela outra. Silencio! me disse a velha. — Está deitada ali no chão... Morreu esta noite... E com um ar cynico... « Quereis vê-la? está núa... vão amortalha-la... »

SATAN.

Na verdade, é singular. E o nome dessa mulher?

MACARIO.

Esqueci-o. Talvez amanhãa eu t'o diga — amanhãa ou depois — que importa um nome? E comtudo essa miserrima com quem deitei-me uma noite, que pretendia ter o segredo da virgindade eterna de Marion Delorme, que me fallava de *amanhãa* com tanta certeza, que mercadejava sua noite de *amanhãa* como vendêra segunda vez a de seu *hoje*, e que de certo morreu pensando nos meios de excitar mais deleite, na receita da virgindade eterna que ella sabia como a antiga Marion Delorme, — essa mulher que esqueci como se esquecem os que são mortos, me fez ainda agora estremecer.

SATAN.

E quem sabe se aquella mulher a cujo lado estiveste não era a ventura?

MACARIO.

Não te entendo.

SATAN.

Quem sabe se naquelle pantano não encontrarias talvez a chave de ouro dos prazeres que delirão?

MACARIO.

Quem sabe? Talvez.

SATAN.

É tarde. Agora é uma caveira a face que beijaste — uma caveira sem labios, sem olhos e sem cabellos. O seio se desfez..... Tudo isso é commum. É uma ideia velha, não? E quem sabe se sobre aquelle cadaver não corrêrão lagrimas de alguma esperança que se desvaneceu? se com ella não se enterrou teu futuro de amor? Não gozaste aquella mulher?

MACARIO.

Não.

SATAN.

Se ali ficasses mais alguma hora, talvez ella te morresse nos braços. Aquella agonia, o beijo daquella moribunda talvez te regenerasse. Da morte nasce muitas vezes a vida. Dizem que se a rabeca de Paganini dava sons tão humanos, tão melodiosos, é que elle fizera passar a alma de sua mãi, de sua velha mãi moribunda, pelas cordas e pela caverna de seu instrumento. Sentes frio, que te embuças assim no teu capote?

MACARIO.

Satan, fecha aquella janella. O ar da noite me faz mal.

O luar me gela. Demais, senti nas folhagens ao longe um estremecer. Que som abafado é aquelle ao longe? Dir-se-hia o arranco de um velho que estrebucha.

SATAN.

É a meia noite. Não ouves?

MACARIO.

Sim. É a meia noite. A hora amaldiçoada, a hora que faz medo ás beatas, e que acorda o scepticismo. Dizem que a essa hora vagão espiritos, que os cadaveres abrem os labios inchados e murmurão mysterios. É verdade, Satan?

SATAN.

Se não tivesses tanto frio, eu te levaria comigo ao campo. Eu te adormeceria no cemiterio e havias ter sonhos como ninguem os tem, e como os que os tem não querem crê-los.

MACARIO.

Bem, muito bem. Irei comtigo.

SATAN.

Vamos pois. Dá-me tua mão. Está fria como a de um defunto! Dentro em alguns momentos estaremos longe daqui. Dormirás esta noite um somno bem profundo.

MACARIO.

O da morte?

SATAN.

Fondo como o do morto : mas acordarás, e amanhã lembrarás sonhos como um ebrio nunca vislumbrou.

MACARIO.

Vamos — estou prompto.

SATAN.

Deixa-me beber um trago de curaçáo. — Vamos. A lua parou no céo. Tudo dorme. É a hora dos mysterios. Deos dorme no seio da creação como Loth no regaço incestuoso de sua filha. Só véla Satan.

SATAN com a mão sobre o estomago de MACARIO, que está deitado sobre um tumulo.

SATAN.

Acorda!

MACARIO, estremece.

Ah! pensei nunca mais acordar! Que somno profundo!

SATAN.

Divertiute muito a noite, não?

MACARIO.

É horrivel! horrivel!

SATAN.

Falla.

MACARIO.

Meu peito se exhaurio. Meus labios não podem transbordar estes mysterios.

SATAN.

Era pois muito medonho o que vias? Levanta-te dahi.

MACARIO.

Não posso : quebrou-se meu corpo entre os braços do pesadelo. Não posso.

SATAN.

Liba esse licôr : uma gotta bastaria para reanimar um cadaver.

MACARIO, toca-o nos labios.

Que fogo! meu peito arde. Ah! ah! que dôr!

SATAN.

Não sabes que para o metal bruto se derreter e crystallisar é mister um fogo ardente, ou a centelha magnetica?

MACARIO.

Que sonho! Era um ar abafado — sem nuvens e sem estrellas! Que escuridão! Ouvia-se apenas de espaço a espaço um baque como o de um peso que cahe no mar e afunda-se... Ás vezes vinha uma luz, como uma estrella ardente, cahir e apagar-se naquella lagôa negra... Depois

eu vi uma fórma de mulher pensativa. Era núa, e seu corpo era perfeito como o de um anjo —mas era livido como o marmore. Seus olhos erão vidrados, os labios brancos, e as unhas roxeadas. Seu cabello era louro, mas tinha uns reflexos de branco. — Que dôr desconhecida a gelára assim e lhe embranquecêra os cabellos? não o sei. Ella se erguia ás vezes, cambaleando, estremecendo suas pernas indecisas, como uma criança que tirita; — e se perdia nas trevas. Eu a segui. Caminhámos longo tempo n'um chão pantanoso...

SATAN.

E tu a viste parar n'uma torrente que transbordava de cadaveres — toma-los um por um nos braços sem sangue, apertar-se gelada naquelles seios de gêlo — revolver-se, tremer, arquejar — e erguer-se depois sempre com um sorriso amargo.

MACARIO.

Quem era essa mulher?

SATAN.

Era um anjo. Ha cinco mil annos que ella tem o corpo da mulher e o anathema de uma virgindade eterna. Tem todas as sêdes, todos os appetites lascivos, mas não póde amar. Todos aquelles em que ella toca se gelão. Repousou o seu seio, roçou suas faces em muitas virgens e prostituas, em muitos velhos e crianças — bateu a todas as portas da creação, estendeu-se em todos os leitos e com ella o silencio... Essa estatua ambulante é quem

murcha as flôres, quem desfolha o outono, quem amortalha as esperanças.

MACARIO.

Quem é?

SATAN.

E depois o que viste?

MACARIO.

Vi muita cousa... Erão mil vozes que rebentavão do abysmo, ardentes de blasphemia! Das montanhas e dos valles da terra, das noites de amor e das noites de agonia, dos leitos do noivado aos tumulos da morte erguia-se uma voz que dizia : — Christo, sê maldito! Gloria, tres vezes gloria ao anjo do mal! — E as estrellas fugião chorando, derramando suas lagrimas de fogo... E uma figura amarellenta beijava a creação na fronte, e esse beijo deixava uma nodoa eterna...

SATAN.

Estás muito pallido. E comtudo sonhaste só meia hora.

MACARIO.

Eu pensei que era um seculo. O que um homem sente em cem annos não equivale a esse momento. Que estrella é aquella que cahio do céo, que ai é esse que gemeu nas brisas?

SATAN.

É um filho que o pai engeitou. É um anjo que deslisa

na terra. Amanhãa talvez o encontres. A perola talvez se enfie n'um collar de bagas impuras — talvez o diamante se engasté em cobre. Aposto como daqui a um momento será uma mulher, daqui a um dia Santa Magdalena!

MACARIO.

Descrido!

SATAN.

O anjo é a creatura do amor. E o que ha mais aberto ao amor que a filha de Jerusalem? Qual é a sombra onde mais vezes tem vibrado essa polvora magica e incomprehensivel? Qual é o seio onde tem cahido ardentes mais lagrimas de gozo?

MACARIO.

Não ouviste um ai? um outro ai ainda mais dorído?

SATAN.

É algum bacurão que passou : algum passarinho que acordou nas garras de uma coruja.

MACARIO.

Não : o echo ainda o repete. Ouves? é um ai de agonia, uma voz humana! Quem geme a essas horas? Quem se torce na convulsão da morte?

SATAN, dando uma gargalhada.

Ah! ah! ah!

MACARIO.

Que risada infernal! Não vês que tremo? que o vento que me trouxe esse ai me arripiou os cabellos? Não sentes o suor frio gottejar de minha fronte?

SATAN, ri-se.

Ah! ah! ah!

MACARIO.

Satan! Satan! Que ai era aquelle?

SATAN.

Queres muito sabê-lo?

MACARIO.

Sim! pelo inferno ou pelo céo!

SATAN.

É o ultimo suspiro de uma mulher que morreu, é a ultima oração de uma alma que se apagou no nada.

MACARIO.

E de quem é esse suspiro? porque é essa oração?

SATAN.

De certo que não é por mim! Insensato, não adivinhas que essa voz é a de tua mãi, que essa oração era por ti?

MACARIO.

Minha mãi! minha mãi!

SATAN.

Pelas tripas de Alexandre Borgia! Choras como uma criança!

MACARIO.

Minha mãi! minha mãi!

SATAN.

Então ficas ahi?

MACARIO.

Vai-te, vai-te, Satan! Em nome de Deos, em nome de minha mãi! eu te digo — Vai-te!

SATAN, desapparecendo.

É por pouco tempo. Amanhãa me chamarás. Quando me quizeres é facil chamar-me. Deita-te no chão com as costas para o céo: põe a mão esquerda no coração: com a direita bate cinco vezes no chão, e murmura — Satan!

A estalagem da estrada (do principio).

As janellas fechadas. — Batem á porta.

MACARIO, acordando.

Que sonho! Foi um sonho... Satan! Qual Satan! Aqui estão as minhas botas, ali está meu ponche... A ceita está intacta na mesa! Minha garrafa vazia do mesmo

modo! Comtudo eu sou capaz de jurar que não sonhei! Olá mulher da venda!

A MULHER, batendo de fóra.

Senhor moço! Abra! abra!

MACARIO.

Que algazarra do diabo é essa?

Abre a porta. Entra a mulher.

A MULHER.

Ah! Senhor! estou cansada de bater á sua porta! Pois o senhor dorme a somno solto até tres horas da tarde!

MACARIO.

Como?

A MULHER.

Nem ceiou — aposto: nem ceiou. A véla ardeu toda. Ora vejão como podia pegar fogo na casa! Pegou no somno comendo de certo!

MACARIO.

Esta é melhor! Pois aqui não esteve ninguem hontem comigo?

A MULHER.

Pela fé de Christo! ninguem.

MACARIO.

Pois eu não sahi daqui de noite, alta noite, na garupa de um homem de ponche vermelho e preto, porque meu burro tinha fugido para o sitio de Nhô Quito?

A MULHER, espantada, benzendo-se.

Não, senhor! Não ouvi nada... O burro está amarrado na baia. Comeu uma quarta de milho...

MACARIO, chega á janella.

Como! Não choveu a cantaros esta noite? É singular! Eu era capaz de jurar que cheguei até a cidade, antes de meia noite!

A MULHER, benzendo-se.

Se não foi por artes do diabo, o senhor estava sonhando.

MACARIO.

O diabo! (Dá uma gargalhada á força.) Ora, sou um pateta! Qual diabo, nem meio diabo! Dormi comendo, e sonhei nestas asneiras!... Mas que vejo! (Olhando para o chão.) Não vês?

A MULHER.

O que é? Ai! ai! uns signaes de queimado ahi pelo chão! Cruz! Cruz! minha Nossa Senhora de S. Bernardo!... É um trilho de um pé...

MACARIO.

Tal e qual um pé!...

A MULHER.

Um pé de cabra... um trilho queimado... Foi o pé do diabo! o diabo andou por aqui!

SEGUNDO EPISODIO

Na Italia.

Um valle, montanhas á esquerda. — Um rio torrentoso á direita. — No caminho uma mulher sentada no chão acalenta um homem com a cabeça deitada no seu regaço.

MACARIO, scismando.

Morrer! morrer! Quando o vinho do amor embebeda os sentidos, quando corre em todas as veias e agita todos os nervos... parece que esgotou-se tudo. Amanhãa não póde ser tão bello como hoje. E acordar do sonho, ver desfeita uma illusão! Nunca!... O lá, mulher, afasta-te do caminho. Quero passar.

A MULHER.

Não o piseis, não, elle dorme. Dorme... está cansado. Não vêdes como está pallido? Coitado!

MACARIO.

Sim : está pallido : não é o luar que o faz livido. Eu o vejo. É teu amante? A lua que alveja tuas transas grisalhas ri de teu amor. Messalina de cabellos brancos, quem apertas no seio emmurchecido? Tão alta noite, quem é esse mancebo de cabellos negros que adormece no teu collo?.... Como está pallido.... Que testa fria.... Mulher! louca mulher, quem acalentas é um cadaver.

A MULHER.

Um defunto?.... não.... elle dorme : não vêdes? É meu filho... Apanhárão-no boiando nas aguas levado pelo rio.... Coitado! como está frio!.... é das aguas! Tem os cabellos ainda gottejantes.... Dizião que elle morreu.... Morrer! meu filho! é impossivel.... Não sabeis? elle é a minha esperança, meu sangue, minha vida. É meu passado de moça, meus amores de velha... Morrer elle? É impossivel. Morrer? Como? Se eu ainda sinto esperanças, se ainda sinto o sangue correr-me nas veias, e a vida estremecer meu coração!

MACARIO.

Velha! estás douda.

A MULHER.

Não morreu, não — elle está dormindo. Amanhãa ha de acordar.... Ha muito tempo que elle dorme.... Que somno profundo!.... nem um resomnar! Elle foi sempre assim desde criança. Quando eu o embalava no meu seio, elle ás vezes empallidecia.... que parecia um morto, tanto era pallido e frio!.... Meu filho! Hei de aquenta-lo com meus beiços, com meu corpo....

MACARIO.

Pobre mãi!

A MULHER.

Fallai mais baixo. Eu pedi ao vento que se calasse, ao rio que emmudecesse.... Não vêdes? tudo é silencio.

Escuta : sabes tocar? Vai ver tua viola — canta alguma cantiga da tua terra. Dizem que a musica faz ter sonhos socegados.. .

MACARIO.

Sonhos! que sonhos soergue teu lençol, ó leito da morte? (Passa adiante.) Esta mulher está douda. Este moço foi banhar-se na torrente — afogou-se. Eu vi carregarem seu cadaver humido e gelado. Pobre mãi! embala-o nú e macilento no seu peito, crendo embalar a vida. Louca!... Feliz talvez! quem sabe se a ventura não é a insania?

Mais longe sentado n'um rochedo á beira do rio está Penseroso scismando.

PENSEROSO.

É alta noite. Disserão-me ainda agora que erão duas horas. É doce pensar ao clarão da lua quando todos dormem A solidão tem segredos amenos para quem sente. O coração do mancebo é como essas flôres pallidas que só abrem de noite, e que o sol murcha e fecha. Tudo dorme. A aldeia repousa. Só além, junto das fogueiras os homens da montanha e do valle conversão suas saudades. Mais longe a toada monotona da viola se mistura á cantilena do sertanejo, ou aos improvisos do poeta singelo da floresta, alma ignorante e pura que só sabe das emoções do sentimento, e dos cantos que lhe inspira a natureza virgem de sua terra. O rio corre negro a meus pés, quebrando nas pedras sua escuma prateada pelos raios da lua que parecem gottejar d'entre os arvoredos

da margem. No silencio sinto minha alma acordar-se embalada nas redes molles do sonho. É tão doce sonhar, para quem ama!.... No que estará ella pensando agora? Scisma, e lembra-se de mim? Dorme e sonha comigo? Ou encostada na sua janella ao luar sente uma saudade por mim?

MACARIO, passando.

Penseroso! Boa noite, Penseroso! Que imaginas tão melancolico?

PENSEROSO.

Boa noite, Macario. Onde vais tão sombrio?

MACARIO, sombrio.

Vou morrer.

PENSEROSO.

Eu sonhava em amor!

MACARIO.

E eu vou morrer!

PENSEROSO.

Tu brincas. Vi um sorriso nos teus labios.

MACARIO.

É um sorriso triste, não? Eu t'o juro pela alma de minha mãi, vou morrer.

PENSEROSO.

Morrer! tão moço! E não tens pena dos que choraráõ

por ti? daquellas pobres almas que regaráõ de lagrimas ardentes teu rosto macilento, teu cadaver insensivel?

MACARIO.

Não; não tenho mãi. Minha mãi não me embalará endoudecida entre seus joelhos, pensando aquentar com sua febre de louca o filho que dorme. Ninguem chorará. Não tenho mãi.

PENSEROSO.

Pobre moço! não amas!

MACARIO.

Amo — amo sim. Passei toda esta noite junto ao seio de uma donzella, pura e virgem como os anjos.

PENSEROSO.

Que tens? Cambaleias. Estás ebrio?

MACARIO.

Ebrio sim—ebrio de amor—de prazer. Aquella criança innocente embebedou-me de gozo. Que noite! Parece que meu corpo desfallece. E minha alma absorta de ternura só tem um pensamento — morrer!

PENSEROSO.

Amar e não querer viver!

MACARIO.

Ella é muito bella. Eu vivi mais nesta noite que no resto de minha vida. Um mundo novo se abrio ante mim. Amei.

PENSEROSO.

Não é verdade que a mulher é um anjo?

MACARIO.

Sim — é um anjo que nos adormece, e nos seus braços nos leva a uma região de sonhos de harmonias desconhecidas. Sua alma se perde comnosco n'um infinito de amor, como essas aves que voão á noite, e se mergulhão no seio do mysterio.

PENSEROSO.

A mulher! Oh! se todos os homens as entendessem! Essas almas divinas são como as fibras harmoniosas de uma rabeca. O ignorante não arranca della um som melodioso.... embalde suas mãos grosseiras revolvem e apertão o arco sòbre ellas — embalde! sómente sons asperos resoão. Mas que a mão do artista as vibre, que a alma do musico se derrame nellas, e do instrumento grosseiro do mendigo ignorante ou do cégo vagabundo, como do *stradivarius* divino, exhalão-se ais, vozes humanas, suspiros e accentos entrecortados de lagrimas.

MACARIO.

Oh! sim! Se na vida ha uma cousa real e divina é a arte — e na arte se ha um raio do céo é na musica; na musica que nos vibra as cordas da alma, que nos acorda da modorra da existencia a alma embotada. Oh! é tão doce sentir a voz vaporosa que trina, que nos enleva e que parece que nos faz desfallecer, amar e morrer!

PENSEROSO.

E é tão doce amar! Eu amei, eu amo muito. Sabe Deos as noites que me ajoelho pensando nella!.... A brisa bebe meus suspiros, e minhas lagrimas silenciosas e doces orvalhão meu rosto.

MACARIO.

Oh! o amor! e porque não se morre de amor? Como uma estrella que se apaga pouco a pouco entre perfumes e nuvens côr de rosa, porque a vida não desmaia e morre n'um beijo de mulher? Seria tão doce inanir e morrer sobre o seio da amante enlanguecida! No respirar indolente de seu collo confundir um ultimo suspiro!

PENSEROSO.

Amar de joelhos, ousando a medo nos sonhós roçar de leve n'um beijo os cilios della, ou suas transas de velludo! Ousando a medo suspirar seu nome! Esperando a noite muda para conta-lo á lua vagabunda!

MACARIO.

Morrer n'uma noite de amor! Rafael no seio de sua Fornarina! Nos labios perfumados da Italiana, adormecer somnolento.... dormir e não acordar!

PENSEROSO.

Que tens? Estás fraco. Senta-te junto de mim. Repousa tua cabeça no meu hombro. O luar está bello, e passaremos a noite conversando em nossos sonhos e nos nossos amores....

MACARIO, desfallecendo.

Tudo se escurece.... Não sentes que tudo anda á roda?.... Que vertigem!.... Dá-me tua mão!.... Sim. Enxuga minha fronte. Que suor!

PENSEROSO.

Como estás abatido.... Como empallideces! Ah! Como resvalas.... Que tens, meu amigo?

MACARIO.

Se eu pudesse morrer! (Desmaia.)

Satan entra.

SATAN.

Que loucura! Esse desmaio veio a tempo; seria capaz de lançar-se á torrente. Porque amou, e uma bella mulher o embriagou no seu seio, querer morrer!

(Carrega-o nos braços.)

Vamos.... E como é bello descorado assim! com seus cabellos castanhos em desordem, seus olhos entreabertos e humidos, e seus labios feminís! Se eu não fôra Satan, eu te amaria, mancebo.... (Vai leva-lo.)

PENSEROSO.

Quem és tu? Deixa-o.... eu o levarei.

SATAN.

Quem eu sou? que te importa? Vou deita-lo n'um leito macio. Daqui a pouco seu desmaio passará. É um effeito

do ar frio da noite sobre uma cabeça infantil ardente de febre. Adeos, Penseroso.

PENSEROSO.

Quem és tu, desconhecido, que sabes o meu nome?

MACARIO e SATAN

MACARIO.

Tenho tedio, Satan! Aborreces-me como se aborrecem as amantes esquecidas.

SATAN.

Tens cartas ahi? Joguemos. Que queres? a ronda, a barca, o lansquenet?

MACARIO.

Sou infeliz no jogo. Queimo-me e perco. Quando aposto e perco, tenho uns desejos de atirar com as cartas á cara do banqueiro.

SATAN.

Pois eu jogo, perco e gosto de jogar. É que somos como Adão e Eva, *os ex ossibus, caro ex carne.* A proposito de jogo, queres que te conte uma historia?

MACARIO.

Mentirosa ou verdadeira?

SATAN.

É o que não importa : nem mais nem menos que a Mil e Uma Noites. Um dia deu-me a lua para virar a cabeça de uma moça. Metti-me no paletó de um mancebo, pallido, allumiado de seus sonhos de poeta, transbordando de orgulho — no mais nem feio nem bonito, tinha olhos pardos, o cabello longo em anneis e a barba luzente como setim. O moço tinha uma amante. Era uma moça bonita, morena, de olhos muito languidos e muito humidos; o que tinha de mais melindroso era a boquinha de rosa e mão-zinhas as mais suaves do mundo.

MACARIO.

Tua historia é velha como o diluvio. É diffusa como um folhetim.

SATAN.

Estás massante como Falstaff bebado. Não importa. Quero alegrar-te um pouco. A historia é divertida. Podia-se bem tornea-la n'um volume en 8° com estampas e retrato de autor, com a competente carta — prologo de moda. — Mas escuta : sou mais fiel que os Sermonistas, *serei breve* o mais possivel. — Ora, a amante tinha uma irmã. Pallida e suave como a mais bella das amantes de Philippe II — era o retrato vivo da Calderona. Erão aquellas palpebras rasgadas á Hespanhola, uns olhos negros cheios de fogo meridional, o seio adormecido. Accrescenta a essa imagem que a moça era virgem como um botão de rosa... Fazia sonhar a amante do rei quando

semi-nua sentada sobre as bordas do leito, repousando a mão sobre a face, sentia as lagrimas do amor e da saudade banharem-lhe os olhos ao luar. Isto que te digo o moço o pensou. Foi um nunca findar de versos, de passeios romanticos pelos valles, pela encosta das montanhas, um inteiro viver e morrer por ella, como elle o dizia n'algum soneto... Vês que torno-me poetico... Quando vi o moço com a cabeça tonta, revolvendo-se pallido nos seus delirios esperançosos, á fé de bom Diabo que sou, interessei-me por elle. De mais, parecião morrer um pelo outro. Os apertos de mãos a furto, os olhares cheios de languidez, tudo isso parece que azoinou a mente virginal da donzella. — Uma noite na sombra, a medo beijárão-se. Aquelle beijo tinha amor e loucura nos labios. O moço perdeu-se de amor. Escreveu-lhe uma carta : transbordou ahi todas as suas poesias, toda a febre de seu devaneio... Não te rias, é d'estylo, Macario. O que ha de mais serio e risivel que o amor? As fallas de Romeo ao luar, os suspiros de Armida, os sonetos de Petrarca tomados ao serio dão desejos de gargalhar...

A partida estava proposta, as paradas feitas, e eu para assegurar o jogo tinha chumbado os dados. Era de apostar a minha cabeça contra a de um santo, todas as mulheres bellas da terra por uma bruxa.

MACARIO.

Adivinho — ganhaste?

SATAN.

Que soffreguidão! Não contava com o anjo da guarda da moça. Fez umas cocegas na criancice da virgem, e lá se vai ella toda chorosa levar a carta á irmã... O tal anjo que sabia orelhar a sua sóta bifou-me o jogo, velhaqueou com o velhaco, surripiou os dados, e n'uma risada innocente chuleou-me a parada.

MACARIO.

Pobre moça!

SATAN.

E o rapaz que perdeu as suas illusões... Mas quero desforra.

MACARIO.

Desforra? tomas duas vezes.

SATAN.

É doloroso. Mas o mundo é do diabo, assim como o céo é dos tolos. Fallão de convento. Querem cortar os cabellos negros da moça e cosê-la na mortelha da freira. Ora pois, se consigo ao mesmo tempo virar a cabeça da moça e da freira, mandar o anjo limpar a mão á parede, as Santas que lhe peguem com um trapo quente. Demais a partida começou.

MACARIO.

E ella quer?

SATAN.

Isso de mulheres, nem eu, que sou o Diabo, as en-

tendo. Quem entende o vento, as ondas e o murmurar das folhas? A mulher é um elemento. A santa mais santa, a virgem mais pura, ha instantes em que se daria a Quasimodo; e Messalina era capaz de engeitar Romeu ou Dom Juan. Mas emfim... Macario?

MACARIO, dormindo.

Hum!

SATAN.

Dorme como um cão. Boa noite, minha criança. Vou fazer uma visita a uma bella da vizinhança que anda regateando o que lhe resta de alma para ser moça tres dias. — Até lá dará meia noite.

. . . . .

MACARIO, PENSEROSO.

MACARIO.

Que idéa rola no teu cerebro inflammado, meu poeta... Como um ramo despido de folhas que se dobra ao peso de um bando de aves da noite, porque tua cabeça se inclina ao peso dos pensamentos?

PENSEROSO.

E comtudo eu amei-a! eu amei tanto! Sagrei-a no fundo da minha alma a rainha das fadas, e resumbrei

nella o anjo mysterioso que me havia conduzir adormecido no seu batel magico a um mundo maravilhoso de amores divinos. Se fui poeta, se pedi a Deos os delirios da inspiração, foi para encantar com seu nome as cordas douradas do alaúde, para votar nos seus joelhos as paginas de ouro de meus poemas, e semear o seu caminho dos louros da minha gloria!

MACARIO.

Oh! acordar como Julieta com seu Romeu pallido no seio, com a cabeça romantica ainda dourada do ultimo reflexo do crepusculo da vida, acordar dos sonhos de noiva no sudario da morte, com os goivos murchos dos finados na fronte em vez da corôa nupcial cheirosa da amante de Romeu! Aperta-lo embalde ao seio ardente, banhar-lhe de lagrimas de fogo as faces pallidas, e de beijos os labios frios, e procurar-lhe insana pelos labios um derradeiro assomo de vida ou uma gotta de veneno para ella! É duro, é triste! é um caso que merece as lagrimas mais doloridas dos olhos. — Mas dóe ainda mais fundo acordar dos sonhos esperançosos com o cadaver frio das esperanças sobre o peito! Pobre Penseroso! Amaste um instante que foi tua vida, como Julieta e como Romeu : e não tiveste a conversa ao luar no jardim de Capuleto, não tremeste nas fallas amorosas da primeira noite de amor, e não soubeste que doces que são os beijos da longa despedida, e o pensar que não são as aves da manhã, mas o rouxinol do valle quem gorgêa

nas romeiras, que o reverbero de luz branca nas nuvens do Oriente e o apagar das estrellas não crepusculava o dia, e crer na vida em si e n'uma mulher com as mãos de uma pallida amante sobre o coração!

PENSEROSO.

Por ella fui pedir á solidão os murmurios, fui abrir meu coração aos halitos moribundos do crepusculo, ajoelhei-me junto das cruzes da montanha, e no susurro das aves que adormecião, no scintillar das primeiras estrellas da noite, na gaza transparente e purpurina que desdebrava seu véo luminoso por entre as sombras do valle— em toda essa natureza bella que dormia fui escutar as vozes intimas do amor, e meu peito acordou-se cantando e sonhando com ella!

MACARIO.

Tenho pena de ti. Mas consola-te. Que valem as lagrimas insensatas? Todas ellas são assim. Eu tambem chorei, mas como as gottas que porejão da abobada escura das cavernas, essas lagrimas ardentes deixárão uma crosta de pedra no meu coração. Não chores. Vem antes comigo. Georgio dá hoje uma ceia: uma orgia esplendida como n'um romance. Teremos os vinhos da Hespanha, as pallidas voluptuosas da Italia, e as Americanas morenas, cujos beijos tem o perfume vertiginoso das magnolias e o ardor do sangue meridional. Não ha melhor tumulo para a dôr do que uma taça cheia de vinho ou uns olhos negros cheios de languidez.

PENSEROSO.

Não : vai só. — Se tu soubesses no que eu penso e no que tenho pensado! Emquanto eu fallo a minha alma desvaría, e a minha febre devaneia. Sonhei sangue no peito della, sangue nas minhas mãos, sangue nos meus labios, no céo, na terra... em tudo! Pareceu-me que tremia nas escadas bambas do cadafalso... senti a risada amarella do homem da vingança... depois minha cabeça escureceu-se... Pensei no suicidio... Macario, Macario, não te rias de mim! como o vagabundo, que se debruça sobre um precipicio sem fundo, senti a vertigem regelar meus cabellos hirtos e um suór de medo banhar minha fronte... tenho medo!... — Sou um doudo, Macario, eu o sei. Que longa vai essa noite! A lua avermelhada não lança luz no céo escuro : nem a brisa no ar : é uma noite de verão, ardente como se a natureza tambem tivesse a febre que inflamma meu cerebro!...

N'uma sala.

Sobre a mesa livros do estudo. — PENSEROSO encostado na mesa. MACARIO fumando.

PENSEROSO.

Li o livro que me déste, Macario. Li-o avidamente. Parece que no coração humano ha um instincto que o leva

á dôr, como o corvo ao cadaver. Aquelle poema é frio como um cadaver. É um copo de veneno. Se aquelle livro não é um jogo de imaginação, se o scepticismo ali não é mascara de comedia — a alma daquelle homem é daquellas, mortas em vida, onde a mão do vagabundo podia semear sem susto as flôres inodoras da morte.

MACARIO.

E o scepticismo não tem a sua poesia?... O que é a poesia, Penseroso? Não é por ventura essa commoção intima de nossa alma com tudo que nos move as fibras mais intimas, com tudo que é bello o doloroso?... A poesia será só a luz da manhã scintillando na areia, no orvalho, nas aguas, nas flôres, levantando-se virgem sobre um leito de nuvens de amor, e de esperança? Olha o rosto pallido daquelle que vio, como a Niobe, morrerem uma por uma, feridas pela mão fatal que escreveu a sina do homem, suas esperanças nutridas da alma e do coração — e dize-me se no riso amargo daquelle descrido, se na ironia que lhe cresta os beiços não ha poesia como na cabeça convulsa do Laocoonte. As dôres do espirito confrangem tanto um semblante como as da carne. Assim como se cobre de capellas de flôres a cruz de uma cova abandonada, porque não derramar os grivos da morte no cemiterio das illusões da vida? A natureza é um concerto cuja harmonia só Deos entende, porque só elle ouve a musica que todos os peitos exhalão. Só elle combina o canto do corvo e o trinar do pintasilgo, as nenias do

rouxinol e o uivar da féra nocturna, o canto de amor da virgem na noite do noivado e o canto de morte que na casa junta arqueja na garganta de um moribundo. Não maldigas a voz rouca do corvo — elle canta na impureza um poema desconhecido, poema de sangue e dôres peregrinantes como o do bengalim é de amor e ventura! Fôra loucura pedir vibrações a uma harpa sem cordas, beijos á donzella que morreu, fogo a uma lampada que se apaga. Não peças esperanças ao homem que descrê e desespera.

PENSEROSO.

Macario! e elle tão velho, teve tantos cadaveres que apertar nos braços nas horas de despedida, que o seu sangue se gelasse, e seus nervos que não dormem precisassem do scepticismo, como Paganini do opio para adormecer? Porque foi elle banhar sua fronte juvenil na vertigem dos gozos amaldiçoados? Com as mãos virgens porque vibrou o alaude lascivo esquecido n'um canto do lupanar? É um livro immoral: porque esse moço entregou-se delirante a essa obra nocturna de envenenamento? Não te rias, Macario — pobre daquelle que não tem esperanças; porém maldito aquelle que vai soprar as cinzas de sua esterilidade sobre a cabeça fecunda daquelle que ainda era puro! O coração é um Oceano que o bafejar de um louco póde turvar, mas a quem só o halito de Deos aplaca as tormentas.

Esperanças! e esse descrido não palpita de enthu-

siasmo no rodar do carro do seculo, nos alaridos do progresso, nos hosannas do industrialismo laurifero? Não sente elle que tudo se move — que o seculo se emancipa — e a cruzada do futuro se recruta? Não sonha elle tambem com esse Oriente para onde todos se encaminhão sedentes de amor e de luz?

Esperanças! e esse Americano não sente que elle é o filho de uma nação nova, não a sente o maldito cheia de sangue, de mocidade e verdor? Não se lembra que seus arvoredos gigantescos, seus Oceanos escumosos, os seus rios, suas cataractas, que tudo lá é grande e sublime? Nas ventanias do sertão, nas trovoadas do sul, no susurro das florestas á noite não escutou nunca os preludios daquella musica gigante da terra que entôa á manhãa a epopéa do homem e de Deos? Não sentio elle que aquella sua nação infante que se embala nos hymnos da industria européa como Jupiter nas cavernas do Ida, no alarido dos Corybantes — tem um futuro immenso?

Esperanças! não tê-las quando todos as tem! quando todos os peitos se expandem como as velas de uma náo, ao vento do futuro! Porque antes não cantou a sua America como Châteaubriand e o poeta de Virginia, a Italia como a Mignon de Gœthe, o Oriente como Byron, o amor dos anjos como Thomas Moore, o amor das virgens como Lamartine?

MACARIO.

Muito bem, Penseroso. Agora cala-te : fallas como esses Oradores de lugares-communs que não sabem o

que dizem. A vida está na garrafa de cognac, na fumaça de um charuto de Havana, nos seios voluptuosos da morena. Tirai isso da vida — o que resta? Palavra de honra que é deliciosa a agua morna de bordo de vossos navios! que tem um aroma saudavel as machinas de vossos engenhos a vapor! que embalão n'um *far-niente* balsamico os vossos calculos de commercio! Não sabeis da vida. Accende esse charuto. Penseroso, fuma e conversemos.

Fallas em esperanças. Que eternas esperanças que nada parem! O mundo está de esperanças desde a primeira semana da creação... e o que tem havido de novo? Se Deos soubesse do que havia de acontecer, não se cansava em afogar homens na agua do diluvio, nem mandar crucificar, macilenta e ensanguentada, a imagem de seu Christo divino. O mundo hoje é tão devasso como no tempo da chuva de fogo de Sodoma. Fallais na industria, no progresso? As machinas são muito uteis, concordo. Fazem-se mais palacios hoje, vendem-se mais pinturas e marmores — mas a arte degenerou em officio — e o genio suicidou-se.

Em quanto não se inventar o meio de ter mocidade eterna, de poder amar cem mulheres n'uma noite, de viver de musica e perfumes, e de saber-se a palavra magica que fará recuar das salas do banquete universal o espectro da morte — antes disso pouco tereis adiantado.

Dizes que o mundo caminha para o Oriente. Não serei eu, nem o sonhador daquelle livro que ficaremos no ca

minhô. O harem, os cavallos da Arabia, o opio, o hatchis, o café de Moka, e o latakiá — são cousas soberbas!

A poesia morre — deixa-la que cante seu adeos de moribunda. Não escutes essa turba embrutecida no plagiar e na copia. Não sabem o que dizem esses homens que para apaixonar-se pelo canto esperão que o hosanna da gloria tenha saudado o cantor. São estereis em si como a parasita. Musicos — nunca serão Beethoven nem Mozart. Escriptores — todas as suas garatujas não valeráõ um terceto do Dante. Pintores — nunca farão viver na tela uma carnação de Rubens ou erguer-se no fresco um fantasma de Miguel-Angelo. É a miseria das miserias! Como uma esposa anda tressuão e esforção-se debalde para conceber. Todos os dias acordão de um sonho mentiroso em que crêrão sentir o estremecer do feto nas entranhas reanimadas.

Fallão nos gemidos da noite no sertão, nas tradições das raças perdidas da floresta, nas torrentes das serranias, como se lá tivessem dormido ao menos uma noite, como se acordassem procurando tumulos, e perguntando como Hamleto no cemiterio a cada caveira do deserto o seu passado.

Mentidos! Tudo isso lhes veio á mente lendo as paginas de algum viajante que esqueceu-se talvez de contar que nos mangues e nos aguas do Amazonas e do Orenoco ha mais mosquitos e sezões do que inspiração; que na floresta ha insectos repulsivos, reptís immundos; que a pelle furta-côr de tigre não tem o perfume das flôres —

que tudo isto é sublime nos livros, mas é soberanamente desagradavel na realidade!

Escuta-me ainda. O autor deste livro não é um velho. Se não crê é porque o scepticismo é uma sina ou um acaso, assim como é ás vezes um facto de razão. As cordas daquella lyra forão vibradas por mãos de moço, mãos ardentes e convulsas de febre... talvez de inspiração...

Foi talvez um delirio; mas foi da cabeça e do coração que se exhalárão aquelles cantos selvagens. Foi n'uma vibração nervosa, com o sangue a galopar-lhe febril pelas veias, com a mente ebria de seu sonho ou do seu pesadelo que elle cantou. Se as fibras da harpa desafinão, se a mão rispida as estala, se a harpa destôa, é que elle não pensou nos versos quando pensava na poesia, é que elle cria e crê que a estancia é uma roupa como outra — apenas, como o diz George Sand, a arte é um manto para as bellezas nuas : é que elle preferira deixar uma estatua despida, a pespontar de ouro uma tunica de velludo para embuçar um manequim. É que elle pensa que a musica do verso é o acompanhamento da harmonia das idéias, e ama cem vezes mais o Dante com sua versificação dura, os rasgos de Shakspeare com seus versos asperos, do que os alexandrinos feitos a compasso de Sainte-Beuve ou Turquety.

PENSEROSO.

Tudo isso nada prova. — É uma poesia, concordo;

mas é uma poesia terrivel. É um hymno de morte sem esperança do céo, como o dos fantasmas de João Paulo Richter. É o mundo sem a luz, como no canto da Treva. É o atheismo como na *Rainha Mab* de Shelley. Tenho pena daquelles que se embriagão com o vinho do scepticismo.

MACARIO.

Amanhãa pensarás comigo. Eu tambem fui assim. O tronco secco sem seiba e sem verdor foi um dia o arvoredo cheio de flôres e de susurro.

PENSEROSO.

Não crer! e tão moço! Tenho pena de ti.

MACARIO.

Crer? e no que? No Deos desses sacerdotes devassos? desses homens que sahem do lupanar quentes dos seios da concubina, com sua sotaina preta ainda alvejante do cotão do leito della para ir ajoelhar-se nos degráos do templo! Crer no Deos em que elles mesmos não crêm, que esses ebrios profanão até do alto da tribuna sagrada?

PENSEROSO.

Não fallemos nisto. Mas o teu coração não te diz que se nutre de fé e de esperanças?

MACARIO.

A philosophia é vãa. É uma crypta escura onde se esbarra na treva. As ideias do homem o fascinão, mas não o esclarecem. Na cerração do espirito elle estala o

craneo na loucura ou abysma-se no fatalismo ou no nada.

PENSEROSO.

Não; não é o philosophismo que revela Deos. A razão do homem é incerta como a chamma desta lampada : não a excites muito, que ella se apagará.

MACARIO.

Só restão dous caminhos áquelle que não crê nas utopias do philosopho. O dogmatismo ou o scepticismo.

PENSEROSO.

Eu creio porque creio. Sinto e não raciocino.

MACARIO.

Talvez seja a treva de meu corpo que me escureça minha alma. Talvez um anjo máo soprasse no meu espirito as cinzas suffocadoras da duvida. Não sei. Se existe Deos, elle me perdoará se a minha alma era fraca, se na minha noite lutei embalde com o anjo como Jacob, e succumbi. — Quem sabe? — eis tudo o que ha no meu entendimento. Ás vezes creio, espero : ajoelho-me banhado de pranto, e oro; outras vezes não creio, e sinto o mundo objectivo vasio como um tumulo.

PENSEROSO.

Vê — o mundo é bello. A natureza estende nas noites estrelladas o seu véo magico sobre a terra, e os encantos da creação fallão ao homem de poesia e de Deos. As noites, o sol, o luar, as flôres, as nuvens da manhãa, o sor-

riso da infancia, até mesmo a agonia consolada e esperançosa do moribundo ungido que se volta para Deos — tudo isso será mentira? As esperanças espontaneas, as crenças que um olhar de virgem nos infiltra, as vibrações unanimes das fibras sensiveis serão uma irrisão? O amor de tua mãi, as lagrimas do teu amor — tudo isso não te acorda o coração? Serás como essas harpas abandonadas cujas cordas róe a humidade e a ferrugem, e onde ninguem póde acordar uma harmonia? Porque estalárão? que dôr profunda as rebentou? Quando tua alma ardente abria seus vôos para pairar sobre a vida cheia de amor, que vento de morte murchou-te na fronte a corôa das illusões, apagou-te no coração o fanal do sentimento, e despio-te das azas da poesia? Alma de guerreiro deu-te Deos por ventura o corpo interiçado do paralytico? Coração de Romeo tens o corpo do lazarento ou a fealdade de Quasimodo? lyra cheia de musicas suspirosas negou-te a creação cordas argentinas? Oh! não! abre teu peito e ama. Tu nunca viste uma tua illusão gelar-se na fronte da amante morta, teu amor degenerar nos labios de uma adultera. Alma fervorosa, no orgulho de teu scepticismo não te suicides na atonia do desespero. A descrença é uma doença terrivel; destróe com seu bafo corrosivo o aço mais puro : é ella quem faz de Rembrandt um avarento, de Bocage um libertino!.... Para os peitos rotos, desenganados nos seus effectos mais intimos, onde sepultão-se como cadaveres todas as crenças, para esses aquillo que se dá a todos os sepulchros : uma lagrima!

Aquelle que jogou sua vida como um perdulario, que eivou-se n'uma dôr secreta, que sentio cuspirem-lhe nas faces sublimes, — esses que rião como Democrito, duvidem como Pyrrhon, ou durmão indifferentes no seu escarneo como Diogenes o cynico no seu tonnel. A esses leva uma torrente profunda : revolvem-se na treva da descrença como Satan no infinito da perdição e do desespero! Mas nós, mas tu e eu que somos moços, que sentimos o futuro nas aspirações ardentes do peito, que temos a fé na cabeça e a poesia nos labios, a nós o amor e a esperança : a nós o lago prateado da existencia. Embalemo-nos nas suas agùas azues — sonhemos — cantemos é creiamos! Se o poeta da perdição dos anjos nos conta o crime da creatura divina, liba-nos da despedida do Eden o beijo de amor que fez dos dous filhos da terra uma creatura, uma alma cheia de futuro. Se na primeira pagina da historia da passagem do homem sobre a terra ha o cadaver de Abel, e o ferrete de Caim o anathema, — naquellas tradições resôa o beijo de mãi de Eva pallida sobre os labios de seu filho!

MACARIO.

Illusões! O amor — a poesia — a gloria — Illusões! Não te ris tu comigo da gloria como eu rio della? A gloria entre essa plebe corrupta e vil que só applaude o manto do Tartuffo e apedreja as estatuas mais santas do passado! Gloria! Nunca te lembras do Dante, de Byron, de Chatterton o suicida? E Werner poeta, sublime e fe-

bril tambem, morto de scepticismo e desespero sob sua grinalda de orgia? Gloria! São acaso os louros salpicados de lôdo, manchados, descridos, cuspidos do poviléo, e que o futuro só consagra ao cadaver que dorme?

Escuta. Eu tambem amei. Eu tambem talvez possa amar ainda. As vezes quando a mente se me embebe na melancolia, quando me passão n'alma sonhos de homem que não dorme, e que chamão poesia; eu sinto ainda reabrir-se o meu peito a amores de mulher. Parece que, se aquella belleza de olhos e cabellos negros, de collo arquejante e fluctuoso me deixasse repousar a cabeça sobre seu peito, eu poderia ainda viver e querer viver, e ter alento bastante para desmaiar ali na voluptuosidade pura de um espasmo, na vertigem de um beijo.

Mas o que me agita as fibras ainda é a voluptuosidade — é o ademan de uma belleza languida, a sêde insaciavel do gozo.

São sonhos! sonhos, Penseroso! É loucura abrir tanto os véos do coração a essas brisas enlevadas que vem tão susurrantes de enleio, tão repassadas de aromas e beijos! É loucura talvez! E comtudo quando o homem só vive delles, quando todas as portas se fechárão ao engeitado — porque não ir bater na noite de febre no palacio da fada das imaginações? Põe a mão no meu coração. Tuas fallas m'o fizerão bater. Havia uma voz dentro delle que eu pensava morta, mas que estava só emmudecida. Escuta-a. Ha uma mulher em quem eu pensei noites e noites: que encheu minhas noites de insomnia, meu somno

de visões fervorosas, meus dias de delirio. Eu amei essa mulher. Eu a segui passo a passo na minha vida. Deitei-me na calçada da rua defronte de sua janella, para ouvir a sua voz, para entrevê-la a furto branca e vaporosa, para respirar o ar que ella bebia, para sentir o perfume de seus cabellos e ouvir o canto de seus labios. Eu amei muito essa mulher. E por vê-la uma hora ao pé de mim — semi-nua — embora fosse adormecida — só por vê-la, e por beija-la de leve, eu daria minha vida inteira ao nada. E essa mulher, essa mulher....

PENSEROSO.

Que tem, falla....

MACARIO.

Adeos, Penseroso. Eu pensei que tu me acordavas a vida no peito. Mas a fibra em que tocaste e onde foste despertar uma harmonia é uma fibra maldita, cheia de veneno e de morte. Adeos, Penseroso. Ai daquelle a quem um verme roeu a flôr da vida como a Werther! A descrença é a filha engeitada do desespero. Faust é Werther que envelheceu, e o suicidio da alma é o cadaver de um coração. O desfolhar das illusões annuncia o inverno da vida.

PENSEROSO.

Onde vais, onde vais?

MACARIO.

Onde vou todas as noites. Vagarei á tôa pelos campos

até que o somno feche meus olhos e que eu adormeça na relva fria das orvalhadas da noite. Adeos.

A mesma sala.

PENSEROSO SÓ, escreve.

Não escreverei mais : não. Calarei o meu segredo e morrerei com elle.

Esqueceu tudo! tudo! Esqueceu as noites solitarias em que eu estava a sós com ella, com sua mão na minha, com seus olhos nos meus. Esqueceu! Deos lhe perdôe. E se eu morro por ella, seja ella feliz!

Mas porque mentia se ella se ria de mim? Porque aquelles olhares tão languidos, aquelles suspiros tão doces? Porque sua mão estremecia nas minhas e se gelava quando eu a apertava? Porque naquella noite fatal, quando eu a beijei, ella escondeu seu rosto de virgem nas mãos, e as lagrimas corrião por entre seus dedos, e ella fugio soluçando? (Pensativo.)

Ella me não ama — é certo. Nunca, nunca ella me teve amor : a illusão morreu... Oh! não morrerei com ella? Hontem fallei com David sobre o suicidio. David declamou — repetio o que dizem esses homens sem irritabilidade de coração, que julgão que as palavras provão alguma cousa. Eu sorri. David é feliz — elle sim, nunca

amará — não ha de sentir esse sentimento unico e queimador absorver como uma casuarina toda a seiva do peito, alimentar-se de todas as esperanças, todas as ambições, todos os amores da terra e do Céo, dos homens e de Deos, para fazer de tudo isso uma unica essencia, para trans-substanciar tudo isso no amor de uma mulher! E depois, quando esse amor morrer, achando o peito vazio como o de um esqueleto, não terá animo para adormecer no seio da morte!

Eis-ahi o veneno. O' minha terra! ó minha mãi! mais nunca te verei! Meu pai, meu santo pai! e tu, mãi de minha mãi que sentias por mim, cuja vida era uma oração por mim, que enxugavas tuas lagrimas nos teus cabellos brancos pensando no teu pobre neto! Adeos! Perdão! perdão!. . . . .

Creio que chorei. Tenho a face molhada. A dôr me enfraqueceria? Não! não! Não ha remedio. Morrerei.

Paginas de Penseroso.

Se ha um homem que cresse no futuro, fui eu. Tive confiança no orgulho de meu coração e no genio que sentia na minha cabeça. Eu sinto-o, Deos me fez poeta. Esse mundo, a natureza, as montanhas, o effluvio luminoso das noites de luar, tudo isso me acordava vibrações, me revelava no peito cordas que nunca escutei senão nos poetas divinos, que nunca senti no peito cavernoso e vazio dos outros homens. Sou rico, moço, mor-

rerei pouco mais velho que o desgraçado Chatterton. E todo o meu futuro, minhas glorias, toda essa ambição immensa, essa sêde fogosa de uma alma que os prazeres de convenção da vida sumptuosa dos palacios esplendidos, das acclamações da fama, eu só queria seu peito junto do meu — sua mão na minha. O andrajo do miseravel não me doeria se eu tivesse o manto de ouro do seu amor.

Oh! ella não me entendeu! Não merecia tamanho amor. Tomei-a núa, fria e bruta como o esculptor uma pedra de marmore — a visão que vesti com a gaza assetinada das minhas illusões; a estatua que despertei do seio da materia, não estava ahi. Estava no meu coração e só nelle. Fi-la bella dessa belleza divina que Deos me resumbrou na alma de poeta. Talvez é assim — mas assim mesmo eu morro por ella — amo-a como o pintor a sua Madona, como o esculptor a sua Venus, como Deos a sua creatura.

Era a unica estatua da creação que se podia aviventar ao bafo ardente de meu peito. Não amei nunca outra mulher. Se o coração é um lyrio que as paixões desflorão, sou ainda virgem; no deleite das minhas noites delirantes, tu o sabes, meu Deos, eu nunca amei!

E porque viver se o coração é morto? Se eu hoje dormisse sobre essa idéa, se eu pudesse adormecer no ocio e no tedio, seria isso ainda viver?

Viver era sentir, era amar, era crer que a ventura não é um sonho, e que eu tinha um leito de flôres onde descansar da vida, onde eu pudesse crer que a gloria, o futuro não valem um beijo de mulher!

Morrerei. — Não posso trazer no peito o cadaver de minhas illusões, como a infanticida o remorso a lhe tremer nas estranhas. Ha doenças que não tem cura. A tempestade é violenta, e o cansado marinheiro adormeceu no seio da morte. Antes isso que a lenta agonia do desespero, do que esse corvo da descrença e da ironia que róe as fibras ainda vivas como um cancro.

E seria comtudo tão bella a vida se ella me amasse! Oh! porque me trahio!... Porque embalou-me nos seus joelhos, nos accentos magicos da musica dos anjos da esperança, do amor, para lançar-me na treva erma desse desalento e dessa saudade eivada de morte?

Viveriamos tão bem! Era tão facil minha ventura! Por esses rios immensos da minha terra ha tantas margens viçosas e desertas, cheias de flôres e de berços de verdura, de retiros amenos, onde as aves cantão na primavera eterna do nosso céo, e as brisas suspirão tão docemente nas tardes purpurinas! Seriamos sós — sós — e essa solidão nós a povoariamos com o mundo angelico do nosso amor! Nos crepusculos de verão eu a levaria pelas montanhas a embriagar-se de vida nos aromas da terra palpitante, pelos valles ainda humidos de orvalho e ao tom das aguas sem pensar na vida, pensando só que o amor é o ouro dos rochedos brancos da existencia, a estrella dos céos mysteriosos, a palavra sacramental e magica que rompe as cavernas do infinito e da ventura! Oh! deitado nos seus joelhos, ouvindo sua voz misturar-se ao silencio do deserto, vendo sua face mais bella

no véo luminoso e pallido do luar, como seria doce viver! Era assim que eu esperava amar, era assim que eu podia morrer sem saudades da vida, suspirando de amor! Sou um doudo, meu Deos! Porque mergulhar mais o meu coração nessa lagoa venenosa das illusões? Quero ter animo para morrer. Estalou-se nas minhas mãos o ultimo ramo que me erguia sobre o abysmo. Para que sonhar mais o que é impossivel?

É ainda um sonho o que vou escrever.

Eu sonhei esta noite — e sonhei com ella. — Era meio dia na floresta. A sombra cahia no ar calmoso. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

Uma rua.

PENSEROSO, passando.

Tenho febre. É o effeito do veneno? Para que obre melhor tenho-o tomado aos poucos. Tenho ás vezes estremecimentos que me gelão. Sinto um fogo no esto mago, e as veias do meu cerebro parecem queimar o meu craneo e inundal-o de sangue fervente. A cabeça me dóe : ás vezes parece-me que os ossos do meu craneo estalão — a minha vista se escurece e meus nervos tre-

mem — meu coração parece abafado e palpita ancioso — a respiração me custa. Oh! custa tanto morrer!

O DOUTOR LARIUS, passando a cavallo.

Penseroso! Penseroso! Onde vais tão pallido?

PENSEROSO.

Doutor, bom dia. Acha-me pallido?

O DOUTOR.

Como tua mão está ardente! Como tua testa queima! Tens febre, Penseroso.

PENSEROSO.

Tenho febre, não é assim? Ponha a mão no meu coração, vêja como bate!

O DOUTOR.

Como teu peito está humido de suor! Como pulsa teu coração! Penseroso! Penseroso! o que tens, meu amigo?

PENSEROSO.

O que tenho? não tenho nada — absolutamente nada. Adeos, doutor.

O DOUTOR.

Onde vais? O sol está ardente, e tens febre. Descansemos aqui na sombra. Ou então vamos para casa e deita-te.

PENSEROSO.

Sim. Adeos, doutor. (Vai-se apressado.)

O DOUTOR.

Penseroso! Penseroso!

Uma sala.

N'um canto da sala, junto de piano, PENSEROSO só com a *Italiana*, Ouve-se o fallar confuso partindo de outros lados de sala. — Risadas, murmurios de homens e mulheres que conversão.

PENSEROSO.

Adeos, senhora: eu me vou. Adeos, mas ao menos dai-me um olhar de compaixão para que se eu morrer de abandono, não morra sem uma benção; — e o vosso olhar é uma benção!

A ITALIANA.

Que dizeis, senhor Penseroso?

PENSEROSO.

Sim — não me entendeis: eu sou um insensato. Pobre daquelle a quem não comprehendem!

A ITALIANA.

Porque o dizeis? não vos prometti a minha mão? Por quem se espera no altar? É por mim? Não, Penseroso, é pela vontade de teu pai... Não te dei eu minha alma, assim como te darei o meu corpo?

PENSEROSO.

Oh! virgem! se acaso um só momento de tua vida tu consagraste um suspiro ao desgraçado, se um só momento tu o amaste, ah! que Deos em paga desse instante te dê um infinito de ventura!

A ITALIANA.

Penseroso! Que tens? Nunca te vi assim. Eras pensativo e estás sombrio. Eras melancolico e estás triste..... Que tens, que me não confias? Não sou eu tua noiva?

PENSEROSO.

Oh! senhora! Se uma eternidade se póde comprar por um sonho, o sonho que me embalou na minha existencia bem valêra ser comprado por uma eternidade!

A ITALIANA.

O teu sonho é o meu — é o nosso amor — a minha vida por ti, a tua vida por mim : nós dous formando um unico ser, uma unica alma, um mundo de delicias e de mysterio só para nós e por nós!

PENSEROSO.

Oh! sonhar e acordar!

A ITALIANA.

Então...

PENSEROSO.

Meu Deos! meu Deos! perdoai-me. Adeos! adeos!

Com os olhos em lagrimas.) Quem sabe se não será para sempre? (Sahe.)

A ITALIANA, empallidecendo.

Para sempre? Ah!

O quarto de Penseroso.

PENSEROSO, só.

Ella me não ama. Que importa? eu lh'o perdôo. Perdôo a leviandade daquella criança pura e santa que me leva ao suicidio... Oh! se eu pudesse vê-la ainda!

Passei toda a noite pelo campo que se estende junto á casa della. Vi as luzes apagarem-se uma por uma. Só o quarto della ficava illuminado. Havia ser muito tarde quando a luz se apagou. Pareceu-me ver ainda depois uma imagem branca encostada na janella...

Coitada! ella não sabe que eu estava ali, a seus pés, com o desespero n'alma, e o veneno no peito, cheio de desejos e de morte, cheio de saudades e de desesperança!

Vaguei toda a noite. Quando acordei estava muito longe. Assentei-me á borda do caminho. A meus pés se estendia o precipicio coberto de hervaçal...

Á direita, longe n'uma lagôa sahião os primeiros raios do dia. O orvalho reluzia nas folhas das arvores antigas

do caminho, em cuja sombra immensa acordavão os passarinhos cantando...

Perdoai-me, meu Deos! talvez seja uma fraqueza o suicidio — porque será um crime ao pobre louco sacrificar os seus sonhos da vida?

. . . .

Este cordão de cabellos quero que seja entregue a ella: são cabellos de minha mãi — de minha mãi que morreu. Trouxe-os sempre no meu peito. Quero que ella os beije ás vezes e lembre-se de mim. . . . .

. . . .

Esse amor foi uma desgraça. Foi uma sina terrivel. Oh! meu pai! ó minha segunda mãi! ó meus anjos! meu céo! minhas campinas! É tão triste morrer! . . . . .

. . . .

Ah! que dôres horriveis! tenho fogo no estomago... Minha cabeça se suffoca... Ar! ar! preciso de ar!... Eu te amei, eu te amei tanto!... (Desmaia.)

HUBERTO, entrando.

Penseroso! Que tens? Que convulsão! Ah! é uma agonia! De pressa, de pressa, chamem alguem... O Dr. Larius...Oh! meus companheiros, soccorrei nosso amigo... Penseroso morre! David! David! onde está David?

UMA VOZ.

Está caçando.

HUBERTO.

E Macario, onde está tambem?

A VOZ.

Tomou hontem uma bebedeira. Está ebrio como uma cabra.

Á porta de uma taverna.

MACARIO vai sahindo; encontra SATAN.

SATAN.

Onde vais?

MACARIO.

Sempre tu, maldito!

SATAN.

Onde vais? Sabes de Penseroso?

MACARIO.

Vou ter com elle.

SATAN.

Vai, doudo, vai! que chegarás tarde! Penseroso morreu.

MACARIO.

Matárão-no!

SATAN.

Matou-se.

MACARIO.

Bem.

SATAN.

Vem comigo.

MACARIO.

Vai-te.

SATAN.

És uma criança. Ainda não saboreaste a vida e já gravitas para a morte. O que te falta? Ouro em rios? eu t'o darei. Mulheres? tê-las-has, virgens, adulteras ou prostitutas... O amor? dar-te-hei donzellas que morrão por ti, e realisem na tua fronte os sonhos de seu hysterismo... Que te falta?

MACARIO.

Vai-te, maldito!...

SATAN, afastando-se.

Abrir a alma ao desespero é dá-la a Satan. Tu és meu. Marquei-te na fronte com meu dedo. Não te perco de vista. Assim te guardarei melhor. Ouvirás mas facilmente minha voz partindo de tua carne que entrando pelos teus ouvidos.

Uma rua.

MACARIO e SATAN de braços dados

SATAN.

Estás ebrio? Cambaleias.

MACARIO.

Onde me levas?

SATAN.

A uma orgia. Vais ler uma pagina da vida; cheia de sangue e de vinho — que importa?

MACARIO.

É aqui, não? Ouço vociferar a saturnal lá dentro.

SATAN.

Paremos aqui. Espia nessa janella.

MACARIO.

Eu vejo-os. È uma sala fumacenta. Á roda da mesa estão sentados cinco homens ebrios. Os mais revolvem-se no chão. Dormem ali mulheres desgrenhadas, umas lívidas, outras vermelhas... Que noite!

SATAN.

Que vida! não é assim? Pois bem! escuta, Macario. Ha homens para quem essa vida é mais suave que a ou-

tra. O vinho é como opio, é o Lethes do esquecimento... A embriaguez é como a morte...

MACARIO.

Cala-te. Ouçamos.

NOITE NA TAVERNA

How now Horatio? You tremble and look pale
Is not this something more than phantasy?
What think you of it?

Hamlet, acto I.

I

UMA NOITE DO SECULO

Bebamos! nem um canto de saudade!
Morrem na embriaguez da vida as dôres!
Que importão sonhos, illusões desfeitas?
Fenecem como as flôres!

José Bonifacio.

— Silencio, moços! acabai com essas cantilenas horriveis! Não vêdes que as mulheres dormem ebrias macilentas como defuntos? Não sentis que o somno de embriaguez pesa negro naquellas palpebras onde a belleza sigillou os olhares da volupia?

— Cala-te, Johann! emquanto as mulheres dormem e Arnold-o-louro cambalêa e adormece murmurando as canções de orgia de Tieck, que musica mais bella que o alarido da saturnal? Quando as nuvens correm negras no céo como um bando de corvos errantes, e a lua desmaia como a luz de uma lampada sobre a alvura de uma belleza que dorme, que melhor noite que a passada ao reflexo das taças?

— És um louco, Bertram! não é a lua que lá vai macilenta: é o relampago que passa e ri de escarneo ás agonias do povo que morre, aos soluços que seguem as mortualhas do cholera!

— O cholera! e que importa? Não ha por ora vida bastante nas veias do homem? não borbulha a febre ainda ás ondas do vinho? não reluz em todo o seu fogo a lampada da vida na lanterna do craneo?

— Vinho! vinho! Não vês que as taças estão vazias e bebemos o vácuo, como um somnambulo?

— É o Fichtismo na embriaguez! espiritualista, bebe a immaterialidade da embriaguez!

— Oh! vazio! meu copo está vazio! Olá taverneira, não vês que as garrafas estão esgotadas? Não sabes, desgraçada, que os labios da garrafa são como os da mulher: só valem beijos emquanto o fogo do vinho ou o fogo do amor os borrifa de lava?

— O vinho acabou-se nos copos, Bertram, mas o fumo ondula ainda nos cachimbos! Após dos vapores do vinho os vapores da fumaça! Senhores, em nome de todas as

nossas reminiscencias, de todos os nossos sonhos que mentírão, de todas as nossas esperanças que desbotárão, uma ultima saude! A taverneira ahi nos trouxe mais vinho: uma saude! O fumo é a imagem do idealismo, é o transumpto de tudo quanto ha mais vaporoso naquelle espiritualismo que nos falla da immortalidade da alma! e pois, ao fumo das Antilhas, á immortalidade da alma!

— Bravo! bravo!

Um *urrah!* triplice respondeu ao moço meio ebrio.

Um conviva se ergueu entre a vozeria: contrastavão-lhe com as faces de moço as rugas da fronte e a rouxidão dos labios convulsos. Por entre os cabellos prateava-se-lhe o reflexo das luzes do festim. Fallou:

— Calai-vos, malditos! a immortalidade de alma! pobres doudos! e porque a alma é bella, porque não concebeis que esse ideal possa tornar-se em lodo e podridão, como as faces bellas da virgem morta, não podeis crêr que elle morra? Doudos! nunca velada levastes por ventura uma noite á cabeceira de um cadaver? E então não duvidastes que elle não era morto, que aquelle peito e aquella fronte ião palpitar de novo, aquellas palpebras ião abrir-se, que era apenas o opio do somno que emmudecia aquelle homem? Immortalidade da alma! e porque tambem não sonhar a das flores, a das brisas, a dos perfumes? Oh! não mil vezes! a alma não é, como a lua, sempre moça, núa e bella em sua virgindade eterna! a vida não é mais que a reunião ao acaso das moleculas attrahidas: o que era um corpo de mulher vai por ven-

tura transformar-se n'um cipreste ou n'uma nuvem de miasmas : o que era um corpo do verme vai alvejar-se no calice da flôr ou na fronte da criança mais loura e bella : como Schiller o disse, o atomo da intelligencia de Platão foi talvez para o coração de um ser impuro. Por isso eu vo-lo direi : se entendeis a immortalidade pela metempsycose, bem! talvez eu a creia um pouco; pelo Platonismo, não!

— Solfieri! és um insensato! o materialismo é arido como o deserto, é escuro como um tumulo! A nós frontes queimadas pelo mormaço do sol da vida, a nós sobre cuja cabeça a velhice regelou os cabellos, essas crenças frias? A nós os sonhos do espiritualismo.

— Archibald! devéras, que é um sonho tudo isso! No outro tempo o sonho da minha cabeceira era o espirito puro ajoelhado no seu manto argenteo, n'um oceano de aromas e luzes! Illusões! a realidade é a febre do libertino, a taça na mão, a lascivia nos labios, e a mulher semi-núa tremula e palpitante sobre os joelhos.

— Blasphemia! e não crês em mais nada? teu scepticismo derribou todas as estatuas do teu templo, mesmo a de Deos?

— Deos! crêr em Deos! sim como o grito intimo o revela nas horas frias do medo — nas horas em que se tirita de susto e que a morte parece roçar humida por nós! Na jangada do naufrago, no cadafalso, no deserto — sempre banhado do suor frio do terror é que vem a crença em Deos! — Crêr nelle como a utopia do bem

absoluto, o sol da luz e do amor, muito bem! Mas, se entendeis por elle os idolos que os homens erguêrão banhados de sangue, e o fanatismo beija em sua inanimação de marmore de ha cinco mil annos — não creio nelle!

— E os livros santos?

— Miseria! quando me vierdes fallar em poesia eu vos direi : ahi ha folhas inspiradas pela natureza ardente daquella terra como nem Homero as sonhou — como a humanidade inteira ajoelhada sobre os tumulos do passado mais nunca lembrará! Mas, quando me fallarem em verdades religiosas, em visões santas, nos desvarios daquelle povo estupido, eu vos direi — miseria! miseria! tres vezes miseria! Tudo aquillo é falso : mentirão como as miragens do deserto!

— Estás ebrio, Johann! O atheismo é a insania como o idealismo mystico de Schelling, o pantheismo de Spinosa o judeo, e o esterismo crente de Malebranche nos seus sonhos da visão em Deos. A verdadeira philosophia é o epicurismo. Hume bem o disse : o fim do homem é o prazer. Dahi vêde que é o elemento sensivel quem domina. E pois ergamonos, nós que amarellecemos nas noites desbotadas de estudo insano, e vimos que a sciencia é falsa e esquiva, que ella mente e embriaga como um beijo de mulher.

— Bem! muito bem! é um *toast* de respeito!

— Quero que todos se levantem, e com a cabeça descoberta digão-no : Ao Deos Pan da natureza, aquelle que

a antiguidade chamou Baccho o filho das côxas de um Deos e do amor de uma mulher, e que nós chamamos melhor pelo seu nome — o vinho.

— Ao vinho! ao vinho!

Os copos cahirão vazios na mesa.

— Agora ouvi-me, senhores! entre uma saude e uma baforada de fumaça, quando as cabeças queimão e os cotovelos se estendem na toalha molhada de vinho, como os braços do carniceiro no cepo gottejante, o que nos cabe é uma historia sanguinolenta, um daquelles contos fantasticos — como Hoffmann os delirava ao clarão dourado do Johannisberg!

— Uma historia medonha, não, Archibald? fallou um moço pallido que a esse reclamo erguêra a cabeça amarellenta. Pois bem, dir-vos-hei uma historia. Mas quanto a essa, podeis tremer a gosto, podeis suar a frio da fronte grossas bagas de terror. Não é um conto, é uma lembrança do passado.

— Solfieri! Solfieri! ahi vens com teus sonhos!

— Conta!

Solfieri fallou : os mais fizerão silencio.

II

SOLFIERI

..... Yet one kiss on your pale clay
And those lips once so warm — my heart! my heart
Byron, *Cain.*

Sabeis-lo. Roma é a cidade do fanatismo e da perdição : na alcova do sacerdote dorme a gosto a amázia, no leito da vendida se pendura o Crucifixo livido. É um requintar de gozo blasphemo que mescla o sacrilegio á convulsão do amor, o beijo lascivo á embriaguez da crença!

Era em Roma. Uma noite a lua ia bella como vai ella no verão por aquelle céo morno, o fresco das aguas se exhalava como um suspiro do leito do Tibre. A noite ia bella. — Eu passeava a sós pela ponte de.... As luzes se apagárão uma por uma nos palacios, as ruas se fazião ermas, e a lua de somnolenta se escondia no leito de nuvens. Uma sombra de mulher appareceu n'uma janella solitaria e escura. Era uma fórma branca. — A face daquella mulher era como de uma estatua pallida á lua. Pelas faces della, como gottas de uma taça cahida, rollavão fios de lagrimas.

Eu me encostei á aresta de um palacio. — A visão desappareceu no escuro da janella, e dahi um canto se derramava. Não era só uma voz melodiosa : havia naquelle cantar um como chôro de phrenesi, um como gemer de insania : aquella voz era sombria como a do vento á noite nos cemiterios cantando a nenia das flôres murchas da morte.

Depois o canto calou-se. A mulher appareceu na porta. Parecia espreitar se havia alguem nas ruas. Não vio ninguem — sahio. Eu segui a.

A noite ia cada vez mais alta : a lua sumira-se no céo, e a chuva cahia ás gottas pesadas : apenas eu sentia nas faces cahirem-me grossas lagrimas de agua, como sobre um tumulo prantos de orphão.

Andámos longo tempo pelo labyrintho das ruas : emfim ella parou : estavamos n'um campo.

Aqui — ali — além erão cruzes que se erguião de entre o hervaçal. Ella ajoelhou-se. Parecia soluçar : em torno della passavão as aves da noite.

Não sei se adormeci : sei apenas que quando amanheceu achei-me a sós no cemiterio. Comtudo a creatura pallida não fôra uma illusão — as urzes, as cicutas do campo santo estavão quebradas junto a uma cruz.

O frio da noite, aquelle somno dormido á chuva, causárão-me uma febre. No meu delirio passava e repassava aquella brancura de mulher, gemião aquelles soluços, e todo aquelle devaneio se perdia n'um canto suavissimo...

Um anno depois voltei a Roma. Nos beijos das mulhe-

res nada me saciava; no somno da saciedade me vinha aquella visão...

Uma noite, e após uma orgia, eu deixára dormida no leito della a condessa Barbora. Dei um ultimo olhar áquella fórma núa e adormecida com a febre nas faces e a lascivia nos labios humidos, gemendo ainda nos sonhos como na agonia voluptuosa do amor. — Sahi. — Não sei se a noite era limpida ou negra; sei apenas que a cabeça me escaldava de embriaguez. As taças tinhão ficado vasias na mesa : aos labios daquella creatura eu bebêra até a ultima gota o vinho do deleite...

Quando dei accôrdo de mim estava n'um lugar escuro : as estrellas passavão seus raios brancos entre as vidraças de um templo. As luzes de quatro cirios batião n'um caixão entreaberto. Abri-o : era o de uma moça. Aquelle branco da mortalha, as grinaldas da morte na fronte della, naquella têz lívida e embaçada, o vidrento dos olhos mal apertados.... era uma defunta; e aquelles traços todos me lembrárão uma idéa perdida... — Era o anjo do cemiterio? — Cerrei as portas da igreja, que, ignoro porque, eu achára abertas. Tomei o cadaver nos meus braços para fóra do caixão. Pesava como chumbo....

Sabeis a historia de Maria Stuart degollada e do algoz, « do cadaver sem cabeça e do homem sem coração » como a conta Brantôme? — Foi uma idéa singular a que eu tive. Tomei-a no collo. Preguei-lhe mil beijos nos labios. Ella era bella assim : rasguei-lhe o sudario, despi-lhe o véo e a capella como o noivo as despe á noiva. Era

mesmo uma estatua : tão branca era ella. A luz dos tocheiros dava-lhe aquella pallidêz de ambar que lustra os marmores antigos. O gozo foi fervoroso — cevei em perdição aquella vigilia. A madrugada passava já frouxa nas janellas. Aquelle calor de meu peito, á febre de meus labios, á convulsão de meu amor, a donzella pallida parecia reanimar-se. Subito abrio os olhos empanados. — Luz sombria allumiou-os como a de uma estrella entre névoa — apertou-me em seus braços — um suspiro ondeou-lhe nos beiços azulado... Não era já a morte — era um desmaio. No aperto daquelle abraço havia comtudo alguma cousa de horrivel. O leito de lagea onde eu passára uma hora de embriaguez me resfriava. Pude a custo soltar-me daquelle aperto do peito della.... Nesse instante ella acordou....

Nunca ouvistes fallar da catalepsia? É um pesadelo horrivel aquelle que gyra ao acordado que emparedão n'um sepulchro; sonho gelado em que sentem-se os membros tolhidos, e as faces banhadas de lagrimas alheias sem poder revelar a vida!

A moça revivia a pouco e pouco. Ao acordar desmaiára. Embucei-me na capa e tomei-a nos braços coberta com seu sudario como uma criança. Ao approximar-me da porta topei n'um corpo : abaixe-me ; olhei : era algum coveiro do cemiterio da igreja que ahi dormira de ebrio esquecido de fechar a porta....

Sahi. — Ao passar a praça encontrei uma patrulha.

— Que levas ahi?

A noite era muito alta — talvez me cressem um ladrão.

— É minha mulher que vai desmaiada...

— Uma mulher!... Mas essa roupa branca e longa? Serás acaso roubador de cadaveres?

Um guarda approximou-se. Tocou-lhe a fronte — era fria.

— É uma defunta....

Cheguei meus labios aos della. Senti um bafejo morno. — Era a vida ainda.

— Vêde, disse eu.

O guarda chegou-lhe os labios : os beiços asperos roçárão pelos da moça. Se eu sentisse o estalar de um beijo.... o punhal já estava nú em minhas mãos frias....

— Boa noite, moço : podes seguir, disse elle.

Caminhei. — Estava cansado. Custava a carregar o meu fardo — e eu sentia que a moça ia despertar. Temeroso de que ouvissem-na gritar e acudissem-me, corri com mais esforço....

Quando eu passei a porta ella acordou. O primeiro som que lhe sahio da bocca foi um grito de medo....

Mal eu fechára a porta, batêrão nella. Era um bando de libertinos meus companheiros que voltavão da orgia. — Reclamárão que abrisse.

Fechei a moça no meu quarto, e abri.

Meia hora depois eu os deixava na sala bebendo ainda.

A turvação da embriaguez fez que não notassem minha ausencia.

Quando entrei no quarto da moça vi-a erguida. Ria de um rir convulso como a insania, e frio como a folha de uma espada. Trespassava de dôr o ouvi-la.

Dous dias e duas noites levou ella de febre assim... Não houve sanar-lhe aquelle delirio, nem o rir do phrenesi. — Morreu depois de duas noites e dous dias de delirio.

Á noite sahi; fui ter com um estatuario que trabalhava perfeitamente em cêra, e paguei-lhe uma estatua dessa virgem.

Quando o esculptor sahio, levantei os tijolos de marmore do meu quarto, e com as mãos cavei ahi um tumulo. — Tomei-a então pela ultima vez nos braços, apertei-a a meu peito muda e fria, beijei-a e cobri-a adormecida do somno eterno como o lençol de seu leito. Fechei-a no seu tumulo e estendi meu leito sobre elle.

Um anno -- noite a noite — dormi sobre as lages que a cobrião... Um dia o estatuario me trouxe a sua obra. — Paguei-lh'a e paguei o segredo...

Não te lembras, Bertram, de uma fórma branca de mulher que entrevistes pelo véo do meu cortinado? Não te lembras que eu te respondi que era uma virgem que dormia?

— E quem era essa mulher, Solfieri?

— Quem era? seu nome?

— Quem se importa com uma palavra quando sente

que o vinho queima assaz os labios? quem pergunta o nome da prostituta com quem dormia, e que sentia morrer a seus beijos, quando nem ha delle mister por escrever-lh'o na lousa?

Solfieri encheu uma taça. — Bebeu-a. — Ia erguer-se da mesa quando um dos convivas tomou-o pelo braço.

— Solfieri, não é um conto isso tudo?

— Pelo inferno que não! por meu pai que era conde e bandido, por minha mãi que era a bella Messalina das ruas, pela perdição que não! Desde que eu proprio calquei aquella mulher com meus pés na sua cova de terra — eu vo-lo juro — guardei-lhe como amuleto a capella de defunta. Ei-la!

Abrio a camisa, e virão-lhe ao pescoço uma grinalda de flôres mirradas.

— Vêdes-la? murcha e sêcca como o craneo della!

III

BERTRAM

> But why should I for others groan
> When none will sigh for me?
> *Childe Harold*. I.

Um outro conviva se levantou.

Era uma cabeça ruiva, uma têz branca, uma daquellas creaturas phleugmaticas que não hesitarão ao tropeçar n'um cadaver, para ter mão de um fim.

Esvasiou o copo cheio de vinho, e com a barba nas mãos alvas, com os olhos de verde-mar fixos fallou :

— Sabeis, uma mulher levou-me á perdição. Foi ella quem me queimou a fronte nas orgias, e desbotou-me os labios no ardor dos vinhos e na molleza de seus beijos : quem me fez devassar pallido as longas noites de insomnia nas mesas do jogo, e na doudice dos abraços convulsos com que ella me apertava o seio! Foi ella, vós o sabeis, quem fez-me n'um dia ter tres duellos com meus tres melhores amigos, abrir tres tumulos áquelles que mais me amavão na vida — e depois, depois sentir-me só e abandonado no mundo, como a infanticida que matou

o seu filho, ou aquelle Mouro infeliz junto á sua Desdemona pallida!

Pois bem, vou contar-vos uma historia que começa pela lembrança desta mulher...

Havia em Cadiz uma donzella — linda daquelle moreno das Andalusas que não ha vê-las sob as franjas da mantilha assetinada, com as plantas mimosas, as mãos de alabastro, os olhos que brilhão, e os labios de rosa d'Alexandria — sem delirar sonhos dellas por longas noites ardentes!

Andalusas! sois muito bellas! se o vinho, se as noites de vossa terra, o luar de vossas noites, vossas flôres, vossos perfumes são doces, são puros, são embriagadores, vós ainda o sois mais! Oh! por esse eivar a eito de gozos de uma existencia fogosa nunca pude esquecer-vos!

Senhores! ahi temos vinho d'Hespanha, enchei os copos — á saude das Hespanholas!...

. . . .

Amei muito essa moça, chamava-se Angela. Quando eu estava decidido a casar-me con ella; quando após das longas noites perdidas ao relento a espreitar-lhe da sombra um aceno, um adeos, uma flôr, quando apoz tanto desejo e tanta esperança eu sorvi-lhe o primeiro beijo — tive de partir da Hespanha para Dinamarca onde me chamava meu pai.

Foi uma noite de soluços e lagrimas, de choros e de esperanças, de beijos e promessas, de amor, de voluptuosidade no presente e de sonhos no futuro... Parti.

Dous annos depois foi que voltei. Quando entrei na casa de meu pai, elle estava moribundo : ajoelhou-se no seu leito e agradeceu a Deos ainda ver-me : pôz as mãos na minha cabeça, banhou-me a fronte de lagrimas — erão as ultimas — depois deixou-se cahir, pôz as mãos no peito, e com os olhos em mim murmurou — Deos!

A vos suffocou-se-lhe na garganta : todos choravão.

Eu tambem chorava — mas era de saudades de Angela...

Logo que pude reduzir minha fortuna a dinheiro puz-la no banco de Hamburgo, e parti para a Hespanha.

Quando voltei Angela estava casada, e tinha um filho...

Comtudo meu amor não morreu! Nem o della!

Muito ardentes forão aquellas horas de amor e de lagrimas, de saudades e beijos, de sonhos e maldições, para nós esquecermos um do outro.

. . . .

Uma noite, dous vultos alvejavão nas sombras de um jardim, as folhas tremião ao ondear de um vestido, as brisas soluçavão aos soluços de dous amantes, e o perfume das violetas que elles pisavão, das rosas e madresilvas que abrião em torno delles, era ainda mais doce perdido no perfume dos cabellos soltos de uma mulher...

Essa noite — foi uma loucura! forão poucas horas de sonhos de fogo! e quão breve passárão! Depois dessa noite seguio-se outra, outra... e muitas noites as folhas susurravão ao roçar de um passo mysterioso, e o vento se embriagou de deleite nas nossas frontes pallidas...

Mas um dia o marido soube tudo : quiz representar de Othello com ella. Doudo!...

Era alta noite : eu esperava ver passar nas cortinas brancas a sombra do anjo. Quando passei, uma voz chamou-me. Entrei — Angela com os pés nús, o vestido solto, o cabello desgrenhado e os olhos ardentes tomou-me pela mão... Senti-lhe a mão humida... Era escura a escada que subimos : passei a minha mão, molhada pela della, por meus labios. — Tinha saibo de sangue.

— Sangue, Angela! De quem é esse sangue?

A Hespanhola sacudio seus longos cabellos negros e rio-se.

Entrámos n'uma sala. Ella foi buscar uma luz, e deixou-me no escuro.

Procurei, tateando, um lugar para assentar-me : toquei n'uma mesa. Mas ao passar-lhe a mão senti-a banhada de humidade : além senti uma cabeça fria como neve e molhada de um liquido espesso e meio coagulado. Era sangue...

Quando Angela veio com a luz, eu vi... era horrivel. O marido estava degollado.

Era uma estatua de gesso lavada em sangue... Sobre o peito de assassinado estava uma criança de bruços. Ella ergueu-a pelos cabellos... Estava morta tambem : o sangue que corria das vêas rotas de seu peito se misturava com o do pai!

— Vês, Bertram, esse era meu presente : agora será, negro embora, um sonho do meu passado. Sou tua, e

tua só. Foi por ti que tive força bastante para tanto crime... Vem, tudo está prompto, fujamos. A nós o futuro!

. . . .

Foi uma vida insana a minha com aquella mulher! Era um viajar sem fim. Angela vestira-se de homem : era um formoso mancebo assim. No demais ella era como todos os moços libertinos que nas mesas da orgia batião com a taça na taça della. — Bebia já como uma Ingleza, fumava como uma sultana, montava a cavallo como um Arabe, e atirava as armas como um Hespanhol.

Quando o vapor dos licôres me ardia a fronte, ella m'a repousava em seus joelhos, tomava um bandolim e me cantava as modas de sua terra...

Nossos dias erão lançados ao somno como perolas ao amor : nossas noites sim erão bellas!

. . . .

Um dia ella partio : partio, mas deixou-me os labios ainda queimados dos seus, e o coração cheio do germen de vicios que ella ahi lançára. Partio; mas sua lembrança ficou como o fantasma de um máo anjo perto de meu leito.

Quiz esquecê-la no jogo, nas bebidas, na paixão dos duellos. Tornei-me um ladrão nas cartas, um homem perdido por mulheres e orgias, um espadachim terrivel e sem coração.

. . . .

Uma noite eu cahira ebrio ás portas de um palacio : os

cavallos de uma carruagem pisárão-me ao passar e partirão-me a cabeça de encontro á lagea. Acudirão-me desse palacio. Depois amárão-me: a familia era um nobre velho viuvo e uma belleza peregrina de 18 annos. Não era amor de certo o que eu sentia por ella — não sei o que foi — era uma fatalidade infernal. A pobre innocente amou-me; e eu recebido como o hospede de Deos sob o tecto do velho fidalgo, deshonrei-lhe a filha, roubei-a, fugi com ella... E o velho teve de chorar suas cans manchadas na deshonra de sua filha, sem poder vingar-se.

Depois enjoei-me dessa mulher. — A saciedade é um tedio terrivel. — Uma noite que eu jogava com Siegfried o pirata, depois de perder as ultimas joias della, vendi-a.

A moça envenenou Siegfried logo na primeira noite, e afogou-se...

. . . .

Eis-ahi quem eu sou: se quizesse contar-vos longas historias do meu viver, vossas vigilias correrião breves de mais...

Um dia — era na Italia — saciado de vinho e mulheres, eu ia suicidar-me. A noite era escura e eu chegára só na praia. Subi um rochedo: dahi minha ultima voz foi uma blasphemia, meu ultimo adeos uma maldição... *meu ultimo*, digo mal; porque senti-me erguido nas agüas pelo cabello.

Então na vertigem do afôgo o anhello da vida acordou-se em mim. A principio tinha sido uma cegueira, uma

nuvem ante meus olhos, como aos daquelle que labuta nas trevas. A sêde da vida veio ardente : apertei aquelle que me soccorria : fiz tanto, em uma palavra, que, sem querê-lo, matei-o. Cansado do esforço desmaiei...

Quando recobrei os sentidos estava n'um escaler de marinheiros que remavão mar em fóra. Ahi soube eu que meu salvador tinha morrido afogado por minha culpa. Era uma sina, e negra; e por isso ri-me : ri-me emquanto os filhos do mar choravão.

Chegamos a uma corveta que estava erguendo ancora.

O commandante era um bello homem. Pelas faces vermelhas cahião-lhe os crespos louros onde a velhice alvejava algumas cans.

Elle perguntou-me :

— Quem és?

— Um desgraçado que não póde viver na terra, e não deixárão morrer no mar.

— Queres pois vir a bordo?

— A menos que não prefirais atirar-me ao mar.

— Não o faria : tens uma bella figura. Levar-te-hei comigo. — Servirás...

— Servir! — e ri-me : depois respondi-lhe frio : deixai que me atire ao mar...

— Não queres servir? queres então viajar de braços cruzados?

— Não : quando fôr a hora da manobra dormirei; mas quando vier a hora do combate ninguem será mais valente do que eu...

— Muito bem : gosto de ti, disse o velho lobo do mar. Agora que estamos conhecidos dize-me teu nome e tua historia.

— Meu nome é Bertram. Minha historia? escutai : o passado é um tumulo : perguntai ao sepulchro a historia do cadaver! elle guarda o segredo... dir-vos-ha apenas que tem no seio um corpo que se corrompe! lereis sobre a lousa um nome — e não mais!

O commandante franzio as sobrancelhas, e passou adiante para commandar a manobra.

O commandante trazia a bordo uma bella moça. Creatura pallida parecêra a um poeta o anjo da esperança adormecendo esquecido entre as ondas. Os marinheiros a respeitavão : quando pelas noites de lua ella repousava o braço na amurada e a face na mão, aquelles que passavão junto della se descobrião respeitosos. Nunca ninguem lhe vira olhares de orgulho, nem lhe ouvira palavras de colera : era uma santa.

Era a mulher do commandante.

Entre aquelle homem brutal e valente, rei bravio no alto mar, esposado, como os Doges de Veneza ao Adriatico, á sua garrida corveta — entre aquelle homem pois e aquella madona havia um amor de homem como o palpita o peito que longas noites abrio-se ás luas do oceano solitario, que adormeceu pensando nella ao frio das vagas e ao calor dos tropicos, que suspirou nas horas de quarto, alta noite na amurada do navio, lembrando-a nos nevoeiros da cerração, nas nuvens da tarde... Pobres

doudos! parece que esses homens amão muito! A bordo ouvi a muitos marinheiros seus amores singelos : erão moças louras da Bretanha e da Normandia, ou alguma Hespanhola de cabellos negros vista ao passar — sentada na praia com sua cesta de flôres — ou adormecidas entre os laranjaes cheirosos — ou dançando o fandango lascivo nos bailes ao ralento! Houve-as junto a mim muitas faces asperas e tostadas ao sol do mar que se banhárão de lagrimas...

Voltemos á historia : — O commandante a estremecia como um louco — um pouco menos que a sua honra, um pouco mais que sua corveta.

E ella — ella no meio de sua melancolia, de sua tristeza e sua pallidez — ella sorria ás vezes quando scismava sósinha; mas era um sorrir tão triste que doía. Coîtada!

Um poeta a amaria de joelhos. Uma noite — de certo eu estava ebrio — fiz-lhe uns versos. Na languida poesia eu derramára uma essencia preciosa e limpida que ainda não se polluíra no mundo...

Bofé que chorei quando fiz esses versos. Um dia, mezes depois, li-os, ri-me delles e de mim e atirei-os ao mar... Era a ultima folha da minha virgindade que lançava ao esquecimento...

Agora, enchei os copos — o que vou dizer-vos é negro : é uma lembrança horrivel, como os pesadelos no Oceano.

Com suas lagrimas, com seus sorrisos, com seus olhos

humidos, e os seios entumecidos de suspiros, aquella mulher me enlouquecia as noites. Era como uma vida nova que nascia cheia de desejos, quando eu cria que todos elles erão mortos como crianças afogadas em sangue ao nascer.

Amei-a : porque dizer-vos mais? Ella amou-me tambem. Uma vez a luz ia limpida e serena sobre as aguas — as nuvens erão brancas como um véo recamado de perolas da noite — o vento cantava nas cordas. Bebi-lhe na pureza desse luar, ao fresco dessa noite mil beijos nas faces molhadas de lagrimas, como se bebe orvalho de um lyrio cheio. Aquelle seio palpitante, o contorno assetinado apertei-os sobre mim...

O commandante dormia.

. . . .

Uma vez ao madrugar o gageiro assignalou um navio. Meia hora depois desconfiou que era um pirata...

Chegavamos cada vez mais perto. Um tiro de polvora secca da corveta reclamou a bandeira. Não respondêrão. Deu-se segundo — nada. Então um tiro de bala foi cahir nas aguas do barco desconhecido como uma luva de duello. O barco que até então tinha seguido rumo opposto ao nosso, e vinha prôa contra nossa prôa virou de bordo e apresentou-nos seu flanco enfumaçado : um relampago correu nas baterias do pirata — um estrondo seguio-se — e uma nuvem de balas veio morrer perto da corveta.

Ella não dormia, virou de bordo : os navios ficárão

lado a lado — Á descarga do navio de guerra o pirata estremeceu como se quizesse ir a pique.

. . . .

O pirata fugia : a corveta deu-lhe caça : as descargas trocárão-se então mais fortes de ambos os lados.

Emfim o pirata pareceu ceder. Atracárão-se dous navios como para uma luta. A corveta vomitou sua gente a bordo do inimigo. O combate tornou-se sanguento — era um matadouro : o chão do navio escorregava de tanto sangue : o mar anciava cheio de escumas ao boiar de tantos cadaveres. Nesta occasião sentio-se uma fumaça que subia do porão. O pirata déra fogo ás polvoras... Apenas a corveta por uma manobra atrevida pôde afastar-se do perigo. Mas a explosão fez-lhe grandes estragos. Alguns minutos depois o barco do pirata vôou pelos ares. Era uma scena pavorosa ver entre aquella fogueira de chammas, ao estrondo da polvora, ao reverberar deslumbrador do fogo nas aguas, os homens arrojados ao ar irem cahir no oceano.

Uns a meio queimados se atiravão á agua, outros com os membros esfolados e a pelle a despegar-se-lhes do corpo nadavão ainda entre dôres horriveis e morrião torcendo-se em maldições.

A uma legua da scena do combate havia uma praia bravía, cortada de rochedos... Ahi se salvárão os piratas que pudérão fugir.

E nesse tempo, emquanto o commandante se batia como um bravo, eu o deshonrava como um cobarde.

Não sei como se passou o tempo todo que decorreu depois. Foi uma visão de gozos malditos — erão os amores de Satan e de Eloa, da morte e da vida — n'um leito do mar.

Quando acordei um dia desse sonho, o navio tinha encalhado n'um banco de areia : o ranger da quilha a morder na areia gelou a todos — meu despertar foi a um grito de agonia...

— Olá, mulher! taverneira maldita, não vês que o vinho acabou-se?

Depois foi um quadro horrivel! Eramos nós n'uma jangada no meio do mar. Vós que lestes o *Don Juan*, que fizestes talvez daquelle veneno a vossa Biblia, que dormistes as noites da saciedade, como eu, com a face sobre elle, e com os olhos ainda fitos nelle vistes tanta vez amanhecer — sabeis quanto se côa de horror áquelles homens atirados ao mar, n'um mar sem horizonte, ao balouço das aguas, que parecem suffocar seu escarneo na mudez fria de uma fatalidade!

Uma noite, a tempestade veio — apenas houve tempo de amarrar nossas munições... Fôra mistér ver o Oceano bramindo no escuro como um bando de leões com fome, para saber o que é a borrasca — fôra mistér vê-la de uma jangada á luz da tempestade, ás blasphemias dos que não crêm e maldizem, ás lagrimas dos que esperavão e desesperão, aos soluços dos que tremem e tiritão de susto como aquelle que bate á porta do nada... E eu, eu ria : era como o genio do scepticismo naquelle deserto. Cada

vaga que varria nossas taboas descosidas arrastava um homem — mas cada vaga que me rugia aos pés parecia respeitar-me. Era um Oceano como aquelle de fogo onde cahirão os anjos perdidos de Milton o cego : quando elles passavão cortandoas a nado, as aguas do pantano de lava se apartavão : a morte era para os filhos de Deos — não para o bastardo do mal!

Toda aquella noite passei-a com a mulher do commandante nos braços. Era um hymeneo terrivel aquelle que se consummava entre um descrido e uma mulher pallida que enlouquecia : o thalamo era o Oceano, a escuma das vagas era a seda que nos alcatifava o leito. Em meio daquelle concerto de uivos que nos ia ao pé, os gemidos nos suffocavão : e nós rolavamos abraçados — atados a um cabo da jangada — por sobre as taboas...

Quando a aurora veio, restavamos cinco : eu, a mulher do commandante, elle e dous marinheiros...

Alguns dias comemos umas bolachas repassadas da salsugem da agua do mar. Depois tudo o que houve de mais horrivel se passou...

— Porque empallidéces, Solfieri? a vida é assim. Tu o sabes como eu o sei. O que o é homem? é a escuma que ferve hoje na torrente e amanhãa desmaia : alguma cousa de louco e movediço como a vaga, de fatal como o sepulchro! O que é a existencia? Na mocidade é o kaleidoscopio das illusões : vive-se então da seiba do futuro. Depois envelhecemos : quando chegamos aos trinta annos, e o suor das agonias nos grisalhou os cabellos antes

de tempo, e murchárão como nossas faces as nossas esperanças, oscillamos entre o passado visionario, e este *amanhãa* do velho, gelado e ermo — depois como um cadaver que se banha antes de dar á sepultura! Miseria! loucura!

— Muito bem! miseria e loucura! interrompeu uma voz.

O homem que fallára era um velho. A fronte se lhe descalvára, e longas e fundas rugas a sulcavão — erão as ondas que o vento da velhice lhe càvava no mar da vida... Sob espessas sobrancelhas grisalhas lampejavão-lhe os olhos pardos e um espesso bigode lhe cobria parte dos labios. Trazia um gibão negro e ròto, e um manto desbotado, da mesma côr, lhe cahia dos hombros.

— Quem és, velho? perguntou o narrador.

— Passava lá fóra : a chuva cahia a cantaros : a tempestade era medonha : entrei. Boa noite, senhores! se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até as bordas e beberei comvosco.

— Quem és?

— Quem eu sou? na verdade fôra difficil dizê-lo : corri muito mundo, a cada instante mudando de nome e de vida. — Fui poeta, e como poeta cantei. Fui soldado, banhei minha fronte juvenil nos ultimos raios de sol da aguia de Waterloo. Apertei ao fogo da batalha a mão do homem do seculo. Bebi n'uma taverna com Bocage o Portuguez; ajoelhei-me na Italia sobre o tumulo de Dante; e fui á Grecia para sonhar como Byron naquelle tumulo

das glorias do passado. — Quem eu sou? Fui um poeta aos vinte annos, um libertino aos trinta; sou um vagabundo sem patria e sem crenças aos quarenta. Sentei-me á sombra de todos os sóes, beijei labios de mulheres de todos os paizes : e de todo esse peregrinar só trouxe duas lembranças — um amor de mulher que morreu nos meus braços na primeira noite de embriaguez e de febre — e uma agonia de poeta... Della, tenho uma rosa murcha e a fita que prendia seus cabellos. Delle — olhai...

O velho tirou de um bolso um embrulho : era um lenço vermelho o involucro : desatárão-no — dentro estava uma caveira.

— Uma caveira! gritárão em torno; és um profanador de sepulturas?

— Olha, moço, se entendes a sciencia de Gall e Spurzheim, diz-me pela protuberancia dessa fronte, e pelas bossas dessa cabeça quem podia ser esse homem?

— Talvez um poeta — talvez um louco.

— Muito bem! adivinhaste. Só erraste não dizendo que talvez ambas as cousas a um tempo. Seneca o disse — a poesia é a insania. Talvez o genio seja uma hallucinação, e o enthusiasmo precise da embriaguez para escrever o hymno sanguinario e fervoroso de Rouget de l Isle, ou para, na creação do painel medonho do Christo morto de Holbein, estudar a corrupção no cadaver. Na vida mysteriosa de Dante, nas orgias de Marlowe, no peregrinar de Byron havia uma sombra da doença do Hamleto : quem sabe?

— Mas a que vem tudo isso?

— Não bradastes — miseria e loucura! — vós, almas onde talvez borbulhava o sopro de Deos, cérebros que a luz divina do genio esclarecia, e que o vinho enchia de vapores, e a saciedade d'escarneos? Enchei as taças até á borda! enchei-as e bebei; bebei á lembrança do cérebro que ardeu nesse craneo, da alma que ahi habitou, do poeta — louco — Werner! e eu bradarei ainda uma vez: — miseria e loucura!

O velho esvasiou o copo, embuçou-se e sahio. Bertram continuou a sua historia.

— Eu vos dizia que ia passar-se uma cousa horrivel: não havião mais alimentos, e no homem despertava a voz do instincto, das entranhas que tinhão fome, que pedião seu cêvo como o cão do matadouro, fosse embora sangue.

A fome! a sêde!... tudo quanto ha de mais horrivel...

Na verdade, senhores, o homem é uma creatura perfeita! Estatuario sublime, Deos esgotou no talhar desse marmore todo o seu esmero. Prometheu divino encheu-lhe o craneo protuberante da luz do genio. Ergueu-o pela mão, mostrou lhe o mundo do alto da montanha, como Satan quatro seculos depois o fez a Christo, e disse-lhe: Vê; tudo isso é bello — valles e montes, aguas do mar que espumão, folhas das florestas que tremem e susurrão como as azas dos meus anjos — tudo isso é teu. Fiz-te o mundo bello no véo purpureo do crepusculo,

dourei-t'o aos raios de minha face. Ei-lo, rei da terra! banha a fronte olympica nessas brisas, nesse orvalho, na escuma dessas cataractas. Sonha como a noite, canta como os anjos, dorme entre as flôres! Olha! entre as folhas floridas do valle dorme uma creatura branca como o véo das minhas virgens, loura como o reflexo das minhas nuvens, harmoniosa como as aragens do céo nos arvoredos da terra. — É tua : acorda-a : ama-a, e elle te amará; no seio della, nas ondas daquelle cabello, afoga-te como o sol entre vapores. Rei no peito della, rei na terra, vive de amor e crença, de poesia e de belleza, levanta-te, vai e serás feliz!

Tudo isso é bello, sim; mas é a ironia mais amarga, a decepção mais árida de todas as ironias e de todas as decepções. Tudo isso se apaga adiante de dous factos muito prosaicos — a fome e a sêde.

O genio, a aguia altiva que se perde nas nuvens; que se aquenta no effluvio da luz mais ardente do sol — cahir assim com as azas torpes e verminosas no lôdo das charnecas? Poeta, porque no meio do arroubo mais sublime do espirito, uma voz sarcastica e mephistophelica te brada — meu Faust, illusões! a realidade é a materia : Deos escreveu Aι ναγνεα — na fronte de sua creatura! — Don Juan! porque choras a esse beijo morno de Haydéa que desmaia-te nos braços? a prostituta vender-t'os-ha amanhã mais queimadores!... Miseria!... E dizer que tudo o que ha de mais divino no homem, de mais santo e perfumado na alma se infunda no lôdo da realidade, se

revolve no charco e acha ainda uma convulsão infame para dizer — sou feliz!...

Isso tudo, senhores, para dizer-vos uma cousa muito simples... um facto velho e batido, uma pratica do mar, uma lei do naufragio — a anthropophagia.

Dous dias depois de acabados os alimentos restavão tres pessoas : eu, o commandante e ella — erão tres figuras macilentas como o cadaver, cujos peitos nús arquejavão como a agonia, cujos olhares fundos e sombrios se injectavão de sangue como a loucura.

O uso do mar — não quero dizer a voz da natureza physica, o brado do egoismo do homem — manda a morte de um para a vida de todos. Tirámos á sorte — o commandante teve por lei morrer.

Então o instincto de vida se lhe despertou ainda. Por um dia mais de existencia, mais um dia de fome e sêde, de leito humido e varrido pelos ventos frios do norte, mais umas horas mortas de blasphemia e de agonia, de esperança e desespero, de orações e descrença, de febre e de ancia, o homem ajoelhou-se, chorou, gemeu a meus pés...

— Olhai, dizia o miseravel, esperemos até amanhãa... Deos terá compaixão de nós... Por vossa mãi, pelas entranhas de vossa mãi! por Deos se elle existe! deixai, deixai-me ainda viver!

Oh! a esperança é pois como uma parasita que morde e despedaça o tronco, mas quando elle cahe, quando morre e apodrece, ainda o aperta em seus convulsos

braços? Esperar! quando o vento do mar açouta as ondas, quando a escuma do oceano vos lava o corpo livido e nú, quando o horizonte é deserto e sem termo, e as velas que branqueião ao longe parecem fugir! Pobre louco!

Eu ri-me do velho. — Tinha as entranhas em fogo. Morrer hoje, amanhãa, ou depois — tudo me era indifferente, mas hoje eu tinha fome, e ri-me porque tinha fome.

O velho lembrou-me que me acolhêra a seu bordo, por piedade de mim — lembrou-me que me amava — e uma torrente de soluços e lagrimas afogava o bravo que nunca empallidecêra diante da morte.

Parece que a morte no oceano é terrivel para os outros homens : quando o sangue lhes salpica as faces, lhes ensopa as mãos, correm á morte como um rio ao mar, como a cascavel ao fogo. Mas assim — no deserto — nas aguas — elles temem-na, tremem adiante dessa caveira fria da morte!

Eu ri-me porque tinha fome.

Então o homem ergueu-se. A furia se levantou nelle com a ultima agonia. Cambaleava, e um suor frio lhe corria no peito descarnado. Apertou-me nos seus braços amarellentos, e lutámos ambos corpo a corpo, peito a peito, pé por pé — por um dia de miseria!

A lua amarellada erguia sua face desbotada, como uma meretriz cansada de uma noite de devassidão : do céo escuro parecia zombar desses dous moribundos que lutavão por uma hora de agonia...

O valente do combate desfallecia — cahio — puz-lhe o pé na garganta — suffoquei-o — e expirou...

Não cubrais o rosto com as mãos — farieis o mesmo... Aquelle cadaver foi nosso alimento dous dias...

Depois, as aves do mar já baixavão para partilhar minha presa; e ás minhas noites fastientas uma sombra vinha reclamar sua ração de carne humana...

Lancei os restos ao mar...

Eu e a mulher do commandante passámos um dia, dous, sem comer nem beber...

Então ella propôz-me morrer comigo. — Eu disse-lhe que sim. Esse dia foi a ultima agonia do amor que nos queimava — gastámo-lo em convulsões para sentir ainda o mel fresco da voluptuosidade banhar-nos os labios... Era o gozo febril que podem ter duas creaturas em delirio de morte. Quando soltei-me dos braços della a fraqueza a fazia desvairar. O delirio tornava-se mais longo, mais longo: debruçava-se nas ondas e bebia a agua salgada, e offerecia-m'a nas mãos pallidas dizendo que era vinho. As gargalhadas frias vinhão mais de entuviada...

Estava louca.

Não dormi — não podia dormir: uma modorra ardente me fervia as palpebras: o halito de meu peito parecia fogo: meus labios seccos e estalados apenas se orvalhavão de sangue.

Tinha febre no cerebro — e meu estomago tinha fome. Tinha fome como a fera.

Apertei-a nos meus braços, opprimi-lhe nos beiços a

minha bocca em fogo: apertei-a convulsivo: suffoquei-a. Ella era ainda tão bella!

Não sei que delirio estranho se apoderou de mim. Uma vertigem me rodeava. O mar parecia rir de mim, e rodava em torno, escumante e esverdeado, como um sorvedouro. As nuvens pairavão correndo e parecião filtrar sangue negro. O vento que me passava nos cabellos murmurava uma lembrança...

De repente senti-me só. Uma onda me arrebatára o cadaver. Eu a vi boiar pallida como suas roupas brancas, semi-núa, com os cabellos banhados de agua: eu vi-a erguer-se na escuma das vagas, desapparecer, e boiar de novo: depois não a distingui mais — era como a escuma das vagas, como um lençol lançado nas aguas...

Quantas horas, quantos dias passei naquella modorra, nem o sei... Quando acordei desse pesadelo de homem desperto, estava a bordo de um navio.

Era o brigue inglez *Swallow*, que me salvára....

Olá taverneira, bastarda de Satan! não vês que tenho sêde, e as garrafas estão sêccas, seccas como tua face e como nossas gargantas?

IV

GENNARO

Meurs ou tue!...
CORNEILLE.

— Gennaro, dormes, ou embebes-te no sabor do ultimo trago do vinho, da ultima fumaça do teu cachimbo?

— Não : quando contavas tua historia, lembrava-me uma folha da vida, folha sêcca e avermelhada como as do outomno, e que o vento varreu.

— Uma historia?

— Sim : é uma das minhas historias : sabes, Bertram, eu sou pintor, é uma lembrança triste essa que vou revelar, porque é a historia de um velho e de duas mulheres, bellas como duas visões de luz.

Godofredo Walsh era um desses velhos sublimes, em cujas cabeças as cans semelhão o diadema prateado do genio. Velho já, casára em segundas nupcias com uma belleza de vinte annos. Godofredo era pintor : dizião uns que este casamento fôra um amor artistico por aquella belleza romana, como que feita ao molde das bellezas antigas; outros crião-no compaixão pela pobre moça que

vivia de servir de modelo. O facto é que elle a queria como filha, como Laura, a filha unica de seu primeiro casamento—Laura, corada como uma rosa, e loura como um anjo.

Eu era nesse tempo moço : era aprendiz de pintura em casa de Godofredo. Eu era lindo então; que trinta annos lá vão, que ainda os cabellos e as faces me não havião desbotado como nesses longos quarenta e dous annos de vida! Eu era aquelle typo de mancebo ainda puro do resumbrar infantil, pensativo e melancolico como o Raphael se retratou no quadro da galeria Barberini. Eu tinha quasi a idade da mulher do mestre. — Nauza tinha vinte, e eu tinha dezoito annos.

Amei-a; mas meu amor era puro como meus sonhos de dezoito annos. Nauza tambem me amava : era um sentir tão puro! era uma emoção solitaria e perfumosa como as primaveras cheias de flôres e de brisas que nos embalavão aos céos da Italia.

Como eu o disse — o mestre tinha uma filha chamada Laura. Era uma moça pallida, de cabellos castanhos e olhos azulados; sua têz era branca, só ás vezes, quando o pejo a incendia, duas rosas lhe avermelhavão a face e se lhe destacavão no fundo de marmore. Laura parecia querer-me como a um irmão. Seus risos, seus beijos de criança de quinze annos erão só para mim. Á noite, quando eu ia deitar-me, ao passar pelo corredor escuro com minha lampada, uma sombra me apagava a luz e um beijo me pousava nas faces, nas trevas.

Muitas noites foi assim.

Uma manhãa — eu dormia ainda — o mestre sahíra e Nauza fôra á igreja — quando Laura entrou no meu quarto e fechou a porta : deitou-se a meu lado. Acordei nos abraços della.

O fogo de meus dezoito annos, a primavera virginal de uma belleza, ainda innocente, o seio semi-nú de uma donzella a bater sobre o meu : isso tudo ao despertar dos sonhos alvos da madrugada, me enlouqueceu....

Todas as manhãs Laura vinha a meu quarto....

Tres mezes passárão assim. Um dia entrou ella no meu quarto e disse-me :

— Gennaro, estou deshonrada para sempre... A principio eu quiz-me illudir; já não o posso — estou de esperanças...

Um raio que me cahisse aos pés não me assustaria tanto.

— É preciso que cases comigo, que me peças a meu pai, ouves, Gennaro?

Eu calei-me.

— Não me amas então?

Calei-me ainda.

— Oh! Gennaro! Gennaro!

E cahio no meu hombro desfeita em soluços. Carreguei-a assim fria e fóra de si para seu quarto.

Nunca mais tornou a fallar-me em casamento.

Que havia de eu fazer? contar tudo ao pai, e pedi-la em casamento? fôra uma loucura; elle me mataria, e a

ella : ou pelo menos me expulsaria de sua casa.... E Nauza? cada vez eu a amava mais. Era uma luta terrivel essa que se travava entre o dever e o amor, e entre o dever e o remorso.

Laura não me fallára mais. Seu sorriso era frio : cada dia tornava-se mais pallida; mas a gravidez não crescia, antes mais nenhum signal se lhe notava...

O velho levava as noites passeando no escuro. Já não pintava. Vendo a filha que morria aos sons secretos de uma harmonia de morte, que empallidecia cada vez mais, o miserrimo arrancava as cans.

Eu comtudo não esquecêra Nauza, nem ella se esquecia de mim. Meu amor era sempre o mesmo : erão sempre noites de esperança e de sêde que me banhavão de lagrimas o travesseiro. Só ás vezes sombra de um remorso me passava; mas a imagem della dissipava todas essas nevoas....

Uma noite.... foi horrivel.... vierão chamar-me; Laura morria. Na febre murmurava meu nome e palavras que ninguem podia reter; tão apressadas e confusas lhe soavão. Entrei no quarto della : a doente conheceu-me. Ergueu-se branca, com a face humida de um suor copioso : chamou-me. Sentei-me junto do leito della. Apertou minha mão nas suas mãos frias e murmurou em meus ouvidos :

— Gennaro, eu te perdôo : eu te perdôo tudo.... Eras um infame.... Morrerei.... Fui uma louca.... Morrerei.. por tua causa.... teu filho.... o meu.... vou vê-lo ain-

da.... mas no céo.... meu filho que matei.... antes de nascer....

Deu um grito : estendeu convulsivamente os braços como para repellir uma idéa, passou a mão pelos labios como para enxugar as ultimas gottas de uma bebida, estorceu-se no leito, livida, fria, banhada de suor gelado, e arquejou.... Era o ultimo suspiro.

Um anno todo se passou assim para mim. O velho parecia endoudecido. Todas as noites fechava-se no quarto onde morrêra Laura : levava ahi a noite toda em solidão. Dormia? ah que não! Longas horas eu o escutei no silencio arfar com ancia, outras vezes afogar-se em soluços. Depois tudo emmudecia : o silencio durava horas : o quarto era escuro : e depois as passadas pesadas do mestre se ouvião pelo quarto, mas vacillantes como de um bebado que cambalêa.

Uma noite eu disse a Nauza que a amava : ajoelhei-me junto della, beijei-lhe as mãos, reguei seu collo de lagrimas : ella voltou a face : eu crí que era desdêm, ergui-me.

— Então, Nauza, tu me não amas, disse eu.

Ella permanecia com o rosto voltado.

— Adeos pois : perdoai-me se vos offendi : meu amor é uma loucura, minha vida é uma desesperança — o que me resta? Adeos, irei longe, longe daqui.... talvez então eu possa chorar sem remorso....

Tomei-lhe a mão e beijei-a.

Ella deixou sua mão nos meus labios.

Quando ergui a cabeça, eu a vi : ella estava debulhada em lagrimas.

— Nauza ! Nauza ! uma palavra, tu me amas?

. . . .

Tudo o mais foi um sonho : a lua passava entre os vidros da janella aberta, e batia nella : nunca eu a vira tão pura e divina !

. . . .

E as noites que o mestre passava soluçando no leito vazio de sua filha, eu as passava no leito delle, nos braços de Nauza.

Uma noite houve um facto pasmoso.

O mestre veio ao leito de Nauza. Gemia e chorava aquella voz cavernosa e rouca : tomou-me pelo braço com força, acordou-me, e levou-me de rasto ao quarto de Laura....

Atirou-me ao chão : fechou a porta. Uma lampada estava accessa no quarto defronte de um painel. Ergueu o lençol que o cobria. — Era Laura moribunda. E eu macilento como ella tremia como um condemnado. A moça com seus labios pallidos murmurava no meu ouvido....

Eu tremi de ver meu semblante tão livido na têla : e lembrei-me que naquelle dia ao sahir do quarto da morta, no espelho della que estava ainda pendurado á janella, eu me horrorisára de ver-me cadaverico....

Um tremor, um calafrio, se apoderou de mim. Ajoelhei-me, e chorei lagrimas ardentes. Confessei tudo : parecia-me que era ella quem o mandava, que era Laura

que se erguia d'entre os lençóes do seu leito, e me accendia o remorso, e no remorso me resgava o peito.

Por Deos! que foi uma agonia!

No outro dia o mestre conversou comigo friamente. Lamentou a falta de sua filha; mas sem uma lagrima. Mas sobre o passado da noite, nem palavra.

Todas as noites era a mesma tortura, todos os dias a mesma frieza.

O mestre era somnambulo....

E pois eu não me cri perdido....

Comtudo lembrei-me que uma noite, quando eu sahia do quarto de Laura com o mestre, no escuro vira uma roupa branca passar-me por perto, roçárão-me uns cabellos soltos, e nas lageas do corredor estalavão umas passadas timidas de pés nús.... Era Nauza que tudo vira e tudo ouvira, que se acordára e sentira minha falta no leito, que ouvira esses soluços e gemidos, e corrêra para ver.....

. . . .

Uma noite, depois de ceia, o mestre Walsh tomou sua capa e uma lanterna, e chamou-me para acompanha-lo. Tinha de sahir fóra da cidade e não queria ir só. Sahimos juntos: a noite era escura e fria. O outomno desfolhára as arvores e os primeiros sôpros do inverno rugião nas folhas seccas do chão. Caminhámos juntos muito tempo: cada vez mais nos entranhavamos pelas montanhas, cada vez o caminho era mais solitario. O velho parou. Era na fralda de uma montanha. Á direita o rochedo se abria

n'um trilho : á esquerda as pedras soltas por nossos pés a cada passada se despegavão e rolavão pelo despenhadeiro, e instantes depois se ouvia um som como de agua onde cahe um peso....

A noite era escurissima. Apenas a lanterna allumiava o caminho tortuoso que seguiamos. O velho lançou os olhos á escuridão do abysmo e rio-se.

— Espera-me ahi, disse elle; já venho.

Godofredo tomou a lanterna e seguio para o cume da montanha : eu sentei-me no caminho á sua espera : vi aquella luz ora perder-se, ora reapparecer entre os arvoredos nos zigzags do caminho. Por fim vi-a parar. O velho bateu á porta de uma cabana : a porta abrio-se. Entrou. O que ahi se passou nem o sei : quando a porta abrio-se de novo uma mulher livida e desgrenhada appareceu com um facho na mão.

A porta fechou-se. Alguns minutos depois o mestre estava comigo.

O velho assentou a lanterna n'um rochedo, despio a capa e disse-me :

— Gennaro, quero contar-te uma historia. É um crime, quero que sejas juiz delle. Um velho era casado com uma moça bella. De outras nupcias tinha uma filha bella tambem. Um aprendiz — um miseravel que elle erguêra da poeira, como o vento ás vezes ergue uma folha, mas que elle podia reduzir a ella quando quizesse....

Eu estremeci, os olhares do velho parecião ferir-me.

— Nunca ouviste essa historia, meu bom Gennaro?

— Nunca, disse eu a custo e tremendo.

— Pois bem : esse infame deshonrou o pobre velho — trahio-o como Judas ao Christo.

— Mestre, perdão!

— Perdão! e perdoou o malvado ao pobre coração do velho?

— Piedade!

— E teve elle dó da virgem, da deshonrada, da infanticida?

— Ah! gritei.

— Que tens? conheces o criminoso?

A voz de escarneo delle me abafava.

— Vês pois, Gennaro, disse elle mudando de tom : se houvesse um castigo peior que a morte, eu t'o daria. Olha esse despenhadeiro! É medonho! se o visses de dia, teus olhos se escurecerião e ahi rolarias talvez — de vertigem! É um tumulo seguro : e guardará o segredo, como um peito o punhal. Só os corvos iráõ lá ver-te; só os corvos e os vermes. E pois, se tens ainda no coração maldito um remorso, reza tua ultima oração; mas seja breve; o algoz espera a victima : a hyena tem fome de cadaver....

Eu estava ali pendente junto á morte. Tinha só a escolher o suicidio ou ser assassinado. Matar o velho era impossivel. Uma luta entre mim e elle fôra insana. Elle era robusto, a sua estatura alta, seus braços musculosos me quebrarião como o vendaval rebenta um ramo secco. Demais, elle estava armado. Eu — eu era uma

criança debil : ao meu primeiro passo elle me arrojaria da pedra em cujas bordas eu estava.... só me restaria morrer com elle, arrasta-lo na minha quéda. — Mas para que?

Eu curvei-me no abysmo : tudo era negro : o vento lá gemia embaixo nos ramos desnuádos, nas urzes, nos espinhaes resequidos, e a torrente lá chocalhava no fundo escumando nas pedras.

Eu tive medo.

Orações, ameaças, tudo seria debalde.

— Estou prompto, disse.

O velho rio-se : infernal era aquelle rir dos seus labios estalados de febre. Só vi aquelle riso..... Depois foi uma vertigem.... o ar que suffocava, um peso que me arrastava, como naquelles pesadelos em que se cahe de uma torre e se fica preso ainda pela mão, mas a mão cansa, fraquêa, súa, esfria.... Era horrivel : ramo a ramo, folha por folha os arbustos me estalavão nas mãos : as raizes seccas que sahião pelo despenhadeiro estalavão sobre meu pezo, e meu peito sangrava nos espinhaes. A queda era muito rapida.... de repente não senti mais nada..... Quando acordei estava junto a uma cabana de camponezes que me tinhão apanhado junto da torrente, preso nos ramos de uma azinheira gigantesca que assombrava o rio.

Era depois de um dia e uma noite de delirios que eu acordára. Logo que sarei, uma idéa me veio : ir ter com o mestre. Ao ver-me salvo assim daquella morte horrivel,

póde ser que se apiedasse de mim, que me perdoasse, e então eu seria seu escravo, seu cão, tudo o que houvesse mais abjecto n'um homem que se humilha — tudo! — com tanto que elle me perdoasse. Viver com aquelle remorso me parecia impossivel. Parti pois : no caminho topei um punhal. Ergui-o : era o do mestre. Veio-me então uma idéa de vingança e de soberba. Elle quizera matar-me, elle tinha rido á minha agonia, e eu havia ir chorar-lhe ainda aos pés para elle repellir-me ainda, cuspir-me nas faces, e amanhãa procurar outra vingança mais segura. Eu humilhar-me quando elle me tinha abatido! Os cabellos me arripiárão na cabeça, e suor frio me rolava pelo rosto.

Quando cheguei á casa do mestre achei-a fechada Bati — não abrirão. O jardim da casa dava para a rua : saltei o muro : tudo estava deserto e as portas que davão para elle estavão tambem fechadas. Uma dellas era fraca : com pouco esforço arrombei-a. Ao estrondo da porta que cahio só o echo respondeu nas salas. Todas as janellas estavão fechadas : e comtudo era dia claro fóra. Tudo estava escuro : nem uma lamparina accesa. Caminhei tacteando até a sala do pintor. Cheguei lá : abri as janellas e a luz do dia derramou-se na sala deserta. Cheguei então ao quarto de Nauza; abri a porta e um bafo pestilento corria dahi. O raio da luz bateu em uma mesa. — Junto estava uma fórma de mulher com a face na mesa, e os cabellos cahidos : atirado n'uma poltrona um vulto coberto com um capote. Entre elles um

copo onde se depositára um residuo polvilhento. Ao pé estava um frasco vazio. Depois eu o soube — a velha da cabana era uma mulher que vendia veneno : era ella de certo que o vendêra, porque o pó branco do copo parecia sê-lo...

Ergui os cabellos da mulher, levantei-lhe a cabeça... Era Nauza, mas Nauza cadaver, já desbotada pela podridão. Não era aquella estatua alvissima de outr'ora, as faces macias e o collo de neve... era um corpo amarello... Levantei uma ponta da capa do outro — o corpo cahio de bruços com a cabeça para baixo; resôou no pavimento o estalo do craneo... Era o velho — morto tambem, rôxo e apodrecido : eu o vi — da bocca lhe corria uma escuma esverdeada. . . . .

. . . .

. . . .

V

CLAUDIUS HERMANN

..... Extacy!
My pulse as yours doth temperately keep time
And makes a healthful music: It is not madness
That I have utter'd.

SHAKSPEARE, *Hamlet.*

— E tu, Hermann! Chegou a tua vez. Um por um evocámos ao cemiterio do passado um cadaver. Um por um erguêmos-lhe o sudario para amostrar-lhe uma nodoa de sangue. Falla que chegou tua vez.

— Claudius sonha algum soneto ao geito do Petrarca, alguma auréola de pureza como a dos espiritos puros da Messiada! disse entre uma fumaça e uma gargalhada Johann erguendo a cabeça da mesa.

— Pois bem! quereis uma historia? Eu pudéra conta-las, como vós, loucuras de noites de orgia; mas para que? Fôra escarneo Faust ir lembrar a Mephistopheles as horas de perdição que lidou com elle. Sabeis-las essas minhas nuvens do passado, lêste-lo á farta o livro desbotado de minha existencia libertina. Se o não lembrasseis, a primeira mulher das ruas pudéra conta-lo. Nessa torrente

negra que se chama a vida, e que corre para o passado emquanto nós caminhamos para o futuro, tambem desfolhei muitas crenças, e lancei despidas as minhas roupas mais perfumadas para trajar a tunica da saturnal! O passado é o que foi, é a flôr que murchou, o sol que se apagou : o cadaver que apodreceu. Lagrimas a elle? fôra loucura! Que durma com suas lembranças negras! revivão; acordem apenas os myosotis abertos naquelle pantano! sobreague naquelle não-ser o effluvio de alguma lembrança pura!

— Bravo! Bravissimo! Claudius, estás completamente bebado! bofé que estás romantico!

— Silencio, Bertram! certo que esta não é uma lenda para inscrever-se após das vossas : uma dessas cousas que se contem com os cotovelos na toalha vermelha, e os labios borrifados de vinho e saciados de beijos... Mas que importa?

Vós todos, que amais o jogo, que vistes um dia correr naquelle abysmo uma onda de ouro, rodomoinhar-lhe no fundo, como um mar de esperanças que se embate na ressaca do acaso, sabeis melhor que vertigem nos tontêa então : ideais-la melhor a loucura que nos delira naquelles jogos de milhares de homens, ou de fortuna; aspirações, a vida mesma vão-se na rapidez de uma corrida, onde todo esse complexo de miserias e desejos, de crimes e virtudes que se chama a existencia, se joga n'uma parelha de cavallos!

Apostei como homem a quem não doêra empobrecer :

o luxo tambem sacía, e é essa uma saciedade terrivel! para ella nada basta : nem as dansas do Oriente, nem as lupercáes romanas, nem os incendios de uma cidade inteira lhe alimentarião a seiba de morte, essa *vitalidade do veneno* de que falla Byron. Meu lance no *turf* foi minha fortuna inteira. Eu era rico, muito rico então : em Londres ninguem ostentava mais dispendiosas devassidões : nenhum nababo n'uma noite esperdiçava sommas como eu. O suor de tres gerações derramava-o eu no leito das perdidas, e no chão das minhas orgias...

No instante em que as corridas ião começar, em que todos sentião-se febris de impaciencia — um murmurio correu pelas multidões — um sorriso — e depois erão as frontes que se expandião — e depois uma mulher passou a cavallo.

Visseis-la como eu — no cavalho negro, com as roupas de velludo, as faces vivas, o olhar ardente entre o desdêm dos cilios, transluzindo a rainha em todo aquelle ademan soberbo : visseis-la bella na sua belleza plastica e harmonica, linda nas suas côres puras e assetinadas, nos cabellos negros, e a tez branca da fronte; o oval das faces coradas, o fogo de nacar dos labios finos, o esmero do collo resaltando nas roupas de amazona : visseis-la assim, e á fé, senhores, que não havieis rir de escarneo como rides agora!

— Romantismo! deves estar muito ebrio, Claudius, para que nos teus labios seccos de Lovelace, e na tua in-

sensibilidade de D. Juan venha a poesia ainda passar-te um beijo!

— Ride, sim! misérrimos! que não comprehendeis o que por ventura vai de incendio por aquelles labios de Lovelace, e como arqueja o amor sob as roupas gottejantes de chuva de D. Juan o libertino! Insanos, que nunca sonhastes Lovelace sem sua mascara talvez chorando Clarisse Harlowe, pobre anjo, cujas azas brancas ella ia desbotar... maldizendo essa fatalidade que faz do amor uma infamia e um crime! Mil vezes insanos que nunca sonhastes o Hespanhol acordando no lupanar, passando a mão pela fronte, e rugindo de remorso e saudade ao lembrar tantas visões alvas do passado!

— Bravo! bravo!

— Poesia! poesia! murmurou Bertram.

— Poesia! porque pronunciar-lh'o á virgem casta o nome santo como um mysterio, no lodo escuro da taverna? Porque lembra-la a estrella do amor á luz do lampeão da crapula? Poesia! sabeis o que é a poesia?

— Meio cento de palavras sonoras e vãs que um pugillo de homens pállidos entende, uma escada de sons e harmonias que áquellas almas loucas parecem idéas, e lhes despertão illusões como a lua as sombras... Isso no que se chama os poetas. Agora, no ideal, na mulher, o resaibo do ultimo romance, o delirio e a paixão da ultima heroina de novella, e o presente incerto e vago de um gozo mystico, pelo qual a virgem se morre de volupia, sem sabê-lo porque...

— Silencio, Bertram! teu cerebro queimárão-t'o os vinhos, como a lava de um vulcão as relvas e flôres da campina. Silencio! és como essas plantas que nascem e mergulhão-se no mar morto : cobre-as uma crystallisação calcárea, enfesão-se e mirrão. A poesia, eu t'o direi tambem por minha vez, é o vôo das aves da manhã no banho morno das nuvens vermelhas da madrugada, é o cervo que se rola no orvalho da montanha relvosa, que se esquece da morte de ámanhã, da agonia de hontem em seu leito de flôres!

— Basta, Claudius; que isso que ahi dizes ninguem o entende : são palavras, palavras e palavras, como o disse o Hamleto : e tudo isso é inanido e vasio como uma caveira secca, mentiroso como os vapores infectos da terra que o sol no crepusculo iría de mil côres, e que se chamão as nuvens, ou essa fada zombadora e nevoenta que se chama a poesia!

— Á historia! á historia! Claudius — não vês que essa discussão nos faz bocejar de tedio?

— Pois bem : contarei o resto da historia : — No fim desse dia eu tinha dobrado minha fortuna.

No dia seguinte eu a vi : era no theatro. Não sei o que representárão; não sei o que ouvi, nem o que vi : sei só que lá estava uma mulher — bella como tudo quanto passa mais puro á concepção do estatuário. Essa mulher era a duqueza Eleonora... No outro dia vi-a n'um baile... Depois... Fôra longo dizer-vo-lo : seis mezes! concebeis-lo? seis mezes de agonia e desejo anhellante — seis mezes

de amor com a sède da fera! seis mezes! como forão longos!

Um dia achei que era demais. Todo esse tempo havia passado em contemplação — em vê-la, ama-la, e sonha-la : apertei minhas mãos jurando que isso iria além, que era muito esperar em vão : e que se ella não viria como Gulnare aos pés do Corsario, a elle cabia ir ter com ella.

Uma noite tudo dormia no palacio do duque. A duqueza, cansada do baile, adormecia n'um divan. A lampada de alabastro estremecia-lhe sua luz dourada na testa pallida. Parecia uma fada que dormia ao luar...

O reposteiro do quarto agitou-se : um homem ahi estava parado — absorto. Tinha a cabeça tão quente e febril e elle a repousava no portal.

A fraqueza era cobarde : e demais, esse homem comprára uma chave e uma hora á infamia venal de um criado; esse homem jurára que nessa noite gozaria aquella mulher : fosse embora veneno, elle beberia o mel daquella flôr, o licôr de escarlate daquella taça. Quanto a esses prejuizos de honra e adulterio, não riais delles — não que elle ria disso. Amava, e queria : a sua vontade era como a folha de um punhal — ferir ou estalar.

Na mesa havia um copo e um frasco de vinho : encheu o copo : era vinho hespanhol... Chegou-se a ella, ergueu-a com suas roupas de velludo desatados, seus cabellos a meio soltos ainda entremeados de pedraria e flôres, seus

seios meio-nús onde os diamantes brilhavão como gottas de orvalho; ergueu-a nos braços; deu-lhe um beijo. Ao calor daquelle beijo, semi-núa, ella acordou-se : entre os vagos sonhos se lhe perdia uma illusão talvez; murmurou «amor! » e com olhos entreabertos deixou cahir a cabeça e adormeceu de novo.

O homem tirou do seio um frasquinho de esmeralda. Levou-o aos labios entreabertos della : verteu-lhe algumas gottas que ella absorveu sem senti-as. Deitou-a e esperou. Dahi a instantes o somno della era profundissimo... A bebida era um narcótico onde se misturárão algumas gottas daquelles licôres excitantes que acordão a febre nas faces e o desejo voluptuoso no seio.

O homem estava de joelhos : o seu peito tremia, e elle estava pallido como após de uma longa noite sensual. Tudo parecia vacillar-lhe em torno... Ella estava núa : nem velludo, nem véo leve a encobria. O homem ergueu-se, afastou o cortinado.

A lampada brilhou com mais força — e apagou-se...

O homem era Claudius Hermann. . . . . . .

. . . .

Quando me levantei, embucei-me na capa e sahi pelas ruas. Queria ir ter a meu palacio; mas estava tonto como um ebrio. Titubeava e o chão era lúbrico como para quem desmáia. Uma idéa comtudo me perseguia. — Depois daquella mulher nada houvera mais para mim. Quem uma vez bebeu o succo das uvas purpurinas do paraiso, mais nunca deve inebriar-se do nectar da terra...

Quando o mel se esgotasse, o que restava a não ser o suicidio?

Uma semana se passou assim : todas as noites eu bebia nos labios á dormida um seculo de gozo. Um mez! o mez em que delirantes ião os bailes do entrudo, em que mais cheia de febre ella adormecia quente, com as faces em fogo!

Uma noite — era depois de um baile — eu esperei-a na alcova, escondido atrás do seu leito. No copo cheio d'agua que estava junto á sua cabeceira derrámara as ultimas gottas de philtro, quando entrou ella com o Duque.

Era elle um bello moço! Antes de deixa-la passou-lhe as duas mãos pelas fontes e deu-lhe um beijo. Embevecido daquelle beijo, o anjo pendeu a cabeça no hombro delle, e enlaçou-o com seus braços nús reluzentes das pulseiras de pedraria. O duque teve sêde, pegou no copo da duqueza, bebeu algumas gottas; ella tomou-lhe o copo, bebeu o resto. Eu os vi assim : aquelle esposo inda tão moço, aquella mulher — ah! e tão bella!... de têz ainda virgem — e apertei o punhal...

— Virás hoje, Maffio? disse ella.

— Sim, minha alma.

Um beijo susurrou, e afogou as duas almas. E eu na sombra sorri; porque sabia que elle não havia de vir.

. . . .

Elle sahio : ella começou a despir-se. Eu lh'as vi uma per uma cahirem as roupas brilhantes, as flôres e as joias,

desatarem-se-lhe as tranças luzidias e negras — e depois apparecia no véo branco do roupão transparente como as estatuas de nymphas a meio nús com as fórmas desenhadas pela tunica repassada da agua do banho.

O que vi — foi o que sonhára e muito, o que vós todos, pobres insanos, idealizastes um dia como a visão dos amores sobre o corpo da vendida! Erão os seios niveos e veiados de azul, tremulos de desejo, a cabeça perdida entre a chuva de cabellos negros, os labios arquejantes, o corpo todo palpitante — era a languidez do desalinho, quando o corpo da belleza mais se enche de belleza, e como uma rosa que abre molhada de sereno, mais se expande, mais patentêa suas côres.

O narcotico era fortissimo : uma soffreguidão febril lhe abria os beiços, extenuáda e languida cahida no leito, com as palpebras pallidas, os braços soltos e sem força — parecia beijar uma sombra. . . . .
. . . .

Ergui-a do leito : carreguei-a com suas roupas diaphanas, suas fórmas setinosas, os cabellos soltos humidos ainda de perfume, seus seios ainda quentes...

Corri com ella pelos corredores desertos : passei pelo páteo — a ultima porta estava cerrada : abri-a.

Na rua estava um carro de viagem : os cavallos nitrião e escumavão de impaciencia. Entrei com ella dentro do carro. — Partimos.

Era tempo. Uma hora depois amanhecia.

Breve estivemos fóra da cidade.

A madrugada ahi vinha com seus vapores, seus rosicles borrifados de orvalho, suas nuvens avelludadas, e as aguas salpicadas de ouro e vermelhidão. A natureza corava ao primeiro beijo do sol, como branca donzella ao primeiro beijo do noivo : não como amante afanada de noite voluptuosa como a pintou o paganismo : antes como virgem acordada do somno infantil meia ajoelhada ante Deos, que ora e murmura suas orações balsamicas ao céo que se azula, á terra que scintilia, ás aguas que se dourão. Essa madrugada baixava á terra como o bafo de Deos : e entre aquella luz e aquelle ar fresco a duqueza dormia — pallida como os somnos daquellas creaturas mysticas das illuminuras da idade media — bella como a Venus dormida do Ticiano, e voluptuosa como uma das amasias do Veroneso.

Beijei-a : eu sentia a vida que se me evaporava nos seus labios. Ella sobresaltou-se — entreabrio os olhos; mas o peso do somno ainda a acabrunhava, e as palpebras descoradas se fechárão...

A carruagem corria sempre.

. . . .

O sol estava a prumo no céo — era meio dia : o calor abafava : pela fronte, pelas faces, pelo collo da duqueza rolavão gottas de suor como aljofares de um collar roto... Parámos n'uma estalagem : lancei-lhe sobre a face um véo, tomei-a nos meus braços, e levei-a a um aposento.

Ella devia ser muito bella assim! os criados paravão

nos corredores : era assombro de tanta belleza, mais ainda que curiosidade indiscreta.

A dona da casa chegou-se a mim.

— Senhor, vossa esposa ou irmã, quem quer que ella seja, de certo precisará de uma criada que a sirva...

— Deixai-me : ella dorme.

Foi essa a minha unica resposta.

Deitei-a no leito : corri os cortinados, cerrei as janellas para que a luz lhe não turbasse o somno. Não havia ali ninguem que nos visse : estavamos sós, o homem e seu anjo, e a creatura da terra ajoelhou-se ao pé do leito da creatura do céo.

Não sei quanto tempo correu assim : não sei se dormia, mas sei que sonhava muito amor e muita esperança : não sei se velava, mas eu a via sempre ali, eu lhe contemplava cada movimento gracioso do dormir : eu estremecia a cada alento que lhe tremia os seios, e tudo me parecia um sonho — um desses sonhos a que a alma se abandona como um cysne, que modorra, ao tom das aguas... Não sei quanto tempo correu assim : sei só que o meu deliquio quebrou-se : a duqueza estava sentada sobre o leito : com os braços nús afastava as ondas do cabello solto que lhe cobria o rosto e o collo.

— É um sonho? murmurou. Onde estou eu? quem é esse homem encostado em meu leito?

O homem não respondeu.

Ella desceu da cama : seu primeiro impulso foi o pudor : quiz encobrir com as mãozinhas os seios palpitantes

de susto. Sentia-se quasi nua, exposta ás vistas de um estranho — e tremia como contão os poetas que tremêra Diana ao ver-se exposta, no banho, nua ás vistas de Acteon.

— Senhor, dizei-me por compaixão, se tudo isso não é uma illusão... se não fica uma infamia! Nem quero pensa-lo. Maffio não deve tardar, não é assim? o meu Maffio!... Tudo isso é uma comedia... Mas que alcova é esta? Eu adormeci no meu palacio... como despertei n'uma sala desconhecida? dizei, tudo isso é um brinco de Maffio? quer se rir de mim? Mas, vêde, vêde, eu tremo, tenho medo.

O homem não respondia: tinha os olhos a fito naquella fórma divina: seria a estatua da paixão na pallidez, no olhar immovel, nos labios sedentos, se o arfar do peito lhe não denunciasse a vida.

Ella ajoelhou-se: nem sei o que ella dizia. Não sei que palavras se evaporavão daquelles labios: erão perfumes, porque as rosas do céo só tem perfumes: erão harmonias, porque as harpas do céo só tem harmonias, e o labio da mulher bella é uma rosa divina, e seu coração é uma harpa do céo. Eu a escutava, mas não a entendia: sentia só que aquellas fallas erão muito doces, que aquella voz tinha um talisman irresistivel para minh'alma, porque só nos meus sonhos de infante que se illude de amores, uma voz assim me passára. Os gemidos de duas virgens abraçadas no céo, douradas da luz da face de Deos, empallidecidas pelos beijos mais puros, pelo tre-

muloso dos abraços mais palpitantes — não serião tão suaves assim!

A moça chorava, soluçava : por fim ella ergueu-se.

Eu a vi correr á janella, ia abri-la... Eu corri a elle e tomei-a pelas mãos...

— Pois bem, disse ella, eu gritarei... se não fôr um deserto, se alguem passar por aqui... talvez me acudão... soccor...

Eu tapei-lhe a bocca com as mãos...

— Silencio, senhora!

Ella lutava para livrar-se de minhas mãos : por fim sentio-se enfraquecida. Eu soltei-a de pena della.

— Então dizei-me onde estou — dizei-m'o, ou eu chamarei por soccorro...

— Não gritareis, senhora!

— Por compaixão então esclarecei-me nesta duvida : porque tudo isso que eu vejo? Tudo o que penso, o que adivinho é muito horrivel!

— Escutai pois, disse-lhe eu. Havia uma mulher... era um anjo. Havia um homem que a amava, como as aguas amão a lua que as pratêa, como as aguias da montanha o sol que as fita, que as enche de luz e de amor. Nem sei quem elle era : ergueu-se um dia de uma vida de febre, esqueceu-a; e esqueceu o passado, adiante de uns olhos transparentes de mulher, as manchas de sua historia, n'uma aurora de gozos, onde se lhe desenhava a sombra desse anjo... Escutai : não o amaldiçoeis! Esse homem tinha muita infamia no passado : profanára sua

mocidade — prostituira-a como a borboleta de ouro a sua geração, lançando-a no lodo : frio, sem crenças, sem esperanças, abafára uma per uma suas illusões, como a infanticida seus filhos... Deos o tinha amaldiçoado talvez! ou elle mesmo se amaldiçoára... Esquecêra que era homem, e tinha no seu peito harmonias santas como as do poeta... elle as esquecêra, e ellas dormião-lhe no mysterio como os suspiros nas cordas de uma guitarra abandonada. Esquecêra que a natureza era bella e muito bella, que o leito das flôres da noite era rescendente, que a lua era a lampada dos amores, as aragens do valle, os perfumes do poeta no seu noivado com os anjos, e que a aurora tinha effluvios frescos, e com suas nuvens virginaes, suas folhas molhadas de orvalho, suas aguas nevoentas tinha encantos que só as almas puras entendem! Tudo isso engeitou, esqueceu... para só o lembrar a furto e com escarneo nas horas suarentas da devassidão... Elle era muito infame!

— Mas tudo isso não me diz quem sois vós... nem porque estou aqui...

— Escutai. — O libertino amou pois o anjo, voltou o rosto ao passado, despio-se delle como de um manto impuro. Retemperou-se no fogo do sentimento, apurou-se na virgindade daquella visão, porque ella era bella como uma virgem, e reflectia essa luz virgem do espirito, nesse brilho d'alma divina que alumia as fórmas — que não é da terra, mas do céo. Ainda o tempo não eivára o coração do insano de uma lepra sem cura : nem sello inex-

tinguivel lhe gravára no fronte — *impureza!* Deixou-se do viver que levára, desconheceu seus companheiros, suas amantes venaes, suas insomnias cheias de febre : quiz apagar todo o gosto da existencia, como o homem que perdeu uma fortuna inteira no jogo quer esquecer a realidade.

E o homem pôde esquecer tudo isto. Mas elle não era ainda feliz. As noites passava-as ao redor do palacio della : via-a ás vezes bella e descorada ao luar, no terraço deserto, ou distinguia suas fórmas na sombra que passava pelas cortinas da janella aberta de seu quarto illuminado. Nos bailes seguia com olhares de inveja aquelle corpo que palpitava nas dansas. No theatro, entre o arfar das ondas da harmonia, quando o extase boiava naquelle ambiente balsamico e luminoso, elle nada via senão ella — e só ella! E as horas de seu leito — suas horas de somno não, que mal as dormia — ás vezes erão longas de impaciencia e insomnia, — outras vezes erão curtas de sonhos ardentes! O pobre insano teve um dia uma idéa; era negra sim, mas era a da ventura. O que fez não sei : nem o sabereis nunca. E depois bastante ebrio para vos sonhar, bastante louco para nos sonhos de fogo de seu delirio imaginar gozar-vos, foi profano assaz para roubar a um templo o ciborio d'ouro mais puro. — Esse homem — tende compaixão delle, que elle vos amará de joelhos... O' anjo, Eleonora...

— Meu Deos! meu Deos! porque tanta infamia, tanto lodo sobre mim? O' minha Madona! porque maldissestes

minha vida, porque deixastes cahir na minha cabeça uma nodoa tão negra?

As lagrimas, os soluços abafavão-lhe a voz.

— Perdoai-me, senhora, aqui me tendes a vossos pés! tende pena de mim, que eu soffri muito, que amei-vos, que vos amo muito! Compaixão! que serei vosso escravo: beijarei vossas plantas; ajoelhar-me-hei á noite á vossa porta; ouvirei vosso resomnar, vossas orações, vossos sonhos — e isso me bastará — serei vosso escravo e vosso cão: deitar-me-hei a vossos pés quando estiverdes acordada, velarei com meu punhal quando a noite cahir: e se algun dia, se algum dia vós me pudérdes amar — então! então!...

— Oh! deixai-me! deixai-me!...

— Eleonora! Eleonora! Perder noites e noites n'uma esperança! Alenta-la no peito como uma flôr que murcha de frio — alenta-la, revivê-la cada dia — para vê-la desfolhada sobre meu rosto! Absorver-me em amor e só ter irrisão e escarneo? Dizei antes ao pintor que rasgue sua Madona, ao esculptor que despedace a sua estatua de mulher.

Louca, pobre louca que sois! crêdes que um homem havia de encarnar um pensamento em sua alma, viver desse cancro, embeber-se da vitalidade da dôr, para depois rasga-lo do seio? Crêdés que elle consentiria que se lhe pisasse no coração, que lhe arrancassem — a elle poeta e amante, da corôa de illusões as flôres uma per uma? que pela noite da desgraça, a seu amor insano de

mãi lhe suffocassem sobre o seio a creatura de seu sangue, o filho de sua vida, a esperança de suas esperanças?

— Oh! e não tereis vós tambem dó de mim? Não sabeis-lo? isto é infame! sou uma pobre mulher. De joelhos eu vos peço perdão se vos offendi... Eu vo-lo peço, deixai-me! que me importão vossos sonhos, vosso amor?

Doía-me profundamente aquella dôr : aquellas lagrimas me queimavão. Mas minha vontade fez-se rija e ferrea como a fatalidade.

— Que te importão meus sonhos, que te importão meus amores? Sim, tens razão! Que importa á agua do deserto, á gazella do areal que o Arabe tenha sède ou que o leão tenha fome? Mas a sêde e a fome são fataes. O amor é como elles. — Entendes-me agora?

— Matai-me então! Não tereis um punhal! Uma punhalada pelo amor de Deos! Eu juro, eu vos abençoarei...

— Morrer! e pensas no morrer! Insensata! — descer do leito morno do amor á pedra fria dos mortos! Nem sabes o que dizes. Sabes o que é essa palavra — morrer? É a duvida que afana a existencia : é a duvida, o presentimento que resfria a fronte do suicida, que lhe passa nos cabellos como um vento de inverno, e nos empallidece a cabeça como Hamleto! Morrer! é a cessação de todos os sonhos, de todas as palpitações do peito, de todas as esperanças! É estar peito a peito com nossos antigos amores e não senti-los! Douda! é um noivado medonho o do verme : um lençol bem negro, o da mortalha! Não falles nisso; porque lembrar o coveiro junto ao leito da

vida? põe a mão no teu coração — bate — e bate com força como o feto nas entranhas de sua mãi. Ha ahi dentro muita vida ainda, muito amor por amar, muito fogo por viver! Oh! se tu quizesses amar-me!

Ella escondeu a cabeça nas mãos e soluçou.

— É impossivel! eu não posso amar-vos!

Eu disse-lhe:

— Eleonora, ouve-me: deixo-te só: velarei comtudo sobre ti daquella porta. Resolve-te: seja uma decisão firme, sim, mas pensada. Lembra-te que hoje não poderás voltar ao mundo, e o duque Maffio seria o primeiro que fugiria de ti; a torpeza do adulterio senti-la-hia elle nas tuas faces, creria roçar na tua bocca a humidade de um beijo de estranho. E elle te amaldiçoaria! Vê: além a maldição e o escarneo: a irrisão das outras mulheres, a zombaria vingativa daquelles que te amarão e que não amaste. Quando entrares, dir-se-ha: ei-la! arrependeu-se! o marido — pobre doudo! — perdoou-a... As mãis te esconderão suas filhas: as esposas honestas terão pejo de tocar-te... E aqui, Eleonora, aqui terás meu peito e meu amor — uma vida só para ti: um homem que só pensara em ti e sonhara sempre comtigo: um homem cujo mundo serás tu, serão teus risos, teus olhares, teus amores: que se esquecerá de hontem e de amanhã para fazer como um Deus de ti a sua Eternidade. Pensa, Eleonora! se quizesses, partiriamos hoje: uma vida de venturas nos espera. Sou muito rico, bastante para adornar-te como uma rainha. — Correremos a Europa, iremos ver a

França com seu luxo, a Hespanha, onde o clima convida ao amor, onde as tardes se embalsamão nos laranjaes em flôr, onde as campinas se avelludão e se matizão de mil flôres; iremos á Italia, á tua patria, e no teu céo azul, nas tuas noites limpidas, nos teus crepusculos suavissimos viver de novo ao sol meridional!... Se quizeres... senão seria horrivel... não sei o que aconteceria: mas quem entrasse nesse quarto levaria os pés ensopados de sangue...

Sahi: duas horas depois voltei.

— Pensaste, Eleonora?

Ella não respondeu. Estava deitada com o rosto entre as mãos. Á minha voz ergueu-se. Havia um papel molhado de suas lagrimas sobre o leito. Estendi a mão para toma-lo — ella entregou-m'o.

Erão uns versos meus. — Olhei para a mesa, minha carteira de viagem, que eu trouxera do carro, estava aberta: os papeis erão revoltos. Os versos erão estes:

Claudius tirou do bolso um papel amarellado e amarrotado: atirou-o na mesa. Johann leu:

Não me odeies, mulher, se no passado
Nodoa sombria desbotou-me a vida,
No vicio ardente requeimando os labios,
E de tudo descri com fronte erguida.

A masc'ra de Don Juan queimou-me o rosto
Na fria pallidez do libertino:
Desbotou-me esse olhar — e os labios frios
Ousão de maldizer do meu destino.

Sim! longas noites no fervôr do jogo
Esperdicei febril e macilento:
E votei o porvir ao Deos do acaso
E o amor profanei no esquecimento!

Murchei no escarneo as c'rôas do poeta,
Na ironia da gloria e dos amores:
Aos vapores do vinho, á nôite insano
Debrucei-me do jogo nos fervores!

A flôr da mocidade profanei-a
Entre as aguas lodosas do passado...
No craneo a febre, a pallidez nas faces,
Só cria no sepulchro socegado!

E azas limpidas do anjo em collo impuro
Mareei nos bafos da mulher vendida:
Inda nos labios me rouxêa o sello
Dos osculos da perdida.

E a myrrha das canções nem mais vapora
Em profanada taça eivada e negra:
Mar de lodo passou-me ao rio d'alma,
As niveas flôres me estalou das bordas.
Sonho de glorias só me passa a furto,
Qual flôr aberta a medo em chão de tumbas
— Abatida e sem cheiro....

O meu amor... o peito o silencía:
Guardo-o bem fundo — em sombras do sacrário
Onde hervaçal não se abastou nos ermos.
Meu amor... foi visão de roupas brancas
Da orgia á porta, fria e soluçando:
Lampada santa erguida em leito infame:

Vaso templario da taverna á mesa:
Estrella d'alva reflectindo pallida
No tremedal do crime.

Como o leproso das cidades velhas
Sei me fugiras com horror aos beijos:
Sei, no doudo viver dos loucos annos
As crenças desflorei em negra insania:
— Vestal, prostituí as fórmas virgens
— Lancei eu proprio ao mar da crôa as folhas
— Troquei a rosea tunica da infancia
Pelo manto das orgias.

Oh! não me ames sequer! Pois bem! um dia
Talvez diga o Senhor ao pôdre Lasaro:
Ergue-te ahí do lupanar da morte,
Revive ao fresco do viver mais puro!
E viverei de novo: a mariposa
Sacode as azas, estremece-as, brilha
Despindo a negra têz, a bava immunda
Da larva desbotada.

Então, mulher, acordarei: do lodo
Onde Satan se pernoitou comigo,
Onde inda morno perfumou seu molde
Setinosa nuêz de fórmas niveas.
E a loura meretriz nos seios brancos
Deitou-me a fronte livida, na insomnia
Quedou-me a febre da volupia á sêde
Sobre os beijos vendidos.

E então acordarei ao sol mais puro,
Cheirosa a fronte ás auras da esperança!
Lavarei-me da fé nas aguas d'oiro
De Magdalena em lagrimas — e ao anjo
Talvez que Deos me dê, curvado e mudo

Nos effluvios do amor libar um beijo,
Morrer nos labios delle!

. . . .

Ella calou-se : chorava e gemia.

Acerquei-me della : ajoelhei-me como ante Deos.

— Eleonora, sim ou não?

Ella voltou o rosto para o outro lado, quiz fallar — interrompia-se a cada syllaba.

— Esperai, deixai que ore um pouco : a Madona talvez me perdôe.

Esperava eu sempre. — Ella ajoelhou-se.

— Agora... disse ella erguendo-se e estendendo-me a sua mão.

— Então?

— Irei comtigo.

E desmaiou.

. . . .

. . . .

Aqui parou a historia de Claudius Hermann.

Elle abaixou a cabeça na mesa : não fallou mais.

— Dormes, Claudius? por Deos! ou está bebado ou morto!

Era Archibald que o interpellava : sacudia-o a toda a força.

Claudius levantou um pouco a cabeça : estava macilento : tinha os olhos fundos n'uma sombra negra.

— Deixai-me, amaldiçoados! deixai-me pelo céo ou pelo inferno! Não vêdes que tenho somno — somno e muito somno?

— E a historia, a historia? bradou Solfieri.

— E a duqueza Eleonora? perguntou Archibald.

— É verdade... a historia. Parece-me que olvidei tudo isso. Parece que foi um sonho!

— E a Duqueza?

— A Duqueza?... Parece-me que ouvi esse nome alguma vez... Com os diabos, que me importa?

Ahi quiz proseguir; mas uma força invencivel o prendia. .

— A Duqueza... é verdade! Mas como esqueci tudo isso que não me alembro!... Tirai-me da cabeça esse peso... bofé que enchêrão-me o craneo de chumbo derretido!... e elle batia na cabeça macilenta como um medico no peito do agonisante para encontrar um echo de vida.

— Então?

— Ah! ah! ah! gargalhou alguem que tinha ficado estranho á conversa.

— Arnold! cala-te!

— Cala-te antes, Solfieri! eu contarei o fim da historia.

Era Arnold o loiro que acordava.

Escutai vós todos, disse.

— Um dia Claudius entrou em casa. Encontrou o leito ensopado de sangue: e n'um recanto escuro da alcova um doudo abraçado com um cadaver. O cadaver era o de

Eleonora : o doudo nem o pudéreis conhecer, tanto a agonia o desfigurára! Era uma cabeça hirta e desgrenhada' uma têz esverdeada, uns olhos fundos e baços onde o lume da insania scintillava a furto, como a emanação luminosa dos paúes entre as trevas...

Mas elle o conheceu... era o Duque Maffio...

Claudius soltou uma gargalhada. — Era sombria como a insania — fria como a espada do anjo das trevas. Cahio ao chão : livido e suarento como a agonia : interiçado como a morte...

Estava ebrio como o defunto Patriarcha Noé, o primeiro amante da vinha, virgem desconhecida até então, e hoje prostituta de todas as boccas.... ebrio como Noé o primeiro borracho de que reza a historia! Dormia pesado e fundo como o Apostolo S. Pedro no Horto das Oliveiras.... o caso é que ambos tinhão ceado á noite....

Arnold estendeu a capa no chão, e deitou-se sobre ella.

Dahi a alguns instantes os seus roncos de barytono se mesclavão ao magno concerto dos roncos dos dormidos....

VI

JOHANN

Pourquoi ? c'est que mon cœur au milieu des délices
D'un souvenir jaloux constamment oppressé
Froid au bonheur présent va chercher ses supplices
Dans l'avenir et le passé.

ALEX. DUMAS.

— Agora a minha vez! Quero lançar tambem uma moeda em vossa urna : é o cobre azinhavrado do mendigo : pobre esmola por certo!

Era em Paris, n'um bilhar. Não sei se o fogo do jogo me arrebatára, ou se o *kirsch* e o *curaçáo* me queimárão demais as idéas.... Jogava contra mim um moço : chamava-se Arthur.

Era uma figura loura e mimosa como a de uma donzella. Rosa infantil lhe avermelhava as faces; mas era uma rosa de côr desfeita. Leve buço lhe sombreava o labio, e pela oval do rosto uma penugem dourada lhe assomava como a felpa que rebuça o pêcego.

Faltava um ponto a meu adversario para ganhar. A mim, faltavão-me não sei quantos : sei só que erão mui-

tos : e pois requeria-se um grande sangue frio, e muito esmero no jogar.

Soltei a bola. — Nessa occasião o bilhar estremeceu.... O moço loiro, voluntariamente ou não, se encostára ao bilhar.... A bola desviou-se, mudou de rumo : com o desvio della perdi.... A raiva levou-me de vencida. Adiantei-me para elle. A meu olhar ardente o mancebo sacudio os cabellos louros e sorrio como d'escarneo.

Era de mais! Caminhei para elle : resôou uma bofetada. O moço convulso caminhou para mim com um punhal ; mas nossos amigos nos sustiverão.

— Isso é briga de marujo. O duello, eis a luta dos homens de brio.

O moço rasgou nos dentes uma luva, e atirou-m'a á cara. Era insulto por insulto, lòdo por lòdo : tinha de ser sangue por sangue.

Meia hora depois tomei-lhe a mão com sangue frio e disse-lhe no ouvido :

— Vossas armas, senhor?

— Sabê-las-heis no lugar.

— Vossas testemunhas?

— A noite e minhas armas

— A hora?

— Já.

— O lugar?

— Vireis comigo! onde pararmos, ahi será o lugar. ...

— Bem, muito bem : estou prompto, vamos.

Dei-lhe o braço e sahimos. Ao ver-nos tão frios a con-

versar crêrão uma satisfação. Um dos assistentes comtudo entendeu-nos.

Chegou a nós e disse :

— Senhores, não ha pois meio de conciliar-vos?

Nós sorrímos ambos.

— É uma criançada, tornou elle.

Nós não respondemos.

— Se precisardes de uma testemunha, estou prompto.

Nós nos curvámos ambos.

Elle entendeu-nos : vio que a vontade era firme : afastou-se.

Nós sahimos.

. . . .

Um hotel estava aberto. O moço levou-me para dentro.

— Moro aqui, entrai, disse-me.

Entrámos.

— Senhor, disse elle, não ha meio de paz entre nós : um bofetão e uma luva atirada ás faces de um homem são nodoas que só o sangue lava. É pois um duello de morte.

— De morte, repeti como um echo.

— Pois bem : tenho no mundo só duas pessoas — minha mãi e.... Esperai um pouco.

O moço pedio papel, penna e tinta. Escreveu : as linhas erão poucas. Acabando a carta deu-m'a a lêr.

— Vêde, não é uma traição : disse.

— Arthur, creio em vós : não quero lêr esse papel.

Repelli o papel. Arthur fechou a carta, sellou o lacre

com um annel que trazia no dedo. Ao ver o annel uma lagrima correu-lhe na face, e cahio sobre a carta.

— Senhor, sois um homem de honra. Se eu morrer, tomai esse annel : no meu bolso achareis uma carta : entregareis tudo a.... Depois dir-vos-hei a quem....

— Estais prompto? perguntei.

— Ainda não! antes de um de nós morrer é justo que brinde o moribundo ao ultimo crepusculo da vida. Não sejamos Abyssinios : demais o sol no cinabrio do poente ainda é bello.

O vinho do Rheno correu em aguas d'oiro nas taças de crystal verde. O moço ergueu-se.

— Senhor, permitti que eu faça uma saúde comvosco.

— A quem?

— É um mysterio — é uma mulher, e o nome daquella que se apertou uma vez nos labios, a quem se ama, é um segredo. Não a fareis?

— Seja como quizerdes, disse eu.

Batemos os copos. O moço chegou á janella. Derramou algumas gottas de vinho do Rheno á noite. Bebemos.

— Um de nós fez a sua ultima saude, disse elle. Boa noite para um de nós : bom leito, e somnos socegados para o filho da terra!

Foi a uma secretaria, abrio-a : tirou duas pistolas.

— Isto é mais breve, disse elle. Pela espada é mais longa a agonia. Uma dellas está carregada, a outra não. Tirá-las-hemos á sorte. Atiraremos á queimaroupa.

— É um assassinato....

— Não dissemos que era um duello de morte, que um de nós devia morrer?

— Tendes razão. Mas dizei-me : onde iremos?

— Vinde comigo. Na primeira esquina deserta dos arrabaldes. Qualquer canto de rua é bastante sombrio para dous homens dos quaes um tem de matar o outro.

Á meia noite estavamos fóra da cidade. Elle pôz as duas pistolas no chão.

— Escolhei, mas sem toca-las.

Escolhi.

— Agora vamos, disse eu.

— Esperai : tenho um presentimento frio : e uma voz suspirosa me geme no peito. Quero rezar.... é uma saudade por minha mãi.

Ajoelhou-se. Á vista daquelle moço de joelhos — talvez sobre um tumulo — lembrei-me que eu tambem tinha mãi e uma irmãa.... e que eu as esquecia. Quanto a amantes, meus amores erão como a sede dos cães das ruas, saciavão-se na agua ou na lama.... Eu só amára mulheres perdidas.

— É tempo : disse elle.

Caminhámos frente a frente. As pistolas se encostárão nos peitos. As espoletas estalárão : um tiro só estrondou : elle cahio morto....

— Tomai, murmurou o moribundo, e acenava-me para o bolso.

Atirei-me a elle. Estava afogado em sangue. Estrebu-

chou tres vezes e ficou frio... Tirei-lhe o annel da mão. Metti-lhe a mão no bolso como elle o disséra. Achei dous bilhetes.

A noite era escura : não pude lê-los.

Voltei á cidade. Á luz baça do primeiro lampeão vi os dous bilhetes. O primeiro era a carta para sua mãi. O outro estava aberto : li :

— « A uma hora da noite na rua de.... nº 60, 1º an-
« dar : acharás a porta aberta.

« Tua G. »

Não tinha outra assignatura.

Eu não soube o que pensar. Tive uma idéa : era uma infamia.

Fui á entrevista. Era no escuro. Tinha no dedo o annel que trouxéra do morto... Senti uma mãozinha assetinada tomar-me pela mão : subi. A porta fechou-se.

Foi uma noite deliciosa! A amante do loiro era virgem! Pobre Romeo! Pobre Julieta! Parece que essas duas crianças levavão as noites em beijos infantis e em sonhos puros!

(Johann encheu o copo : bebeu-o, mas estremeceu.)

Quando eu ia sahir, topei um vulto á porta.

— Boa noite, cavalheiro, eu vos esperava ha muito.

Essa voz pareceu-me conhecida. Porém eu tinha a cabeça desvairada...

Não respondi : o caso era singular. Continuei a descer : o vulto acompanhou-me. Quando chegámos á porta vi

luzir a folha de uma faca. Fiz um movimento e a lamina resvalou-me no hombro. A luta fez-se terrivel na escuridão. Erão dous homens que se não conhecião; que não pensavão talvez terem-se visto um dia á luz, e que não havião mais ver-se por ventura ambos vivos.

O punhal escapou-lhe das mãos, perdeu-se no escuro: subjuguei-o. Era um quadro infernal, um homem na escuridão abafando a bocca do outro com a mão, suffocando-lhe a garganta com o joelho, e a outra mão a tactear na sombra procurando um ferro.

Nessa occasião senti uma dôr horrivel: frio e dôr me corrêrão pela mão. O homem morrêra suffocado, e na agonia me enterrára os dentes pela carne. Foi a custo que desprendi a mão sanguenta e descarnada da bocca do cadaver. Ergui-me.

Ao sahir tropecei n'um objecto sonoro. Abaixei-me para ver o que era. Era uma lanterna furta-fogo. Quiz ver quem era o homem. Ergui a lampada...

O ultimo clarão della banhou a cabeça do defunto... e apagou-se...

Eu não podia crer: era um sonho phantástico toda aquella noite. Arrastei o cadaver pelos hombros... levei-o pela lage da calçada até o lampeão da rua, levantei-lhe os cabellos ensanguentados do rosto... (um espasmo de medo contrahio horrivelmente a face do narrador — tomou o copo, foi beber: os dentes lhe batião como de frio: o copo estalou-lhe nos labios).

Aquelle homem — sabeis-lo! era do sangue do meu

sangue — era filho das entranhas de minha mãi como eu — era meu irmão : uma idéa passou ante meus olhos como um anáthema. Subi ancioso ao sobrado. Entrei. A moça desmaiára de susto ouvindo a luta. Tinha a face fria como marmore. Os seios nús e virgens estavão parados e gelidos como os de uma estatua... A fórma de neve eu a sentia meia núa entre os vestidos desfeitos, onde a infancia assellára a nodoa de uma flôr perdida.

Abri a janella ; levei-a até ahi...

Na verdade que sou um maldito! Olá, Archibald, daime um outro copo, enchei-o de *cognac*, enchei-o até á borda! Vêdes : sinto frio, muito frio : tremo de calafrios e o suor me corre nas faces! Quero o fogo dos espiritos! a ardencia do cérebro ao vapor que tontêa... quero esquecer!

— Que tens, Johann? tiritas como um velho centenario!

— O que tenho? o que tenho? Não o vêdes pois? Era minha irmãa! . . . .

VII

ULTIMO BEIJO DE AMOR

Well Juliet! I shall lie with thee to night!
SHAKSPEARE, *Romeo.*

A noite ia alta : a orgia findára. Os convivas dormião repletos, nas trevas.

Uma luz raiou subito pelas fisgas da porta. A porta abrio-se. Entrou uma mulher vestida de negro. Era pallida, e a luz de uma lanterna, que trazia erguida na mão, se derramava macilenta nas faces della, e dava-lhe um brilho singular aos olhos. Talvez que um dia fosse uma belleza typica, uma dessas imagens que fazem descorar de volupia nos sonhos de mancebo. Mas agora com sua têz livida, seus olhos accesos, seus labios rôxos, suas mãos de marmore, e a roupagem escura e gottejante da chuva, dissereis antes — o anjo perdido da loucura.

A mulher curvou-se : com a lanterna na mão procurava uma per uma entre essas faces dormidas um rosto conhecido.

Quando a luz bateu em Arnold, ajoelhou-se. Quiz dar-lhe um beijo, alongou os labios... Mas uma idéa a susteve. Ergueu-se. Quando chegou a Johann, que dormia, um riso embranqueceu-lhe os beiços : o olhar tornou-se-lhe sombrio.

Abaixou-se junto delle : depôz a lampada no chão. O lume baço da lanterna dando nas roupas della espalhava sombra sobre Johann. A fronte da mulher pendeu, e sua mão pousou na garganta delle. — Um soluço rouco e suffocado offegou dahi. A desconhecida levantou-se. Tremia, e ao segurar na lanterna resoou-lhe na mão um ferro... era um punhal... atirou-o ao chão. Vio que tinha as mãos vermelhas — enxugou-as nos longos cabellos de Johann...

Voltou a Arnold; sacudio-o.

— Acorda e levanta-te!

— Que me queres?

— Olha-me : não me conheces?

— Tu! e não é um sonho? És tu! oh! deixa que eu te aperte ainda! Cinco annos sem ver-te! Cinco annos! E como mudaste!

— Sim : já não sou bella como ha cinco annos! É verdade, meu louro amante! É que a flôr de belleza é como todas as flôres. Alentai-as ao orvalho da virgindade, ao vento da pureza, e serão bellas. — Recolvei-as no lôdo — e como os fructos que cahem, mergulhão nas aguas do mar, cobrem-se de um involucro impuro e salôbro!

Outr'ora era Giorgia a virgem : mas hoje é Giorgia, a prostituta!

— Meu Deos! meu Deos!

E o moço sumio a fronte nas mãos.

— Não me amaldições, não!

— Oh! deixa que me lembre; êstes cinco annos que passárão fôrão um sonho. Aquelle homem do bilhar, o duello á queima-roupa, meu acordar n'um hospital, essa vida devassa onde me lançou a desesperação, isto é um sonho! Oh! lembremo-nos do passado! Quando o inverno escurece o céo, cerremos os olhos; pobres andorinhas moribundas lembremo-nos da primavera!...

— Tuas palavras me dóem.... É um adeos, é um beijo de adeos e separação que venho pedir-te : na terra nosso leito seria impuro, o mundo manchou nossos corpos. O amor do libertino e da prostituta! Satan riria de nós. É no céo, quando o tumulo nos lavar em seu banho, que se levantará nossa manhã do amor....

— Oh! ver-te e para deixar-te ainda uma vez! E não pensaste, Giorgia, que me fôra melhor ter morrido devorado pelos cães na rua deserta, onde me levantárão cheio de sangue? Que fôra-te melhor assassinar-me no dormir do ebrio, do que apontar-me a estrella errante da ventura e apagar-me a do céo? Não pensaste que, após cinco annos, cinco annos de febre e de insomnias, de esperar e desesperar, de vida por ti, de saudades e agonia, fôra o inferno vêr-te para deixar-te?

— Compaixão, Arnold! É preciso que esse adeos seja

longo como a vida. Vês, minha sina é negra : nas minhas lembranças ha uma nodoa torpe.... hoje! é o leito venal.... amanhãa!... só espero no leito do tumulo! Arnold! Arnold!

— Não me chames Arnold! chama-me Arthur como d'antes. Arthur! não ouves? Chama-me assim! Ha tanto tempo que não ouço me chamarem por esse nome!... Eu era um louco : quiz afogar meus pensamentos, e vaguei pelas cidades e pelas montanhas deixando em toda a parte lagrimas — nas cavernas solitarias, nos campos silenciosos, e nas mesas molhadas de vinho! Vem, Giorgia! senta-te aqui, senta-te nos meus joelhos, bem conchegada a meu coração... tua cabeça no meu hombro! Vem! um beijo! quero sentir ainda uma vez o perfume que respirava outr'ora nos teus labios. Respire-o eu e morra depois!... Cinco annos! oh! tanto tempo a esperar-te, a desejar uma hora no teu seio!... Depois.... escuta.... tenho tanto a dizer-te! tantas lagrimas a derramar no teu collo! Vem! e dir-te-hei toda a minha historia! Minhas illusões de amante, e as noites malditas da crápula, e o tedio que me inspiravão aquelles beijos frios das vendidas que me beijavão! Vem! contar-te-hei tudo isto : dir-te-hei como profanei minha alma, e meu passado : e choraremos juntos — e nossas lagrimas nos lavarãõ como a chuva lava as folhas do lodo!

— Obrigado, Arthur! obrigado!

A mulher suffocava-se nas lagrimas, e o mancebo murmurava entre beijos palavras de amor.

— Escuta, Arthur! eu vinha só dizer-te adeos! da borda do meu tumulo : e depois contente fecharia eu mesmo a porta delle.... Arthur, eu vou morrer!

Ambos choravão.

— Agora vê, continuou ella. Acompanha-me : vês aquelle homem?

Arnold tomou a lanterna.

— Johann! morto! sangue de Deos! quem o matou?

— Giorgia. Era elle um infame. Foi elle quem deixou por morto um mancebo a quem esbofeteára n'uma casa de jogo. Giorgia prostituta vingou nelle Giorgia, a virgem. Esse homem foi quem a deshonrou! deshonrou-a, a ella que era sua irmã!

— Horror! horror!

E o moço virou a cara e cobrio-a com as mãos.

A mulher ajoelhou-se a seus pés.

— E agora adeos! adeos que morro! Não vês que fico livida, que meus olhos se empanão, e tremo.... e desfalleço?

— Não! eu não partirei. Se eu vivesse amanhãa, haveria uma lembrança horrivel em meu passado....

— E não tens medo? Olha! é a morte que vem! é a vida que crepuscúla em minha fronte. Não vês esse arrepio entre minhas sobrancelhas?...

— E que me importa o sonho da morte? Meu porvir ámanhã seria terrivel : e á cabeça apodrecida do cadaver não resoão lembranças; seus labios gruda-os a morte : a campa é silenciosa. Morrerei!

INDICE

Discurso recitado no dia 11 de agosto de 1840, na sessão academica commemoradora dô anniversario da creação dos cursos juridicos no Brasil. 1

Critica. — Alfredo de Musset, *Jacques Rolla*. 19
Jorge Sand, *Aldo o Rimador*. 67

Carta servindo de prologo ao discurso recitado na sociedade, ensaio philosophico. 95
Discurso, — 11 de maio de 1850. 97

Oração funebre recitada na occasião de dar-se á sepultura o corpo de Feliciano Coelho Duarte. 111

Á morte de Feliciano Coelho Duarte. 115

Por occasião da morte de João Baptista da Silva Pereira, estudiante do quinto anno, em S. Paulo, no dia 15 de setembro de 1851. 121

Estudos litterarios. — Litteratura e civilisação em Portugal. — *Prologo*. 123

Litteraturas do Norte. 124
— Arabes. 127
— India. 130
— *Portugal.* — Duas palavras. 136
— — Hispania. 138
— — Lusos e portuguezes. 155
— *Phase heroica.* — Ferreira. 160
— — Camões. 174
— *Phase negra*. 177
— — Bocage. 179

Estudos dramaticos. — Puff. 195
Macario 200

Noite na taverna. 285
I. — Uma noite do seculo. 285
II. — Solfieri. 291
III. — Bertram. 298
IV. — Gennaro. 319
V. — Claudius Hermann. 331
VI. — Johann. 355
VII. — Ultimo beijo de amor. 363

VII

ULTIMO BEIJO DE AMOR

Well Juliet! I shall lie with thee to night!
SHAKSPEARE, *Romeo.*

A noite ia alta : a orgia findára. Os convivas dormião repletos, nas trevas.

Uma luz raiou subito pelas fisgas da porta. A porta abrio-se. Entrou uma mulher vestida de negro. Era pallida, e a luz de uma lanterna, que trazia erguida na mão, se derramava macilenta nas faces della, e dava-lhe um brilho singular aos olhos. Talvez que um dia fosse uma belleza typica, uma dessas imagens que fazem descorar de volupia nos sonhos de mancebo. Mas agora com sua têz livida, seus olhos accesos, seus labios rôxos, suas mãos de marmore, e a roupagem escura e gottejante da chuva, dissereis antes — o anjo perdido da loucura.

A mulher curvou-se : com a lanterna na mão procurava uma per uma entre essas faces dormidas um rosto conhecido.